

# OLHARES DA FAVELA

ADRIANA PORTELLA | GISELE PEREIRA  
Organizadoras





Tradução Técnica  
**Márcia Morales Klee**  
Klee Translation & Learning Studio

# **Olhares da Favela**

**ADRIANA PORTELLA | GISELE PEREIRA**

Pelotas, 2017





### **Reitoria**

Reitor: Pedro Rodrigues Curi Hallal  
Vice-Reitor: Luis Isaías Centeno do Amaral  
Chefe de Gabinete: Aline Elias Lamas  
Pró-Reitor de Graduação: Maria de Fátima Cossio  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Flávio Fernando Demarco  
Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Francisca Ferreira Michelin  
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Otávio Martins Peres  
Pró-Reitor Administrativo: Ricardo Hartlebem Peter  
Pró-Reitor de Infra-estrutura: Julio Carlos Balzano de Mattos  
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Mário Renato de Azevedo Jr.  
Pró-Reitor de Gestão Pessoas: Sérgio Batista Christino

### **Conselho Editorial**

Pres. do Conselho Editorial: João Luis Pereira Ourique  
Repr. das Engenharias e Computação: Darci Alberto Gatto  
Repr. das Ciências Biológicas: Flávio Roberto Mello Garcia  
e Marines Garcia (suplente)  
Repr. das Ciências da Saúde: Francisco Augusto Burkert Del Pino  
e Claiton Leoneti Lencina (suplente)  
Repr. das Ciências Agrônômicas: Cesar Valmor Rombaldi,  
Guilherme Albuquerque de Oliveira Cavalcanti (suplente)  
e Fabrício de Vargas Arigony Braga (suplente)  
Repr. das Ciências Humanas: Márcia Alves da Silva  
e Cláudio Baptista Carle (suplente)  
Repr. das Ciências Sociais Aplicadas: Carla Rodrigues Gastaud  
Repr. das Linguagens e Artes: Josias Pereira da Silva  
e Eleonora Campos da Motta Santos (suplente)  
Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
Maria Inez Figueiredo Figas Machado - CRB 10/1612  
Biblioteca Campus Porto - UFPel

O45 Olhares da favela = Insights on favela [recurso eletrônico] /  
Adriana Portella, Gisele Pereira, organizadoras ; tradução técnica  
Márcia Morales Klee. - Pelotas: Ed. UFPEL, 2017. 342 p.; il.

Livro eletrônico bilíngue - português / inglês.  
Modo de acesso: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/3466>  
ISBN 978-85-517-0015-0

1.Favela. 2.Simbolismo. 3. Gentrificação. 4. Megaevento. I. Portella,  
Adriana, org. II. Pereira, Gisele, org. III. Título: Olhares da favela.

CDD: 711.4  
720



Filiada à A.B.E.U.  
Rua Lobo da Costa, 447 - Térreo  
CEP 96010-150 - Pelotas - RS  
Fone +55 53 32278411 - editora.ufpel@gmail.com

#### **Direção**

João Luis Pereira Ourique  
*Editor-Chefe*

Janaína Buchweitz e Silva  
*Secretária do Núcleo de Editora e Livraria*

João Bordin  
*Chefe Seção Produção*

#### **Seção Produção**

Alexandre Moreira, Gilberto Costa, Nóris Silveira  
*Impressão/montagem/acabamento*

#### **Seção Pós-Produção**

Morgana Riva  
*Chefe do Setor de Livraria*

#### **Seção de Pré-Produção**

Isabel Cochrane, Gustavo Andrade  
*Administrativo*

Rosendo Caetano  
*Criação/Edição*

Anelise Heidrich  
*Revisão*

Leonardo Siqueira (criação/edição)  
*Bolsistas/Estagiários*

*Revisão:* Adriana Portella e Gisele Pereira

*Diagramação:* Outra Comunicação - Jordan Ávila Martins

*Fotografias das Capas:* Adriana Portella

*A Editora da Universidade Federal de Pelotas tem responsabilidade limitada sobre o conteúdo da presente obra. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a)(es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume.*







*Ao meu pai Jorge Alberto Luscke Portella,  
que sempre teve um olhar positivo em relação  
a tudo na vida.*

Adriana Portella



**FAPERGS**

*Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul*



**CAPES**



*Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico*





# Agradecimentos

Foram essenciais para a publicação deste livro o auxílio financeiro da FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul) e CAPES<sup>1</sup> (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que proporcionou a elaboração, design e impressão do trabalho, e o auxílio do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que financiando a pesquisa sobre o legado dos megaeventos esportivos para as cidades sedes no Brasil<sup>2</sup>, nos abriu o olhar para a importância da favela como representativa do imaginário urbano mais real e brasileiro do nosso país. Muito obrigada pelo apoio dessas instituições.

Também, agradeço a contribuição de todos os autores que com seus respectivos olhares e reflexões tornaram este livro uma trajetória enriquecedora para o leitor. Sem recursos humanos qualificados, os financiamentos de nada serviriam. O melhor que temos no Brasil são as pessoas, a cultura e a energia.

Agradeço também a participação dos professores britânicos Ryan Woolrych and Judith Sixsmith que trouxeram um olhar internacional à análise do processo de gentrificação.

Muito obrigada a todos envolvidos.

Adriana Portella  
Professora da Universidade Federal de Pelotas  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Novembro de 2017.

1 Edital Fapergs 04/2014 Editoração e Publicação de Obras Científicas.  
2 Auxílio através do Edital Universal de 2014. Processo: 444759/2014-0.



# SUMÁRIO

10		<b>Sobre os Autores</b>
14		<b>Introdução</b>
23	1	<b>O Imaginário das Favelas</b> <i>Adriana Portella</i> Universidade Federal de Pelotas, Brasil
45	2	<b>A Favela através da Collage: exercícios didáticos com estudantes de arquitetura</b> <i>Laura Lopes Cezar</i> Universidade Federal de Pelotas, Brasil
85	3	<b>A Favela aos Olhos do Turista</b> <i>Gisele Pereira</i> Universidade Federal de Pelotas, Brasil <i>Dalila Müller</i> Universidade Federal de Pelotas, Brasil <i>Samara Camilotto</i> Universidade de Caxias do Sul, Brasil
109	4	<b>Megaeventos e o Contexto das Remoções nas Favelas do Rio de Janeiro</b> <i>Gabriela Costa da Silva</i> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
139	5	<b>Lugar, Espaço e Deslocamento: Gentrificação, Regeneração e o Legado dos Jogos de Commonwealth de 2002</b> <i>Ryan Woolrych</i> Heriot-Watt University, Reino Unido <i>Judith Sixsmith</i> University of Dundee, Reino Unido
173		<b>Conclusão</b>



## Sobre os Autores



### Adriana Portella

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (2001), mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), doutorado em Desenho Urbano pela Oxford Brookes University (2007) na Inglaterra, e pós-doutorado em Planejamento Urbano pela University College London (2008), também na Inglaterra. Desde Agosto de 2008 é Professora Associada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Em abril de 2014 lançou em Londres com a Editora Routledge o livro 'Visual Pollution: Advertising, Signage and Environmental Quality'. Em Abril de 2015 esteve entre os 16 brasileiros selecionados numa candidatura nacional para participar como membro da missão organizada pela equipe do Fundo Newton em parceria com o ESRC (Economics and Social Science Research Council) no Reino Unido para estreitar as relações entre pesquisadores brasileiros e britânicos no tema de Cidades Saudáveis. Trabalha com pesquisa desde 1997 e tem experiência na área de desenho urbano, planejamento urbano e psicologia ambiental. É Coordenadora no Brasil do Projeto 'Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities' financiado pelo ESRC do Reino Unido. O projeto envolve 4 universidades brasileiras e 5 universidades britânicas, é desenvolvido em 3 anos e foi selecionado na Chamada Internacional CONFAP-CNPQ-ESRC-Newton Fund. É membro da diretoria do IAPS (International Association People Environment Studies).

### Dalila Müller

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (2000); mestrado em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (2004) e doutorado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (2010). É Professora associada da Universidade Federal de Pelotas, atuando no Curso de Bacharelado em Turismo e no Programa de Pós-Graduação em História - PPGH. Pesquisa e escreve sobre Turismo e História, com ênfase nos seguintes temas: lazer e sociabilidade, hotelaria e turismo em Pelotas e história de Pelotas.



## Gabriela Costa da Silva

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (2014) e mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade (2016). Em 2017 ingressou no Doutorado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Durante a faculdade trabalhou em escritórios de arquitetura desenvolvendo projetos de interiores, arquitetônicos, paisagísticos e complementares. Ministrou monitoria na Universidade Federal de Pelotas nas disciplinas de Iluminação na Arquitetura e Arquitetura de Interiores. Durante o curso de mestrado desenvolveu pesquisa relacionada às remoções de famílias em função das obras destinadas a preparação da cidade de Porto Alegre para a Copa do Mundo de 2014.



## Gisele Pereira

Possui doutorado em Hospitalidade, Lazer e Gestão do Turismo pela Oxford Brookes University (2011), na Inglaterra, mestrado em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (2007), MBA em Gestão de Marketing pela Universidade Católica de Pelotas (2004) e bacharelado em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (2002). Atualmente é Professora do Departamento de Turismo da Faculdade de Administração e Turismo da Universidade Federal de Pelotas. Também é pesquisadora no Brasil do Projeto 'Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities' financiado pelo ESRC (Economic and Social Research Council) do Reino Unido. O projeto envolve 4 universidades brasileiras e 5 universidades britânicas, é desenvolvido em 3 anos e foi selecionado na Chamada Internacional CONFAP-CNPQ-ESRC-Newton Fund. É membro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR) e da International Academy for the Development of Tourism Research no Brasil (ABRATUR).

## Judith Sixsmith



É Professora da Escola de Enfermagem e Ciência da Saúde da Universidade de Dundee, Reino Unido, além de Professora Visitante e Adjunta na Simon Fraser University em Vancouver, Canadá. Seus interesses de pesquisa residem nas áreas de saúde pública e assistência social, onde explora as formas pelas quais as pessoas que vivem em comunidades desfavorecidas experimentam processos de marginalização dentro das estruturas de poder e sistemas sociais existentes. Muitas vezes trabalhando com abordagens colaborativas, de gênero, participativas e transdisciplinares, Judith tem coordenado vários projetos de pesquisa internacionais, nacionais e locais sobre questões de envelhecimento e tecnologia, permanência do idoso na sua comunidade (aging-in-place), envelhecimento saudável, demência e inclusão social. Seu objetivo é contribuir para fazer diferença positiva na vida das pessoas através do impacto psicológico, social e econômico de seu trabalho. Especialista em metodologias qualitativas, Judith prioriza o envolvimento dos participantes nas fases de projeto, implementação e interpretação de sua pesquisa. Por este motivo, ela efetivamente envolve co-pesquisadores de grupos altamente marginalizados, tais como requerentes de asilo, refugiados e idosos debilitados em suas análises de abordagem qualitativa. Judith também realiza estudos por meio de entrevistas e questionários, mais uma vez chegando a grupos raramente ouvidos. Publica amplamente nas áreas de envelhecimento, saúde e psicologia comunitária/ambiental, bem como sobre o uso de metodologias visuais e processos participativos. Judith também atua como avaliadora especialista para a Comissão Europeia.



## Ryan Woolrych

É Professor Associado em Saúde e Bem-Estar na Heriot-Watt University e professor adjunto na Simon Fraser University, Vancouver, Canadá. Sua pesquisa aborda aspectos de saúde e bem-estar, cidades amigas do idoso, sentido de lugar, identidade e pertencimento. Seus trabalhos baseiam-se em metodologias participativas, realizando mapeamento comunitário, pesquisa participativa e métodos visuais para melhor entender a relação entre pessoa e lugar. Grande parte da pesquisa de Ryan tem sido de natureza transnacional, trabalhando com acadêmicos, profissionais, formuladores de políticas e grupos comunitários no Reino Unido, Canadá, Brasil e Colômbia. Ryan é Coordenador no Reino Unido do Projeto 'Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities' financiado pelo ESRC (Economic and Social Research Council). O projeto envolve 4 universidades brasileiras e 5 universidades britânicas, é desenvolvido em 3 anos e foi selecionado na Chamada Internacional CONFAP-CNPQ-ESRC-Newton Fund.



## Laura Lopes Cezar

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (1995), mestrado em Diseño Arquitectónico y Urbano pela Universidade Nacional de Córdoba, UNC, Argentina (2000) e doutorado em Comunicación Visual en Arquitectura y Diseño pela Universidade Politècnica da Catalunya, UPC, Barcelona (2008). Desde 2010 é Professora da Universidade Federal de Pelotas. Vinculada ao Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da UFPEL, integrante da linha de pesquisa em Teoria, História, Patrimônio e Crítica. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura contemporânea, representação e projeto, processos criativos, processos de projeto, maquetes de estudo, aproximações entre arte e arquitetura, arquitetura e collage, paisagem urbana e collage. Foi até 2016 editora da Revista Projectare de Arquitetura e Urbanismo do Laboratório de Urbanismo e do PROGRAU da UFPEL. Membro do Comitê de Assessores da FAPERGS. Participa do Projeto Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities financiado pelo ESRC (Economic and Social Research Council) do Reino Unido.

## Samara Camilotto

Possui graduação em Turismo pela Universidade Federal de Pelotas (2015). É mestranda em Turismo e Hospitalidade na Universidade de Caxias do Sul. É membro do projeto de pesquisa 'A dimensão ambiental no planejamento de megaeventos esportivos no Brasil: estudo de caso do Estádio de Futebol Beira-Rio em Porto Alegre/RS' e do núcleo de pesquisa Turismo: Desenvolvimento Humano e Social, Linguagem e Processos Educacionais. Desenvolve pesquisas na área de Turismo, Hospitalidade e Cultura.



# Introdução

A ideia deste livro surgiu em 2014 a partir de um estudo financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)<sup>1</sup> que analisou o legado dos megaeventos esportivos para as cidades-sede no Brasil. As cidades de Porto Alegre (RS) e Rio de Janeiro (RJ) foram os estudos de caso principais, sendo nelas aplicados métodos qualitativos de análise da percepção dos moradores desses locais sobre as melhorias que a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 estavam proporcionando à cidade e à qualidade de vida de sua vizinhança. O estudo foi totalmente exploratório no sentido de captar emoções e narrativas de pessoas diretamente afetadas pelas obras realizadas em prol dos megaeventos. Em Porto Alegre foi conduzido um estudo com os moradores da Avenida Tronco e no Rio de Janeiro com os moradores e líderes de comunidade do Morro da Providência, Vila Autódromo e Morro do Vidigal. O público-alvo deste livro são todos aqueles interessados na vida urbana, nas questões sociais, poéticas e artísticas.

A experiência vivida pelos pesquisadores no Rio de Janeiro gerou discussões e reflexões que resultaram na publicação deste livro. O grupo de acadêmicos, formado por duas professoras e três alunas da Universidade Federal de Pelotas, ficou hospedado durante uma semana no Morro do Vidigal, num hostel de propriedade de um morador local. Tivemos a oportunidade de conviver diariamente com a vida no morro, com as pessoas, com as cores e toda a paisagem natural, uma das mais extraordinárias presenciada pelo grupo. A vida no Vidigal parece um quadro da Tarsila do Amaral<sup>2</sup> em movimento, pois as cores das edificações junto com a paisagem natural, o brilho intenso do azul do oceano e a diversidade de pessoas retratam a vida urbana na sua plenitude. Nela são abraçados todos os conceitos de Jane Jacobs<sup>3</sup>, que em 1961 já defendia que para haver vida na rua, segurança e movimento, o primordial era manter a vigilância natural (olhos das ruas) realizada pelas próprias pessoas, pelas janelas das edificações, e pelo clima de confiança gerado pelo sentimento de vizinhança. As janelas não possuem grades, muitas nem esquadrias,

1 CNPQ Edital Universal 2014.

2 Tarsila do Amaral (1886 —1973) foi uma pintora e desenhista brasileira e uma das figuras centrais da pintura e da primeira fase do movimento modernista no Brasil.

3 Urbanista e ativista social, conhecida por seu livro “The Death and Life of Great American Cities” (1961), que mudou definitivamente a forma de observar e analisar os fenômenos urbanos.

somente o vão na parede, e mesmo assim o morro se torna o local mais seguro já experimentado por nós. Mesmo sendo pessoas estranhas, não pertencendo a comunidade, os moradores locais abraçam o grupo, sem preconceito, sem estereótipo criado.

Durante a semana a favela se torna o local mais calmo e silencioso para se passar a noite, sendo ouvido apenas o som das águas do mar e dos pássaros moradores do Morro Dois Irmãos. Durante o dia o movimento é deflagrado às 5 horas da manhã quando vários trabalhadores descem o morro para fazer com que a vida no asfalto aconteça, para que se tenha o motorista no ônibus, o taxista, a babá que cuida das crianças e a funcionária do lar. Mas também se percebe toda uma nova geração, que hoje desce o morro para ir a faculdade, estudar e se tornar voz ativa na política do amanhã. Vozes que hoje discutem políticas sociais e questionam com toda a razão se a dita 'gentrificação' trará algum benefício para àqueles, seus pais, seus tios, avós, que sempre moraram na favela. Na volta do trabalho, a paisagem atua como um calmante a todos os problemas cotidianos, pois a vista do mar encontrando-se com o azul do céu é a obra de arte mais valiosa da humanidade, aquela impossível de se encontrar em um museu, aquela que o dinheiro não compra (Figura A).

**A**

Vista do Morro  
do Vidigal  
Foto: Adriana Portella



O fim de semana no morro continua alegre, colorido, mas agora as residências emergem umas nas outras, as janelas se encontram, todos se reúnem e a festa é da comunidade. Da nossa janela encontrávamos um churrasco com muitos amigos e vizinhos que inicia às 18 horas de sexta-feira e termina às 18 horas de domingo. É a festa aberta, todos são convidados, é a festa da comunidade, onde não há barreiras e nem venda de ingressos. Ao mesmo tempo, a gentrificação dá seus sinais mais macabros, e do alto do morro percebe-se o som de uma festa Rave, cujo ingresso é mais de mil reais. Para quem? Não é para os moradores locais, é para os filhos da gentrificação urbana violenta e não piedosa. Mas a um olhar mais ingênuo, pode-se pensar que os proprietários da festa são moradores locais; não, não são, são externos vindos da dita vida do asfalto. Ainda no fim de semana da favela, um açaí seria o fim de noite ideal, numa caminhada até a sorveteria, fomos abordados por uma pessoa alcoolizada; em um flash de minutos alguém apareceu de um lugar inesperado e pediu para aquela pessoa que nos importunava que se retirasse do morro, pois lá não havia espaço para aquele tipo de comportamento. Nesse momento o morro se tornou a nossa casa, o lugar mais seguro que já vivemos.

Dentro de toda essa experiência enriquecedora, tivemos o prazer da convivência com Sharlene, uma moça alegre, divertida, a cara do Brasil resiliente que mesmo com todos os problemas sociais que conhecemos, vive a vida de modo positivo abraçando com um sorriso no rosto e muita esperança. Acordava todos os dias muito cedo para fazer circuito na praia, voltava às 8 horas da manhã para o morro e iniciava seu trabalho no hostel. Foi uma companhia excelente e uma pessoa inesquecível da nossa jornada.

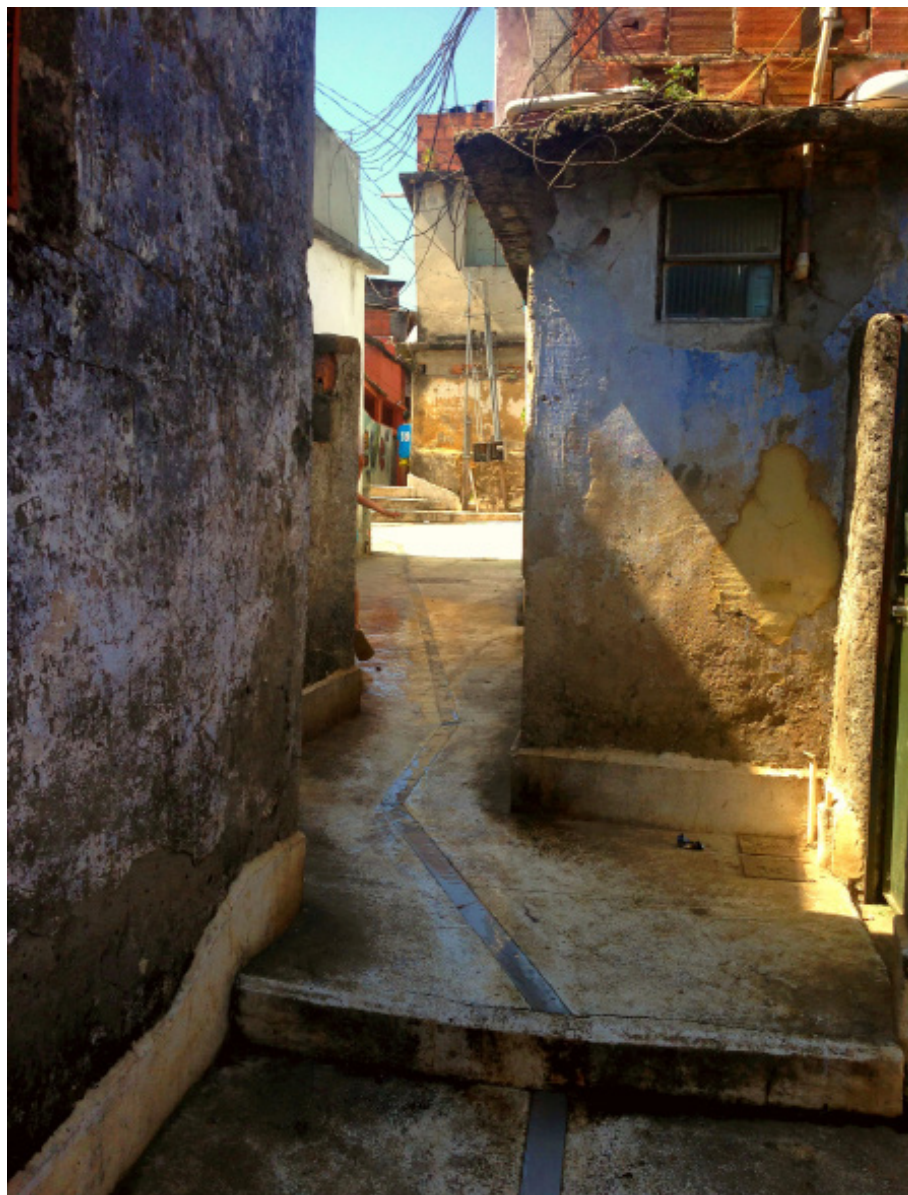
Ainda dentro do nosso estudo, perguntávamos se as pessoas conheciam o projeto do famoso 'Porto Maravilha', obra destinada a preparação da cidade para as Olimpíadas. A resposta que obtivemos: Que porto? Onde é? Maravilha para quem? Ou seja, não fazia parte do imaginário urbano dos moradores, nada contribuía para a qualidade de vida da comunidade. Durante um percurso no Morro da Providência, com um dos líderes de comunidade, a invasão da gentrificação é marcada nas paredes que resistiram a demolição de várias casas; nessas ruínas foram retratados os rostos dos moradores removidos por vontade externa. Relatos de ações sangrentas nas escadarias do morro (Figura B) seguida do trilho de ferro marcado no chão para guiar os turistas (Figura C) para áreas ditas como seguras





**B** Escadarias do Morro da Providência  
Foto: Adriana Portella





Trilho de ferro marcado no chão para guiar turistas no Morro da Providência  
Foto: Adriana Portella

C

demonstram a dicotomia do Brasil verde amarelo, do quase hexacampeão, do quase a favor da inclusão. A cada curva, a cada esquina da nossa caminhada, uma celebração da vida, crianças brincando na rua, senhoras estendendo roupas, vizinhos conversando, a rua na sua vida mais plena. Durante a caminhada, um menino me pergunta: você fala português? E respondo, sim, sou como tu, sou brasileira. Ele ri e se sente parte do grupo, da nossa visita.

Passados os sete dias mais plenos e ricos da nossa experiência (Figura D), voltamos para o asfalto, onde todos vivem atrás de muros e grades, onde se você sentar sozinho em uma cadeira de praia na frente do seu prédio, com certeza vão achar que você está com um problema psicológico. Voltamos para a cidade murada, da não vizinhança, do medo, da insegurança. As cores não são mais tão vivas, o som do mar se mistura ao dos carros e os pássaros não são mais vistos, devido à altura deliberada dos prédios. O lindo Leblon agora é percebido como um lugar nefasto, segregador, onde tirar selfie com o mais moderno smartphone parece ser a única alegria da família brasileira classe média alta. Voltamos para a realidade em tons de cinza, sem cores, sem vida.

Nosso grupo de pesquisadores em um dos mirantes do Morro da Providência  
Pesquisadores: Adriana Portella, Gisele Pereira, Gabriela Costa da Silva,  
Giovana de Matos e Amanda Duquia

**D** Foto: Cristiano Magalhães



Após várias reflexões sobre essa incrível vivência, decidimos por publicar este livro. Pesquisadores foram convidados para, a partir de um novo olhar, analisar assuntos relacionados à favela, do ponto de vista perceptivo, artístico, nefasto (gentrificação), invasor (turistas), sendo no último capítulo apresentada uma situação de gentrificação vivenciada por pessoas de baixa renda em um outro contexto urbano e cultural. Isso para um contraponto demonstrando que nossas realidades hoje em dia são globalizadas e vivenciadas em diversos lugares de modo similar e agressor.

A seguir é apresentada uma pequena súmula de cada capítulo para que tenhamos o sabor desta publicação, às vezes doce e por muitas vezes amargo da dor.

### ■ Capítulo 1: O Imaginário das Favelas

Este capítulo trata do modo com que percebemos as favelas, tocando nos conceitos de percepção, cognição e imaginário urbano. Busca-se analisar a importância da arquitetura das favelas como representante da 'cidade colagem' mais original existente no Brasil.

### ■ Capítulo 2: A Favela através da *Collage* - exercícios didáticos com estudantes de arquitetura

A *collage* apresenta-se como técnica expressiva e de narrativa poética, sendo utilizada, neste capítulo para tratar diferentes problemáticas das favelas. Este estudo contribui para uma análise lúdica de temas, que hoje, pertencem ao planejamento das cidades e muitas vezes são desconsiderados pelos processos de gentrificação urbana.

### ■ Capítulo 3: A Favela aos Olhos do Turista

O turismo nas favelas do Rio de Janeiro constitui-se uma prática desde a década de 1990, inicialmente na Favela da Rocinha, expandindo-se para outras favelas nos anos 2000. Para analisar esse tema se fez uma análise qualitativa e exploratória dos comentários postados pelos turistas das favelas do Rio no site TripAdvisor.

#### ■ Capítulo 4: **Megaeventos e o Contexto das Remoções nas Favelas do Rio de Janeiro**

Este capítulo analisa o processo de remoção de moradores no Rio de Janeiro, visto que a cidade foi uma das sedes para os jogos da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016. A proposta é refletir sobre a maneira com que as remoções aconteceram na cidade, em conjunto com as estratégias de planejamento urbano utilizadas, verificando se tais ações beneficiaram a população, independentemente de classe social.

#### ■ Capítulo 5: **‘Lugar, Espaço e Deslocamento’: Gentrificação, Regeneração e o Legado dos Jogos da Commonwealth de 2002**

Este capítulo apresenta uma análise crítica do legado de um programa de regeneração urbana efetivado na prática após os Jogos da Commonwealth de 2002<sup>5</sup>, com foco nas experiências de lugar dos moradores de baixa renda de East Manchester, no Reino Unido. O artigo identifica marcantes lições de gentrificação e regeneração, discutindo de que forma as questões de justiça social e de direitos à cidade podem se enquadrar nas políticas e práticas de regeneração para garantir benefícios psicológicos e socialmente sustentáveis para os moradores locais.

Adriana Portella

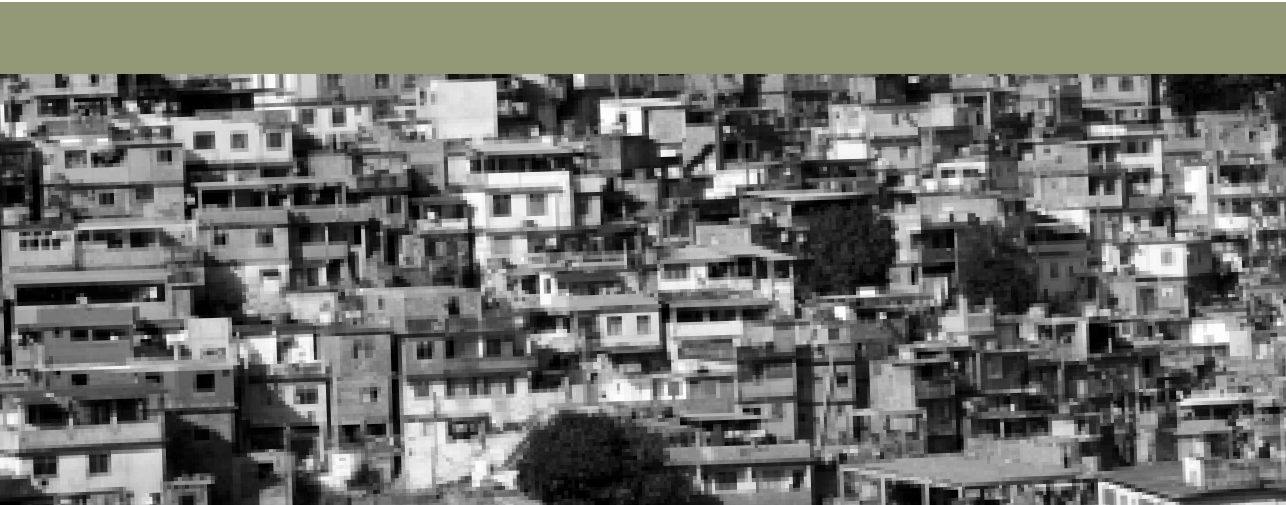
Professora da Universidade Federal de Pelotas  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Gisele Pereira

Professora da Universidade Federal de Pelotas  
Faculdade de Administração e Turismo

5 Competição multinacional e multi desportiva realizada a cada quatro anos, que reúne atletas dos países que compõem a Commonwealth. A Commonwealth é uma associação voluntária de 53 estados soberanos. A maioria são ex-colônias britânicas, com exceção de Moçambique (antiga colônia portuguesa) e Ruanda, que aderiu em 29 de novembro de 2009.





CAPÍTULO 1

# O IMAGINÁRIO DAS FAVELAS

***Adriana Portella***

Professora Associada

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade Federal de Pelotas

[adrianaportella@yahoo.com.br](mailto:adrianaportella@yahoo.com.br)





Este capítulo trata do modo com que percebemos as favelas, tocando nos conceitos de percepção, cognição e imaginário urbano. Busca-se analisar a importância da arquitetura das favelas como representante da ‘cidade colagem’ mais original existente no Brasil. As discussões aqui apresentadas partiram da análise fotográfica de favelas do Rio de Janeiro, tendo como objetivo extrair a significância do lugar, a partir de meios de representação gráfica através da técnica a nanquim à mão livre. A justificativa concentra-se na necessidade de explorar a importância da riqueza arquitetônica e ambiência urbana das favelas no Brasil, a fim de demonstrar, através de meios de expressão gráfica, os elementos simbólicos que constituem essas paisagens as quais, muitas vezes, acabam sendo marginalizadas pelo poder público e também pela academia. Diferentes fotografias de favelas foram retratadas por alunos de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, cujos resultados identificam elementos caracterizadores do imaginário das favelas e poderão servir de subsídios para futuros trabalhos no campo do simbolismo urbano e da cognição ambiental.

*Palavras-chave:* favela; simbolismo; cognição; desenho; colagem.

## Percepção e cognição - realismo versus simbolismo

Dentro da temática deste estudo é importante ter o entendimento de como o imaginário urbano é formado. Tal viés inicia nossa discussão pelos processos de percepção e cognição.

Como já identificado pela literatura da psicologia ambiental (Fischer, 1997; Golledge & Stimson, 1996; Bartuska & Young, 1994; Passini, 1992; Nasar, 1988; Lang, 1988), o processo de apreensão do ambiente urbano envolve duas etapas, as quais são consideradas neste estudo como complementares: a de percepção e a de cognição. A distinção existente entre percepção e cognição é de que a primeira se caracteriza por ser o processo pelo qual o indivíduo obtém as informações do ambiente em que está inserido e está relacionada a uma experiência imediata e dependente de um estímulo sensorial; a segunda não envolve, necessariamente, um comportamento imediato e não necessita estar relacionada diretamente ao que está acontecendo no ambiente. Ainda, a percepção remete à sensibilização sensorial, provocada no observador pelos atributos morfológicos dos objetos formadores da paisagem urbana. Enquanto isso a cognição implica a associação desses atributos a significados gerados a partir da cultura, dos valores e da experiência prévia do indivíduo. O produto final desses dois processos – percepção e cognição- é a representação mental que o indivíduo faz do ambiente real (Portella, 2014). Ainda, segundo os estudos de Sigmund Freud (1996), padrões comuns de símbolos podem ser compartilhados entre pessoas de diferentes culturas devido ao ‘inconsciente coletivo’ que consiste em memórias de conhecimentos e experiências passadas de geração para geração numa área do inconsciente do cérebro. De acordo com Freud cada indivíduo já nasce com esse inconsciente formado, o qual, unido a experiências da primeira infância, tem grande influência na formação da nossa personalidade e comportamento (Collin & et al, 2012; Cordeiro, 2010).

Dentro do modo das representações gráficas que podemos utilizar para identificar elementos do imaginário urbano, destacam-se dois movimentos artísticos e literários: o realismo e o simbolismo, ambos surgidos no século XIX, na Europa. Os nossos olhos funcionam como câmeras fotográficas que filtram as informações através dos processos perceptivos e cognitivos, transformando-as em uma imagem que pode ser reproduzida através do desenho. Quando essa



representação retrata fielmente a realidade, inclui-se no Realismo, o qual se caracteriza pela representação fiel da vida urbana, com seus problemas e costumes. Como exemplo, citamos as famosas pinturas de Gustave Doré, artista francês, que retratam, com riqueza de detalhes, as condições de vida da capital inglesa no período Industrial de 1869 a 1871 (Pellegrini, 2007). Outro exemplo mais contemporâneo encontramos no Morro da Providência, no Rio de Janeiro, onde em 2012 o artista português Alexandre Farto (conhecido como Vhils) talhou seis imagens de moradores locais nas paredes de algumas residências, representando fielmente suas expressões (Figuras 1.1A e 1.1B). Também, Vhils realizou uma oficina com as crianças da comunidade, juntamente com o fotógrafo Maurício Hora.

Como oposição ao Realismo, surge paralelamente o Simbolismo, no qual os artistas não se detinham mais a pintar a realidade, mas a

Morro da Providência no Rio de Janeiro. Imagem de um morador local talhada pelo artista Vhils em 2012  
Foto: Adriana Portella

1.1A





**1.1B** Morro da Providência no Rio de Janeiro. Imagens talhadas pelo artista Vhils em 2012  
Foto: Adriana Portella

representar, em suas obras, o sentimento dos personagens envolvidos na cena. Esse tipo de técnica requer a redução dos detalhes ao mínimo, mas, mesmo assim, mantém a ligação das formas e linhas representadas com o símbolo e informação desejados (Jaffé, 1997). Um exemplo clássico do simbolismo, nas artes plásticas, é a representação simples do contorno da pomba branca com o ramo de oliveira no bico; essa representação é reconhecida mundialmente como o símbolo da paz. Ao contrário do que muitos pensam, a representação da pomba branca não tem origem religiosa e é muito mais recente do que pensamos. Em 1949, com o nascimento da filha, o pintor espanhol Pablo Picasso faz o desenho de uma pomba com um ramo de oliveira apenas em contornos simples, sendo essa obra denominada de 'A Pomba' (originalmente, La Colombe de la Paix). Sua filha recebe então o nome de Paloma que, em espanhol, significa pomba, e a partir de então Picasso representa diversas variações desse desenho que são, até hoje, utilizadas em cartazes de congressos sobre a paz mundial. O primeiro deles - o Congresso da Paz Internacional - foi em Paris, em 1949, que utilizou, em seu cartaz, o primeiro desenho de Picasso sobre o tema, ligando eternamente o símbolo da pomba ao significado da paz. Esse artista já havia demonstrado fascinação por esse símbolo, já tendo representado a pomba no início de sua carreira, quando tinha apenas 19 anos, em sua



**1.2** Vista da Favela do Vidigal no Rio de Janeiro, uma das favelas mais urbanizadas da cidade, que hoje passa por um processo de gentrificação  
Foto: Adriana Portella

famosa tela a ‘Menina com a pomba’ de 1901 (Pereira, 2013).

Destaca-se que as representações gráficas de cenas de favelas são apresentadas, neste capítulo, de modo a serem identificados os aspectos simbólicos e realísticos reproduzidos nos desenhos. Buscamos, aqui, desvendar o imaginário coletivo de áreas urbanas em favelas, cujo objetivo foi identificar os elementos formadores dessas representações a partir da análise de desenhos feitos à mão livre (Figura 1.2).

### **Justificativa da importância do tema: arquitetura de favelas**

Para justificar a escolha do tema ‘arquitetura de favelas’ primeiramente importa contextualizarmos a palavra favela e entendermos sua origem. A palavra favela se tornou um substantivo somente a partir de 1920, pois até então era somente o nome de uma planta no Sertão da Bahia que culminou por nomear o ‘Morro da Favella’, um local que foi utilizado como acampamento para soldados republicanos durante a Guerra de Canudos<sup>1</sup>. Terminada a guerra, os soldados



retornaram à capital carioca em função da promessa do governo em conceder casas a essa população. Entretanto, essa promessa nunca foi cumprida e os soldados tiveram que construir suas próprias moradias nas áreas periféricas da cidade. O local escolhido foi o Morro da Providência (Figuras 1.3A e 1.3B), denominado inicialmente de 'Morro da Favella' por lembrar a situação de acampamento que eles vivenciaram durante a Guerra de Canudos. Desde então o termo favela perdeu um 'L' e se tornou o substantivo mais comum para definir aglomerações urbanas em morros, com infraestrutura precária e moradias construídas com materiais improvisados. Na verdade, a origem dessas comunidades, no Rio de Janeiro, se dá em virtude da falta de palavra do governo brasileiro com os soldados que, com suas vidas, lutaram para defender a república do Brasil (Jacques, 2001).

O tema 'arquitetura de favelas' foi escolhido para o estudo apresentado neste capítulo pela sua relevância histórica na paisagem

**1.3A**

Morro da Providência  
Foto: Adriana Portella

1 A Guerra dos Canudos foi um conflito entre o Estado do Brasil e um grupo de cerca de 30 mil colonos que fundaram sua própria comunidade no Nordeste da Bahia, chamada Canudos. Depois de inúmeras tentativas infrutíferas de repressão militar, chegou a um final brutal em outubro de 1897, quando uma grande força do exército brasileiro invadiu a aldeia e matou quase todos os habitantes. Esta foi a guerra civil mais letal da história brasileira.





**1.3B** Morro da Providência  
Foto: Adriana Portella

e no desenho da cidade, sendo essa importância reconhecida por obras que percorrem a literatura, o cinema, a arte e a música. Dentro das obras de representações gráficas mais conhecidas, destacam-se, na história da arquitetura e das artes, os desenhos de Le Corbusier em suas vindas ao Brasil e o quadro Morro da Favela de autoria de Tarsila do Amaral. Essas obras registram, no desenho, o cotidiano da vida brasileira, com foco nas áreas afastadas do centro da cidade e povoadas por uma brasilidade típica da cultura do nosso país.

Com seu caderno de croquis sempre à mão, Le Corbusier passa pelo Rio de Janeiro entre 1929 e 1936 e registra, em diferentes momentos, na técnica do grafite, a paisagem urbana que mais lhe chama a atenção - o Morro do Santo Antônio (Figura 1.4). Um dos seus desenhos possui dedicatória à Tarsila do Amaral e retrata, em uma única cena, o Pão de Açúcar, o Morro do Corcovado e os Arcos da Lapa. Nesse desenho, em primeiro plano identificamos a representação de uma típica moradora do morro daquela época que equilibra, em sua cabeça, um elemento que remete a uma bacia de roupas, sendo logo a seguir, ilustrado a partir de linhas simples de contorno, um casario antigo e os Arcos da Lapa, ambos representando a cidade vista do morro e, por fim, em último plano, a paisagem natural com destaque ao Pão de Açúcar e ao Morro do Corcovado; ambos elementos caracterizadores, até hoje, do imaginário urbano da capital carioca. Infelizmente, na atualidade não teríamos a chance de nos posicionarmos no mesmo lugar onde Le Corbusier deslumbrou essa

**1.4**

Croqui de Le Corbusier do Morro do Santo Antônio no Rio de Janeiro (1936)  
Fonte: Queiroz, 2013.

paisagem, já que, em 1950, o Morro do Santo Antônio foi removido para dar lugar ao conhecido Aterro do Flamengo (Guerra, 2003).

Tarsila do Amaral, em suas obras, as quais também retratam a vida cotidiana do Brasil, destaca-se por suas formas cubistas, simbolismo e abstração, unificadas as cores definidas por ela como brasilidade - as cores puras e caipiras de um Brasil que buscava o embelezamento de suas cidades. Já tendo se tornado uma artista do Movimento Modernista Brasileiro, na fase de suas obras denominada como pau-brasil (de 1924 a 1928), Tarsila, em 1924, apresenta-nos a tela 'Morro da Favela' (Figura 1.5). Nessa obra, retrata a realidade brasileira da época quando, em função da reestruturação do centro histórico da cidade do Rio de Janeiro numa fase denominada 'embelezamentos', a fim de atrair investimentos, as populações mais pobres, em maioria antigos escravos e seus descendentes, foram expulsos da cidade consolidada e, nos morros, abrigaram-se, formando comunidades que deram origem ao que denominamos hoje de favelas. O quadro se revelou como uma denúncia à marginalização das classes mais desfavorecidas, num período pouco após a abolição da escravatura. Essa obra foi oferecida por Tarsila à Blaise Cendrars, poeta francês que colocou o 'Morro da Providência', conhecido antigamente como 'Morro da Favella', na rota das viagens de artistas e arquitetos modernistas (Matos, 2010).

### 1.5

Morro da Favela, óleo sobre tela, 64 por 76 cm.  
Tarsila do Amaral, 1924  
Fonte: disponível em <http://galeriadefotos.universia.com.br/index.php/gallery/view/179/Obras-de-Tarsila-do-Amaral>; acessado em 30.12.2016

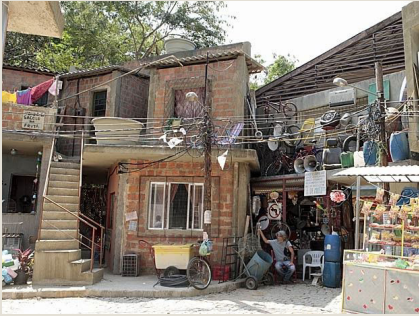




## Desenhando a favela

A partir da concepção segundo a qual desenhos nada mais são do que o registro da percepção da paisagem e da cultura de uma época, são analisadas diferentes representações de um mesmo objeto, tendo como tema a arquitetura de favelas. Diferentes fotografias de favelas do Rio de Janeiro foram trabalhadas por alunos da graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Estes por meio da técnica de representação gráfica a nanquim, representaram os elementos que mais lhes chamavam a atenção em cada imagem. Também, foram realizadas colagens digitais sobre os desenhos produzidos. A discussão sobre essas obras se torna importante à medida que algumas representações foram extremamente realistas, destacando a situação observada da forma mais real possível, enquanto outras se aproximaram do simbolismo, onde vários elementos foram abstraídos das imagens, deixando prevalecer a ideia principal e caracterizadora da cena. Esse trabalho possibilitou a identificação dos elementos que, representados na maioria dos desenhos, fazem parte do imaginário coletivo. A identificação dos elementos comuns, caracterizadores das favelas, assim como daqueles que apenas em alguns desenhos estão presentes, abrem uma discussão para o que na psicologia ambiental é debatido: a imagem que temos do mundo real varia de pessoa para pessoa e muitos dos elementos formadores dessa imagem estão ligados ao referencial de cada indivíduo como o seu 'background', experiência de vida, viagens já realizadas e outras variáveis já identificadas por estudiosos como Kevin Lynch (1960), Gordon Cullen (1995), Jon Lang (1988).

O estudo baseou-se na busca do imaginário coletivo das favelas a partir de oito fotografias, as quais, quando observadas por um grupo de 16 estudantes, foram representadas à mão livre a partir da técnica a nanquim e colagem digital. Cada aluno escolheu as fotografias com as quais gostaria de trabalhar, sendo essa a primeira etapa metodológica do estudo: deixar a escolha ser guiada pela percepção individual do desenhista de quais imagens refletiam com mais evidência a vida nas favelas. As fotografias utilizadas, neste estudo, foram selecionadas pela autora, numa busca exploratória na internet com o objetivo de identificar imagens com diferentes temáticas representativas da vida no morro, conforme descrito a seguir:



**O Abrigo:** retrata a arquitetura da bricolagem, que se caracteriza pelo acaso e incompletude, formada por materiais que restaram da cidade formal, latões, pedaços de madeira e tijolos obtidos em lixões e restos de canteiros de obra.

Foto: disponível em <https://br.pinterest.com/agnhes/labfavela-and-its-beauty-or-ugliness/>, acessado em 30.12.2016



**A Vista do Casario:** reflete a vista que o morador tem de sua vizinhança, do lugar onde vive, caracterizada pela arquitetura da bricolagem, aquela que nunca termina, sempre está a se desenvolver.

Foto: disponível em [http://desciclopedia.org/wiki/Regi%C3%A3o\\_metropolitana](http://desciclopedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_metropolitana), acessado em 30.12.2016



**A Vista do Morro:** mostra a vista do morador para seu entorno, formado por morros cobertos pelo casario que funciona como abrigo e paisagem construída sob o relevo natural da cidade.

Foto: disponível em [http://favelacores.blogspot.com.br/2010\\_03\\_01\\_archive.html](http://favelacores.blogspot.com.br/2010_03_01_archive.html), acessado em 30.12.2016



**O Arco-Íris:** ressalta a revitalização urbana através das cores. Este tema é representado pelo trabalho do 'Favela Painting', no qual dois artistas holandeses junto com a comunidade local propuseram o arco-íris sobre o casario. Uma forma de resgate da vida.

Foto: disponível em <http://www.favelapainting.com/>, acessado 30.12.2016.



**A Rua:** representa a típica ruela, encontrada em várias favelas, onde a bricolagem constitui as paredes do espaço público apropriado por crianças e pela vida cotidiana, com suas roupas penduradas nos varais das fachadas.

Foto: disponível em <http://www.zwartzusters-bethel-brugge.be/brazilie.html>, acessado em 30.12.2016.



**As Crianças:** retrata o contraste das cores e a vida das crianças que emergem de uma fenda na arquitetura da bricolagem que se constrói em ruas abandonadas de infraestrutura urbana.

Foto: disponível em <http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/galeria/2010-06-13/favela-do-mandela>, acessado em 30.12.2016.



**O Policial:** no processo de pacificação de muitas favelas, a força policial, muitas vezes, é fotografada como um agente externo à comunidade.

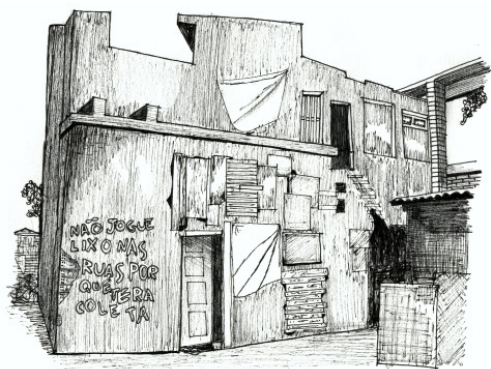
Foto: disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Policiais\\_occupam\\_Complexo\\_do\\_Alemao.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Policiais_occupam_Complexo_do_Alemao.JPG), acessado em 30.12.2016.



**O Teleférico:** reflete a cidade formal chegando na favela, a modernização que auxilia os moradores a acessar a cidade, mas também traz consigo os turistas que, muitas vezes, atuam como invasores de uma sociedade local.

Foto: disponível em <https://snowmaniacs.wordpress.com/tag/medalhas-em-sochi/>, acessado em 30.12.2016.

Oito temáticas foram identificadas nas fotografias, sendo que em virtude da escolha dos desenhistas pelas fotos ser livre, alguns temas geraram mais desenhos do que outros: 'O Abrigo' originou 10 desenhos; 'A Vista do Casario', oito desenhos; 'A Vista do Morro', sete desenhos; 'O Arco-Íris', seis desenhos; 'A Rua', cinco desenhos; 'As Crianças' e 'O Policial', três desenhos cada; e 'O Teleférico', dois desenhos. As escolhas da maior parte dos participantes foram direcionadas principalmente às fotografias que retratavam a estrutura urbana, formada pelas habitações e vistas do morro e para o morro. As fotos que retratavam crianças brincando nas ruas, policiais caminhando e o teleférico foram escolhidas por um menor número de usuários, o que demonstra que o grupo de futuros arquitetos e urbanistas tente a direcionar o olhar para o abrigo, a habitação no seu estado mais precário, sem pintura, sem revitalização. Colagens digitais sobre os desenhos produzidos foram realizadas por alunos do mesmo curso, com o intuito de salientar graficamente os elementos que marcam a imagem que eles possuem da favela (Figuras 1.6 a 1.25).



**1.6** Croqui - O Abrigo  
Autora: Acrícia Colemberg



**1.7** Croqui - O Abrigo  
Autor: Fabio Zucco





**1.8** Croqui - O Abrigo  
Autora: Cássia Kozloski



**1.9** Croqui - O Abrigo  
Autora: Julia Robalto



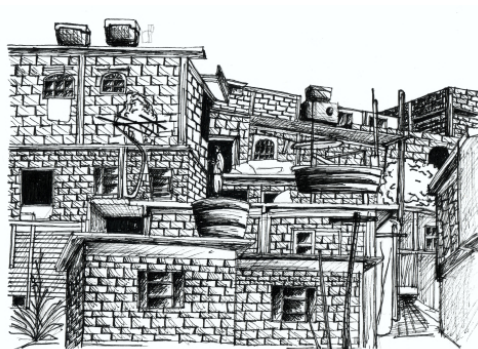
**1.10** Colagem sobre o tema O Abrigo  
Autoras: Laura Cezar e n.d



**1.11** Croqui - A Vista do Casario  
Autora: Morgana Magarinos



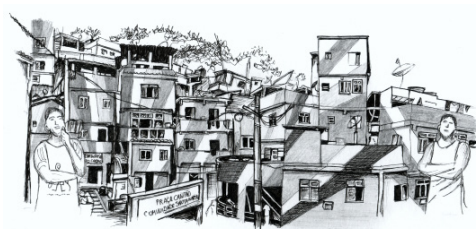
**1.12** Croqui - A Vista do Casario  
Autora: Cássia Kozloski



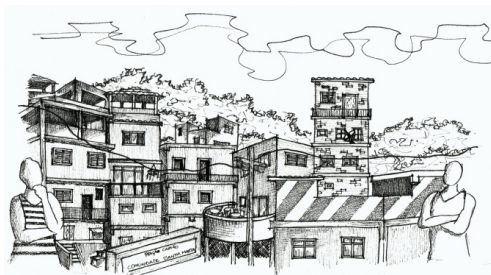
**1.13** Croqui - A Vista do Morro  
Autora: Michele Guidotti



**1.14** Croqui - A Vista do Morro  
Autora: Cassia Kozloski



**1.15** Croqui - O Arco-iris  
Autora: Morgana Magarinos



**1.16** Croqui - O Arco-iris  
Autora: Julia Robaldo



**1.17** Colagem sobre o tema O Arco-iris.  
Autoras: Morgana Magarinos e  
Laura Cezar



**1.18** Croqui - A Rua  
Autora: Cássia Kozloski

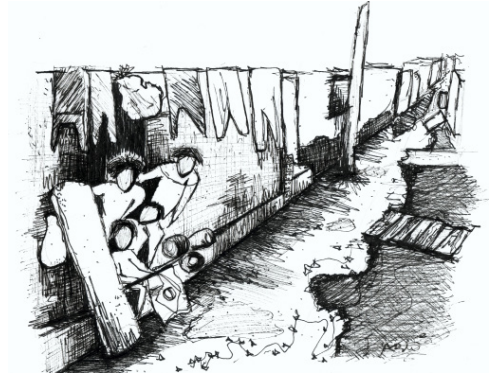


**1.19** Colagem sobre o tema A Rua  
Autoras: Cássia Kozloski e  
Laura Cezar





**1.20** Croqui - As Crianças  
Autora: Michele Guidotti



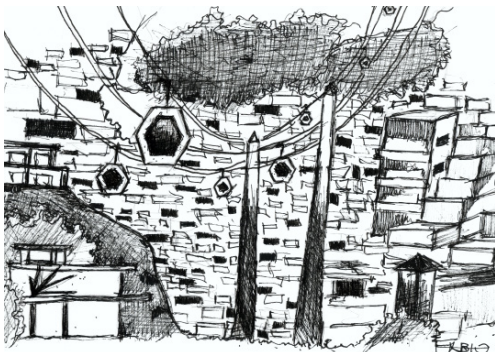
**1.21** Croqui - As Crianças  
Autor: Fabio Zucco



**1.22** Croqui - O Policial  
Autora: Michele Guidotti



**1.23** Colagem sobre o tema O Policial  
Autoras: Michele Guidotti e Laura Cezar



**1.24** Croqui - O Teleférico  
Autor: Fabio Zucco



**1.25** Croqui - O Teleférico  
Autora: Morgana Magarinos

## Conclusão

Os resultados alcançados revelam que os estudantes de arquitetura e urbanismo possuem uma tendência, em função da graduação que estão cursando, a relacionarem a ambiência das favelas com o objeto físico da moradia, sendo esse elemento o mais detalhado na maioria dos desenhos. Os detalhes dessas representações chegam aos níveis mais extremos da precisão, podendo ser classificadas como realismo. Elementos como pessoas, carros, vegetação e mobiliário urbano são completamente estilizados, se não eliminados dos desenhos.

Um fator relevante foi que o trabalho realizado junto com os alunos ocorreu no período em que se iniciou o processo de pacificação das favelas no Rio de Janeiro, quando as UPPs estavam sendo instaladas, sendo esse assunto presente diariamente na mídia televisiva e impressa. Entretanto, a fotografia que retrata a presença da polícia na favela foi reproduzida apenas três vezes, dentro de um universo de 45 desenhos realizados pelos discentes. Esse episódio naquele momento ainda não fazia parte da imagem que eles possuíam da favela no Brasil. Além disso, muitos alunos identificaram a presença dos policiais como intrusos naquele meio urbano vernacular já consolidado.

A importância do estudo do imaginário urbano se confirma com o apoio da FAPERGS-CAPES e CNPQ para este projeto, demonstrando que as favelas emergem atualmente como locais importantes no estudo do simbolismo e cognição do usuário com a cidade.

Por fim, aqui destacamos os alunos, que fizeram parte do exercício de desenho a nanquim, da Universidade Federal de Pelotas, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, na disciplina Técnicas de Expressão e Representação Gráfica 2. Sem eles, esse trabalho seria impossível: Acrícia Colemberg, Arthur Albuquerque, Camila Bender da Silva, Cássia Kozloski, Ester Marques, Fábio Zucco, Julia Robaldo, Juliana Höfler, Micheli Guidotti, Morgana Magarinos, Paula Zottis Junges e Vitória Ávila.



### ***Bibliografia***

Bartuska, T. J. & Young, G. L. (1994). *The Built Environment Creative Inquiry Into Design and Planning*. Califórnia: Crisp Publications, 1994.

Collin, C., Grand, V., Benson, N., Lazyan, M., Ginsburg, J. & Weeks, M. (2012). *O livro da Psicologia*. Rio de Janeiro: Editora Globo.

Cordeiro, E. F. (2010). *O inconsciente em Freud*. Web Artigos. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-inconsciente-em-freud/46925/>. Acessado em 13.02.2015.

Cullen, G. (1995). *Concise Townscape*. New York: Routledge.

Fischer, G. N. (1997). *Individuals and environment: a psychosocial approach to workspace*. New York: Gruyter.

Freud, S. (1996). *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Volume XIV. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago.

Golledge, R. G. & Stimson, R. J. (1996). *Spatial Behavior: a geographic perspective*. Nova York: Guilford Press.

Guerra, A. *FavelaConnects* (1). (2003). *Arquitextos Vitruvius*. n.032.03, ano 03, janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.032/714>. Acessado em 04.01.2017.

Jacques, P. B. (2001). *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

Jaffé, A. (1997). *El simbolismo en las artes visuales*. Jung, C (Org.). *El hombre y sus símbolos*. Tradução de Luís Escobar Bareño. Barcelona: Editorial Luís de Caralt.

Lang, J. (1988). *Creating Architectural Theory*. New York: Van Nostrand Reinhold.

Lynch, K. (1960). *The image of the city*. Cambridge: The M.I.T. Press.

Matos, J. S. (2010). As estruturas do cotidiano brasileiro na obra de Tarsila do Amaral. *Historiæ*, Rio Grande, 1 (2): 85-102. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2287>. Acessado em 13.02.2016.

Nasar, J. L. (1988). *Environmental aesthetics: Theory, research and applications*. Cambridge: University Press.

Passini, R. (1992). *Wayfinding in Architecture*. New York: Van Nostrand Reinhold.

Pellegrini, T. (2007). Realismo: postura e método. *Letras de Hoje*. 42 (4). Porto Alegre: PUC. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4119/3120>. Acessado em: 13.02.2015.

Pereira, L. S. A. (2013). *A imagem como linguagem: linguagem visual e seus elementos básicos*. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais). Universidade de Brasília: Brasília.

Portella, A. (2014). *Visual Pollution: Advertising, Signage and Environmental Quality*. London: Ashgate.

Queiroz, R. (2013). *Le Corbusier, Paisagem do Rio de Janeiro, 1936*. Disponível em: <http://www.blogdoims.com.br/ims/le-corbusier-paisagem-do-rio-de-janeiro-1936-por-rodriigo-queiroz>. Acessado em 13.02.2015.





## CAPÍTULO 2

# A FAVELA ATRAVÉS DA COLLAGE

EXERCÍCIOS DIDÁTICOS COM ESTUDANTES DE ARQUITETURA

*Laura Lopes Cezar*

Professora Adjunta

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade Federal de Pelotas

arqucezar.14@gmail.com



A *collage* apresenta-se como técnica expressiva e de narrativa poética, sendo utilizada, neste capítulo, para tratar diferentes problemáticas das favelas. O trabalho foi desenvolvido por alunos de Arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. A *collage*, nos exercícios realizados, caracteriza-se como um meio de expressão e aproximação, no campo do imaginário urbano. As colagens foram analisadas em seus aspectos compositivos e conteúdos simbólicos. Os exercícios foram realizados nas disciplinas de Expressão e Representação Gráfica 2 e 3. A análise dos trabalhos permite identificar a variedade de elementos que constituem o simbolismo e o imaginário da vida das favelas. Eles contribuem para uma análise lúdica de temas, que hoje, pertencem ao planejamento das cidades e muitas vezes são desconsiderados pelos processos de gentrificação urbana.

**Palavras-chave:** favela; *collage*; ensino; representação gráfica; análise narrativa e compositiva.





capítulo foram resultado de um trabalho coletivo, no qual professores criam ativamente com seus alunos. É um processo surpreendente de acompanhar, já que pulsa entre a alegria de estabelecer encontros bem ‘resolvidos’ e a decepção no encontro de figuras que não podem estar juntas, indicando que o processo deve continuar.

Os olhos ávidos são as principais tesouras, as quais chegam antes do fio, selecionam, recortam e seguem a recortar até o momento da cola. O momento de colar gera insegurança, até mesmo certa angústia no aluno; a cola significa algo definitivo para eles; ensaia infinitas possibilidades combinatórias entre as figuras soltas sobre a folha, com o objetivo de conseguir o encontro perfeito entre todas as figuras.

A *collage* consiste numa técnica artística que pode utilizar imagens fotográficas, fragmentos de textos e de papel para realizar uma composição na qual os fragmentos são descontextualizados e reorganizados de forma criativa, onde novos significados serão transmitidos e interpretados. Tanto pode ser realizada sobre uma folha de papel em branco, como diretamente sobre uma imagem. Atualmente pode ser elaborada por meio de programas infográficos ou de forma manual, com tesoura e cola, ou simplesmente com fragmentos rasgados à mão. Dependendo da especificidade da técnica, poderá receber outros nomes como: *papier-collés*, fotomontagem ou *fotocollage*, *collage*, entre outros.

Segundo Fuão (2011), deve-se atrelar as origens dessa técnica ao surgimento da fotografia no século IX, considerando que, junto com a fotografia, surgem as primeiras manipulações fotográficas, como as fotografias compostas. Estas são formadas por várias tomadas, para criar um único ambiente, podendo utilizar-se de vários negativos impressos na mesma folha, dando a ideia de uma única tomada fotográfica. As fotografias compostas possibilitaram a mesma liberdade criativa dos pintores, já que também poderiam transformar a realidade.

Os *papier-collés*, expressão de origem francesa, significa papel colado e foi a técnica utilizada por Picasso, Braque e Gris, entre os anos de 1910 e 1914. Nessa técnica, os fragmentos utilizados não eram fotografias, porém recortes de impressos de propagandas, rótulos e recortes de jornais sobre a superfície de pinturas cubistas. Os papéis colados em suas obras tinham valor abstrato, mas ao mesmo tempo

poderiam estar no lugar de um objeto da realidade, substituindo uma ausência. Nestas obras, a representação do espaço tridimensional dá lugar a representações bidimensionais, com a falta de noção de profundidade e achatamento dos objetos. Entretanto, muitas vezes, a materialidade dos fragmentos colados poderia dar a sensação de saltar da tela e as relações de figura-fundo já não eram tão evidentes sempre existindo um jogo entre realismo e abstração.

A palavra fotomontagem foi inventada pelos berlineses depois da primeira Guerra Mundial, para denominar a técnica que incluía a fotografia em seus trabalhos artísticos, muitos de conteúdo político, cujo objetivo era de amplificar os conteúdos simbólicos. Segundo Dawn Ades, o movimento artístico Dadaísta, fundado em Berlim, contemporâneo dos *papier-collés* de Picasso, utilizou a fotografia como uma imagem *ready-made*, sendo colada junto a recortes de jornais e revistas, tipografias e desenhos, para formar uma imagem caótica e explosiva na qual a relação entre o humano e o mecânico era um tema recorrente nas fotomontagens. O objetivo era representar o mundo tecnológico, o mundo da comunicação massiva e da fotografia, como resultado de um processo de reprodução fotomecânica, além do carácter iconográfico. Ressalta-se que, em termos de qualidade artística, não se iguala aos *papier-collés* de Picasso, Braque e Gris, ambas técnicas encontraram um meio de expressão entre a arte abstrata e figurativa. O texto, incluído nas fotomontagens e *collages* perde o seu significado para adquirir propriedades visuais, já que é incorporado com rotações, sobreposições de escala e como fragmento. As fotomontagens dos construtivistas russos e polacos estavam baseadas no princípio do desenho não objetivo e construtivo e por meio dos procedimentos fotográficos, podiam criar imagens, formas e texturas independentes do mundo real, com predominância de composições dinâmicas nas quais prevalecem a diagonal e o círculo.

Max Ernst foi considerado um dos primeiros a trabalhar de forma sistemática com a criação de imagens que apresentavam uma profunda transformação da essência das coisas em figurações surpreendentes de alto poder criativo, com violentas distorções de escala e utilizava imagens que tivessem uma textura expressiva em suas collages. O trabalho de Max Ernst, dentro da corrente Dadaísta, já anunciava o surrealismo e, por influência de Salvador Dalí se desenvolvia a representação da imagem onírica. Uma de suas principais obras sem título ficou conhecida como o avião assassino de 1920, o



2.2 A Girafa  
Autor: João Vitor Oliveira

qual possuía enormes braços humanos. A *collage* permite, por exemplo, criar novos personagens, como o formado por corpo de mulher com cabeça de girafa. Trabalho realizado por um aluno do primeiro semestre de Arquitetura (Figura 2.2).

Na década de 1930, essas produções surrealistas buscavam explorar novas relações entre o significado e as proporções do corpo humano, como também o uso de imagens invertidas. A continuidade espacial constitui-se em uma das principais características da *collage* surrealista, ao contrário do Dadaísmo que se caracteriza pela fragmentação.

Um dos principais artistas contemporâneos da fotocomposição é o britânico David Hockney que iniciou seu trabalho com o uso da câmera instantânea Polaroid, realizando diversas tomadas do mesmo ambiente e, registrando diversos momentos de cenas do cotidiano; uma forma de representar o espaço-tempo iniciado pelos cubistas. Posteriormente, abandona a polaroid pela limitação imposta pelo seu marco branco que envolvia a imagem. A partir daí seus fragmentos podiam livremente encontrar novas posições e angulações, criando dinamismo em seus registros. A técnica de fotomontagem de David Hockney é amplamente utilizada em arquitetura e urbanismo, permitindo um registro mais sensível da paisagem, pois pode ampliar o campo de visão do expectador e direcionar o olhar, bem como a sobreposição de diferentes espaços e temporalidades. A técnica permite enfatizar pontos de interesse, ao mesmo tempo, em que possibilita a reinterpretação das imagens incompletas, inclusive o vazio da folha de papel na fotomontagem é tão potente quanto a composição das fotografias.

A *collage* também se configurou como uma prática habitual de caráter popular, motivado pela facilidade de sua execução em recortar e colar imagens. Destacou-se na confecção de álbuns de fotografias, postais de conteúdo cômico, lembranças militares, cartazes de concertos e exposições, sendo utilizada até os nossos dias, principalmente por designers gráficos. Um dos tantos objetivos desse recurso é criar novas paisagens, descontextualizar para voltar a contextualizar, criar novos universos de sentido, criar imagens impactantes para tratar de temas relevantes como o deste livro.



## Exercício: *collage*, favela e narrativa

O primeiro exercício de *collage* desenvolvido para este livro sobre favelas foi realizado, em abril de 2016, na disciplina de Expressão e Representação Gráfica 2, no segundo semestre da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Optou-se por trabalhar com fragmentos de textos, previamente selecionados, sobre temáticas variadas que envolvesse a favela. Cada aluno recebeu um texto para desenvolver a sua *collage*. Os trabalhos foram realizados com recortes de revistas sobre folha branca, preta ou colorida. As figuras poderiam ser recortadas com tesoura ou simplesmente rasgadas com a mão, técnica usual em colagem. Os alunos desenvolveram essa criação, buscando interpretar o conteúdo do texto recebido e, ao final, teriam que dar um título para o seu trabalho. Os fragmentos de texto foram extraídos dos seguintes livros: *Gringo na Laje* de Bianca Freire-Medeiros (2009), *Estética da Ginga* de Paola Jacques (2007) e *Planeta Favela* de Mike Davis (2006). O texto que segue foi elaborado com o intuito de realizar uma interpretação do conteúdo das colagens desenvolvidas, tentando revelar possíveis significados sob os aspectos formais e expressivos fundamentados nas teorias da Gestalt e da semiótica.

**Colagem “Olhai por nós” baseada no texto extraído do livro:** Freire-Medeiros, B. (2009). *Gringo na laje*. Produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: Editora FGV. p.94.

**Narrativa e interpretação da colagem** (Figura 2.3): o texto aborda a visão de uma turista californiana, na cidade do Rio de Janeiro, e, sua experiência na favela, que vai além da percepção visual, afetando todos os sentidos e sentimentos, inclusive o medo. A turista considera a favela como ‘o outro Rio’ que deve ser conhecido e vivido por todos os visitantes.

O aluno utiliza figuras que representam os turistas nas praias cariocas, porém aparecem com outras cabeças pela sobreposição de outros recortes, ampliando, desta forma, a sensibilidade e o olhar sobre a cidade. O Cristo também recebe um rosto feminino, com olhos lacrimejantes e mãos que parecem mudar de posição de orar para expressar: indignação, medo e horror. A frase, abaixo do Cristo Redentor, ‘Perdoai-os Senhor, eles não sabem o que fazem’ está conectada com a palavra Rio, e, pode ser interpretada pelo leitor, de várias maneiras, já que ‘eles’ podem pertencer a diferentes grupos que ameaçam a paz e a dignidade na favela. A figura de um casebre e de um menino representam o outro Rio, aquele que também deve



**2.3** Colagem - Olhai por nós  
Autor: Gabriel Fischer Garcia

ser revelado aos turistas. O Cristo e as figuras femininas podem representar a dualidade entre o sagrado e o profano da vida cotidiana, de usufruir do mar e do sol. A bola de futebol, com a bandeira de diversos países, faz alusão aos megaeventos como forma de atrair um número expressivo de turistas à cidade Maravilhosa. O aluno consegue desenvolver a temática com poucos recortes; ao mesmo tempo, cria uma *collage* de grande impacto visual.

**Análise compositiva** (Figura 2.3): apresenta grande equilíbrio visual entre as figuras e simetria por equivalência, ao mesmo tempo, dinâmica pelas rotações das figuras. O olhar passa pelo Cristo e se detém nas duas figuras femininas de biquíni, ponto focal da composição. A temática se desenvolve ao redor do Cristo, como figura estruturadora da composição.

**Colagem “Turista na favela” baseada no texto extraído do livro:** Freire-Medeiros, B. (2009). *Gringo na laje*. Produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: Editora FGV. p.94.

Narrativa e interpretação da colagem (Figura 2.4): O texto fala da visão dos turistas sobre a favela da Rocinha no Rio de Janeiro. Os turistas, segundo um morador, ficam com a impressão de que a Rocinha não é tão pobre, comparada com outras favelas ou à pobreza



2.4 Colagem - Turista na favela  
Autor: Pedro Rizzolo



de países como a África. Eles devem andar também pelas vielas, além do comércio desenvolvido e, assim terão o entendimento de que ‘lá tem de tudo’.

O aluno desenvolve a *collage*, colocando um ônibus na parte inferior, representando a chegada dos turistas; logo acima, posiciona o recorte de uma área de comércio extremamente movimentada, o comércio da Rocinha; um ar condicionado retrata a qualidade de vida dos moradores. O estudante recria a favela com visões parciais e sobrepostas, dando assim, a ideia de uma viela. A paisagem natural vai surgindo no topo da favela; o pão de açúcar aparece emoldurado e as mais belas paisagens do Rio de Janeiro voltam a pertencer aos seus moradores e turistas, já que eram inacessíveis quando a Rocinha e o Vidigal eram dominados pelo tráfico de drogas.

**Análise compositiva** (Figura 2.4): o aluno opta por preencher todo o fundo da folha; deixando na parte inferior aparecer um pouco do branco do papel. A composição se divide em três partes de acordo com a narrativa: o ônibus, a favela, o ambiente natural. As figuras de maior destaque são o ônibus e o recorte da área de comércio porque a *collage* foi realizada com pequenos fragmentos.

■ **Colagem “Bricoleur, arquitetura temporal” baseada no texto extraído do livro:** Jacques, P. B. (2007). *Estética da ginga*. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. 3ª edição Rio de Janeiro: Casa da Palavra Produção Editorial. pp.23-25.

**Narrativa e interpretação da colagem** (Figura 2.5): o texto apresenta a bricolagem, como prática, na construção dos barracos nas favelas. A constante coleta de materiais de fragmentos, encontrados ao acaso, procedentes de outras construções, com outra história e uso, irão dar forma a uma construção provisória, sem forma predefinida, porque a bricolagem não possui um projeto como em arquitetura. Está aberta a receber sempre novos fragmentos, uma imagem instável e sempre em transformação. Conforme avança a evolução do barraco, pequenos fragmentos vão sendo substituídos por peças maiores, e os materiais mais precários vão dando lugar à construção de alvenaria; mesmo assim, o processo continua. A aluna utiliza a simbologia da reciclagem para ressaltar um dos principais aspectos da bricolagem, como uma prática ‘amigável’ ao meio ambiente. A figura

de uma mulher alegre com um rolo de tinta tenta evidenciar o aspecto lúdico e criativo da atividade, embora na maioria das vezes, o início desses cortiços provém da urgência e da necessidade imediata de habitar. É interessante observarmos que a aluna buscou fragmentos de diferentes tipos de pedra, para criar uma ‘fachada’, representando a ideia de solidez, contrariando a ideia de fragilidade de um cortiço. Reforça a visão de um estudante de arquitetura, embora apareçam pequenos fragmentos de diferentes materiais. Três tábuas de madeira simbolizam os materiais a serem substituídos. Um catador de lixo aparece na parte inferior da ‘fachada’; ele passa quase que despercebido, com lâmpadas coloridas sobre a cabeça, representando as ideias de como utilizar os materiais encontrados. A figura da mulher, com uma camiseta impecavelmente alva, retrata a interpretação idealizada pela aluna da bricolagem na favela.

**Análise compositiva** (Figura 2.5): a estudante cria uma fachada, com cobertura inclinada, a partir da adição de diferentes fragmentos, representando os materiais e respondendo ao conteúdo. Uma única abertura centralizada mostra uma paisagem que nada tem a ver com as favelas; a mensagem é ambígua: é uma fachada ou representa o interior de um espaço? As tábuas seguem a inclinação da cobertura e dinamizam a composição. Da figura da mulher partem pequenos fragmentos em direção à ‘cumeeira’ da construção, formando um triângulo com o fundo branco de papel. Todas as figuras estão sobrepostas a uma folha branca com suas margens rasgadas sobre papel craft; ao mesmo tempo, a aluna enfatiza a temática e dá movimento à *collage* que possui uma composição bastante simples, com enfoque para uma figura centralizada.

**Colagem “A favela como labirinto” baseada no texto extraído do livro:** Jacques, P. B. (2007). *Estética da ginga*. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. 3ª edição Rio de Janeiro: Casa da Palavra Produção Editorial. pp. 65-67.

**Narrativa e interpretação da colagem** (Figura 2.6): o texto se refere às primeiras páginas do capítulo intitulado Labirinto. A favela não possui um mapa como a cidade formal; está constantemente tecendo o seu fio labiríntico; formado por becos, ‘quebradas’, ruelas que vão pautando o ritmo do caminhar dos favelados, sempre no plano inclinado. Segundo Jacques (2007), o favelado tem um cami-



**2.5** Colagem - *Bricoleur*, arquitetura temporal  
Autor: Rafaela Cecconi

**2.6** Colagem - A favela como Labirinto  
Autora: Denise Hax





nhar gingado que poderia ser o precursor do samba. O samba representa a experiência espacial do labirinto. A autora faz analogia com a mitologia grega em que os minotauros são os traficantes, sempre dominando a favela desde cima. Na favela-morro é mais difícil aceder ao seu interior piramidal do que descer, já que é mais fácil encontrar a saída que se conecta com a cidade formal. Como na mitologia, é necessário, para quem é de fora da favela, ser conduzido por um morador que faz o papel de fio condutor, já que compreende a espacialidade fluida e sempre em movimento dessas localidades. A aluna, porém, coloca o policial e os habitantes da favela na antiga posição dos traficantes. O tema da Ginga - o caminhar ondulante - não faz parte da colagem, mas o grupo de pessoas pode representar uma roda de samba. Um dos personagens, com uma régua 'T', faz alusão ao arquiteto das favelas que são todos os seus moradores anônimos, na eterna construção de seus labirintos.

**Análise compositiva** (Figura 2.6): a aluna trabalha com diferentes escalas. Mosaicos e desenhos murais se sobrepõem e dão um fundo ao labirinto; todas as figuras estão posicionadas ao redor deste. O fundo amarelo foi escolhido em função da cor do labirinto, fazendo com que este pareça se desmaterializar, quase que desaparecendo da *collage*. A árvore serve como cenário para o encontro vivo dos personagens que parecem saltar da folha de papel, uma dicotomia com a representação do labirinto, pautado por alguns poucos planos texturizados, que dão dinâmica à representação e tentam aproximá-lo do grupo de figuras. Ao mesmo tempo, podem simbolizar alguns pontos de referências para quem circula na trama labiríntica das ruas e becos das favelas. Um policial à direita inferior da composição se apresenta com pouca importância na *collage*, mas mantém a mesma linha do horizonte do grupo de 'pessoas'. Assim, sugere que estão olhando a favela de cima. Mesmo assim, é impossível compreender, tão pouco 'dominar' a trama labiríntica, que somente se constrói mentalmente a cada percurso realizado.

■ **Colagem “A desconstrução da vida social” baseada no texto extraído do livro:** Davis, M. (2006). *Planeta Favela*. Rio de Janeiro: Editora Boitempo. pp. 121-122.

**Narrativa e interpretação da colagem** (Figura 2.7): o texto trata a problemática da segregação social e a busca incessante por segurança, a



**2.7** Colagem - A desconstrução da vida social  
Autora: Cibele Peres

ideia de que a destruição das favelas poderá contribuir com a ‘ordem urbana’. A aluna desenvolve a temática, apresentando como foco da *collage* a figura de um ‘futebolista’ que tenta driblar as dificuldades impostas pela segregação social e urbana. Seu peito, um edifício em altura, atesta a rigidez de movimentos na cidade murada; ele está aprisionado dentro de si, sua cabeleira de edifícios talvez possa indicar que seu pensamento se encontra perturbado por onde pode e não pode circular livremente. Construções alinhadas sugerem delimitações e a possibilidade de estar dentro ou fora da cidade ultra artificial dos condomínios fechados. A busca por segurança está representada por um homem armado que poderia ser porteiro, dentro de sua guarita, vigiando a entrada e saída de moradores e visitantes (somente os autorizados).

**Análise compositiva** (Figura 2.7): a *collage* apresenta o ‘futebolista’ como destaque da composição. Vários triângulos, de geometria aproximada, surgem no fundo do papel e equilibram a composição por repetição. Os edifícios agrupados em diagonais ao fundo do personagem dão a ilusão de profundidade e dialogam com os edifícios que formam a ‘cabeleira’ da figura. Existe uma analogia formal com o ‘mundo’, formando a cabeça do personagem e a bola de futebol. A *collage* sugere ação e movimento, tanto do ‘futebolista’ como do homem armado, criando uma tensão no desenrolar da narrativa. A calcinha sobreposta cria um estranhamento e, ao mesmo tempo, torna a *collage* divertida e subversiva.

**Colagem “A morte mora ao lado” baseada no texto extraído do livro:** Davis, M. (2006). *Planeta Favela*. Rio de Janeiro: Editora Boitempo. p.43.

**Narrativa e interpretação da colagem** (Figura 2.8): o texto selecionado trata de um caso extremamente incomum de moradias herdadas, já que as favelas podem iniciar a sua formação em locais abandonados, utilizando-se de suas pré-existências. Trata-se de re-significar, dar novo sentido. O exemplo é a cidade dos Mortos, no Cairo, um antigo cemitério, onde mais de 1 milhão de pessoas pobres usam sepulturas como módulos habitacionais pré-fabricados. O cemitério foi ocupado por refugiados expulsos de Sinai e do Suez durante a guerra de 1967. A criatividade está no uso de placas fúnebres e cenotáfios como mobiliário. Externamente, a corda para secar a roupa é amarrada entre lápides.

A aluna para desenvolver a *collage* utiliza figuras de ossos e caixões sobrepostos para criar o ‘solo’ em que se assentam as habitações. Duas crianças assustadas estão atrás de um caixão com uma figura em seu interior; é apenas um desenho, ou uma memória latente de onde vi-



**2.8** Colagem - A morte mora ao lado  
Autora: Gabriela NoreMBERG

vem e convivem vivos e mortos. A *collage* sugere o interior de uma casa alegre, com quadros na parede e, misturando-se junto a eles, outro desenho de uma criança sentada com ossos sobre a mesa. De cabeça para baixo está um casal, nas mesmas cores que o solo, antigos moradores? Os 'fantasmas' não assustam e a aluna desenvolveu a temática de forma leve e divertida.

**Análise compositiva** (Figura 2.8): os quadros na 'parede' estão desalinçados e criam uma tensão na *collage*. A composição gira ao redor deste centro, onde estão concentradas as cores mais vibrantes (complementares-azul e laranja) e o olhar segue para a caveira pixelada<sup>1</sup>. A base tem mais peso, apesar das figuras invertidas na parte superior. Uma diagonal surge no eixo que divide simetricamente a caveira posicionada no canto superior direito. A composição sugere, como primeiro plano, o sofá, como segundo plano, os quadros, e as figuras invertidas apresentam-se abertas à interpretação.

<sup>1</sup> Uma vez que a palavra pixel entrou já no vocabulário português por via da informática e da digitalização e eletrônica, é legítimo criar a palavra "pixelar" como verbo e conjugá-lo. Pixelada = Visualização de quadrados numa imagem digital, para criar determinado efeito visual ou por causa de um aumento excessivo da imagem relativamente à sua resolução.





**2.9** Colagem - As carnes mais baratas dos mercados  
Autor: José Luiz Votto

**Colagem “As carnes mais baratas dos mercados” baseada no texto extraído do livro:** Davis, M. (2006). *Planeta Favela*. Rio de Janeiro: Editora Boitempo. p.189.

**Narrativa e interpretação da colagem** (Figura 2.9): o texto fala sobre uma das piores faces da economia informal: o comércio de órgãos humanos. Na Índia, a favela de Bharathi Nagar, em Villivakkam ficou conhecida como Nagar dos Rins. Muitos estrangeiros se dirigiam ao sul da Índia em busca do órgão. Estima-se que, nesta comunidade, mais de 500 pessoas, na sua maioria mulheres, venderam um rim como forma de subsistência.

O aluno busca retratar a temática através de tentáculos que conectam a cidade e a riqueza a um corpo ‘recortado pela tesoura’ e a um órgão, o qual representa a mutilação e o sofrimento. Os tentáculos sugam, capturam e não deixam escapar o órgão; cifrões flutuam; dois homens aparecem como intermediários da negociação. O aluno coloca uma figura, próxima à cabeça do corpo mutilado, um grupo de pessoas banhando-se num rio, representando a supremacia da mente sobre o corpo e a capacidade de superação da exploração humana. Anéis surgem sobre o grupo com a frase ‘cada delícia tem um preço’, levando o observador a um questionamento, além da representação da *collage*.

**Análise compositiva** (Figura 2.9): apresenta sobreposição de escalas e de figuras. Equilíbrio na composição já que a representação de cidade ocupa praticamente a mesma área das demais figuras. Os tentáculos conectam os dois setores da composição. Linhas diagonais dinamizam a composição, sendo que o corpo é paralelo à rua da cidade. O corpo 'mutilado' ocupa o ponto focal da composição. A leitura da *collage*, da esquerda para a direita, finaliza com a frase na direita superior colocada de forma estratégica. O dourado simboliza a riqueza, como moeda de troca; e o vermelho, a 'carne' que será vendida.



**2.10** Colagem - Terremoto e fogo  
Autora: Tauane Uarth



■ **Colagem “Terremoto e fogo” baseada no texto extraído do livro:** Davis, M. (2006). *Planeta Favela*. Rio de Janeiro: Editora Boitempo. pp.132-133.

**Narrativa e interpretação da colagem** (Figura 2.10): o texto refere-se a duas importantes ameaças às favelas em todo o mundo: os abalos sísmicos e os incêndios, sendo este último a principal causa de destruição. Segundo Kenneth Hewitt, geógrafo especialista em riscos, os terremotos já destruíram mais de 100 milhões de habitações durante o século XX, em sua maioria, em áreas de grande pobreza, como as favelas. Geralmente as áreas urbanas de maior poder aquisitivo estão assentadas em zonas de terrenos mais estáveis; consequentemente, recebem um impacto bem menor do que as áreas carentes, muitas vezes, assentadas em encostas e terrenos mal consolidados. O fogo é a principal ameaça às favelas, já que apresentam construções altamente inflamáveis, alto índice de densidade e a dificuldade de acesso de caminhões de bombeiros à malha labiríntica e estreita de seus caminhos e fluxos. O texto aponta para o fato de muitos incêndios serem criminosos e cometidos por incorporadores e proprietários. A aluna desenvolve o conteúdo com a representação da narrativa de ambas tragédias, os recortes de revista simulam diferentes espaços-temporais, o evento em si e suas consequências. A grande fragmentação sugere a força destrutiva dessas tragédias, frequentemente, anunciadas. Dois braços unidos chegam a um fragmento de uma perna, podendo relacionar, ao mesmo tempo, os heróis anônimos e as vidas salvas.

**Análise compositiva** (Figura 2.10): a *collage* está estruturada a partir de um centro do qual se desenvolve a narrativa. Fragmentos de terra e de uma explosão exprimem o momento da ação do terremoto, e à esquerda os escombros após o evento. A temática do incêndio ocupa um espaço reduzido no trabalho, porém integrado ao terremoto, mas com uma imagem de forte impacto e o vermelho do fogo se destaca na composição com predominância de tons neutros. Os braços e a perna se sobrepõem na forma de um ‘v’ sobre o centro dinamizando a composição. As justaposições dos recortes com o fundo do papel criam caminhos tortuosos e labirínticos de onde é difícil escapar.



neta terra está associado formalmente ao olho, e as duas imagens associadas podem passar a seguinte mensagem: 'Estamos de olho na água do nosso planeta!'. O fragmento da Terra recebe o feixe de água e está conectado com a figura do 'químico', representando um problema global de todas as favelas. A estrutura da composição apresenta dinamismo por apresentar duas linhas imaginárias paralelas em diagonal, onde se concentram os recortes.

### **Exercício didático: *Collage* e a favela na percepção de alunos de arquitetura**

O segundo exercício foi realizado na disciplina Expressão e Representação Gráfica 3, no terceiro semestre da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas em maio de 2016. Neste exercício, contou-se com a participação da professora Natália Naoumova. Resolvemos que, diferentemente do exercício anterior, realizado na outra disciplina, os alunos não iriam receber um texto para desenvolver a sua *collage*; o tema seria livre, e cada aluno daria um título para o seu trabalho. Foi apresentada uma aula expositiva sobre as possibilidades expressivas e técnicas da *collage*. Determinamos o mesmo formato de papel do exercício anterior, mas com a possibilidade de realizar uma técnica híbrida, já que poderiam realizar alguns desenhos, geralmente recriando a paisagem da favela. As imagens utilizadas foram provenientes de revistas de arquitetura, decoração, política e variedades e de imagens impressas de favelas brasileiras. Os temas foram surgindo naturalmente, alguns decididos a partir das imagens encontradas, para outros as imagens tinham que responder à ideia previamente formulada; porém apenas uma aluna carioca conhecia realmente uma favela.

Apresentamos aqui diversos olhares sobre a favela, que foram organizados em quatro assuntos recorrentes: (i) a força negra na favela, (ii) a favela e suas circunstâncias, (iii) a alegria mora aqui e (iv) a paisagem da favela. A narrativa que se segue nada mais é do que um ensaio, uma tentativa de descobrir o que as colagens podem revelar. Em meio a dados, surge uma interpretação subjetiva, a partir do olhar sobre os trabalhos e aberto a infinitas leituras por parte do público leitor.

## A força negra na favela



**2.12** Colagem - 'Flores na Janela, cores da Favela': a miséria como espetáculo  
Autor: Caio Mendonça Plácido.

A *collage* da Figura 2.12 traz à lembrança da época do Império no Brasil, do Brasil Colônia e da chegada dos negros oriundos da África, representando a força de trabalho que, junto com os imigrantes, construíram a nação. Escravos explorados, trabalhando de sol a sol nas fazendas de café e, no Sul, nas charqueadas<sup>2</sup>. No centro da *collage*, expressando poder, está a figura carrancuda de um possível oficial do exército imperial; denuncia as condições sub-humanas em que viveram os escravos até a miséria, disseminada na favela, caracteriza, assim, como um espaço da resistência dos negros e oprimidos. As flores que flutuam na *collage* surgem como esperança de renovação; no topo da caveira, sob o corpo de menino, resplandece um buquê de flores amarelas. O espetáculo da favela recomeça a cada amanhecer.

<sup>2</sup> Charqueada é a denominação da área da propriedade rural em que se produz o charque, sendo normalmente galpões cobertos onde a carne salgada é exposta para o processo de desidratação.



**2.13** Colagem - A favela  
Autora: Caroline Eifler

Na colagem da Figura 2.13 as mãos livres do escravo pairam sobre a favela e a imagem de uma Nossa Senhora fragmentada protege a todos. Entre seus dedos, um recorte de grama na forma de cifrão marca a sua história sem direito à propriedade da terra, que sempre escorria de suas mãos. Os escravos, após a abolição, formaram quilombos<sup>3</sup>, inicialmente, em terras nas periferias de fazendas das quais eram expulsos, pois sempre havia um proprietário. A abolição não teve como objetivo primordial a libertação; sob a bandeira da justiça e da igualdade, estava a urgência de modernizar o Brasil no caminho da industrialização. O destino deles e demais miseráveis, sem planejamento pelo Império e posterior República, vai dar lugar à construção de cortiços nas encostas dos morros. Inicia-se, então, o processo de urbanização irregular, chamado de favela; portanto foi o território formado pela força negra, que há pouco tempo passaram a sentir orgulho por morar na ‘comunidade’.

Segundo Meirelles e Athayde (2014), 72% dos moradores de favelas se declaram negros e 30% consideram que já sofreram discriminação racial e também pelo fato de serem moradores do morro. As mulheres negras dessas comunidades sofrem grande vulnerabilidade social, recebem baixos salários e estão, muitas vezes, expostas

<sup>3</sup> Os quilombos constituíram-se em locais de refúgio dos escravos africanos e afrodescendentes em todo o continente americano.



a maus tratos, violência doméstica e sexual. Dependem da ineficiência do sistema de mobilidade urbana para trabalharem, levando uma vida exaustiva da casa para o trabalho e vice-versa, além da tarefa de criar seus filhos se sujeitam a trabalhos, muitas vezes, mal remunerados, em função da baixa escolaridade. Pesquisas indicam que as mulheres negras sofrem racismo institucional principalmente nos serviços de saúde. Há relatos, em todo o Brasil, de situações de humilhação sofridas em hospitais públicos ao serem atendidas para dar à luz. Face a este triste panorama que viola os direitos humanos, a *collage* da Figura 2.14 enaltece a beleza e a graça da mulher negra; vários tons de pele são representados em pequenos retângulos, um sorriso sereno e os olhos fechados dão a dimensão da consciência e orgulho de ser mulher negra além da possibilidade de vislumbrar novos horizontes. Os cabelos encaracolados são reproduzidos por tiras da paisagem noturna da favela que iluminam o rosto e reafirmam o sentido de identidade.



2.14

Colagem - Mulheres da periferia  
Autora: Julia Arias







**2.16** Colagem - Corpo fechado, mente aberta  
Autora: Kelly Aires

ameaça dos moradores das favelas pelos traficantes e pela vigilância da polícia. Corpos mutilados e entorpecidos pela violência parecem cair em queda livre até a cidade dos arranha-céus. Sem acolhida e falta de hospitalidade, só lhe oferecem um pote de ração, e uma dose de Prozac é dada à hora de retornar à favela. A autora desta *collage* é a única aluna que realmente vivenciou o espaço das favelas e revela a dicotomia entre a cidade formal e a informal.

A *collage* da Figura 2.18 nos apresenta uma visão bastante comum e que foi, durante muitos anos, divulgada pelas mídias. Tudo indica que essa ideia de favela está sendo transformada drasticamente e talvez já não faça mais parte de forma tão viva do imaginário coletivo, considerando que este trabalho foi o único que retrata o traficante dominando o morro em meio à pobreza e desesperança. Embora muitos morros tenham sido dominados pelas Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) na cidade do Rio de Janeiro, o tráfico continua de forma mais silenciosa e contida, com menos armamento, menos mortes e embates. As organizações criminosas, durante muitas décadas, controlaram territórios abandonados pelo Estado. As UPPs, no caso do Rio de Janeiro não são a solução da problemática das favelas; são apenas o início de um movimento de transformação que não seguirá por caminhos seguros, sem políticas públicas no campo da educação, saúde, segurança e cultura na busca de um desenvolvimento social-econômico salutar.





2.17 Colagem - Um pote de ração e uma dose de Prozac  
Autora: Amanda Schwartz



2.18

Colagem - Realidade da Favela  
Autora: Juliana Conzatti

### A alegria mora aqui

A *collage* da Figura 2.19 apresenta um pouco da diversidade cultural da vida na favela: um sambista com um pandeiro e cavaquinho<sup>4</sup> no canto superior direito, que se refere à musicalidade de seus moradores. Atualmente, a música Gospel é tão ouvida quanto o samba nas favelas, e o hip hop com letras de protesto, dá lugar ao hip hop ostentação. O samba nasceu no morro e está enraizado nas periferias e favelas do Rio de Janeiro, símbolo da cultura negra brasileira. O samba do morro, passa a ter uma grande visibilidade, pela sua criatividade e qualidade musical, a partir da década de 60, período no qual o Brasil enfrentou a ditadura militar. A letra da música 'O morro não tem vez'

4 Um tipo pequeno de guitarra.

de 1963 de Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes revela o quanto a cidade tem a aprender com a favela: *'O morro não tem vez/E o que ele fez/Já foi demais/Mas olhem bem vocês/Quando derem vez ao morro/toda a cidade vai cantar/morro pede passagem/Morro quer se mostrar/Abram alas pro morro/Tamborim vai falar/É um, é dois, é três/É cem, é mil a batucar/O morro não tem vez/Mas se derem vez ao morro/Toda a cidade vai cantar'*.

O feroz consumismo, filho do capitalismo, já chegou às favelas. Segundo Meirelles e Athayde (2014), o contato com os bens de consumo e os anúncios publicitários sempre estiveram presentes na vivência dos seus habitantes.

A moça do Morro do Alemão que vai trabalhar na cobertura chique de Ipanema topa todos os dias com os símbolos sedutores da riqueza capitalista, seja o carro possante da patroa, seja a roupa de grife dos jovens da família (...) essa experiência já foi vivida por sua mãe, ou por sua avó, em outros tempos (Meirelles & Athayde, 2014, p.137).

Com o aumento real da renda, atualmente há muitas moradias que têm de tudo, cozinhas com vários eletrodomésticos, os quais nem as madames da zona sul sabem para o que servem. Casas com muito conforto, ar condicionado e televisão tela plana; mas muitos moradores infelizmente se perdem na hora de pagar seus carnês e os juros ameaçam comprometer o orçamento apertado. A *collage* da Figura 2.20 apresenta vários objetos e mobiliários no centro da composição, representando a ascensão econômica ocorrida nas favelas e que os 'sonhos de consumo' já estão se tornando realidade na vida de muitas pessoas, principalmente na favela da Rocinha, que segundo os próprios moradores, possui um ótimo comércio. Mesmo assim, é percebido que a maioria das pessoas costuma adquirir bens de consumo fora das comunidades.

A *collage* da Figura 2.21 tenta exaltar a alegria das crianças e dos moradores das favelas. Roupas de cores vibrantes contrastam com as construções em tijolos à vista, pratos de louça sobrepostos ajudam a compor uma visão divertida da favela. Espaços em branco onde alguns personagens se encontram, configuram-se como lugares de brincadeiras, como jogar bola, 'pique-pega', rodinhas de conversas etc. Os lugares são reconstruídos em suas brincadeiras e constroem sua identidade na interação com o ambiente. O espaço da favela apresenta-se vital e plástico, onde várias possibilidades físicas e sub-





**2.19** Colagem - A felicidade mora no morro  
Autora: Nathalie Vilela

**2.20** Colagem - Consumismo ultrapassando fronteiras  
Autora: Laura Klajn Baltar



jetivas são oferecidas aos seus usuários. As fronteiras entre os espaços privado e público se dissolvem, ao considerarmos que atividades realizadas internamente, no âmbito da casa, podem passar a serem exercidas no espaço da rua. As experiências afetivas no espaço da favela na infância ajudam a criar o sentido de pertencer àquele território, desenvolver a autoestima e percepção de segurança, mesmo em um ambiente com acontecimentos adversos. Segundo pesquisas de Coelho, Duarte e Vasconcellos (2006), a percepção do território da criança da favela da Rocinha se amplia, considerando a Floresta da Tijuca e a Praia de São Conrado, locais vizinhos à Rocinha, pertencentes ao seu território de domínio. A *collage* coloca figuras sobre lajes, soltando balões coloridos e pipa, espaço destinado também às brincadeiras infantis, além dos espaços residuais dos becos e escadarias. Coincidentemente, como as crianças da Rocinha, as *collages* dos alunos, em sua maioria, retrataram a paisagem do Rio de Janeiro indissociável à imagem inventada das favelas.

A *collage* da Figura 2.22 destaca os prazeres da favela, a boa comida, a feijoada servida no prato com laranja e couve, as peladas

**2.21** Colagem - Dinâmica do amanhã  
Autor: Lucas Noskoski







**2.22** Colagem - A voz da alegria  
Autor: Maureen Lautenschäger

com os pés descalços nos campinhos, o uso da camisa do time preferido, rodas de capoeira e a vontade inabalável de ser feliz. A cidade é representada pela aluna, em primeiro plano, mas nos indica um distanciamento da favela, já que cada uma possui seus próprios divertimentos. Da boca de Nara Leão<sup>5</sup>, quando jovem, partem três super-heróis, sobrevoam a favela livremente, pois não há mais tantos fuzis. Como é bela a vida na favela!

### **Paisagem da Favela**

A paisagem da favela se caracteriza pela sobreposição de construções nos planos horizontal e vertical, conformando becos, escadarias e largos, uma morfologia irregular, imagens que se auto replicam, sem planejamento. Parece lembrar cidades medievais, riqueza espacial sem igual. A composição do conjunto é de extrema delicadeza, formada pelas diferentes angulações entre unidades que, ao longe, criam uma imagem de sutil movimento. As lajes sobre as construções são lugares de passo, de reunião, de soltar pipa e de desfrutar da paisagem. Segundo Meirelles e Athayde (2014, p.154):

Uma residência não pode alagar outra, tampouco tapar sua janelinha. A favela, na sabedoria solidária do povo, constrói acordos possíveis, ergue-se numa arquitetura de simbioses e de co-operações’.

<sup>5</sup> Cantora brasileira de bossa nova e MPB (música popular brasileira) e ocasionalmente atriz, falecida em 1989.



**2.23** Colagem - Soltando pipa  
Autor: Lucas Linde de Melo

A *collage* da Figura 2.23 foi realizada tomando como base a fotografia de uma favela, cujo enfoque são as lajes. O aluno me disse: ‘professora, não tive tempo para terminar, queria ter colocado crianças brincando na laje’. De certa forma, elas estão presentes brincando, talvez em outras lajes, soltando pipa. Existe uma relação direta entre o espaço da laje e a paisagem da favela; são indissociáveis, e o aluno as representa na *collage*, deixando ambas praticamente contornadas pelas linhas do desenho. A laje é o lugar de paisagens de socialização, do encontro de crianças e adultos, da roda de samba ou pagode, de churrascos, de tomar banho de sol e se refrescar com a mangueira em dias tórridos. Ela representa o espaço de abertura, de amplidão na qual os olhos podem chegar até a linha do horizonte e paisagens contrastantes se complementam, natural e artificial, favela e cidade. Enfim, um espaço precioso para refletir sobre nosso lugar no mundo, porque ela cria a sensação de liberdade. Inclusive, ter uma laje é motivo de orgulho, de pertencer àquele lugar chamado Favela.

Muitos alunos recriam a paisagem da favela-morro, fato interessante porque, em nossa cidade, as referências de favela ou vila como são chamadas no sul do Brasil, são em terrenos absolutamente planos. O olhar do aluno se volta para fora da nossa realidade local, e muitas paisagens criadas se referem à cidade do Rio de Janeiro. O Cristo Redentor está presente no imaginário dos alunos de Arquitetura, com os olhos lacrimejando, trabalho da turma anterior, ou, como nesta *collage*, (Figura 2.24) em que no lugar da cabeça está uma te-

levisão, e na base do morro um local chamado 'casa vídeo', criando quase uma conexão direta entre os moradores e o Cristo. O Cristo, além de ser um elemento estruturador da paisagem do Rio de Janeiro, se apresenta como indissociável da imagem das favelas. A favela aqui é representada sobreposta ao morro, uma fusão e sinergia entre a natureza e as construções informais apilhadas da favela. Escadarias são representadas e ampliadas na *collage*, expressando o sistema circulatório da favela-morro. Na base, um recorte de um tênis talvez possa expressar o esforço físico diário dos moradores.



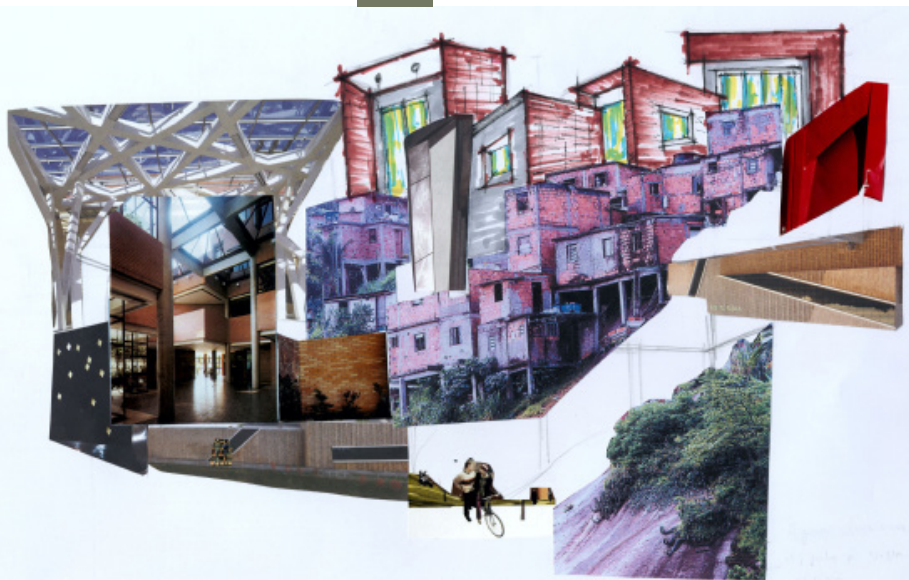
2.24

Colagem - Nos caminhos da favela  
Aluna: Laura Elisa Ohlweiler



Na *collage* da Figura 2.25, o aluno cria uma paisagem híbrida, na qual fragmentos de arquitetura contemporânea se enxertam de maneira articulada e pontual entre as construções da favela. A *collage* tenta abrir novas possibilidades de intervenções nas favelas, nas quais novos equipamentos urbanos podem ser inseridos de forma harmônica. Ajuda-nos, ainda, a compreender que a paisagem da favela pode ser até mais organizada visualmente do que certos espaços urbanos caóticos de nossas cidades formais onde arquiteturas se chocam e se agridem. A favela, portanto, poderia estar mais próxima, em termos morfológicos, por exemplo, da belíssima cidade italiana de Positano, na costa Amalfitana, com ruelas extremamente estreitas, escadarias serpenteando a montanha até encontrar o mar. Podemos encontrar diversas analogias formais com a paisagem das favelas; somente é preciso treinar nossos olhos.

A *collage* da Figura 2.26 capta as recentes transformações ocorridas na paisagem das favelas, que estão ganhando novas cores com a ajuda de artistas plásticos, grafiteiros da comunidade e a iniciativa privada (fabricante de tintas). Tal projeto se iniciou no Morro Santa Marta, no Rio de Janeiro, ficando reconhecida como a 'Favela mais colorida da cidade', após a pacificação do Morro pela polícia

**2.25**Colagem - Favela: paisagem contemporânea  
Autor: Juncris Namaya



**2.26** Colagem - Favela-paisagem multicor  
Autor: Gabriel Martins da Silva

em 2008. A *collage* expressa as possibilidades criativas com combinações de cores e desenhos em cada unidade e a sua relação com o conjunto, reforçando a sua analogia com a colorida cidade de Positano ou mesmo com as cidades do Cinque Terre também na Itália.

A *collage* da Figura 2.27 aborda a paisagem sempre em contínua transformação. A aluna utiliza elementos da construção civil, como detalhes de armadura, andaimes e fragmentos de estruturas em concreto para representar a temática; casas são desenhadas como forma de continuidade dos fragmentos fotográficos. Três planos de casas são sobrepostos de forma paralela, e o espaço entre elas indica as possibilidades de crescimento e constante construção e reconstrução. As tecnologias representadas têm como objetivo apenas representar a ideia da *collage*, considerando que as construções são realizadas com o saber intuitivo adquirido na prova e no erro. Surpreendentes soluções construtivas surgem, levando estruturas ao limite da economia. Talvez muitos engenheiros não se arriscariam, em projetar algo semelhante. As passarelas do Sesc Pompéia de Lina Bo Bardi, arquiteta modernista, surgem na *collage* sustentando um grande aglomerado de casas, expressando a criatividade construtiva das favelas que nascem da necessidade e da falta de recursos.

A paisagem se transforma, mas a forma de transformação, lenta e dispersa, de difícil identificação aos olhos do homem da cidade formal, faz com que a paisagem pareça sempre a mesma, uma estrutura que se auto-organiza, um perfeito fractal.



**2.27** Colagem - Constante construção  
Autora: Natália Favero

## Conclusão

Os trabalhos dos alunos sobre a favela apresentam-se como percepções individuais e parciais que dão indícios do pensamento coletivo sobre a temática na contemporaneidade. Os trabalhos realizados na disciplina de Expressão e Representação Gráfica 2, com a elaboração das *collages* fundamentadas na interpretação de textos, demonstraram que algumas temáticas, como a representação da paisagem, repetem-se de forma espontânea na outra disciplina com tema livre. Temas mais específicos, como a relação das favelas com a ecologia e a fragilidade de seus territórios não foram abordados pelo grupo de temática livre. Os trabalhos dos alunos da turma de Expressão e Representação Gráfica 3 foram analisados a partir de quatro temáticas identificadas previamente. Temas como a violência perderam o seu protagonismo na construção da imagem das favelas dando espaço a cultura das comunidades bem como a valorização de seus moradores e questões emergentes como o consumismo.

A técnica da *collage* mostrou-se potente, tanto na expressão de conteúdo, como na interpretação dos mesmos e, algumas vezes, contundente na representação de um tema, sempre expressando a síntese de uma ideia ou apresentando várias nuances de uma mesma temática.

***Bibliografia***

Coelho, G., Duarte C. & Vasconcellos, V. M. R. (2006). A criança e o espaço vivido na Favela: a complexidade do espaço nas interações da infância. *Oculum Ensaio, Revista de Arquitetura e Urbanismo*, n.6. PUC Campinas. pp.75-87.

Davis, M. (2006). *Planeta Favela*. Rio de Janeiro: Editora Boitempo.

Freire-Medeiros, B. (2009). *Gringo na laje. Produção, circulação e consumo da favela turística*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Fuão, F. F. (2011). *A collage como trajetória amorosa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Jacques, P. B. (2007). *Estética da ginga. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. 3ª edição Rio de Janeiro: Casa da Palavra Produção Editorial.

Meirelles, R. & Athayde, C. (2014). *Um país Chamado Favela*. São Paulo: Editora Gente.







## CAPÍTULO 3

# A FAVELA AOS OLHOS DO TURISTA

***Gisele Pereira***

Professora Adjunta  
Faculdade de Administração e Turismo  
Universidade Federal de Pelotas  
gisele\_pereira@hotmail.com

***Dalila Müller***

Professora Adjunta  
Faculdade de Administração e Turismo  
Universidade Federal de Pelotas  
dalilam2011@gmail.com

***Samara Camilotto***

Mestranda em Turismo e Hospitalidade  
Universidade de Caxias do Sul  
camilotto.sa@gmail.com



O turismo nas favelas do Rio de Janeiro constitui-se uma prática que ocorre desde a década de 1990, inicialmente na Favela da Rocinha, expandindo-se para outras favelas nos anos 2000. Essa prática tem sido discutida por vários autores, pois é um processo muito complexo, porque envolve vários atores, como agências de viagens, poder público, moradores e turistas. Neste capítulo, analisamos apenas um aspecto, ou seja, as percepções dos turistas a respeito do passeio realizado na favela da Rocinha ou na Santa Marta. Para tal, utilizamos os comentários postados pelos próprios turistas no *site TripAdvisor* no período de 2011 a 2015. A partir dos depoimentos, verificamos que, de modo geral, os turistas ressaltam os aspectos positivos da visita, considerando o passeio ‘um dos que mais marcou a [sua] vida’, ‘uma oportunidade a não perder’.



**3.1** Morro do Vidigal, onde residem 12.797 habitantes  
Foto: Adriana Portella

## Introdução

O turismo revela-se um fenômeno complexo que extrapola a simples noção de movimentação de pessoas e de divisas pelo globo. Embora seja evidente a sua força econômica, visto que o turismo corresponde a 9% do PIB (Produto Interno Bruto) mundial e gera 1 em cada 11 empregos no mundo, passando dos 25 milhões de turistas estrangeiros em 1950 para 1133 milhões em 2014, conforme dados da Organização Mundial do Turismo (2015), é preciso ir além. As implicações desse fenômeno relacionam-se não apenas à tradicional esfera econômica, como também às demais esferas com as quais o turismo interage: social, cultural, histórica, política e ambiental (Figura 3.1).

Atualmente, o turismo tem-se diversificado, alternando práticas turísticas de massa com o turismo alternativo. Um exemplo de prática turística alternativa é o tour de realidade que, segundo Freire-Medeiros (2007), pode ser dividido em dois tipos, os tours sociais, que têm como destinos localidades em desvantagem econômica, e os tours sombrios, que mobilizam emoções intensas e extremas. É nesse contexto que se insere o turismo na favela, que consiste na co-

mercialização dessas localidades brasileiras como atrativo turístico.

Freire-Medeiros (2007, p.63) considera que as ações turísticas nas favelas condensam as premissas dos dois tipos de tours de realidade citados, uma vez que 'permitem engajamento altruísta e politicamente correto, motivam sentimentos de aventura e deslumbramento'. Argumenta, ainda, que é a 'experiência do autêntico e do exótico, do risco e do trágico em um único lugar'.

O turismo na favela, notadamente na cidade do Rio Janeiro, é um fenômeno ainda recente, surgido na década de 1990, segundo alguns autores (Leitão, Araujo & Batista, 2012; Barbosa, 2015; Freire-Medeiros, 2009). A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Eco-92, realizada na cidade do Rio Janeiro, no ano de 1992, teria despertado o interesse dos participantes em conhecer as condições de vida dos moradores da Favela da Rocinha, enquanto a repercussão da gravação do videoclipe da canção 'They don't care about us', do cantor norte-americano Michael Jackson, na Favela Santa Marta, teria motivado o interesse de fãs e demais pessoas de conhecer o local. Porém, somente em 2006 a Rocinha se tornou ponto turístico oficial do Rio de Janeiro .

Segundo dados censitários de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 6% da população brasileira vive em aglomerados subnormais (favelas, comunidades, vilas etc.), o que corresponde a 11,4 milhões de pessoas. Só na cidade do Rio de Janeiro - líder nacional neste quesito - são 1,4 milhões de pessoas nesta condição, o que equivale a 22% de seus habitantes (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2012) (Figuras 3.2A, 3.2B e 3.2C).

Conforme esse cenário, observamos uma tendência crescente por parte de operadoras de turismo, residentes de favelas e do próprio poder público de investir nesta modalidade de turismo. As justificativas são as mais diversas: dinamização da economia local, inclusão social, urbanização, aprendizagem social e desenvolvimento. Entretanto, para muitos, esse tipo de turismo apenas potencializa os efeitos negativos desse empreendimento, ao explorar a pobreza alheia e expor os moradores a situação de 'safári humano', demandando uma profunda reflexão ética por parte dos profissionais envolvidos (Figura 3.3).

Vista de um hostel no Morro do Vidigal  
Fotos: Adriana Portella

**3.2A**  
**3.2B**  
**3.2C**









**3.3** No Morro da Providência foi colocado um trilho metálico no chão, com o objetivo de guiar o turista na visita dentro da comunidade  
Foto: Adriana Portella

Na tentativa de melhor compreender a relação entre turismo e favela, o presente estudo tem por objetivo analisar as percepções de turistas que realizaram passeios em duas favelas cariocas, as quais possuem grande apelo turístico - Rocinha e Santa Marta - quanto às suas experiências de turismo nesses locais.

Destacamos que as impressões dos turistas sobre o turismo nas favelas é apenas um aspecto do processo de comercialização da favela como atrativo turístico, que também envolve os empresários, o poder público, as ONGs e, principalmente, os moradores.

Buscamos analisar os comentários que são postados no *site* de viagens *TripAdvisor* ([www.tripadvisor.com.br](http://www.tripadvisor.com.br)) pelos turistas que fizeram o *tour* pelas favelas, seja com agência de viagem ou com guias locais, verificando os aspectos positivos e negativos destacados. Foram examinados 351 comentários, nos idiomas português, inglês e espanhol, postados entre 2011 e 2015, contemplando visitas guiadas e não guiadas às favelas da Rocinha e Santa Marta.

O *site TripAdvisor* se denomina o maior *site* de viagens do mundo e foi fundado em 2000 com o objetivo de reunir comentários sobre serviços e atrações turísticas. O *site* possui presença em 47 países e mais de 6,2 milhões de acomodações, restaurantes e atrações. Além disso, possui mais de 320 milhões de avaliações e opiniões (*TripAdvisor*, 2016).

No *site*, o indivíduo pode se cadastrar e, após, avaliar os lugares por onde passou em sua viagem ou passeio através de comentários e notas. É possível incluir informações como época da visita, se esteve acompanhado (família, amigos) ou sozinho, quanto gastou etc.

Voltados para a Web 2.0 que se caracteriza 'como uma plataforma onde a produção, controle e organização de conteúdo estão disponíveis a todos os seus usuários, que têm liberdade de interagir com o conteúdo' (Moura & Mandaji, 2014, p.05), turistas analisam os destinos e veem como é o serviço de um empreendimento ou a infraestrutura de um atrativo. O diferencial do *TripAdvisor*, assim como a Web 2.0 em geral, é que o usuário não só recebe a informação, ele é quem cria essa informação. Porém, mais que informação, o *site* influencia escolhas; afinal, ninguém quer ficar em um hotel que possui avaliações negativas.

O *site* tornou-se, nos últimos anos, muito acessado por pessoas

que buscam informações para suas viagens, sendo uma ferramenta de consulta muito popular entre os turistas. As postagens sobre a qualidade dos serviços e equipamentos, sobre a experiência, boa ou ruim, em um local turístico servem como sugestão para outros turistas.

### **Favela da Rocinha: conhecida como a maior favela do Brasil (ou ‘da América Latina’)**

A Rocinha é considerada uma das maiores favelas do Brasil com 69.161 habitantes, segundo o IBGE (2010, apud Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2012). Localizada na zona sul do Rio de Janeiro está entre os bairros da Gávea e de São Conrado (Figura 3.4).

Até o século XVIII, o local era ocupado pelo engenho de açúcar Quebra Cangalha e, após esse período, passou a ser destinado para o cultivo de café. Em 1929, com a crise cafeeira, a fazenda foi loteada e passou a ser ocupada por pequenos agricultores, migrantes, operários industriais e imigrantes europeus. Dedicando-se à agricultura, esses moradores vendiam suas produções nas feiras da zona sul da cidade onde explicavam que o seu produto vinha de uma ‘rocinha’ que ficava no Alto da Gávea. Em função disso, o local ficou conhecido com o nome de Rocinha (Bruno, 2013).

Entre 1927 e 1930, o local foi loteado e os lotes destinados à venda. Com a falência da companhia responsável pela implantação do loteamento e melhoria das condições de acesso à área, a ocupação irregular da Rocinha cresceu que, ‘partindo do sopé do morro, se estenderia, ao longo dos anos, na direção dos terrenos à montante, segundo normas não escritas, que estabeleciam limites e procedimentos para os que ali chegavam’ (Leitão et al., 2012, pp. 107-108).

Nas décadas de 1950 e 1960, houve um acentuado crescimento populacional por conta da demanda por mão de obra na construção civil, ocasionada pelo crescimento urbano dos bairros Ipanema, Leblon, Gávea e Jardim Botânico (Bruno, 2013). Leitão et al. (2012) apresentam dados de recenseamentos feitos na favela: em 1950, existiam 4.513 habitantes. Em 1974, os dados apontavam a presença de 33.790 habitantes e, em 1980, esse número praticamente triplicou, quando a Rocinha alcançou o total de 97.945 habitantes.



### 3.4 Favela da Rocinha

Foto: Chensiyuan

Fonte: disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1\\_rocinha\\_favela\\_closeup.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1_rocinha_favela_closeup.JPG), acessado em 30.12.2016

No ano de 1980, um relatório elaborado pela Fundação Estadual de Engenharia e Meio-Ambiente (FEEMA) destacou a presença da criminalidade na comunidade e a existência de zonas consideradas perigosas. No final da década de 1990, 'de acordo com autoridades da área de segurança pública, a Rocinha havia se tornado um 'entrepasto das drogas no Rio' e um 'ponto de encontro de chefes do Comando Vermelho' – uma das facções criminosas atuantes nas favelas cariocas' (Leitão et al., 2012, p.108). A pacificação e a instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) ocorreu no ano de 2011.

Em relação ao turismo, as primeiras excursões turísticas à Rocinha se deram no ano de 1992, por conta da realização do evento internacional ECO-92, na cidade do Rio de Janeiro, quando autoridades que participaram do evento fizeram visitas às comunidades, buscando conhecer o padrão de vida desses agrupamentos carentes (Leitão et al., 2012).

Em 2006, a Rocinha foi declarada ponto turístico oficial do município do Rio de Janeiro, através do projeto proposto pela então vereadora Lilian Sá (Araujo, 2013). Nesse mesmo ano, o jornal O Globo informou que a favela que mais recebia turistas era a Rocinha, com média de 2,5 mil visitantes ao mês (Acioli, Silva & Souza, 2014). Antes da pacificação, o tráfico de drogas influenciava diretamente no turismo na Rocinha, o qual fazia parte do 'pacote de exotismo' oferecido pelos guias aos turistas estrangeiros, mesmo que o contato com traficantes e fotos em determinados locais fossem proibidos (Leitão et al., 2012).



Em 2009, moradores e lideranças comunitárias realizaram um Fórum de Turismo na Rocinha. Leitão et al. (2012, p.113) apresentam informações do Jornal de Turismo, ao explicarem o objetivo do evento: 'desenvolver o turismo de forma sustentável, valorizando a cultura local e qualificando produtos e serviços'.

Dur passeios turísticos realizados na favela, geralmente ocorrem três paradas principais. A primeira é na Rua 1, onde fica o ponto de venda de souvenirs elaborados por moradores locais. Lá é possível comprar quadros, chaveiros e bolsas com estampas do Corcovado, Cristo Redentor, dentre outros pontos turísticos do Rio de Janeiro (Araujo, 2013). A segunda parada é na laje da casa de um morador, onde os visitantes visualizam a amplitude da Rocinha, o cotidiano da população (Leitão et al., 2012). Também observam parte do bairro São Conrado, localizado próximo à favela, com condomínios de classe média alta onde os visitantes se deparam com o paradoxo dos 'que têm e dos que não têm' (Freire-Medeiros, 2006, p. 14). Uma terceira parada é no largo do Boiadeiro, onde há uma feira de produtos nordestinos (Araujo, 2013).

## **Favela Santa Marta: a favela visitada por Michael Jackson**

A Favela Santa Marta está localizada no Morro Dona Marta, no bairro de Botafogo. Situado na orla carioca, próximo a parques e à Lagoa Rodrigo de Freitas, o bairro é considerado uma das áreas mais nobres da zona sul do Rio de Janeiro. Possui duas ruas principais, uma em paralelo com a outra, a Voluntários da Pátria e a São Clemente que é o principal acesso à favela Santa Marta, na altura da Praça Corumbá (Barbosa, 2015) (Figura 3.5).

O nome da favela surgiu por conta de um fiel de Santa Marta que, no início do século XX, levou uma imagem da santa ao alto do morro e, em 1930, construiu uma capela para abrigá-la (Carvalho, 2013). As primeiras casas surgiram no fim da década de 1920, em uma área de terrenos que pertencia ao Colégio Santo Inácio. Os barracos de madeira começaram a ser construídos, com permissão, principalmente por trabalhadores das obras de expansão do Colégio Santo Inácio, dando, assim, origem à atual favela (Barbosa, 2015).



Em 1950, foi feito um recenseamento e constatou-se que Santa Marta já possuía 1.632 habitantes. Barbosa (2015, p. 170) explica que o aumento de população acompanhou o boom demográfico de favelas da zona sul carioca ‘sobretudo por oferecerem uma mão-de-obra barata para a construção civil, mercado que se encontrava em ascensão’.

Dois acontecimentos projetaram a favela internacionalmente. O primeiro ficou conhecido como a ‘batalha do Morro Dona Marta’ quando, em 1987, morreu o chefe da quadrilha que controlava a venda de drogas no local, passando o comando das atividades para seu filho, popularmente conhecido como Perereca. Este último foi considerado despreparado para assumir o cargo e foi assassinado, ocasionando um combate entre dois grupos pelo comando do comércio de drogas. Durante sete dias, houve violento conflito armado no local, com grande cobertura midiática, construindo, assim, a ‘metáfora da ‘guerra’ ligada ao tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro’ (Barbosa, 2015, p.171).

**3.5****Favela Santa Marta**

Foto: disponível em [www.favelapainting.com](http://www.favelapainting.com), [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vista\\_Santa\\_Marta.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vista_Santa_Marta.jpg), acessado em 30.12.2016



O outro acontecimento foi a visita do cantor norte-americano Michael Jackson à favela no ano de 1996 para a gravação de cenas do videoclipe da música 'They don't care about us', dirigido pelo cineasta Spike Lee (Figura 3.6). Houve suspeitas de que os produtores do videoclipe 'negociaram os detalhes da gravação diretamente com o chefe do tráfico de drogas da favela, o Marcinho VP' (Barbosa, 2015, p.172). Outra polêmica foi a acusação de autoridades locais e regionais de que o videoclipe exploraria comercialmente a pobreza e reforçaria o estereótipo da favela como lugar de pobreza e violência. Em resposta às acusações Spike Lee disse: 'O que eles acham? Que a pobreza no Brasil é segredo?' (Barbosa, 2015, p. 172).

Em 29 de maio de 2008, foi inaugurado, na favela, o Plano Inclinado do Santa Marta, chamado de 'bondinho', um sistema de transporte que percorre 340 metros pela lateral leste do morro, tendo cinco estações e sua utilização gratuita diariamente das 06h às

Estátua do Michael Jackson no local que ficou conhecido como

'Lage do Michael Jackson' no Morro Santa Marta

Foto: Guilherme Mendes Cruz

Fonte: disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lage\\_do\\_Michael\\_Jackson,\\_Morro\\_Santa\\_Marta\\_\(RJ\).JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lage_do_Michael_Jackson,_Morro_Santa_Marta_(RJ).JPG), acessado em 30.12.2016

3.6



23h30min. O bondinho se desloca da Escadaria até o Pico do Morro, onde ficam o Campinho e a sede da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) (Barbosa, 2015).

Em 2008, especificamente em 19 de dezembro, a Santa Marta foi a primeira favela do Rio de Janeiro a ser ocupada por uma UPP (Carvalho, 2013). As UPPs foram criadas pelo governo do Estado com o objetivo de pacificar as favelas que, antes, conviviam com a violência (Annuniação & Faria, 2011).

No ano seguinte, 2009, foi instalada uma rede de internet wireless (wi-fi) gratuita no morro para utilização da comunidade. Carvalho (2013, p. 09) destaca que ‘a companhia de energia elétrica Light entrou como responsável pelo investimento na renovação do sistema elétrico na região’. Em 2011, a Cedae (Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro) iniciou a renovação do sistema de fornecimento de água (Carvalho, 2013).

Em relação à infraestrutura, a comunidade é considerada de pequeno porte, comparada com outras comunidades da zona sul. Os dados apresentados por Carvalho (2013) demonstram que a favela possui 54.692 metros quadrados, 4.800 moradores e 1.370 residências. Além disso, conta com linhas de ônibus que fazem o percurso até o centro da cidade em 20 minutos e está próxima à estação de metrô Botafogo, que fica a cinco minutos de caminhada (Barbosa, 2015).

Possuindo limites bem definidos, Santa Marta não possui muitas possibilidades de expansão territorial; sendo assim, o seu crescimento ocorre verticalmente, tendo construções de até cinco pavimentos (Carvalho, 2013).

Atualmente, a favela Santa Marta é considerada ‘favela modelo’. Barbosa (2015, p.172) ressalta que ‘a projeção alcançada pela favela Santa Marta nos meios de imprensa contribuiu para a construção de um status que a destaca em relação a outros assentamentos urbanos’.

Toda essa visibilidade foi incorporada na estratégia da administração pública. Em agosto de 2010, a Secretaria de Estado do Turismo em parceria com o Ministério do Turismo, lançaram o projeto piloto do programa Rio Top Tour (Carvalho, 2013).

Foram instalados guarda-corpos em locais de risco ao turista,

sinalização turística e um quiosque que funciona das 08h às 17h com estagiários do curso Técnico de Turismo da rede estadual de ensino, fornecendo informações turísticas (Barbosa, 2015).

Além disso, foram concedidas linhas de crédito para que comerciantes locais pudessem desenvolver seus empreendimentos. O projeto mapeou 34 pontos de interesse turísticos e foram feitas melhorias nos principais pontos. Foi construído, também, o ‘Espaço Michael Jackson’. Com a formação no curso de Técnico em Turismo, alguns moradores passaram a investir no guiamento turístico pela favela (Barbosa, 2015).

A partir disso, alguns guias locais se mobilizaram para reivindicar a criação de algumas regras para o ‘mercado turístico’ da favela. Foi criado o Comitê de Turismo da Santa Marta cujo objetivo é organizar a atividade turística da favela sob bases locais e resolver problemas advindos do turismo, como aliciamento de menores, incômodo aos moradores, invasão de privacidade e supostas mentiras contadas pelos guias de agências estrangeiras. Barbosa (2015) explica que, na favela Santa Marta, os guias procuram controlar a ‘história oficial’ que é contada. Além disso, buscam:

[...] por novas formas de se contar a história da Favela Santa Marta através de representações sobre este lugar que não tenham relação necessária com a violência ligada ao tráfico de drogas, ou a redução da favela ao significado da pobreza e exclusão. O turismo apresenta-se como uma alternativa para o ‘reencantamento’ destes lugares (Barbosa, 2015, p. 176).

## Comentários do *TripAdvisor*: a favela aos olhos dos turistas

Analisando os comentários, podemos verificar que a maioria dos turistas que deixaram suas impressões sobre a experiência do turismo na favela da Rocinha ou na Santa Marta é estrangeira. Freire-Medeiros (2009) já havia concluído que 99% dos turistas que visitam as favelas são estrangeiros, sendo raros os turistas brasileiros. Outra característica deste turismo é que a maioria fez o passeio com empresa ou guia locais, sendo uma pequena parcela (15 turistas) que utilizou agências de viagens.

A partir da análise dos 351 comentários publicados no *site* do TripAdvisor, no período de 2011 a 2015, identificamos alguns temas comuns a todos, os quais se repetem nas falas dos diversos sujeitos. Para a maioria dos turistas que postaram comentários, a visita à Santa Marta ou à Rocinha foi caracterizada por um (ou mais) dos seguintes elementos:

- (i) Medo, insegurança e perigo
- (ii) Belezas cênicas
- (iii) Hospitalidade e cordialidade de guias de turismo locais e moradores
- (iv) Realidade diferente

Um sentimento inicial dos turistas antes de iniciarem o tour, e talvez o principal, é o de medo e de insegurança. Relatado por grande parte dos turistas, esse sentimento se dissipou assim que o visitante entrou na favela, demonstrando que a experiência do turismo tem modificado a percepção inicial sobre a favela. Freire-Medeiros (2009) constatou, em sua pesquisa, que os moradores da favela apostam no turismo como uma possibilidade de desmistificar a imagem violenta reiterada pelas elites e veiculada pelos meios de comunicação, o que parece que vem acontecendo com os turistas, como demonstram os depoimentos a seguir:

*‘Fui com mais dois amigos, e apesar da apreensão inicial, a verdade é que nunca em momento algum nos sentimos inseguros, constrangidos ou intimidados, antes pelo contrário, o ambiente é superdescontraído as pessoas são bastante afáveis. [...]’* (Turista português).

*‘Apesar de lo que uno generalmente piensa, entrar a la favela no fue en absoluto peligroso, todo lo contrario, la gente es amigable y no tienen problema en fotografarse’* (Turista, não especificou a nacionalidade).

*‘Confesso que o meu maior receio era a insegurança e/ou poder não ser bem recebida pela comunidade, afinal estaríamos a “invadir” as suas casas, mas durante todo o tour nunca me senti insegura e as pessoas receberam-nos bem e cumprimentavam-nos conforme passávamos’* (Turista portuguesa).

*‘Everyone was standing there kind-of looking around like ‘are we going to be robbed’, ‘is this safe’ but Carlos explained that this is*



*one of the many misconceptions of the Favela'* (Turista bermudense).

A localização das favelas permite uma vista privilegiada do Rio de Janeiro e de outras atrações turísticas da cidade, como o Cristo Redentor, a Pedra da Gávea, as praias do Leblon, de Ipanema, entre outros. As belezas do Rio de Janeiro vistas das lajes das favelas também despertam sentimentos nos turistas, os quais são destacados na maioria dos depoimentos:

*'Havia no nosso grupo mais de uma dezena de estrangeiros que também aproveitaram a visita, a incrível vista do mirante e a caipirinha na metade do caminho. Há comércio para compra de refrigerantes durante o percurso. [...] Vale a pena!'* (Turista paulista).

*'Tal como já foi referido noutros comentários a vista é magnífica, pelo que este é sem dúvida um passeio imprescindível numa visita ao Rio de Janeiro'* (Turista português).

*'O melhor de tudo é a vista, que é exatamente aquilo que todo mundo fala: a melhor vista do Rio de Janeiro é a da favela. De todos os lugares que eu já conheci pelo mundo, esse é sem dúvidas um dos que mais que marcou minha vida'* (Turista paranaense).

*'Terminado el segundo tramo, llegamos a la parte de la favela más alta, donde "Si" hay una bonita vista de la ciudad [...]'* (Turista argentina).

Os comentários ressaltam a hospitalidade e a cordialidade dos moradores e dos guias de turismo locais. Os turistas consideram que 'o ambiente é superdescontraído e as pessoas são bastante afáveis. Tivemos a oportunidade de conhecer o interior de uma das casas onde nos foi servido uma caipirinha magnífica. [...] (Turista português); 'la gente es amigable y no tienen problema en fotografarse' (Turista, não especificou a nacionalidade). Os depoimentos demonstram que o morador da favela é simpático à presença dos turistas, como também verificado por Freire-Medeiros (2009). Segundo Freire, os moradores não rejeitam o turista, mas contestam a maneira como muitos passeios são conduzidos pela favela.

Como destacado anteriormente, a maioria dos passeios foi realizada com guias locais, o que, segundo os turistas, tornou o passeio mais agradável. O guia Thiago é lembrado em grande parte dos co-

mentários postados por turistas que fizeram o passeio na favela Santa Marta:

*‘O Thiago Firmino é o guia ideal para vos mostrar a Favela, uma pessoa supersimpática, bem-disposta, é mesmo morador da Santa Marta e bastante envolvido em vários projectos na mesma. Para quem procura o contato mais próximo possível com a Favela, ele é sem dúvida a pessoa indicada’* (Turista português).

*‘O Thiago Firmino é um guia incrível, conhece a comunidade como a palma da mão e responde qualquer dúvida que você tiver’* (Turista paranaense).

*‘O guia Thiago Firmino, é uma pessoa da comunidade, até nos mostrou um pouco do interior da sua casa. Tem imensa vontade de ajudar a melhorar a vida das pessoas da comunidade. Obrigada Thiago :)’* (Turista portuguesa).

*‘O Thiago é extremamente gentil e atencioso e nos leva pelo ‘tremzinho’ até o topo do morro descendo e explicando a história da favela, os problemas atuais e conquistas da comunidade’* (Turista paulista).

As impressões dos usuários do TripAdvisor, quanto aos passeios acompanhados por guias das próprias comunidades realizados às duas favelas, são, em sua maioria, positivas. Além disso, demonstram como títulos dos comentários as expressões que seguem: ‘Adorei!’, ‘Muito Interessante’, ‘Um passeio imprescindível’, ‘Programa obrigatório no Rio de Janeiro!’, reforçando o caráter benéfico da experiência.

Além dos aspectos positivos destacados, o turismo na favela possibilita uma reflexão sobre a vida na favela, mas também sobre a própria vida do turista. Os depoimentos a seguir revelam essas reflexões:

*‘É uma realidade social bastante dura. Mas todos são bem felizes e orgulham-se bastante da sua comunidade’* (Turista portuguesa).

*‘Muito bom ter a oportunidade de conhecer o outro lado do Rio que poucos conhecem e que muitas vezes passa despercebido. O turismo é uma atividade que serve principalmente para a inclusão social que é o que ocorre nas favelas’* (Turista cearense).

*‘Foi a quarta vez que visitei o Rio de Janeiro, e nunca noutra’*

*passaio me senti tão completo e agradado como neste Tour pela Favela Santa Marta. É uma oportunidade a não perder, o Rio tem muito mais para oferecer do que os tradicionais locais turísticos, e este Tour é sem dúvida a prova viva disso mesmo. Tinha imensa curiosidade em conhecer o interior de uma favela, perceber como é que as pessoas vivem, quais são as condições em que o fazem, as dificuldades que têm no dia a dia, e o que está a ser feito para melhorar as suas condições de vida, e este passeio é perfeito para isso mesmo’ (Turista português).*

*‘Conhecer a realidade da favela por dentro é uma super experiência, que pode mudar sua vida e sua forma de ver o mundo’ (Turista paranaense).*

*‘Fui recomendado a este tour a la rocinha de rio, con dudas sobre si espiar la miseria seria tomado a mal por los ocupantes y si invadir ese espacio no seria un acto morboso de mi parte. Pero una vez finalizado, cuando sali de la favela me di cuenta lo mucho que se han organizado para salir adelante y lo frenetico del movimiento de la gente para hacer cosas y progresar. Recibi una leccion de como siempre se puede mejorar con trabajo y decision y en lugar de pena, esa gente me dio un ejemplo de vida y superacion que me dejo pensando’ (Turista argentino).*

*‘I can’t call this wonderful, exciting, or any of these terms that makes you think that this is your average vacation tour. It’s not. But it is a view of how over 90% of people in Rio live. It’s a chance to see the REAL Rio. If you go to Rio to sit on the beach and sip Caipirinhas all day, you can do that anywhere in the world, and to be fair, the beach is average at best’ (Turista bermudense).*

Os depoimentos reiteram que o turismo na favela se revela uma experiência ‘duplamente transformadora: por um lado, tornam-se mais conscientes de seu lugar no mundo; por outro, passam a ter uma percepção condizente com a ‘realidade’ do lugar visitado’ (Freire-Medeiros, 2009, pp.87-88).

O turismo na favela tem sido percebido, principalmente, pelo senso comum, como indecente, desrespeitoso, insano, arriscado. Porém, alguns estudos acadêmicos (Freire-Medeiros, 2009) têm mostrado que a favela turística não é avaliada como algo imoral por nenhum dos atores envolvidos – turistas, moradores, agências de viagens, poder público. Os depoimentos dos turistas analisados revelam que a

visita à favela, de modo geral, é uma experiência enriquecedora.

*‘Não podia ter sido melhor esta experiência. [...] Recomendo a 100% esta visita a todos que querem visitar uma Favela’* (Turista portuguesa).

*‘No final o sentimento de satisfação era comum, com a opinião geral de que este tinha sido um passeio magnífico’* (Turista português).

*‘O Tour pelo Santa Marta foi, de longe, o melhor programa que fiz na minha viagem ao Rio. [...] De todos os lugares que eu já conheci pelo mundo, esse é sem dúvidas um dos que mais que marcou minha vida’* (Turista paranaense).

*‘Es un paseo increíble donde ves la realidad de las favelas’* (Turista, não especificou a nacionalidade).

*‘Recomiendo este paseo, sólo para reflexionar, y hacer algo al respecto. Sino, mejor mirar la Cidade Maravilhosa desde el Cristo, y tomando sol en Ipanema’* (Turista argentina).

*‘I have to highly recommend this tour for anybody who wants to look around a real Rio favela and see the everyday peoples way of life [...]. As part of a trip to Rio it should be as much an essential think to do as going to Christ the Redeemer or Sugarloaf Mountain’* (Turista inglês).

*‘This tour was probably the best adventure we had while in Rio and I would recommend it to anyone that is visiting for more than a fictitious fairytale’* (Turista bermudense).

Apesar do caráter positivo e enriquecedor da experiência turística na favela, destacado na maioria dos relatos analisados, constatamos também a manifestação de alguns aspectos negativos quanto ao passeio, por parte dos usuários do *TripAdvisor*. Tais aspectos negativos mencionados pelos turistas, nos comentários examinados, referem-se à falta de infraestrutura, principalmente em termos de saneamento básico, e de sanitários disponíveis no decorrer do tour. Os depoimentos abaixo demonstram essa situação:

*‘Só deixa a desejar em relação a sanitários, não possui infraestrutura suficiente para atender a demanda de turistas’* (Turista carioca).

*'Entretanto, não deixa de ser deprimente ver as condições de (falta de) infraestrutura e saneamento em que se vive nas favelas' (Turista paulista).*

*'No entanto, a precariedade de saneamento não é diferente da cidade organizada. Eles não têm tratamento de esgoto e sabem disso' (Turista paulista).*

## Conclusão

Neste capítulo, analisamos 351 comentários postados no *site TripAdvisor* por turistas que visitaram as favelas da Rocinha ou Santa Marta no período de 2011 a 2015, com o objetivo de verificar as percepções dos mesmos sobre sua experiência turística na favela.

A grande maioria dos turistas é estrangeira, vindos da América do Sul e do Norte, da Europa e do continente Africano. Os brasileiros são uma minoria e provem de vários estados brasileiros, sendo a maioria do Rio de Janeiro. A utilização dos serviços de guias de turismo por moradores das comunidades revela-se a forma mais comum de se fazer o passeio, o que, segundo os depoimentos, agregou valor positivo à experiência.

Os turistas ressaltam, nos depoimentos os pontos positivos da visitação, recomendando o passeio para os demais interessados. Os principais aspectos relatados foram o sentimento de segurança durante o passeio, desmistificando a ideia da favela, enquanto um local perigoso; a importância do guia local, que conhece melhor a favela e torna o passeio mais agradável; a hospitalidade e a cordialidade dos moradores; a vista proporcionada pela localização das favelas; e, principalmente, a possibilidade de reflexão sobre a vida dos moradores e do próprio turista. Os únicos aspectos negativos apontados pelos turistas foram a falta de infraestrutura (saneamento básico) e de sanitários.

O turista que busca o passeio na favela quer ver o outro Rio de Janeiro, o Rio longe das praias, das festas, dos 'cartões-postais' tradicionais. Isso não quer dizer que ele também não visite esses lugares e aproveite todos os encantos da cidade, mas mostra que ele quer, de



alguma forma, estar em contato com todas as faces multiculturais do destino turístico.

De modo geral, os comentários dos turistas demonstram a riqueza da experiência do turismo na favela, sendo considerado um passeio 'dos que mais marcou minha vida', 'uma oportunidade a não perder'.

**Bibliografia**

Acioli, B. P. L., Silva, L. A. D. da, & Souza, J. N. S. de. (2014, outubro). O Consumo no Turismo de Favelas da Cidade do Rio de Janeiro: uma Análise da Percepção e Construção de Valor entre o Observador e o Observado. Anais do 11º Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, Resende, RJ. Disponível em <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/46020598.pdf>. Acessado em 12.03.2015.

Anunciação, A. L. da, & Faria, M. G. de. (2011, junho). Turismo de Experiência nas Favelas Cariocas: Uma análise desta atividade e seu impacto nestas comunidades. Anais do 5º Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, Foz do Iguaçu, PR. Disponível em <http://festivaldeturismodascataratas.com/wp-content/uploads/2014/01/4.-TURISMO-DE-EXPERI%C3%8ANCIA-NAS-FAVELAS-CARIOCAS.pdf>. Acessado em 12.03.2015.

Araujo, M. (2013). A Indústria do Turismo e a Apropriação e Exploração de Identidades Locais: O Caso “Favela Tour”. (Monografia de Graduação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RS. Disponível em de <http://academico.tagcultural.com.br/a-industria-do-turismo-e-a-apropriacao-e-exploracao-de-identidades-locais-o-caso-favela-tour/>. Acessado em 12.03.2015.

Barbosa, G. F. (2015). A Favela Santa Marta e seus guias de turismo: identidade, mobilização e conflito [Número especial]. Revista Iberoamericana de Turismo, 5, 169-179. Disponível em [http://lemetro.ifcs.ufrj.br/gabriel\\_barbosa\\_revista\\_iberamericana.pdf](http://lemetro.ifcs.ufrj.br/gabriel_barbosa_revista_iberamericana.pdf). Acessado em 20.06.2015.

Bruno, V. M. (2013). Turismo em Favelas: reflexões sobre a turistificação de comunidades excluídas na cidade do Rio de Janeiro. (Monografia de Graduação). Universidade de Brasília, Brasília, DF. Disponível em [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7063/1/2013\\_VeronicaMacielBruno.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7063/1/2013_VeronicaMacielBruno.pdf). Acessado em 20.06.2015.

Carvalho, F. C. (2013). O Turismo Comunitário na Favela Santa Marta: Perspectivas sobre o programa Rio Top Tour no contexto eufórico do Rio de Janeiro pacificado. Anais - Encontros Nacionais da Anpur, 15, pp.1-17. Disponível em <http://unuhostpedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/4379/4248>. Acessado em 20.06.2015.

Freire-Medeiros, B. (2009). *Gringo na Laje: produção, circulação e consumo da favela turística*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.

Freire-Medeiros, B. (2007). A Favela que se Vê e que se Vende. Reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22(65), 61-72. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n65/a06v2265.pdf>. Acessado em 20.06.2015.

Freire-Medeiros, B. (2006, setembro). A construção da favela como atração turística. *Anais da Calacs Conference*, Calgary, Canadá. Disponível em <http://docplayer.com.br/6447958-A-construcao-da-favela-como-atracao-turistica.html>. Acessado em 20.06.2015.

Leitão, G., Araujo, H., & Batista, A. S. (2012, junho). *Novos Roteiros na Cidade Maravilhosa: o Turismo na Favela da Rocinha*. *Anais do 1º Congresso de Arquitetura, Turismo e Sustentabilidade*, Cataguases, MG. Disponível em [http://www.catscataguases.com.br/dvd\\_2012/pdf/eixo2\\_003\\_Novos\\_roteiros\\_na\\_Cidade\\_Maravilhosa.pdf](http://www.catscataguases.com.br/dvd_2012/pdf/eixo2_003_Novos_roteiros_na_Cidade_Maravilhosa.pdf). Acessado em 20.06.2015.

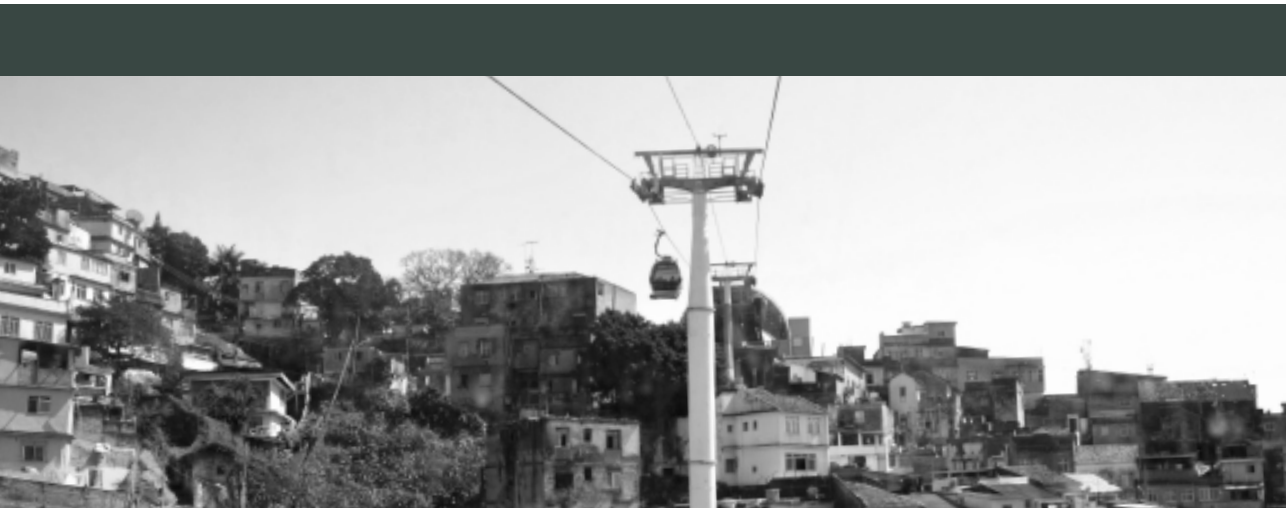
Moura, K. F., & Mandaji, C. F. da S. (2014, maio). A relação das hashtags com as palavras de ordem presentes nas Manifestações Brasileiras de 2013. *Anais do 15º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*, Palhoça, SC. Disponível em <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-1334-1.pdf>. Acessado em 25.08.2015.

Organização Mundial do Turismo. (2015). *Tourism Highlights*. Disponível em <http://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416899>. Acessado em 20.06.2016.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. (2012). *Favelas na cidade do Rio de Janeiro: o quadro populacional com base no Censo 2010*. Disponível em [http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudosocariocas/download%5C3190\\_Favelas-nacidadedoRiodeJaneiro\\_Censo\\_2010.PDF](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudosocariocas/download%5C3190_Favelas-nacidadedoRiodeJaneiro_Censo_2010.PDF). Acessado em 20.06.2016.

Tripadvisor. (2016). Disponível em <https://www.tripadvisor.com.br/>. Acessado em 10.03.2016.





## CAPÍTULO 4

# MEGAEVENTOS E O CONTEXTO DAS REMOÇÕES NAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO

*Gabriela Costa da Silva*

Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional  
Faculdade de Arquitetura

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
[gs.arq@hotmail.com.br](mailto:gs.arq@hotmail.com.br)





Este capítulo tem como objetivo verificar o processo de remoção de moradores no Rio de Janeiro, visto que a cidade foi uma das sedes para os jogos da Copa do Mundo de 2014 e palco das Olimpíadas de 2016. Obras de infraestrutura urbana, equipamentos esportivos e mobilidade ocorreram para atender aos megaeventos; contudo, muitas famílias foram removidas para que esses projetos fossem executados. Além dessa razão, demais remoções foram justificadas pelas moradias estarem em áreas de risco ou preservação ambiental, ou por estarem em áreas de gentrificação. Muitas famílias ainda estão sendo realocadas, já que comunidades resistiram ante às atitudes do Governo, com o objetivo de exigir direitos humanos à moradia. À vista disso, tem-se como meta refletir sobre a maneira com que as remoções aconteceram na cidade, em conjunto com as estratégias de planejamento urbano, verificando se tais ações estão beneficiando a população, independentemente da classe social.

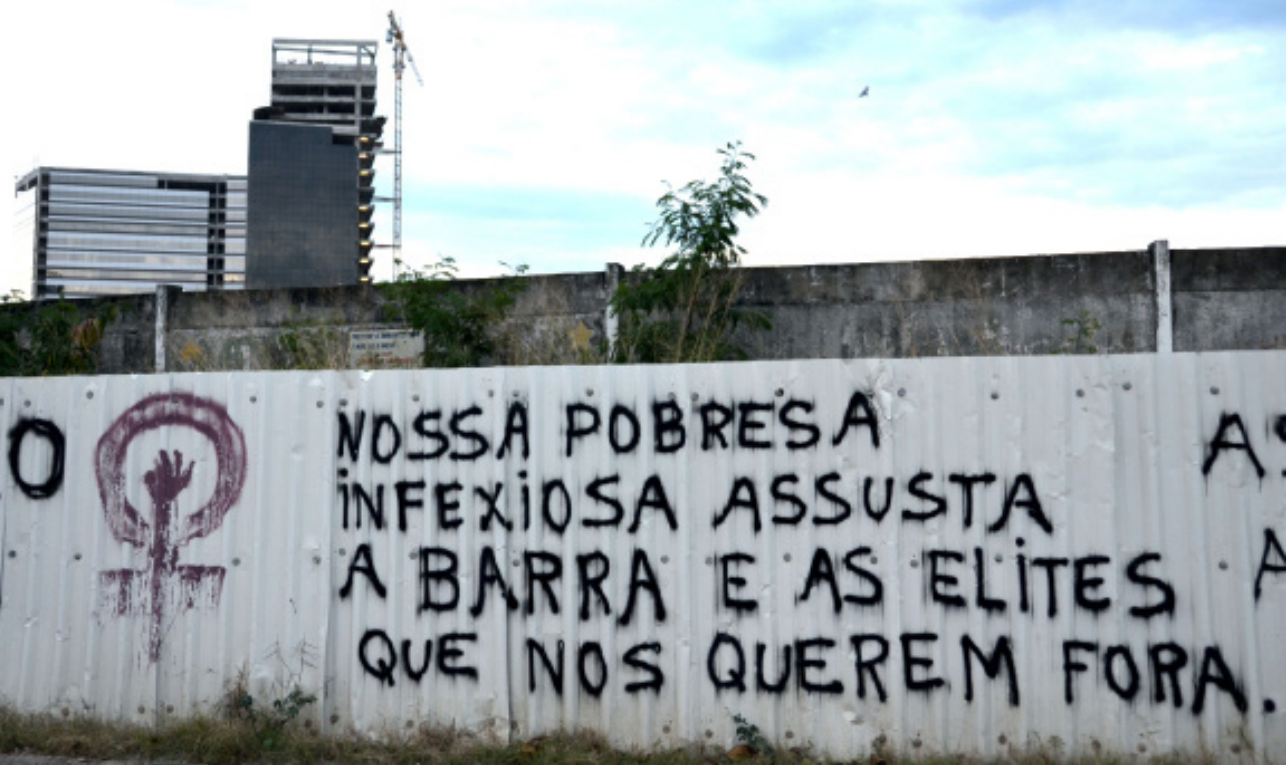
*Palavras-chave:* megaeventos; remoção; favela; direitos humanos; direito à moradia.



**4.1** Remoções na Vila Autódromo, localizada ao lado do Parque Olímpico  
Foto: Adriana Portella

## Introdução

O Rio de Janeiro foi uma das cidades escolhidas para a realização dos jogos da Copa do Mundo de 2014 e sede das Olimpíadas de 2016. Tendo em vista que um megaevento pode servir como uma grande oportunidade para a cidade crescer economicamente, desenvolver novas regiões e obter um legado sustentável (Rodrigues, 2013), o objetivo do Governo era que, na dimensão urbana, as iniciativas geradoras de legado visassem a atender melhorias na mobilidade, saneamento, habitação; em suma, na qualidade de vida da população. Com relação às infraestruturas, o objetivo era qualificar equipamentos (estádios, vias urbanas, aeroportos e portos) e serviços (turismo, segurança, energia, tecnologia da informação e sustentabilidade ambiental), a fim de melhor atender à realização do evento. Assim sendo, tais melhorias deveriam beneficiar a população após os jogos, tendo como propósito reduzir a desigualdade social, ampliar os direitos do cidadão, investir em saúde, educação, acessibilidade e segurança, trazendo, por consequência, um legado positivo para os brasileiros (Ministério do Esporte, 2011). Conforme o Dossiê de Candidatura do Rio de Janeiro para as Olimpíadas, sediar o megaevento revela-se fundamental para 'antecipar a realização de aspirações de longo prazo do Rio de Janeiro, aprimorando o tecido social, físico e ambiental da cidade' (Comitê Olímpico Brasileiro, 2009, p. 18).



**4.2** Muro que divide a Vila do Autódromo do Parque Olímpico  
Foto: Adriana Portella

Conforme o Instituto de Estudo do Trabalho e Sociedade (2006), 63% dos moradores do Rio de Janeiro acreditam que a cidade estará em piores condições em 2026. Em 2008, outra pesquisa foi realizada pela ONG 'Rio Como Vamos' (2008), a qual indicou que 36% dos cariocas não tinham orgulho de morar na cidade e 61% afirmaram ter sua qualidade de vida regredida, comparada com o ano anterior. Tal fato impôs novos desafios para os gestores de planejamento diante da oportunidade de reverter essa percepção, a partir dos investimentos para satisfazer aos megaeventos.

Ante as promessas do Governo, a imagem da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016 se associou às oportunidades de desenvolvimento econômico que traria benefícios para a população, a partir das intervenções urbanísticas na cidade do Rio de Janeiro. Todavia, quando as obras começaram tendo como consequência as remoções, percebeu-se que o legado atenderia a novos empreendimentos que se associavam ao maior poder econômico (Faulhaber & Azevedo, 2015). Tal fato foi confirmado pela Secretaria Municipal de Habitação do Rio de Janeiro a partir do Jornal O Globo, por Bastos e Schmidt (2010. n.p.):

A Secretaria Municipal de Habitação já relacionou 119 favelas que serão removidas integralmente pela prefeitura até o fim de 2012, por estarem em locais de risco de deslizamento ou inundação, de proteção ambiental ou destinados a logradouros públicos. Com pelo menos 12.196 domicílios, essas comunidades ocupam 2,34 milhões de metros quadrados - uma área maior do que o bairro do Leblon. O secretário Jorge Bittar informou que trechos não urbanizáveis de outras favelas, que ainda estão sendo levantados, também serão desocupados. Entre as favelas que vão desaparecer estão a do Horto (Jardim Botânico), a Indiana (Tijuca), a da CCPL (Benfica), a do Metrô (Maracanã), a Vila Autódromo (Barra) e a Vila Taboinhas (Vargem Grande). É o caso também da pequena Matinha, num trecho de floresta atrás do Ciep Ayrton Senna e na vizinhança da Rocinha.

Conforme o Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro<sup>1</sup> (2014), 9.429 famílias foram removidas, correspondendo a aproximadamente 42.430 pessoas (Figuras 4.1 e 4.2). Até o ano de 2014, 4.772 famílias (21.474 pessoas) já haviam sido removidas, em função de obras para receber os megaeventos, estando elas em áreas classificadas como de risco. Entretanto, destacamos que esse número pode aumentar em função de que muitas famílias estão em áreas de gentrificação (Faulhaber & Azevedo, 2015). De acordo com Gaffney (2013) e Raeder (2010), a gentrificação está relacionada à transformação do ambiente construído com a criação de novos serviços, requalificação residencial e a alteração de leis de zoneamento, o que permite um aumento no valor dos imóveis, aumento da densidade populacional e mudança no perfil socioeconômico.

Segundo o Panorama do mercado imobiliário do Rio de Janeiro (Secovi-RJ), a cidade obteve maior valorização de imóvel entre 2001 e 2010, quando os valores residenciais e comerciais subiram 400% e 700%, respectivamente. A reestruturação urbana e as expectativas dos megaeventos foram contribuintes para a valorização imobiliária (G1, 2012). Esse processo indica a ascensão da periferia para os pobres e o renascimento do centro da cidade para novos investimentos.

1 O Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro tem como propósito alertar violações referentes à moradia, à falta de participação e informação, ao desrespeito à legislação e direitos ambientais, aos direitos trabalhistas e ao desperdício de dinheiro público. A intenção era reparar todos os direitos violados, garantindo a permanência de todas as comunidades e bairros populares (Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014).

Destacamos que as remoções acontecem em maior concentração em áreas mais valorizadas ou com tendência à valorização (Faulhaber & Azevedo, 2015). Consoante Marinho, Campagnan e Cosentino (2014), os projetos de melhorias urbanas no Rio de Janeiro estão sendo realizados para a elitização da cidade, visto que as classes populares são vistas como barreiras ante as obras (Figura 4.3).

## A cidade das exceções: o contexto das remoções

Os megaeventos esportivos estão cada vez mais relacionados com desapropriações, em função da execução de novas infraestruturas e melhorias urbanas (Clarke, 2013). Para atender à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas de 2016, a Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa (2014) calculou que aproximadamente 250 mil pessoas foram removidas em todo o Brasil, sendo 42.430 no Rio de Janeiro. A cidade é a segunda com o maior número de remoções, considerando que São Paulo ocupa a primeira posição, atingindo 89.200 moradores. Salientamos que essas remoções ainda acontecem, tendo em vista que muitos projetos não foram finalizados a tempo para a Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016.

Visando à preparação do Rio de Janeiro para sediar os megaeventos, as remoções estão relacionadas a seis justificativas: (i) obras viárias associadas aos corredores dos BRTs; (ii) obras de ampliação do aeroporto, (iii) obras de instalação ou reforma de equipamentos esportivos; (iv) obras voltadas à promoção turística na área portuária; (v) áreas de risco e interesse ambiental e (vi) áreas de interesse turístico e imobiliário. Com relação às remoções que ocorrem a partir das obras de mobilidade urbana, há três projetos de *Bus Rapid Transit* (BRT): (i) Transcarioca, (ii) Transoeste e (iii) Transolímpica (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014).

Acerca das obras viárias, o BRT Transcarioca faz ligação entre a Barra da Tijuca e a Ilha do Governador, percorrendo 27 bairros em 39 quilômetros (Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2016). Tal obra atinge a remoção total e parcial de 1.315 famílias das seguintes favelas: Arroio Pavuna, Comunidade São Francisco de Assis, Vila Sapê, Chácara do Tanque, Chacrinha do Mato Alto, Vila Campinho, Comendador Lisboa, Vila Santo Antônio Uga-Uga, Avenida Teixeira de Castro e Parque União (Faulhaber & Azevedo, 2015).



A BRT da Transoeste, concluída em 2012, faz a ligação entre a Barra da Tijuca com Santa Cruz e Campo Grande, conectando a Zona Sul com a Zona Oeste da cidade em 52 quilômetros (Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2016). Para sua execução, 457 famílias foram removidas de cinco favelas: Comunidade Restinga, Comunidade Vila Harmonia, Comunidade Vila Recreio II, Notredame, Vila da Amoedo e Vila Taboinha (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014; Marinho, Campagnan & Cosentino, 2014).

Ainda relacionado à mobilidade urbana, a BRT Transolímpica interliga o Recreio dos Bandeirantes com a Deodoro (Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2016). Tal obra atinge a Vila União de Curicica, Vila Azaleia, Colônia Juliano Moreira e Asa Branca (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014).

Para viabilizar a construção da terceira pista de voo do Aeroporto Internacional Tom Jobim (Galeão), 5.220 famílias foram removidas, provenientes das comunidades Tubiacanga, Parque Royal, Portuguesa e Barbante (Ilha do Governador) (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014).

Em relação às instalações de equipamentos esportivos, as me-

**4.3**

Associação dos Moradores da Vila do Autódromo. Esta associação resistiu até o final graças a força do líder da comunidade  
Foto: Adriana Portella





**4.4** Vila Autódromo em 04/09/2015  
Foto: Adriana Portella

lhorias das infraestruturas do entorno do Estádio Olímpico João Havelange, conhecido como Engenho, ocasionaram a remoção da favela Belém-Belém, ocupada por 300 famílias desde 1972 (Faulhaber & Azevedo, 2015). A comunidade Metrô-Mangueira, constituída por 700 famílias ao redor do estádio Maracanã, também foi atingida pelas remoções. Dentre essas, 108 famílias foram reassentadas em um conjunto habitacional na Zona Oeste, estando aproximadamente 70 quilômetros do local de origem. A partir das mobilizações realizadas pela comunidade, 246 famílias foram reassentadas no Conjunto Mangueira I e 216 no Conjunto Maneira II. Demais famílias foram reassentadas em outro conjunto habitacional localizado em Triagem (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014; Marinho, Campagnan & Cosentino, 2014).

A Aldeia Maracanã, composta por 20 índios de diferentes etnias, ocupava o antigo Museu do Índio desde 2006, com o intuito de reivindicar a regularização da ocupação e transformar o local na primeira Universidade Indígena (Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2011; Borges, 2014). Contudo, devido às obras para a Copa do Mundo (2014) e às Olimpíadas (2016), o Governo decidiu demoli-la, sob o argumento de liberar a saída dos torcedores nos dias dos jogos no Maracanã, além de definir o edifício de 1865 sem valor histórico. Em 2013, policiais invadiram a Aldeia Maracanã

e retiraram os indígenas que foram levados para Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde foram alojados em contêineres (Farias, 2014; Castro & Novaes, 2015).

A Favela do Sambódromo, composta por 60 famílias, foi removida para o Condomínio Oiti, a partir do Programa Minha Casa Minha Vida, localizado a 60 quilômetros do local de origem. A remoção foi justificada pelo local abrigar a saída e chegada da maratona das Olimpíadas de 2016, além de provas de tiro com arco (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014).

Por último, a Vila Autódromo, localizada na Barra da Tijuca, abrange maiores debates quanto às remoções por estar localizada ao lado do Parque Olímpico. As primeiras ocupações ocorreram em 1980 e, desde essa época, os moradores criaram uma associação para reivindicar infraestrutura (Tanaka, 2014) e adquirir a regularização fundiária, obtida em 1996 (Freire, 2013; Vale & Gray, 2013). Com a crescente expansão urbana, a região da Barra da Tijuca tornou-se área para novos investimentos imobiliários, fazendo com que a Vila Autódromo começasse a ser ameaça de remoção (Freire, 2013).

A resistência da comunidade durou até 2014, quando 336 famílias foram removidas para o conjunto habitacional Parque Carioca (Tanaka, 2014; Berta, 2015). Os argumentos do Governo para justificar as remoções indicaram que a área era de risco para a moradia, a ocupação causava dano estético e ambiental ao local, sendo a desocupação também necessária para permitir a ampliação das Avenidas Ablardo Bueno e Salvador. A população da Vila, entretanto, afirma que o único interesse do Governo para a remoção é a valorização imobiliária da Barra da Tijuca (Vale & Gray, 2013).

Até o ano de 2015, das 760 residências existentes na Vila do Autódromo, 590 foram desocupadas (336 famílias foram realocadas para conjuntos habitacionais e 254 receberam indenizações). As famílias que resistiram por mais tempo receberam altas indenizações em função da valorização do local e pela documentação existente de posse do terreno (chegando até R\$ 1 milhão). Mesmo assim, em 2015 ainda haviam 170 famílias resistindo as remoções (Berta, 2015). (Figuras 4.4, 4,5 e 4,6).



**4.5** Vila Autódromo em 04/09/2015  
Foto: Adriana Portella



**4.6** Vila Autódromo e suas ambiências  
Foto: Adriana Portella

As intervenções no Porto Maravilha atingiram 6.837 famílias. Conforme o Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro (2014), a região portuária ficou muitas décadas sem receber investimentos da Prefeitura Municipal. Muitos edifícios pertencentes ao Estado e à União que estavam sem uso foram ocupados pela população que não tinha onde morar. Com a intervenção no local, oito comunidades foram removidas: Zumbi dos Palmares, Boa Vista, Flor do Asfalto, Machado de Assis, Casarão Azul, Guerreiros do 234, Guerreiros do 510 e Quilombo das Guerreiras (Faulhaber & Azevedo, 2015).

Além disso, moradores do Morro da Providência estão sendo ameaçados de remoção sob argumento de promover melhorias nas habitações a partir do Programa Morar Carioca. Consoante ao Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro (2014) e a Faulhaber e Azevedo (2015), as remoções no Morro da Providência estão diretamente relacionadas às demandas turísticas, identificadas a partir da construção do teleférico, de mirantes, do plano inclinado e da abertura de novas vias.





Em função das remoções para a construção do teleférico, 291 famílias saíram de suas casas e 481 foram ameaçadas de remoção por conta das áreas de risco e urbanização (Figuras 4.7A, 4.7B, 4.7C). Contudo, em virtude da insegurança dos moradores que não sabiam para onde iriam ser relocados e da falta de acesso ao laudo técnico da Secretaria Municipal de Habitação que identificasse as especificações das obras previstas, a Defensoria Pública Estadual interpôs uma ação cautelar contra a Prefeitura (DMH), requerendo a suspensão de qualquer remoção antes de debates com a comunidade atingida. Após o conhecimento superficial das áreas de remoção e suas respectivas razões, um contra laudo geotécnico foi realizado, identificando que novas soluções poderiam minimizar o número de remoções e que muitas das casas identificadas para a demolição não se encontram em áreas de risco (Santos & Marcos, 2011).

As remoções de moradias localizadas nas áreas consideradas de risco e interesse ambiental não estão diretamente relacionadas aos megaeventos, todavia, se intensificaram para a preparação dos jogos, atingindo nove favelas: (i) Comunidade da Estradinha, (ii) Virgolândia, (iii) Comunidade do Pavão-Pavãozinho, (iv) Muzema, (v) Manguinhos, (vi) Vidigal, (vii) Santa Marta, (viii) Horto e (ix) Indiana (Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014). Segundo pesquisa realizada pela Geo-Rio (2013), o Rio de Janeiro apresentava 18 mil famílias residindo em localidades propensas a desastres naturais, como desabamentos. Todavia, nota-se que essa justificativa está sendo dada muitas vezes para atender outros interesses. Exemplo para essa situação é a comunidade Vila Alto Camorim, localizada no bairro da Barra da Tijuca, que está ameaçada de remoção com a justificativa de estar localizada em área de preservação ambiental. Entretanto, um novo empreendimento de alto padrão foi projetado para a mesma área (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014).

Dentre esses locais, destaca-se que as remoções no Morro do Vidigal e de Santa Marta também estão relacionadas ao interesse turístico (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro,

## CAPÍTULO 4 | MEGAEVENTOS E O CONTEXTO DAS REMOÇÕES NAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO

2014). No Vidigal, a pressão ante às remoções vem desde 1977, justificadas pela possibilidade de desabamento. Contudo, desde essa época, já havia projetos de hotéis de luxo no local que receberiam turistas (Magalhães, 2010). Em 2012, a construção de uma estrada turística em conjunto de empreendimentos hoteleiros estava ameaçando a remoção de famílias no local sob a justificativa de área de risco (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014).

**4.8A 4.8C**  
**4.8B 4.8D**

Morro da Providência  
Fotos: Adriana Portella





#### 4.9

O Vidigal hoje é uma das favelas mais urbanizadas e cobiçadas por estrangeiros e artistas nacionais  
Foto: Adriana Portella



No Morro Santa Marta, 550 residências foram removidas para a construção de 634 metros de um eco limite, em forma de muro, em 2009. Essa ação tinha o intuito de limitar o crescimento horizontal e remover as famílias localizadas no pico do morro, caracterizado por habitações mais precárias e ponto de tráfico (Silva, 2015). Em 2012, 150 casas do pico foram demarcadas para a remoção, sob o argumento de estarem localizadas em área de risco. Entretanto, os moradores questionam o real motivo das remoções, visto que o local está sendo alvo de agências turísticas<sup>2</sup>, principalmente após a instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). À vista disso, moradores do morro Santa Marta também passaram a disponibilizar serviços de visitas turísticas<sup>3</sup>.

Além das remoções de forma direta, há também a chamada ‘remoção branca’ proveniente da gentrificação, ocasionada também no Morro da Providência, bem como na favela Santa Marta, Morro do Vidigal e Cantagalo (ANCOP, 2014). A valorização torna-se positiva para aquelas famílias que possuem o título de propriedade dos terrenos de suas casas. Entretanto, para aquelas que pagam aluguel, na maioria das vezes, torna-se inviável a permanência nas suas comunidades, já que o valor dos aluguéis aumentou 50% desde 2013 (Faulhaber & Azevedo, 2015) (4.8A, 4.8B, 4.8C, 4.8D e 4.9).

<sup>2</sup> Jeep Tour. Disponível em: (<http://jeeptour.com.br/>). Rio Adventure. Disponível em: (<http://rioadventures.com/tour/favela-tour-rio-de-janeiro/>).

<sup>3</sup> Santa Marta tour favela. Disponível em: (<http://www.favelasantamartatour.blogspot.com.br/>).



**4.10** A vida da rua que se torna ameaçada pelas remoções - Morro da Providência  
Foto: Adriana Portella

De maneira geral, as remoções no Rio de Janeiro são caracterizadas pelas seguintes situações: (i) localização dos reassentamentos em áreas distantes da residência original, geralmente localizadas na Zona Oeste, chegando até 70 quilômetros de distância de algumas comunidades; (ii) as indenizações oferecidas não garantem outro imóvel na mesma localidade devido ao valor corresponder apenas à residência, descartando a posse de terra; (iii) uso de violência no momento das remoções, havendo casos do uso de spray de pimenta e bomba de gás lacrimogêneo; (iv) falta de participação na discussão dos projetos promovidos pela prefeitura; (v) sem divulgação de quais as famílias seriam atingidas pelas remoções, quando essas ações iriam ocorrer, para onde essas pessoas seriam realocadas e como seria realizado tal processo; (vi) negociações entre a família removida e servidores da Prefeitura de forma individual, não havendo as mesmas ofertas para todas as famílias, além de procedimentos de pressão e coação de forma a forçar os moradores a aceitarem ofertas pela Prefeitura; (vii) favorecimento para alguns líderes comunitários, como altas indenizações, contribuiu para que essas pessoas incentivassem os demais a não resistirem às remoções; (viii) inserção de pessoas fora das comunidades atingidas em reuniões como forma de se oporem à resistência; (ix) após a demolição das residências, os escombros não





**4.11** O olhar inocente - Morro da Providência  
Foto: Adriana Portella

são retirados, aumentando a proliferação de doenças e animais mortos; (x) aumento da violência, visto que muitas casas semidemolidas são transformadas em pontos de tráfico (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014; Marinho, Campagnani & Cosentino, 2014). A vida cotidiana no morro se torna ameaçada (Figuras 4.10, 4.11, 4.12A, 4.12B, 4.12C e 4.12D). Completando a caracterização das remoções:

A retirada de famílias é a face mais cruel do urbanismo olímpico ao cortar drasticamente relações sociais, estabelecidas em boa parte por proximidades espaciais, que têm valores insubstituíveis para a vida de muitos cidadãos. São os pobres os mais afetados por estas ações já que muitas delas são empreendidas não somente para viabilizar construtos que são necessários para proporcionar os usos esportivos, mas também para delinear a imagem urbana ideal para atração de investidores e consumidores que não refutam a paisagem da pobreza' (Raeder, 2010, p.104).

Conforme a Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa (2014), há casos em que a Prefeitura do Rio de Janeiro iniciou o processo de remoção em datas festivas, como as famílias do Largo do Tanque que foram removidas no Carnaval de 2013, a favela Metrô-Mangureira removida no período das férias escolares e famílias da Vila Recreio II retiradas no Natal de 2010. Nesse último, a Prefeitura havia prometido aos moradores que deixaria passar as datas de final de ano, contudo, no dia 23 de dezembro 2010 houve a demolição das residências.

As remoções dessas famílias foram justificadas pela falta de registro do terreno, uma vez que as áreas apropriadas pertencem ao Poder Público. Contudo, conforme o art. 183 da Constituição Federal (Brasil, 1988) há o reconhecimento de posse de espaços públicos ou privados por pessoas que não possuem condições de acesso à moradia:

Aquele que possuir como sua área urbana de até duzentos e cinquenta metros quadrados, por cinco anos, ininterruptamente e sem oposição, utilizando-a para sua moradia ou de sua família, adquirir-lhe-á o domínio, desde que não seja proprietário de outro imóvel urbano ou rural' (Brasil, 1988).

Mesmo com a existência da lei, o valor das indenizações é estipulado a partir do Decreto 34.522/2011, não sendo contabilizado o





**4.12A 4.12C**  
**4.12B 4.12D**

A vida e a identidade do Morro da Providência são construídas pelas pessoas, paisagem natural e patrimônio histórico  
Fotos: Adriana Portella

custo da terra. A avaliação é realizada a partir das benfeitorias (Marinho, Campagnani & Cosentino, 2014; Rolnik, 2014a), correspondendo a uma média de R\$ 28 mil, não atingindo o valor máximo estipulado pelo Decreto 34.522/2011 de R\$ 62 mil. Em outras situações, há o pagamento do aluguel social, correspondendo entre R\$ 300,00 e R\$ 500,00, impossibilitando a permanência da pessoa no bairro ou, até mesmo, na mesma cidade (Rolnik, 2014a).

O valor referente às indenizações e ao Programa do Aluguel Social têm sido insuficiente para garantir o direito à moradia dessas famílias em locais próximos da residência original, trazendo como consequência a falta de acesso aos locais de trabalho, aos meios de sobrevivência e à rede socioeconômica (Rolnik, 2014a). Conforme a Procuradoria Geral do Município do Rio de Janeiro, as pessoas que

têm seu imóvel determinado como utilidade pública são obrigadas a aceitar a desapropriação, sem ter a possibilidade do impedimento. O morador tem o direito de reivindicar o valor proposto para a indenização; contudo, não havendo acordo com a Prefeitura, a desapropriação ocorrerá da mesma forma (Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2010).

Dentre os locais para o reassentamento, a Zona Oeste abrange a maior concentração das unidades habitacionais, a partir do Programa Minha Casa Minha Vida. Além da distância em relação a residência removida ser considerada superior ao que os tratados de direitos humanos exigem como direito (2 quilômetros), muitas das unidades habitacionais já apresentam problemas quanto a rachaduras tanto pela parte interna dos apartamentos, quanto pela área externa (Faulhaber & Azevedo, 2015). Ainda, a área dessas construções já é conhecida pela presença de grupos de milícia, que aproveitam o poder de intimidação para a cobrança de taxas de serviços básicos (luz, água, esgoto, segurança, transporte) (Marinho, Campagnani & Cosentino, 2014). Esse problema foi retratado no Jornal do Estadão, em 4 de janeiro de 2015, por Rogero (2015. n.p.):

No Rio, o maior problema é a milícia. Três denúncias apontam o Condomínio Ferrara, em Campo Grande, na Zona Oeste. Em agosto, a Polícia Civil prendeu 21 supostos integrantes de uma quadrilha que faturava R\$ 1 milhão por mês com a cobrança de taxas, venda e aluguel de imóveis em seis condomínios do Minha Casa Minha Vida, entre eles o Ferrara. Quem não cumpria as ordens era expulso. Se voltasse, era espancado ou morto. Denúncias envolvendo a atuação de milícias representaram 10% do total. A prostituição dentro de condomínios foi informada em 8% dos relatos.

Os mesmos acontecimentos foram exibidos em uma matéria do jornal online Extra, em maio de 2011 [n.p.], que denuncia as ameaças e assassinatos comandados por milícias em condomínios do Programa Minha Casa Minha Vida na Zona Oeste:

Este é um problema muito grave, que precisa ser enfrentado para não colocar em risco a continuidade do programa. Este ano temos previsão de entregar 12 mil unidades habitacionais, mas 80% delas ficam em bairros da Zona Oeste, onde é grande a atividade das milícias. O tráfico é um problema sério, sem dúvida, mas os milicianos contam diretamente com a participação de policiais, tornando muito difícil o combate’.

Para que esse problema fosse reduzido, Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) foram instaladas nas favelas para dar maior segurança aos moradores. O Morro Santa Marta foi o primeiro local a aderir às UPPs em 2008, tendo, em 2016, 38 unidades instaladas no Rio de Janeiro (Governo do Rio de Janeiro, 2016). Todavia, tal política de segurança não é vista de forma eficiente, já que não reduziu os índices de violência. Além disso, há denúncias contra atuação violenta dos policiais, causando a criminalização e mortes de moradores (Marinho, Campagnani & Cosentino, 2014).

Em contraposição à maneira com que as remoções estão sendo tratadas, os pactos internacionais, como o Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (PIDESC, 1992) e o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos (PIDCP, 1992) afirmam que deve haver a participação das comunidades na elaboração dos projetos propostos, com a possibilidade de propôr mudanças, além do direito à informação. As famílias devem ser avisadas com antecedência sobre as remoções e estas devem ocorrer sem o uso da violência. Além disso, os moradores têm o direito de contar com um organismo independente, dando-lhes assistência técnica e jurídica para acompanhar o caso (Rolnik, 2011).

De acordo com Rolnik (2012) e o Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro (2014), funcionários da Prefeitura pintam números nas paredes das casas, indicando as que serão demolidas, porém os moradores não têm conhecimento de quando isso vai acontecer. Nota-se a falta de diálogo, de reuniões com as comunidades atingidas e de respeito aos direitos dessas pessoas.

Em razão da falta de participação popular na organização da Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016, criaram-se, por iniciativa de movimentos sociais, os Comitês Populares da Copa, disponíveis no 'Portal Popular da Copa'<sup>4</sup>. Esses lutam contra violações de seus direitos, tendo como temas: luta e resistência, remoções e despejos, trabalho e precarização, exceções e ilegalidades, discriminação e segregação, recursos públicos para entidades privadas, criminalização e repressão, elitização e mercantilização da cidade, autoritarismo e processos decisórios, ameaças à soberania, degradação ambiental e o benefício para a menor parcela da população, cor-

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.portalpopulardacopa.org.br/>.





**4.13** O Morro do Vidigal e sua fantástica vista da laje de um hostel mostra o que os empreendedores externos buscam explorar  
Foto: Adriana Portella

respondendo àqueles com melhor situação econômica (Bonalume, 2013; Omena, 2015).

Os problemas enfrentados pelas comunidades removidas devido às obras de preparação à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas de 2016 vão muito além do que abrange a própria residência. De maneira geral, as pessoas perderam o vínculo social ao deixar seu bairro de origem para morar em áreas e/ou cidades distantes. O acesso à educação e à saúde, que antes eram próximos à residência, agora só é possível com transporte público ou individual (automóvel), o que geralmente se torna caro. Quanto ao emprego, muitos precisam procurar outro em função dos novos deslocamentos, o que pode demorar fazendo a família ficar sem renda por um período. À vista disso, o sentimento de vizinhança é desfeito, visto que seu conceito se trata de uma interação social, considerando o indivíduo dentro de um grupo social de amigos, parentes ou vizinhos. Essa convivência traz além do convívio social, o sentimento de união, que pode propiciar benefícios para o local em que moram, bem como oportunidades de emprego. Entretanto, essa relação é desfeita ao passo que os mora-

dores são coagidos a morar em outras áreas que abrangem periferias ou cidades nos arredores das capitais (Rolnik, 2014a; Castro, Gaffney & Novaes, 2015; Omena, 2015).

Por fim, a realização dos megaeventos possibilitou a execução de projetos visando à requalificação da cidade, que podem trazer benefícios quanto ao desenvolvimento econômico e urbano. No entanto, tais melhorias só serão consideradas positivas, se houver preocupação por parte do Governo com a população de menor poder aquisitivo, a fim de que essa também possa usufruir das melhorias do meio em que vive. Contudo, a partir dos exemplos citados, constatamos não ter havido preocupação por parte do poder público com as pessoas de menor poder aquisitivo que viveram, e ainda vivem, o processo de remoção. Tal conjuntura motivou que o momento fosse marcado pela violação dos direitos humanos, no Rio de Janeiro, ocasionada pela falta de transparência, diálogo, negociação justa e participação das comunidades atingidas quando considerada as obras dos megaeventos (Rolnik, 2014b) (Figura 4.13).

## Conclusão

De forma geral, os projetos urbanos no Rio de Janeiro abrangem três áreas: (i) o fortalecimento de áreas centrais habitadas pela população de maior poder aquisitivo (Zona Sul); (ii) a revitalização da área portuária-carente de investimentos; e (iii) a criação de uma nova centralidade, localizada na Barra da Tijuca, local com maior quantidade de investimentos esportivos para corresponder aos megaeventos. Entretanto, para que tais intervenções fossem executadas, 42.430 pessoas foram atingidas pelas remoções, segundo a contabilização do Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro (2014), além das famílias que são atingidas pela gentrificação, buscando áreas com menor custo de vida para moradia (Castro, Gaffney & Novaes, 2015).

Percebemos que as remoções atingem as pessoas de menor poder aquisitivo que, muitas vezes, desconhecem os seus direitos ante às ações do Governo. Grande parte das famílias removidas no Rio de Janeiro está sendo reassentada na Zona Oeste, caracterizada

pela carência de serviços e infraestrutura. Além disso, a prática do grupo de milícias nessa região coloca em perigo a vida dos moradores. Esse contexto permite refletirmos se as ações por parte da Prefeitura estão beneficiando a população mais vulnerável, visto que as obras de melhorias de infraestrutura urbana não estão localizadas no local do reassentamento.

Assim sendo, como forma de assegurar os Direitos Humanos e à Moradia Adequada às famílias atingidas pelas remoções, os seguintes fatores devem ser considerados: (i) informação e envolvimento da população no planejamento e nas decisões de projeto; (ii) esclarecimentos com antecedência; (iii) as pessoas atingidas devem ter o direito de procurar assessorias independentes para discutir e elaborar projetos alternativos; (iv) o local de reassentamento deve estar pronto antes do início das remoções; (v) os locais de reassentamento devem atender às condições de moradia adequada (acesso às oportunidades de desenvolvimento humano); (vi) os locais de reassentamento nunca podem oferecer condições inferiores ao que o usuário vive; (vii) os locais de reassentamento devem oferecer a garantia dos direitos humanos; (viii) não violência no momento das remoções, havendo agendamento prévio e identificação por parte dos servidores que farão a mudança; (ix) indenizações justas, permitindo que o morador tenha acesso ao saneamento básico e às oportunidades de emprego e ao ensino; (x) as remoções não podem ocorrer no turno da noite e em datas festivas e (xi) as remoções não podem resultar em famílias desamparadas e sem local para a realocação (Silva, 2016).

Em suma, para que a população carioca usufrua do legado proveniente dos megaeventos, os fatores abordados revelam-se fundamentais na realização das remoções, atribuindo maior importância às políticas de habitação. É notório que a cidade do Rio de Janeiro está implantando melhorias urbanas, como a revitalização da Zona Portuária e os investimentos em mobilidade urbana que são considerados positivos para a cidade, além de atrair maior número de turistas. Entretanto, a ausência de um legado social compromete a herança deixada pela Copa do Mundo de 2014 e pelas Olimpíadas de 2016.

### ***Bibliografia***

ANCOP. (2014). Dossiê Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Brasil. Disponível em: [https://br.boell.org/sites/default/.../ancop\\_dos-sie2014\\_web\\_bollbrasil.pdf](https://br.boell.org/sites/default/.../ancop_dos-sie2014_web_bollbrasil.pdf). Acessado em 30.06.2016.

Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa. (2014). Disponível em: <http://www.ebc.com.br/articulacao-nacional-dos-comites-populares-da-copa-ancop>. Acessado em 01.02.2014.

Bastos, I. & Schmidt, S (2010). Prefeitura remove 05.05.rá 119 favelas até o fim de 2012. O Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/prefeitura-removera-119-favelas-ate-fim-de-2012-3072053>. Acessado em 30.06.2016.

Berta, R. (2015). Apesar de indenizações milionárias, prefeitura não consegue acabar com a Vila Autódromo. O Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/apesar-de-indenizacoes-milionarias-prefeitura-nao-consegue-acabar-com-vila-autodromo-16153064>. Acessado em 30.06.2016.

Bonalume, C. R. (2013). Legado para o controle social em políticas públicas de esporte e lazer. In: Marcellino, N. C. (Org.). Legado de megaeventos esportivos. São Paulo: Editora Papirus.

Borges, F. M. (2014). Da Aldeia Maracanã na Copa do Mundo. In: Lima, D., Borges, F. M. & Durante, M. (Org.). Brasil 2014: Copas - 12 cidades em tensão (pp. 82-87). Rio de Janeiro: Invisíveis Produções.

Brasil. (1988). Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil: Brasília.

Castro, D. G. & Novaes, P. R. (2015). Copa do Mundo 2014 e os Impactos no Direito à Moradia: uma análise das cidades-sede brasileiras. In: Junior, O. A., Gaffney, C. & Ribeiro, L. C. (Org.). Brasil: o impacto da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais.

Castro, D. G., Gaffney, C., Novaes, P. R., Rodrigues, J., Santos, C. P. & Junior, O. A. S. (2015). O Projeto Olímpico da Cidade do Rio de Janeiro: reflexões sobre os impactos dos megaeventos esportivos na perspectiva do direito à cidade. In: JUNIOR, O. A., Gaffney, C. & Ribeiro, L. C. (Org.). Brasil: o impacto da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais.

Clarke, F. (2013). O legado Olímpico no leste de Londres: desapropriação e gentrificação. Rioonwatch: relato das favelas cariocas. Disponível em: <http://rioonwatch.org.br/?p=4927>.

Comitê Olímpico Brasileiro. (2009). Dossiê de Candidatura do Rio de Janeiro à sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. Disponível em: <http://www.rio2016.com/comite-organizador/transparencia/documentos>. Acessado em 05.05.2016.

Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro. (2014). Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro: Megaeventos e violação de direitos humanos no Rio de Janeiro. Disponível em: [https://comitepopulario.files.wordpress.com/2014/06/dossiecomiterio2014\\_web.pdf](https://comitepopulario.files.wordpress.com/2014/06/dossiecomiterio2014_web.pdf). Acessado em 05.05.2016.

\_\_\_\_\_. (2011). Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro: Megaeventos e violação de direitos humanos no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://comitepopulario.wordpress.com/2011/12/>. Acessado em 05.05.2016.

Farias, A. (2014). Uma história das Copas do mundo. Futebol e Sociedade. São Paulo: Editora Armazém da Cultura.

Faulhaber, L. & Azevedo, L. (2015). Remoções no Rio de Janeiro Olímpico. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.

Freire, L. L. (2013). Mobilizações coletivas em contexto de megaeventos esportivos no Rio de Janeiro. Revista O Social em Questão, nº.19, pp. 121-128.

G1. (2012). Preço dos imóveis no Rio entra em fase de estabilização, diz Secovi. Portal G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/03/preco-dos-imoveis-no-rio-entra-em-fase-de-estabilizacao-diz-secovi.html>. Acessado em 05.05.2016.

Governo do Rio de Janeiro. (2016). Unidade de Polícia Pacificadora. Disponível em: <http://www.upprj.com/>. Acessado em 05.05.2016.

Instituto de Estudo do Trabalho e Sociedade. (2006). Pesquisa Qualitativa e de Opinião. Rio de Janeiro: IETS/Macroplan.

Magalhães, A. F. (2013). O direito das favelas. Rio de Janeiro: Letra Capital.

Magalhães, J. C. R. (2010). Histórico das favelas na cidade do Rio de Janeiro. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. Disponível em [http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1111:catid=28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1111:catid=28&Itemid=23). Acessado em 05.05.2016.

Marinho, G., Campagnani, M. & Cosentino, R. (2014). Brasil. In Paula, M. & Bartelt, D. D. (Org.). Copa para quem e para quê? Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll Stiftung.



Ministério do Esporte. (2011). Primeiro balanço para a Copa do Mundo de 2014. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/futebol-e-direitos-do-torcedor/copa-2014/cidades-sede>. Acessado em 05.05.2016.

Omena, E. (2015) Não foi só por 20 centavos: “a Copa das manifestações” e as transformações socioeconômicas recentes nas metrópoles brasileiras. In: Junior, O. A., Gaffney, C. & Ribeiro, L. C. (Org.). Brasil: o impacto da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais.

Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. (2016). Cidade Olímpica. Disponível em: <http://www.cidadeolimpica.com.br/>. Acessado em 05.05.2016.

Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. (2010). Desapropriações: entenda como funciona. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/pgm/duvidas>. Acessado em 05.05.2016.

PIDESC. (1992). Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/d0591.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0591.htm). Acessado em 30.11.2016.

PIDCP (1992). Pacto Internacional de Direitos Cívicos e Políticos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/d0592.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0592.htm). Acessado em 30.11.2016.

Raeder, S. (2010). Ordenamento territorial urbano em grandes eventos esportivos. Brasília: Ministério do Esporte.

Rio Como Vamos. (2008). Pesquisa de percepção 2008: como o carioca vê o Rio de Janeiro. Disponível em: <http://riocomovamos.org.br/indicadores-regionalizados/>. Acessado em 05.05.2016.

Rodrigues, R. P. (2013). Legado para as políticas públicas brasileiras de esporte e lazer: governança interfederativa dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. In: Marcellino, N. C. (Org.). Legado de megaeventos esportivos. São Paulo: Editora Papyrus.

Rogero, T. (2015). Minha Casa Minha Vida tem denúncia de tráfico, milícia e invasão. Jornal do Estadão. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,minha-casa-minha-vida-tem-denuncia-de-trafico-milicia-e-invasao,1615122>. Acessado em 05.05.2016.

Rolnik, R. (2014a). Megaeventos: direito à moradia em cidades à venda. In: Rolnik, R. (Org.). Brasil em jogo. O que fica da Copa e das Olimpíadas? Boitempo editorial: São Paulo.

\_\_\_\_\_. (2014b) No final das contas, 2014 não teve caos nem legado. Blog da Raquel Rolnik. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2014/12/02/no-final-das-contas-2014-nao-teve-caos-nem-legado/>. Acessado em 10.02.2016.

\_\_\_\_\_. (2011). Copa do Mundo e Jogos Olímpicos: “O espetáculo e o mito”. Blog da Raquel Rolnik. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/tag/copa-do-mundo/>. Acessado em 10.02.2016.

\_\_\_\_\_. (2012). Arquivo da tag: direito a moradia adequada. Blog da Raquel Rolnik. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/tag/direito-a-moradia-adequada/>. Acessado em 10.02.2016.

Santos, M. C. A. & Marcos, F. (2011). Relatório sobre as visitas técnicas realizadas nas comunidades do Morro da Providência e da Pedra Lisa nos dias 23/8 e 7/9/2011 e Parecer Técnico sobre os motivos alegados pela Prefeitura do Rio de Janeiro para a remoção de 832 famílias nessas duas comunidades. Fórum Comunitário do Porto. Disponível em: [https://forumcomunitariodoporto.files.wordpress.com/2011/12/relatc3b3rio-morro-da-providc3ancia\\_final-1.pdf](https://forumcomunitariodoporto.files.wordpress.com/2011/12/relatc3b3rio-morro-da-providc3ancia_final-1.pdf). Acessado em 10.02.2016.

Silva, G. C. (2016). A Copa de 2014 a partir de diferentes olhares: a questão das remoções na cidade de Porto Alegre/RS. (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas).

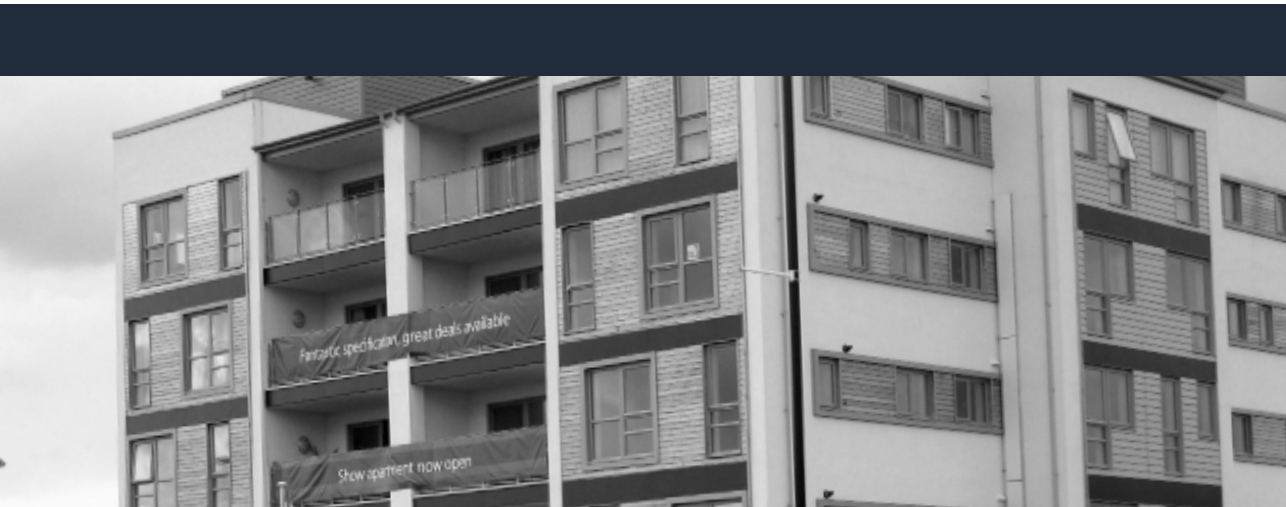
Silva, L. C. (maio, 2015). Ecolimite e contenção de favela: o caso do muro da favela Santa Marta. XVI ENANPUR - espaço, planejamento e insurgências. Belo Horizonte. Disponível em: [http://xvienanpur.com.br/anais/?page\\_id=26](http://xvienanpur.com.br/anais/?page_id=26). Acessado em 10.02.2016.

Tanaka, G. (2014). Vila Autódromo: símbolo de resistência na Cidade Olímpica. Heinrich Böll Stiftung. Disponível em: <https://br.boell.org/pt-br/2014/05/15/vila-autodromo-simbolo-de-resistencia-na-cidade-olimpica>. Acessado em 10.02.2016.

Vale, L. & Gray, A. (2013). Desafios Olímpicos para encontrar imóveis a preços acessíveis — de Atlanta ao Rio de Janeiro. Disponível em: <https://placesjournal.org/article/o-decatlo-das-remocoes/>. Acessado em 10.02.2016.







## CAPÍTULO 5

# LUGAR, ESPAÇO E DESLOCAMENTO: GENTRIFICAÇÃO, REGENERAÇÃO E O LEGADO DOS JOGOS DA COMMONWEALTH DE 2002

*Ryan Woolrych*

Professor Associado em Saúde e Bem-Estar  
Universidade Heriot-Watt, Reino Unido  
Escola do Ambiente Construído  
[r.d.woolrych@hw.ac.uk](mailto:r.d.woolrych@hw.ac.uk)

*Judith Sixsmith*

Professora em Saúde Pública Melhoria e Implementação  
Universidade de Dundee, Reino Unido  
Escola de Enfermagem e Ciência da Saúde  
[j.sixsmith@dundee.ac.uk](mailto:j.sixsmith@dundee.ac.uk)





Este capítulo apresenta uma análise crítica do legado de um programa de regeneração urbana após os Jogos da Commonwealth de 2002 com foco nas experiências de lugar dos moradores de baixa renda de East Manchester, Reino Unido. Em primeiro lugar, discute-se o conceito de gentrificação e justiça social no contexto da regeneração urbana comandada pelo Estado no Reino Unido. Em segundo lugar, através das experiências dos moradores locais no ‘pós-jogos’, exploramos como a rápida transformação física, incluindo a nova infraestrutura, o controle e o uso do espaço público, bem como a renovação do parque habitacional, afetaram a comunidade local. Em terceiro lugar, com base nas perspectivas da população local, examinamos como os processos de gentrificação se manifestaram na área de regeneração. Nossos achados indicam que a gentrificação proposta pelo Estado através de processos de regeneração urbana e renomeação de bairros impactam as experiências de sentido de lugar dos residentes locais através de processos de deslocamento. Este deslocamento se caracteriza não apenas pela realocação física dos moradores, mas também pela forma como a reapropriação e o controle dos espaços públicos deslocaram os vínculos simbólicos, emocionais e psicológicos da comunidade local. O artigo conclui por identificar marcantes lições de gentrificação e regeneração, discutindo de que forma as questões de justiça social e os ‘direitos à cidade’ podem enquadrar-se nas políticas e práticas de regeneração para garantir benefícios psicológicos e socialmente sustentáveis para os moradores locais.

*Palavras-chave:* regeneração; gentrificação; senso de lugar; deslocamento; justiça social

## Introdução: gentrificação, direitos e justiça social

A gentrificação tornou-se uma palavra ‘feia’ ao nos referirmos a substituição de comunidades da classe operária dos bairros por uma classe média ‘criativa’ percebida como ansiosa em ‘regentrificar’ e reocupar a cidade (Lees et al, 2013). A pesquisa na área afirma que os benefícios percebidos da gentrificação incluem melhorados estilos de vida (ética profissional ‘contagante’), mudanças positivas nos padrões de consumo e novos serviços (promovidos ou exigidos pelo ‘gentrificador’) que pretendem melhorar a habitabilidade do local (Caulfield, 1994; Zukin & Costa, 2004; Chaskin & Joseph, 2013). Os críticos da gentrificação ressaltam que as evidências de mudanças positivas são infundadas, ou seja, que nem toda melhoria feita no bairro beneficia as ‘antigas comunidades’, em sua grande parte de baixa renda, pertencente à classe operária e que não compartilha os mesmos estilos de vida. Como consequência do processo de gentrificação, são os grupos de menor renda que cada vez mais são empurrados para os confins das periferias e deslocados do lar e da comunidade (Butler & Hamnett, 2009; Slater, 2009). Esses debates estimularam a discussão sobre justiça social e os ‘direitos à cidade’, que priorizam os direitos de certos grupos para gentrificar a cidade (inclusive instigando tal discussão através de incentivos financeiros e renomeação de espaços urbanos), mas descuidam de proteger os direitos daqueles que têm o desejo de permanecer, isto é, dos grupos de baixa renda que são frequentemente os mais marginalizados e excluídos da sociedade (Marcuse, 2009; Lees et al, 2016). A noção de (in)justiça social é também atravessada por processos de gentrificação. Por um lado, um argumento moral questiona por que os pobres que residem nos bairros devem esperar pela ‘gentrificação’ para que possam experimentar uma mudança positiva (isto é, por que isso não aconteceu antes?). Por outro lado, se pressupõe que os estilos de vida dos novos moradores recém chegados poderiam harmonizar ou beneficiar a comunidade antiga de alguma forma (isto é, há o retorno à patologização dos pobres, que são vistos como os que exibem comportamentos selvagens e aberrantes, precisando ser curados) (Slater, 2006).

Já outros percebem a gentrificação como um processo urbano natural pelo qual os ‘gentrificadores’ ocupam certas partes da cidade não para conscientemente se ‘deslocar’, mas como um ‘desejo de

permanecer' na cidade (Atkinson, 2006), ocorrendo assim a substituição e não o deslocamento de classes. Em mercados de habitação 'aquecidos' como os de Londres, Vancouver e Sydney, as questões de acessibilidade à moradia deixaram os grupos de baixa renda com poucas opções em termos de onde morar, buscando partes da cidade antes consideradas 'tensas' ou 'vibrantes' e onde o rent-gap (diferencial de renda) incentiva o investimento (Smith, 1987; 2002). Outros argumentam que, ao invés de desalojar os pobres urbanos, a gentrificação 'cria tolerância' por incentivar a diversidade e, portanto, pode ser a 'salvadora' dos bairros: 'homossexuais podem ser advogados ou colocadores de papel de parede, professores podem morar em chalés caindo aos pedaços ou em sobrados de luxo, feministas podem ou não ter filhos' (Caulfield, 1989, p.618). Aqui, a gentrificação assume um discurso emancipatório, isto é, cria espaços e lugares de diálogo e troca entre diferentes idades, gêneros e grupos étnicos. No entanto, críticos como Valentine (2014) discutem que as diferenças culturais podem, de alguma forma, ser dissolvidas pela proximidade espacial, sugerindo que grupos próximos frequentemente levam vidas paralelas (embora vivendo na mesma comunidade), onde há poucas evidências de encontros urbanos cotidianos ou diálogos interculturais concretos. Butler e Robson (2003) descrevem uma forma 'tectônica' de relações sociais, nas quais diferentes classes sociais passam umas pelas outras com pouco contato real.

Este conceito de 'diversidade social' tem recebido muita atenção das pesquisas, sendo visto por alguns como uma característica positiva de uma comunidade vibrante, onde pessoas de todas as classes, cores e credos podem coexistir positivamente e viver ao lado umas das outras (Rose, 2004). Outros vêem a diversidade social e a necessidade dela como um bálsamo simbólico para a culpa da classe média, o que na verdade reforça os espaços sociais de divisão dentro da cidade moderna (Lees, 2008; Bridge et al, 2012). Isto se torna evidente na polarização social que ocorre com a construção de comunidades fechadas, apoiando a sugestão de que os 'gentrificadores' procuram ativamente permanecer na cidade, mas somente se isso significar criar espaços sociais e institucionais separados e segregados atrás de muros e portões, reforçados por outras formas de fiscalização regulatória (policimento) que excluam os elementos menos desejáveis da sociedade (Atkinson et al, 2005; MacLeod, 2014).

Os simpatizantes da causa da gentrificação criticam os opositores

por serem contrários à mudança e precursores da política retrógrada para os bairros (Bromley et al, 2005). Estes argumentos são apoiados por uma agenda neoliberal, onde a re (imaginação) ou renomeação dos bairros é impulsionada por indicadores econômicos, e onde o crescimento se articula por meio do fluxo de dinheiro e capital com o objetivo de fazê-los se ‘multiplicar’ ou ‘escoar’ para outras áreas geográficas (Buber & Solt, 2005). De fato, muitas áreas da cidade testemunharam o retorno do capital à cidade, com uma classe média em expansão expressando o desejo de acessar, na proximidade do trabalho, redes de transporte e locais de entretenimento (Raco, 2005; Lees, 2014). Isso ocorreu ao mesmo tempo em que a expansão da economia do conhecimento e as indústrias criativas substituíram a manufatura tradicional. Alguns teóricos afirmam que a gentrificação pós-industrial melhorou a composição social e física dos bairros, uma forma de modernidade nova onde as áreas urbanas se tornaram mais abertas à liberdade de expressão e onde surgiram novas formas de capital criativo (Flórida, 2002; Laurier et al, 2002; Nava, 2006). Outros argumentam que as formas como as cidades foram comercializadas levaram à mercantilização do espaço urbano, onde o crescimento está associado apenas à produtividade econômica (Brenner & Theodore, 2002). Nesta agenda, os grupos ‘improdutivos’ (grupos de baixa renda, povos indígenas, sem-teto) são vistos como ‘os outros perigosos’ (por meio de um processo de ‘doutrinação’) (Johnsen et al, 2005), os quais, através de diversas práticas urbanas (policimento e outras formas de controle), são expulsos de partes da cidade que consideram como casa (Graham & Marvin, 2001; Atkinson & Blandy, 2005). Por exemplo, Johnsen e Fitzpatrick (2007, 2010) discutiram o policimento dos bairros e as leis anti-vadiagem como tentativas de remover indivíduos sem-teto do ‘olhar público’, forçando-os a buscar espaços urbanos mais marginais, menos visíveis e potencialmente mais perigosos. Esta forma de controle levantou a questão da justiça social dentro da cidade, onde os direitos das classes mais baixas (o direito de ocupar a cidade, o direito de acessar serviços e o direito de se mover livremente dentro e ao redor de espaços públicos) foram comprometidos (de Souza, 2010; Fainstein, 2010). Isto é visto como parte de uma intenção mais ampla de política urbana ‘revanchista’ no que tange à gentrificação sistemática dos bairros.

## A Gentrificação está morta: viva a gentrificação

Em grande parte do Reino Unido e dos Estados Unidos, os bairros da década de 1930 caracterizavam-se pela extrema pobreza, desigualdade e condições de vida insalubres (Jones, 2010). As tentativas frustradas dos programas de remoção de favelas mal administrados, seus objetivos pouco claros e o desalojamento dos pobres fizeram com que as equipes de planejamento buscassem modelos alternativos de projeto urbano ou modos de vida. Este contexto estabeleceu as condições prévias para a suburbanização, uma vez que os grupos mais abastados já não se limitavam à proximidade geográfica do trabalho, uma tendência impulsionada pela ascensão do automóvel, empreendimentos imobiliários fora do centro da cidade e melhoria nas redes de transporte (principalmente autoestradas e anéis viários que cortam os bairros). Esse êxodo do 'bairro' (ou 'voo branco', como ficou conhecido nos Estados Unidos, onde assumiu uma dimensão racial menos aparente que no Reino Unido) deixou os bairros essencialmente para a classe trabalhadora ou para os pobres desempregados (Watt, 2008). A desindustrialização dos centros metropolitanos nas décadas de 60 e 70 de século XX, agravada pelo posterior desinvestimento nas áreas urbanas, criou (por acidente ou planejamento) guetos urbanos e áreas 'interditas' em muitas cidades do Reino Unido, Europa e EUA (Wacquant, 1999).

Depois de efetivamente abandonar o bairro, as mudanças nos estilos de vida, cultura e padrões de consumo e uma agenda política urbana voltada para o bairro, a classe média foi levada a buscar o retorno à cidade. Lees (2014, p.41) resumiu esse desejo de repovoar as áreas metropolitanas como uma 'confluência' de (i) um sentimento antiurbano emergente, (ii) o crescimento das economias de conhecimento, serviço e financeira em muitos centros urbanos, e (iii) os *baby-boomers*<sup>1</sup> da classe média que buscavam um 'novo estilo de vida', isto é, o retorno à aventura, à diversidade e ao excitação da cidade. Esses fatores influenciaram os padrões de gentrificação em todo o mundo desenvolvido, desde Brick Lane em Londres até o

1 Termo que descreve as pessoas nascidas entre 1946 e 1964 na Europa (especialmente Grã Bretanha e França), Estados Unidos, Canadá ou Austrália. Depois da Segunda Guerra Mundial estes países experimentaram um súbito aumento de natalidade, que ficou conhecido como baby boom.



Brooklyn, em Nova York. Tudo isto, juntamente com o ‘poder de fogo’ dos proprietários privados, o aumento dos valores no aluguel e a falta de habitação a preços acessíveis acarretou no deslocamento em larga escala da classe operária (Hackworth & Smith, 2001; Slater, 2009). Após um período bastante ativo na década de 1980, a pesquisa sobre gentrificação diminuiu na década de 1990. Isto suscitou algumas especulações de que a gentrificação estava ‘morta’ tanto como conceito (isto é, descartada como demasiado simplista para descrever a complexidade do deslocamento de classes e o movimento para dentro e fora das cidades) quanto como um fenômeno visível que influencia a formação e o perfil dos bairros (Bourne, 1993; Lees, 2000). Mais recentemente, a gentrificação passou por um renascimento tanto no mundo em desenvolvimento como no mundo desenvolvido (exemplo: a super-gentrificação evidenciada em Nova York; Lees, 2003), levando a um aumento dos grupos de base anti-gentrificação. Por exemplo, em Vancouver, o lobby das empresas locais se deu em meio a um sentimento “anti-hipster” (hipster como um termo pejorativo generalizante para os boêmios da classe média), visto que os grupos indígenas e de baixa renda se sentiram ‘sitiados’ e viram seu ‘direito à cidade’ ameaçado (Ley & Dobson, 2008; Georgia Straight, 2014).

A gentrificação dos bairros ganhou maior proeminência com o surgimento da ‘gentrificação global’ (Harris, 2008). Lees (2005, p.1167) descreve o fenômeno como a difusão de um ‘modelo de gentrificação’ que está ‘sendo produzido em massa, comercializado em massa e consumido em massa’ no mundo inteiro. Esta situação fez com que a gentrificação fosse cada vez mais discutida no Sul Global à medida em que testemunhamos uma rápida urbanização e crescimento das cidades, o que repercute nos pobres a nível mundial (He & Liu, 2010). He (2010) descreve a gentrificação que ocorreu em Xangai, na China, onde as casas tradicionais, fábricas e aldeias foram substituídas por modernos prédios de apartamentos, vestindo assim a imagem de uma cidade de ‘vanguarda’. Grupos mais pobres foram deslocados, meios de subsistência e redes sociais foram destruídos (He & Wu, 2007). Além disso, a gentrificação deu início a um período de formalidade nessas cidades na maneira como os espaços são desenvolvidos, policiados e controlados (Cummings, 2015). A mudança ameaçou o setor informal, um setor em que a habitação, os meios de subsistência e o espaço público se entrelaçam e dão suporte (social, econômica e ambientalmente falando) ao bem-estar dos moradores que vivem lá (Ro, 2005). Uma agenda de gentrificação que não reconheça os direitos

dos moradores, especialmente dos moradores mais pobres, desfavorecerá ainda mais um grupo já marginalizado e agravará as relações conflituosas entre a comunidade e o governo (Lopez-Morales, 2015).

A análise comparativa dos processos de gentrificação mostra que suas vias e causas diferem entre as cidades (Harris, 2008). O que é análogo entre o mundo desenvolvido e o Sul Global é que a gentrificação está sendo impulsionada, em grande parte, por uma agenda política 'neoliberal' e um modelo de desenvolvimento urbano voltado para ambiciosos programas de renovação, como visto em Xangai, Mumbai e Rio de Janeiro (Borsdorf & Hidalgo, 2010). Muitas cidades em desenvolvimento que buscam uma vantagem competitiva estão cada vez mais associando crescimento positivo com modernidade e mudança. 'O resultado é que a cidade aspirante a metrópole... está passando por uma reestruturação fundamental de classe de forma muito mais rápida que suas correspondentes ocidentais' (Lees, 2012). Dado o advento da regeneração em massa e a aplicação de agendas neoliberais em cidades em desenvolvimento, é útil refletir sobre a relação entre regeneração urbana e gentrificação, que tem uma longa história através dos programas implementados por área no Reino Unido.

## **A Regeneração urbana e a gentrificação comandada pelo Estado no Reino Unido**

Os processos de regeneração e renovação urbana nos bairros têm sido utilizados para atrair os moradores de volta para o que antes eram indesejáveis espaços urbanos. As iniciativas de regeneração por área, como por exemplo aquelas praticadas no Reino Unido nas décadas de 1990 e 2000, visavam aliviar a concentração espacial de pobreza em áreas que tinham passado por desindustrialização e múltiplas formas de privação física, social e ambiental (Tallon, 2013). A regeneração baseada em áreas foi vista como um mecanismo para lidar com desigualdades espacialmente concentradas, onde a miséria estava tão enraizada que as forças de mercado por si só não seriam suficientes para reverter tamanha decadência. Nesse sentido, a regeneração por áreas foi defendida como uma forma de justiça social distributiva, com base na premissa de que ninguém deveria ser prejudicado pelo local onde

vive e os recursos e investimentos deveriam ser igualmente distribuídos para diminuir as desigualdades entre áreas prósperas e carentes (Cornelius & Wallace, 2010). O espírito da revitalização urbana (embora inconstante em seu mecanismo de operação) tem se dedicado à desconcentração da pobreza através de programas de regeneração, usando investimentos do setor público e privado e também parcerias para beneficiar áreas temáticas chave como saúde e bem-estar, educação, esporte e lazer, habitação e artes (Crump, 2002).

Muito se tem debatido sobre em que medida a regeneração urbana, como ferramenta de política urbana, tem sido usada para disfarçar processos de gentrificação nos bairros. É importante notar aqui que, no contexto da regeneração urbana, estamos falando menos da classe média ou alta como instigadores da gentrificação e mais sobre o papel central do governo local (Smith, 2002). Atkinson (2003, p.2346) sugere que a regeneração liderada pelo mercado ‘auxiliou na gentrificação pioneira da periferia de Manchester’, enquanto um relatório de Nathan e Unwin (2005, p.47) sobre três cidades de regeneração urbana no Reino Unido informou que a ‘gentrificação não é uma questão importante’. Slater (2009, p.294) é mais assertivo e identifica uma “gentrificação furtiva”, onde a narrativa da regeneração urbana tem sido usada para esconder a gentrificação:

A gentrificação enquanto conceito e apelo político tem sido, em muitos aspectos, substituída por uma forma desvirtuada de revitalização, renascimento, regeneração...termos que reforçam uma narrativa neoliberal de progresso competitivo que abre caminho para formas cada vez mais furtivas de gentrificação.

As empresas de regeneração dos bairros adotaram estratégias agressivas de ‘marketing de lugar’ numa tentativa de ganhar vantagens comerciais competitivas, como por exemplo a renomeação de bairros e distritos para contornar o estigma existente na área (Hall & Hubbard, 1998). Em relação à estigmatização do bairro desfavorecido, Kallin e Slater (2014) sugerem que ‘podemos ver com clareza o papel do Estado na formação do estigma, e, por conseguinte, o aumento do rent gap e subsequente facilitação da gentrificação’ (p.1363). Aqui, a ‘regeneração orientada pelo mercado’ é vista como a execução de um modelo de motivação econômica encabeçado pelo Estado que não considera o destino dos residentes locais.

Consoante ao desafio do estigma de uma área, as intervenções habitacionais de regeneração têm procurado cada vez mais a diver-

sificação de proprietários, incluindo obras de renovação do mercado habitacional que visam a demolição generalizada e o desenvolvimento de novos parques imobiliários (Cameron, 2003). A premissa é a de que os empreendimentos habitacionais mistos podem levar à melhoria da educação e das perspectivas de emprego para os pobres ('mobilidade social ascendente'), embora as evidências dos supostos benefícios para os grupos de baixa renda sejam escassas (Shaw & Hagemans, 2015). Um maior investimento em serviços e conveniências (infraestruturas comunitárias, parques e espaços verdes) também tem sido realizado em áreas de regeneração, o que, juntamente com um perfil de proprietários diversificado, oferece uma oportunidade de comercializar áreas de regeneração tão vibrantes quanto habitáveis:

As cidades pós-industriais têm um interesse crescente em se comercializarem como bairros 'inclusivos', capazes de apoiar harmoniosamente uma diversidade de perfis econômicos, culturas, faixas etárias e estilos de vida (Rose, 2004, p.281).

A extensa literatura disponível sobre regeneração relacionada ao deslocamento de comunidades mostra que há um deslocamento direto (despejo de moradores) e um deslocamento simbólico, psicológico e emocional resultante da mudança de vizinhança (Woolrych & Sixsmith, 2013a). Esses processos de regeneração podem desafiar a identidade do lugar, incutindo um senso de 'ausência de lugar' ou de 'não lugar' através do qual a gentrificação acontece, mas 'sem deslocamento' (Shaw & Hagemans, 2014, p.234). Essas medidas sociais não foram efetivamente avaliadas, comprovando mais uma vez a ordem de menor prioridade que os moradores locais ocupam no processo de regeneração (Woolrych & Sixsmith, 2013b).

A gentrificação também tem implicações políticas e institucionais. Apesar da retórica de participação e engajamento que hoje envolve grande parte do desenvolvimento e planejamento urbano, há poucas evidências indicando que os moradores locais tenham desempenhado um papel ativo e engajado na regeneração da cidade (Woolrych & Sixsmith, 2013). Representação em conselhos de moradores, consultas com grupos de inquilinos e práticas de envolvimento mais amplas foram realizadas, mas foram descritas como uma 'máscara' para introduzir a transformação física pela 'porta dos fundos'. Sendo assim, a regeneração/gentrificação tem uma tendência política e institucional, ou seja, as vozes dos residentes raramente são ouvidas onde o poder é usado por aqueles com capacidade de fazer a mudança e

onde essas transformações são impulsionadas por uma agenda de crescimento econômico.

## A regeneração de East Manchester

O material empírico apresentado neste capítulo deriva de pesquisas qualitativas conduzidas em uma área de regeneração urbana do Reino Unido, em East Manchester, região submetida à regeneração por área desde 1999. Os Jogos da Commonwealth (ou Comunidade das Nações) de 2002 foi um evento projetado para atuar como catalisador do processo de regeneração daquela área, acelerando o desenvolvimento de novos estádios desportivos, instalações de lazer, infraestruturas e investimentos em parques e áreas verdes. Os Jogos da Commonwealth fizeram parte de um plano de regeneração de dez anos para a cidade, de 1999 a 2009, prestado por uma Empresa de Regeneração Urbana ('New East Manchester') como um órgão criado pelas autoridades locais para desembolsar recursos públicos e privados. Verbas suplementares estão destinadas para um Plano de Regeneração Estratégica em vigor em East Manchester até 2018.

A pesquisa foi conduzida entre 2003 e 2008 e financiada pela *Higher Education Funding Council for England* através do fundo *Urban Regeneration: Making a Difference*. O objetivo foi explorar o impacto da regeneração sobre o bem-estar e o sentido de lugar dos moradores locais. Este estudo qualitativo aprofundado envolveu entrevistas semiestruturadas, vídeos e diários fotográficos com residentes locais, além de observações feitas na comunidade. Os dados foram analisados tematicamente utilizando os seis passos delineados por Braun e Clarke (2006).

O objetivo deste capítulo é explorar os impactos locais da regeneração e mudança urbana, destacando os processos pelos quais a gentrificação ocorreu ou não. Há pouca literatura investigando o impacto da gentrificação no comportamento e vidas de indivíduos de baixa renda e ainda menos dentro de áreas de regeneração (Fraser, 2004; Davidson, 2009; Shaw & Hagemans, 2015). O objetivo não é analisar estatísticas de mudança por meio das variáveis habituais, tais como deslocamento de classe, preço de aluguel, número de habita-



ções unifamiliares, etc., mas sim examinar os processos pelos quais as transformações sociais e físicas têm impactado os moradores no nível local. Os resultados são apresentados em três temas emergentes: Moradia, Habitação e Diversidade Social; Comunidade, Espaço e Lugar; e o Legado dos Jogos da Commonwealth.

## Moradia, habitação e diversidade social

Obras de renovação habitacional foram empreendidas por toda East Manchester visando a demolição das antigas residências (consideradas irreparáveis) e a construção de novos parques habitacionais.

Novas unidades habitacionais da área de regeneração, inicialmente projetadas para profissionais solteiros  
Foto: Ryan Woolrych

5.1



Embora haja evidências de que novas residências foram construídas em toda a área de regeneração (Figuras 5.1 e 5.2), estas foram predominantemente habitações de um ou dois quartos em prédios de apartamentos, com poucas tentativas de se construírem habitações verdadeiramente familiares no que antes era um bairro familiar. Os moradores, que eram proprietários-ocupantes, foram informados de que tinham a opção de comprar um novo imóvel na comunidade 'regenerada' desde que este fosse um apartamento e que eles cobrissem a diferença de valor. Entretanto, os moradores consideraram que o preço dos apartamentos novos estava inflacionado acima dos valores de mercado. Sentiram que tinham pouca escolha senão a de se muda-

## 5.2

Novas unidades habitacionais da área de regeneração, inicialmente projetadas para profissionais solteiros  
Foto: Ryan Woolrych



## 5.3

Renovação do mercado habitacional; residentes deslocados de casas geminadas consideradas 'economicamente irreparáveis'  
Foto: Ryan Woolrych



rem da região para conseguirem sustentar as necessidades da família (Figuras 5.3 e 5.4):

Pedi a eles uma casa de dois quartos. Tudo o que eles tinham eram apartamentos de dois quartos. De que me adiantariam? Perguntei-lhes quais eram minhas opções. Elas incluíam a mudança para outra comunidade ou zona da cidade.

A equipe de Renovação do Mercado Habitacional nos disse que tínhamos a opção de ficar na área local se quiséssemos. Então começaram a nos explicar os detalhes. Que tínhamos que cobrir a diferença do novo imóvel. Eu morava em uma casa geminada de dois quartos e eles me disseram que ela valia £ 23.000. Para os novos apartamentos eu teria que completar o valor pagando uma diferença de £ 62.000. Como assim? Perguntei-lhes como chegaram neste valor, mas eles não me deram resposta. Minha casa está na mesma área, tem jardim e o dobro do tamanho do apartamento. O que se pode fazer? Eu tenho um cachorro e dois filhos, precisamos de um jardim. Que alternativa me resta se não ir embora?

Poder-se-ia argumentar que houve uma tentativa deliberada em favor da regeneração pelo deslocamento, isto é, um esforço nítido de mudança de classe; não oferecer opções claras de moradia para a realocação de famílias é o mesmo que não oferecer qualquer opção, comprometendo efetivamente seu direito de permanecer na comunidade (Davidson, 2009). Para os moradores que se recusaram a se mudar (proprietários e locatários), foi emitida uma notificação de Desapropriação de Bem por Interesse Público, efetivamente despejando o morador do imóvel. Os moradores foram informados de que seus imóveis eram 'impróprios' para habitação humana e 'irreparáveis', uma desculpa, sentiram eles, para o deslocamento de classe e gentrificação:

Não há nada de errado com esta casa, ela está em perfeitas condições. Eles simplesmente a condenaram e disseram que estava cheia de umidade e era 'irreparável'. Foi apenas uma desculpa para se livrarem dela e de nós.

Esse tipo de remoção forçada caracteriza a implementação de uma medida regulamentar (Desapropriação de Bem por Interesse Público) que tem buscado impulsionar iniciativas de empreendimentos de 'interesse público', embora não se explicita como foram determinados o conceito de 'público' e 'interesse' (Campbell & Armstrong, 2002). Posteriormente, a ameaça das ordens de desapropriação foi



**5.4** Residências geminadas consideradas ‘economicamente irreparáveis’  
Foto: Ryan Woolrych

suficiente para retirar muitos moradores do bairro. Isso não só mudou a composição demográfica da área, como também minou o tecido social e as redes comunitárias há muito tempo criadas (deslocamento da comunidade):

Eles não querem mais a gente aqui, construindo esses apartamentos por todo lado. Estão tentando atrair uma leva de gente jovem para cá. Para nos expulsarem’.

Estamos felizes em nossas casas geminadas, em nossos ‘duplex’ (referindo-se aos dois cômodos do piso superior e aos dois do piso inferior). Posso falar com Sam e a esposa dele por cima da cerca. Nós oferecemos chá. No verão retiramos os painéis das cercas e juntamos os jardins para fazer festa. Como poderemos fazer isso em um apartamento?

Todos se mudaram para longe de mim e Joan... Eu disse ‘só por cima do meu cadáver’. Não sobrou ninguém para te dar uma mão, para ficar de olho na tua casa enquanto estás fora. Perdemos alguns bons amigos.

O marketing agressivo das campanhas imobiliárias foi concebido principalmente para atrair jovens profissionais, oferecendo ‘depósitos gratuitos’ e um ‘carro gratuito’ para motivar os futuros moradores. A mudança de nome dos bairros de Clayton, Openshaw e Beswick para um novo ‘East Manchester’ (agora comercializado como uma comuni-

dade ‘vibrante e sociável’ com parques, áreas verdes e comunitárias) reforçou a reconfiguração dos vínculos simbólicos e emocionais que os moradores locais tinham com o seu bairro. Os moradores sentiram que se tratava de uma tentativa de alterar a identidade da área, de ‘engendrã-la socialmente’ e de extinguir as lembranças positivas que ligavam as pessoas à comunidade:

Esta área... eles agora a chamam de East Manchester. Nós nunca a chamamos assim. Nós a conhecemos por seu nome comunitário. Clayton, Gorton, Beswick. Essas pessoas chegam e tentam mudar o nome. Não é bem assim. Estão tentando fazer com que a gente esqueça? Até parece que os que estão se mudando para cá agora não vão ficar sabendo que bairro era este antes. Estes loteamentos... eles chamam de algo tipo Point ou City Central ou outra coisa. Estão de brincadeira!

Tal como acontece com muitas obras residenciais modernas hoje em dia, houve um desejo na regeneração de East Manchester de se criar uma ‘diversidade social’ na área local. Isto seria conseguido assegurando-se que os empreendimentos imobiliários fossem de propriedade mista, compreendendo propriedade privada e habitação socialmente alugada. No entanto, grande parte dos novos empreendimentos foram ‘privatizados’ em termos de propriedade e gestão. Houve pouca tentativa consciente de se realizar uma integração sócio espacial, uma vez que muitos dos novos empreendimentos habitacionais ficaram contidos por portões eletrônicos e outras formas de vigilância (Figuras 5.5 e 5.6). Assim, os novos moradores que chegavam eram vistos como partidários de uma forma de guetização voluntária (Blakely & Snyder, 1990), impedindo o acesso do público em geral e criando sua própria ‘privatopia’ (McKenzie, 1994). Essa divisão foi além da segregação espacial, visto que os novos empreendimentos imobiliários também criaram suas próprias formas de administração institucional micro urbana, manutenção do bairro e autogestão de

**5.5**

Condomínios fechados como forma de guetização voluntária  
Foto: Ryan Woolrych



## 5.6

Condomínios fechados como  
forma de guetização voluntária  
Foto: Ryan Woolrych



bens públicos:

Não sei bem como são essas novas moradias. Não se pode chegar no portão. Eles se cercaram. Eles têm suas próprias associações Ressie (grupos de moradores) e seus próprios jardins comunitários, mantidos por eles. Não estão abertos a todos. Precisa de uma chave e só os moradores que moram de fundos para o jardim têm a chave.

Em resumo, uma tentativa consciente de gentrificar a área através de mudanças no perfil de moradia e substituição de classe ficou clara através da imposição das ordens de desapropriação, da falta de um parque habitacional familiar e da ausência de opções de moradia alternativas para os moradores locais. O fato de o programa de habitação não ter tido êxito na remoção total dos antigos moradores reflete o estoicismo da comunidade local (recusa de mudança) e a austeridade financeira que impediu a conclusão do programa de renovação. Em consequência disso, 15 anos após a Renovação do Mercado Habitacional ter começado, os moradores ainda não têm certeza do que vai acontecer com seu bairro e até hoje estão vivendo em um estado de limbo perpétuo.

## Comunidade, espaço e lugar

A regeneração provocou uma transformação física significativa na área local. Novas infraestruturas em termos de ruas e redes de transporte foram criadas como parte da regeneração, supostamente para melhorar a mobilidade em todo o bairro. No entanto, muitos moradores perceberam que as mudanças eram uma tentativa deliberada de dividir os grupos entre os de menor e maior renda. O morador a seguir faz uma distinção entre 'as ruas' da comunidade e os enclaves hermeticamente fechados dos novos residentes de maior renda, sendo estes últimos protegidos do contato com os grupos de menor renda graças

a configuração de ruas e redes que impedem o contato direto. Isso reforça o estigma negativo associado às áreas desfavorecidas, ou seja, a percepção externa de que elas são caracterizadas por altos níveis de criminalidade e comportamentos dos quais o resto da sociedade deve se proteger:

Na verdade, a gente não os vê (os moradores dos novos empreendimentos habitacionais) nas ruas com muita frequência. Eles já saem de seus portões dentro do carro e sobem a Ashton New Road para, em seguida, descerem a Alan Turing Way (duas novas ruas) e aí já chegam na nova megaloja e no supermercado. Portanto, não há necessidade real de caminhar pelo bairro. É mais rápido andar pela propriedade, mas eles não querem fazer isso.

Este controle do espaço foi estendido em forma de policiamento e vigilância na comunidade local. A regeneração criou um serviço de guarda comunitário, constituindo-se em uma forma visível de policiamento concebido para desencorajar comportamentos antissociais e pequenos delitos. Os guardas comunitários dão ordens de dispersar para separar os grupos de jovens, minimizando, assim, o que seria percebido como elementos ‘antissociais’ da vizinhança. Contrariamente à melhoria da segurança do espaço público, essa medida resultou na erosão da vida comunitária e cívica e em um forte sentimento de injustiça por parte da comunidade juvenil:

Eles nos fazem dispersar o tempo todo. Nos sentimos mais seguros em grupos. Não estamos fazendo nada de errado. Apenas ficamos com os amigos na esquina. Fazemos isso o tempo todo. Nós gostamos de fazer isso. As jaquetas amarelas (guardas comunitárias) e os ‘dibble’ (gíria para polícia) chegam e dizem que você fez isso e aquilo e, em seguida, nos dizem para irmos todos cada um para o seu lado. Nós costumávamos jogar futebol em um terreno desativado em North Road. Eles nos tiraram de lá. Para onde esperaríamos ir?

Para os moradores locais, o impacto da regeneração foi articulado em termos de comunidade e lugar, onde a comunidade foi construída em torno de sentimentos de convivência, união e história compartilhada. Um forte sentido de identidade de lugar foi formulado em torno de lugares específicos da comunidade, como por exemplo um centro comunitário, um clube de jovens ou um café local. Aqui, a intimidade e a apropriação do local ajudaram a sustentar o bem-estar mental dos moradores locais:



**5.7 5.8** Gorton Market e o Centro de compras de Beswick, respectivamente  
Fotos: Ryan Woolrych

Em verdade a câmara municipal não faz nada por nós. Não há ninguém a quem recorrer. 'Ted and Lisa's' (nome do café local) é onde vamos. Lá tu podes tomar uma xícara de chá com teus conhecidos. Podes bater um bom papo e sair de casa um pouco. Te faz sentir melhor. Nós fazemos isso há anos.

Durante a regeneração, foram demolidos vários lugares comunitários importantes para os moradores locais simplesmente por não exibirem a imagem de modernidade que a empresa de regeneração queria transmitir. Tal postura culminou na erradicação de lugares significativos na comunidade local sem qualquer avaliação prévia do seu valor social (Figuras 5.7 e 5.8), demonstrando insensibilidade ao lugar e uma forma consciente de expropriação:

Eles derrubaram o centro de compras e o centro comunitário em Beswick. Este era um lugar onde se ia para encontrar outras pessoas. Uma chance de sair de casa. Olhando de fora não parecia grande coisa, precisava de uma boa pintura, mas nós gostávamos de lá. Não precisava botar abaixo. Também eles não nos deram nada em troca para nos compensar. Num minuto todos nós tínhamos um lugar onde podíamos ir e daqui a pouco já não tínhamos mais. Eles nunca nos disseram, 'a propósito, estamos derrubando isto aqui, o que tu gostarias de ver em seu lugar?'

Como parte da regeneração, os moradores locais sentiram que o *retail mix*<sup>2</sup> de sua comunidade tinha mudado. As lojas de varejo que simbolizam propriedade comunitária (lojas, mercado e distribuição locais) foram substituídas por símbolos de materialidade (superlojas, shoppings modernos, escritórios e concessionárias) (Figura 5.9). Isso levou a uma forma de urbanismo 'fragmentada' ou 'fraturada' (Graham

<sup>2</sup> O *retail mix* (ou mix de varejo) é um plano de marketing que responde a um conjunto de fatores variados, como localização, preços, necessidades de pessoal, serviços e bens oferecidos.

& Marvin, 2001) criando duas culturas paralelas: os espaços decrescentes da comunidade sobrevivente e um novo conjunto de serviços baseado nas necessidades da nova comunidade:

Todas as lojas da Ashton Old Road desapareceram. Há uma concessionária, algumas novas lojas vendendo cozinhas... para quem pode. Nada como era antes. Eu realmente não teria razão alguma para ir lá agora. Não preciso de um carro novo e não preciso de uma cozinha nova.

Há uma nova superloja no bairro. Algum Wal Mart ou algo assim ..., mas todas as pequenas lojas fecharam. Eu costumava me lembrar da Denise, que era dona da loja da esquina. A gente entrava lá e batia um papo. Ela conhecia as crianças e tudo mais. Agora, todos esses tipos de lojas fecharam e foram substituídas por uma loja grande, gigante. Eu preciso de um carro para chegar lá, imagina só. Nunca tive um carro antes, nunca precisei.

Em resumo, a regeneração de lugares comunitários reflete o esforço para gentrificar a área e comercializá-la para um perfil demográfico novo. O novo retail mix não responde às necessidades dos antigos moradores, que se sentem cada vez mais excluídos da comunidade. Esta conclusão é reforçada pela maneira como o espaço é controlado dentro de uma comunidade gentrificada, onde formas de vigilância criam mais divisão e segregação social. Esta não é uma forma de segregação necessariamente desejada pelos novos moradores, mas que foi imposta por um processo de regeneração que a percebe como desejável para criar um bairro onde as pessoas queiram morar.



## 5.9

ASDA/Wal Mart  
Megastore  
Foto: Ryan Woolrych

## O legado dos jogos da Commonwealth

Os Jogos da Commonwealth de 2002 em East Manchester renderam a concepção e a construção de novos estádios desportivos e instalações de lazer (Figuras 5.10 e 5.11). Os Jogos da Commonwealth foram organizados três anos após a regeneração começar a agir como um catalisador para a gentrificação através da construção de melhorias de infraestruturas e de transportes que atrairiam mais investimentos, gerando a oportunidade de incrementar a prática de atividades físicas e construir bens comunitários dos quais os moradores locais se beneficiariam.

Os moradores discutiram em que medida sentiram que os Jogos da Commonwealth haviam sido projetados para suprir as necessidades da comunidade local, concluindo que os estádios e instalações de lazer não incorporaram nenhum vínculo cultural relev seu patrimônio. Para os moradores locais, foi mais uma desconsideração com a identidade de sua classe operária e uma tentativa institucional deliberada de desconectá-los da história do bairro, por medo de que ela desagradasse aos novos moradores:

A regeneração esqueceu que nesta área temos uma rica tradição de têxteis, moinhos de algodão e torres de resfriamento de gás. Tudo isso foi silenciosamente eliminado. É como se fosse um símbolo de vergonha. Talvez as pessoas que vieram de fora para os Jogos da Commonwealth desistissem de celebrá-los.

**5.10**

Estádio  
Commonwealth  
Foto: Ryan Woolrych







## 5.11

Centro Nacional de  
Ciclismo  
Foto: Ryan Woolrych

Esta desconexão cultural se refletiu na estátua *'B of the Bang'* criada no centro do parque de Jogos da Commonwealth (Figuras 5.12 e 5.13). A estátua foi projetada para simbolizar o início de algo novo numa clara tentativa de fazer uma ruptura com o passado. A falta de envolvimento da comunidade local no comissionamento ou concepção da estátua foi evidente, e os erros que sucederam à sua concepção evidenciaram ainda mais a polarização entre a comunidade e a empresa de regeneração. A escultura *'B of the Bang'* custou um total de £ 1.42 milhões (entre construção e manutenção), mas foi considerada perigosa seis dias antes de seu lançamento e vendida como sucata quatro anos depois por um total de £ 17,000.

Eles nunca nos perguntaram o que queríamos. Teríamos gostado de uma escultura que representasse algo sobre a comunidade local. O que era para significar mesmo? Uma piada. Não consigo descrever como ficamos irritados: primeiro pela empresa de regeneração ter projetado essa estrutura hedionda e depois por ela nunca ter funcionado. Obviamente foi considerada perigosa, guenza. Onde fica a responsabilidade pública nisso?

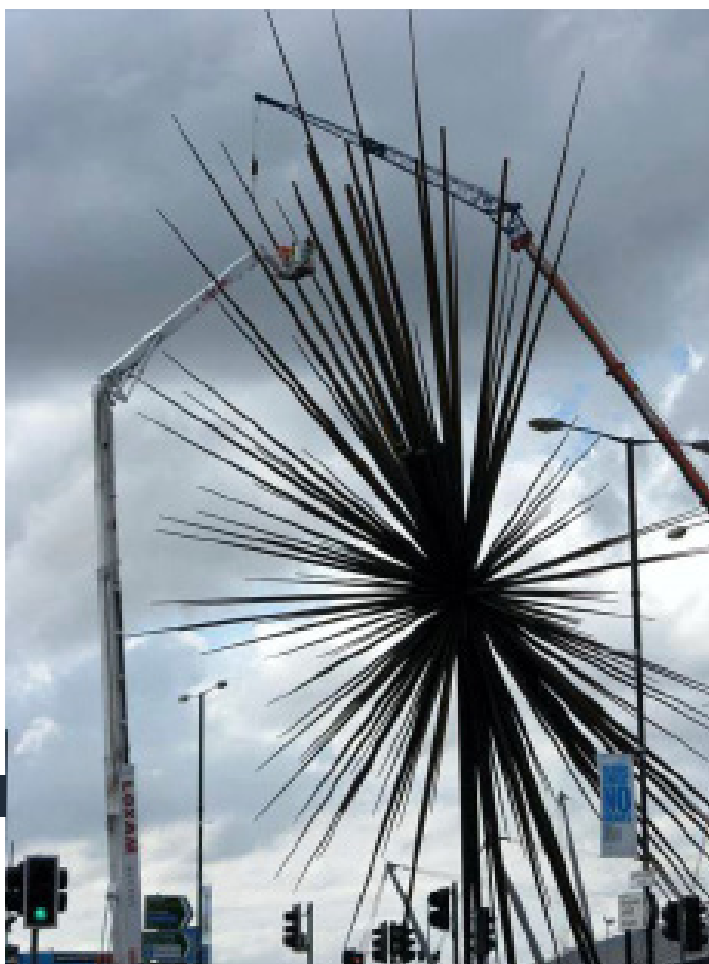
Os moradores também falaram sobre o legado dos Jogos da Commonwealth para a comunidade local. Muitos sentiram que havia poucas instalações para uso comunitário e nenhum esforço da empresa de regeneração de integrá-los a estes novos recursos. Os moradores dizem ter experimentado uma sensação de 'estranhamento', já que as novas instalações de lazer e esportes se voltavam para os membros mais abastados da sociedade e para o uso dos 'outros'. Não havia sentido de permanência para os moradores locais nas novas estruturas criadas como parte dos Jogos da Commonwealth:

Eu fui ao Centro de Tênis para ver se podia usar a quadra e o material e me disseram: 'são 14 libras por hora'. Eu disse 'Quê? Você deve estar brincando'. Perguntei se tinha algum desconto

para quem morava ali. Ele disse 'não, mas se você é funcionário da empresa de regeneração tem 50%'. Que maravilha'.

'O estádio tem atraído um bom público e muito dinheiro, mas é tudo passageiro. Temos as grandes multidões que vêm ver o futebol e os shows, mas que dão no pé duas horas depois, deixando a bagunça toda para a gente limpar. Se eles não vão ficar por aqui então para quê?

Este distanciamento não foi sentido apenas na percepção dos moradores, foi também incorporado na evidente polarização espacial da comunidade recentemente revitalizada. Embora a questão do transporte tenha sido melhorada, a intenção primordial foi a de tornar o trânsito mais fluido para os passageiros que cruzam o bairro

**5.12**

A escultura 'B of the Bang'  
Foto: Ryan Woolrych



**5.13** A escultura 'B of the Bang'  
Foto: Ryan Woolrych

em direção ao centro através das principais rotas arteriais, transformando a zona revitalizada num lugar de 'passagem'. Isso facilitou o acesso aos estádios dos Jogos da Commonwealth e deixou o trânsito mais fluido até aqueles lugares, mas pouco beneficiou a comunidade local:

Eles alargaram algumas vias para proporcionar um bom acesso à parte dos Jogos da Commonwealth. Isso significa que agora as pessoas conseguem transitar com facilidade para ir ao trabalho. Elas podem morar mais ao norte e talvez precisar passar aqui por nós para chegar ao centro, por exemplo. Isso também significa que as pessoas tiveram facilidade de acessar os Jogos da Commonwealth quando as competições estavam acontecendo.

Na verdade, ao aumentar o movimento dentro e ao redor da cidade, as mudanças criaram cisões na comunidade local. A expansão de uma via dupla de quatro pistas entre um bairro de habitações geminadas e o mercado local impactou as relações sociais, os meios de subsistência e a mobilidade, e serve para ilustrar como as decisões de planejamento urbano desafiam a relação entre pessoa e lugar:

Nós costumávamos ir ao mercado aqui perto. Todo mundo tinha uma banca no mercado. Havia proprietários que estavam lá há mais de 60 anos. Era uma coisa de gerações, passada de vó para netos. Daí eles ampliaram a Alan Turing e nos separaram completamente do mercado. E lá estava esta autoestrada com caminhões acima e abaixo a 100 quilômetros por hora. A gente parou de ir ao mercado, de se encontrar por lá. No fim os comerciantes começaram a quebrar e o lugar todo foi tomado pelo pessoal da regeneração e demolido (Figura 5.14).



**5.14** O mercado (canto superior esquerdo) e a comunidade (à direita) com as linhas brancas representando a expansão da rodovia  
Foto: Ryan Woolrych

Em resumo, os Jogos da Commonwealth simbolizaram o tipo de gentrificação que ocorreu na área de regeneração. Trouxeram um profundo sentido de divisão, onde pouco se vê em termos do suposto legado que beneficiaria a comunidade e onde os ‘outros’ são vistos como os ocupantes e donos do espaço comunitário. A falta de envolvimento da comunidade local na regeneração simboliza a postura descendente de implementar mudanças, o que é característico dos elementos políticos e institucionais de gentrificação que excluem a população local.

## Conclusão

Os principais elementos da gentrificação são evidenciados no estudo de caso apresentado através da remoção de antigos moradores, da criação de um novo parque habitacional para uma jovem elite urbana e o desenvolvimento de infraestruturas voltadas principalmente para um abastado subgrupo da comunidade ‘nova’, da qual os moradores de baixa renda se sentiram excluídos. O legado dos Jogos da Commonwealth criou infraestrutura e serviços de lazer economicamente viáveis (sustentados por pessoas de maior renda na comunidade e ‘outsiders’ mais abastados), mas que não conseguiram atender às ne-

cessidades locais dos grupos de baixa renda. Os moradores locais relatam a perda da propriedade comunitária, subtraída deles através da apropriação e gestão do espaço público para ‘reconstruir a imagem’ da área. Neste sentido, os ‘bens comuns’, isto é, os parques e áreas verdes, ruas e outros bens comunitários foram esteticamente melhorados e justificados em termos de crescimento econômico, ou seja, pela valorização do preço dos imóveis e por atrair novos negócios e jovens profissionais. Portanto, disseminou-se a mudança com vistas ao crescimento econômico. Já as consequências destas intervenções em termos de equidade social, justiça social e espacialidade receberam menos atenção. Ao criar um lugar mais sustentável que promova a habitabilidade e bem-estar, tanto o planejamento como o desenvolvimento precisam ouvir as vozes de todos os grupos sociais afetados.

Deve-se notar que a gentrificação ocorrida por regeneração em East Manchester foi, como forma de intervenção estatal, contextualmente e processualmente distinta da gentrificação como subproduto de desenvolvimento urbano por várias décadas. Em primeiro lugar, a regeneração urbana, por sua própria natureza, encoraja uma rápida transformação física. Isso difere dos estágios individuais de gentrificação mais lenta e insidiosa descritos em estudos de caso clássicos, que priorizam o apelo à uma clientela mais artística e boêmia, o aumento de aluguéis, a remoção gradual das classes operárias e o deslocamento de uma classe média emergente. Em segundo lugar, a gentrificação descrita neste capítulo é melhor definida como uma forma de semi-gentrificação, com o público da classe trabalhadora ‘resistindo’ na periferia dos bairros e recusando-se a se mudar. Isso impediu a gentrificação total, mas resultou em grupos remanescentes de futuro incerto. Por outro lado, os jovens profissionais que se mudam para a área regenerada se confinam atrás de seus portões e acedem à cidade para experimentar outras possibilidades culturais, de estilos de vida e entretenimento. Resulta disto um vácuo social, de onde nasce uma comunidade estéril e moribunda, com poucos espaços sociais ou convergentes para que os encontros do cotidiano aconteçam. Este não foi o tipo de atmosfera anunciada para o local quando a regeneração começou, e questiona a legitimidade das propostas de solução que se baseiam por áreas com vistas à mudança urbana. Além disso, o convívio, tantas vezes considerado um elemento positivo da gentrificação, não foi encontrado nesta pesquisa. Ao invés disso, o espaço tornou-se mais defensivo e territorial, um impacto negativo das novas comunidades ‘muradas’ que reforça a



polarização social e a fragmentação espacial. Desta forma, estamos vendo os novos moradores da classe média num processo de distanciamento dos grupos de baixa renda.

Tudo isso nos leva à pergunta inevitável: e agora? Para a zona revitalizada em questão, será interessante observar aonde nos levará o período de austeridade. Agora que a empresa de regeneração não está mais em atividade, surgirão novas formas de administração e participação de 'base' para recuperar a comunidade? De modo geral, de que forma as equipes de planejamento e desenvolvimento urbano podem abrir espaços de diálogo que permitam a verdadeira diversidade social nas comunidades em processo de gentrificação? Existe ainda a questão de como podemos mitigar os efeitos nocivos da regeneração/gentrificação em nossos bairros. São necessárias melhores formas e processos de participação e gestão para garantir que as vozes dos moradores locais sejam incluídas na concepção de como deve ser uma comunidade 'gentrificada'.

Precisamos rever o que dizem as leis de justiça social e de direitos à cidade (Fainstein, 2010), onde o direito dos moradores de 'permanecer' ganha status de ordem superior (Newman & Wyly, 2006) e é respeitado quando se transferem bens públicos para a cidade, de modo a preservar tanto a identidade cultural como o patrimônio. Os projetos de lei que amparam a autonomia comunitária estabelecem a importância da transferência de bens públicos para a comunidade. Se por um lado trata-se de um respaldo útil, por outro é necessário que haja mecanismos práticos para torná-lo efetivo, caso contrário a política não passa de retórica desprovida de recursos operacionais que transformem a teoria em realidade.

***Bibliografia***

Atkinson, R., & Blandy, S. (2005). Introduction: International perspectives on the new enclavism and the rise of gated communities. *Housing Studies*, 20(2), 177-186.

Atkinson, R., Blandy, S., Flint, J., & Lister, D. (2005). Gated cities of today?: Barricaded residential development in England. *Town Planning Review*, 76(4), 401-422.

Atkinson, R. (2006). Padding the bunker: strategies of middle-class disaffiliation and colonisation in the city. *Urban Studies*, 43(4), 819-832.

Borsdorf, A., & Hidalgo, R. (2010). From polarization to fragmentation. Recent changes in Latin American urbanization. In *Decentralized Development in Latin America* (pp. 23-34). Springer Netherlands.

Bourne, L. S. (1993). The demise of gentrification? A commentary and prospective view. *Urban Geography*, 14(1), 95-107.

Brenner, N. & Theodore, N. (2002). Cities and the geographies of 'actually existing neoliberalism'. *Antipode*, 34(3), 349-79.

Bridge, G., Butler, T., & Lees, L. (2012). *Mixed communities: Gentrification by stealth?*. Policy Press.

Bromley, R., A. Tallon & Thomas, C. (2005). City-centre regeneration through residential development: contributing to sustainability. *Urban Studies*, 42(13), 2407-29.

Butler, T., & Robson, G. (2003). *London calling: the middle classes and the re-making of inner London*. Berg, New York, NY.

Butler, T., & Hamnett, C. (2009). "Walking Backwards to the Future—Waking Up to Class and Gentrification in London." *Urban Policy & Research*, 27(3), 217-228.

Cameron, S. (2006). From low demand to rising aspirations: housing market renewal within regional and neighbourhood regeneration policy. *Housing studies*, 21(1), 3-16.

Campbell, H., & Marshall, R. (2002). Utilitarianism's bad breath? A re-evaluation of the public interest justification for planning. *Planning Theory*, 1(2), 163-187.

Caulfield, J. (1989). 'Gentrification' and desire. *Canadian Review of Sociology/Revue canadienne de sociologie*, 26(4), 617-632.

Chaskin, R. J., & Joseph, M. L. (2013). 'Positive' Gentrification, Social Control and the 'Right to the City' in Mixed-Income Communities: Uses and Expectations of Space and Place. *International Journal of Urban and Regional Research*, 37(2), 480-502.

Crump, J. (2002). Deconcentration by demolition: public housing, poverty, and urban policy. *Environment and Planning D*, 20(5), 581-596.

Cummings, J. (2015). Confronting favela chic: the gentrification of informal settlements in Rio de Janeiro, Brazil. *Global Gentrifications: Uneven Development and Displacement*, 81.

Davidson, M. 2009. "Displacement, Space and Dwelling: Placing Gentrification Debate." *Ethics, Place and Environment*, 12 (2): 219-234.

De Souza, M. L. (2010). Which right to which city? In defence of political-strategic clarity. *Interface*, 2(1), 315-333.

Fainstein, S. S. (2010). *The just city*. Cornell University Press.

Florida, R. (2002) *The rise of the creative class*. Basic Books, New York.

Georgia Straight (2014) Housing activists demand end to gentrification in Downtown Eastside. Available at <http://www.straight.com/news/695086/housing-activists-demand-end-gentrification-downtown-eastside>

Graham, S., & Marvin, S. (2001). *Splintering urbanism: networked infrastructures, technological mobilities and the urban condition*. Psychology Press.

Hall, T., & Hubbard, P. (1998). *The entrepreneurial city: geographies of politics, regime, and representation*. John Wiley & Sons.

He, S., & Wu, F. (2007). Socio-spatial impacts of property-led redevelopment on China's urban neighbourhoods. *Cities*, 24(3), 194-208.

He, S. (2010). New build gentrification in Central Shanghai: demographic changes and socioeconomic implications. *Population, Space and Place*, 16(5), 345-361.

He, S. J., & Liu, Y. T. (2010). Mechanism and Consequences of China's Gentrification under Market Transition [J]. *Scientia Geographica Sinica*, 4, 004.

Huber, E., & Solt, F. (2004). Successes and failures of neoliberalism. *Latin American Research Review*, 39(3), 150-164.

Johnsen, S., & Fitzpatrick, S. (2007). *The impact of enforcement on street users in England* (Vol. 10). York: Joseph Rowntree Foundation.

Johnsen, S., Cloke, P., & May, J. (2005). Day centres for homeless people: spaces of care or fear?. *Social & Cultural Geography*, 6(6), 787-811.

Johnsen, S., & Fitzpatrick, S. (2010). Revanchist sanitisation or coercive care? The use of enforcement to combat begging, street drinking and rough sleeping in England. *Urban Studies*, 47(8), 1703-23.

Jones, B. (2010). Slum clearance, privatization and residualization: the practices and politics of council housing in mid-twentieth-century England. *Twentieth Century British History*, 21(4). 510-539.

Laurier, E., Whyte, A., & Buckner, K. (2002). Neighbouring as an Occasioned Activity "Finding a Lost Cat". *Space and Culture*, 5(4), 346-367.

Lees, L. (2008). Gentrification and social mixing: towards an inclusive urban renaissance?. *Urban Studies*, 45(12), 2449-2470.

Lees, L. (2000). A reappraisal of gentrification: towards a 'geography of gentrification'. *Progress in human geography*, 24(3), 389-408.

Lees, L. (2012). The geography of gentrification: Thinking through comparative urbanism. *Progress in Human Geography*, 36(2), 155-171.

Lees, L. (2014). The new middle class, lifestyle and the new gentrified city. In: Paddison, R and McCann, E (eds) *Cities and Social Change: Encounters with Contemporary Urbanism*, pp.35-55. Sage:London.

Lees, L., Slater, T., & Wyly, E. (2013). *Gentrification*. Routledge.

Lees, L., Shin, H. B., & López-Morales, E. (2016). *Planetary gentrification*. Polity Press.

Ley, D., & Dobson, C. (2008). Are there limits to gentrification? The contexts of impeded gentrification in Vancouver. *Urban Studies*, 45(12), 2471-2498.

López-Morales, E. (2015). Gentrification in the global South. *City*, 19(4), 564-573.

MacLeod, G. (2014). Walling the City. In: Paddison, R and McCann, E (eds) *Cities and Social Change: Encounters with Contemporary Urbanism*, pp.35-55. Sage:London pp. 75-91

- Marcuse, P. (2009). Spatial Justice: derivative but causal of social injustice. *Spatial Justice*, 1(4), 1-6.
- Matheson, C. M. (2010). Legacy planning, regeneration and events: the Glasgow 2014 Commonwealth Games. *Local Economy*, 25(1), 10-23.
- McKenzie, E. (1994) *Privatopia: Homeowner Associations and the Rise of Residential Private Government*. New Haven and London: Yale University Press.
- Nava, M. (2006). Domestic cosmopolitanism and structures of feeling: the specificity of London. In N. Yuval-Davis, K. Kannabiran and Vieten, U. (eds.) *The Situated Politics of Belonging*. London: Sage, pp. 42-53.
- Newman, K., & Wyly, E. K. (2006). The right to stay put, revisited: gentrification and resistance to displacement in New York City. *Urban Studies*, 43(1), 23-57.
- Raco, M. (2005). Sustainable development, rolled-out neoliberalism and sustainable communities. *Antipode*, 37(2), 324-347.
- Rose, D. (2004) Discourses and experiences of social mix in gentrifying neighbourhoods: a Montreal case study. *Canadian Journal of Urban Research*, 13(2), 278-316.
- Roy, A. (2005). Urban informality: toward an epistemology of planning. *Journal of the American Planning Association*, 71(2), 147-158.
- Ruting, B. (2008). Economic transformations of gay urban spaces: revisiting Collins' evolutionary gay district model. *Australian Geographer*, 39(3), 259-269.
- Shaw, K. S., & Hagemans, I. W. (2015). 'Gentrification Without Displacement' and the Consequent Loss of Place: The Effects of Class Transition on Low income Residents of Secure Housing in Gentrifying Areas. *International Journal of Urban and Regional Research*, 39(2), 323-41.
- Slater, T. (2006). The eviction of critical perspectives from gentrification research. *International Journal of Urban and Regional Research*, 30(4), 737-757.
- Slater, T. (2009). Missing Marcuse: On gentrification and displacement. *City*, 13(2-3), 292-311.
- Smith, N. (1987). Gentrification and the rent gap. *Annals of the Association of American geographers*, 77(3), 462-465.



Smith, N. (1996) *The new urban frontier: gentrification and the revanchist city*. Routledge, London.

Smith, N. (2002). New globalism, new urbanism: gentrification as global urban strategy. *Antipode*, 34(3), 427-450.

Tallon, A. (2013). *Urban Regeneration in the UK*. Routledge.

Valentine, G. (2014). Living with Difference: Reflections on Geographies of Encounter. In: Paddison, R and McCann, E (eds) *Cities and Social Change: Encounters with Contemporary Urbanism*, pp.35-55. Sage: London pp. 75-91.

Wacquant, L. (1999). Urban marginality in the coming millennium. *Urban studies*, 36(10), 1639-1647.

Watt, P. (2008). The only class in town? Gentrification and the middle class colonization of the city and the urban imagination. *International Journal of Urban and Regional Research*, 32(1), 206-211.

Watt, P. (2013). 'It's not for us' Regeneration, the 2012 Olympics and the gentrification of East London. *City*, 17(1), 99-118.

Woolrych, R., & Sixsmith, J. (2013 a). Mobilising community participation and engagement: The perspective of regeneration professionals. *Journal of Urban Regeneration & Renewal*, 6(3), 309-321.

Woolrych, R., & Sixsmith, J. (2013 b). Placing well-being and participation within processes of urban regeneration. *International Journal of Public Sector Management*, 26(3), 216-231.





# Conclusão

Tendo percorrido a trajetória das discussões teóricas aqui apresentadas, que iniciam numa reflexão sobre conceitos de realismo e simbolismo, passam por análises narrativas e simbólicas da colagem, discursam sobre o papel do turismo nas favelas (turista como invasor ou salvador), e sobre a gentrificação no contexto nacional e internacional, espera-se que esta obra tenha despertado sua percepção sobre o lado poético e realista do viver na favela, do sentido de lugar e da importância das comunidades locais. Pretende-se que as análises sobre a importância da favela como retrato da vida urbana brasileira, da vida no espaço público na sua forma mais plena, tenham contribuído para uma reflexão crítica sobre como as políticas urbanas e os projetos urbanos enxergam este lugar. Até que ponto pode-se admitir um processo de gentrificação urbana voltada a megaeventos esportivos que não respeita a importância de sentido de lugar para a comunidade local e que não preserva a qualidade de vida das pessoas que sempre moraram nas áreas agora vistas como ‘valiosas’?

Esta obra não aborda um discurso político, mas na presente situação em que vivemos, não podemos ser superficiais ao ponto de negar a forma algoz de como os projetos urbanos em grande maioria estão apagando a memória e a verdadeira cultura urbana. E isso não é um problema nacional, tendo se globalizado para outros países como discutido no Capítulo 5 deste livro a situação da gentrificação no Reino Unido. Este livro acaba por se juntar ao momento atual em que vivemos e contribui para uma crítica à forma de construção das cidades, a qual muitas vezes desrespeita o urbanismo vernacular nascido das ocupações informais e ignora a cultura, o sentido de lugar e a importância do sentimento de vizinhança. Concluímos que a arte, o simbolismo, e a poesia da vida nas favelas são ingredientes-chave para a criação de cidades vívidas, seguras e reconhecidas pela comunidade local.

Adriana Portella

Professora da Universidade Federal de Pelotas  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Gisele Pereira

Professora da Universidade Federal de Pelotas  
Faculdade de Administração e Turismo





# INSIGHTS ON FAVELAS

ADRIANA PORTELLA | GISELE PEREIRA  
Organizers



Editora  
UFPel



Technical Translation  
**Márcia Morales Klee**  
Klee Translation & Learning Studio

# Insights on favelas

**ADRIANA PORTELLA | GISELE PEREIRA**

Pelotas, 2017





### **Reitoria**

Reitor: Pedro Rodrigues Curi Hallal  
Vice-Reitor: Luis Isaías Centeno do Amaral  
Chefe de Gabinete: Aline Elias Lamas  
Pró-Reitor de Graduação: Maria de Fátima Cossio  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Flávio Fernando Demarco  
Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Francisca Ferreira Michelin  
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Otávio Martins Peres  
Pró-Reitor Administrativo: Ricardo Hartlebem Peter  
Pró-Reitor de Infra-estrutura: Julio Carlos Balzano de Mattos  
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Mário Renato de Azevedo Jr.  
Pró-Reitor de Gestão Pessoas: Sérgio Batista Christino

### **Conselho Editorial**

Pres. do Conselho Editorial: João Luis Pereira Ourique  
Repr. das Engenharias e Computação: Darci Alberto Gatto  
Repr. das Ciências Biológicas: Flávio Roberto Mello Garcia  
e Marines Garcia (suplente)  
Repr. das Ciências da Saúde: Francisco Augusto Burkert Del Pino  
e Claiton Leoneti Lencina (suplente)  
Repr. das Ciências Agrônômicas: Cesar Valmor Rombaldi,  
Guilherme Albuquerque de Oliveira Cavalcanti (suplente)  
e Fabrício de Vargas Arigony Braga (suplente)  
Repr. das Ciências Humanas: Márcia Alves da Silva  
e Cláudio Baptista Carle (suplente)  
Repr. das Ciências Sociais Aplicadas: Carla Rodrigues Gastaud  
Repr. das Linguagens e Artes: Josias Pereira da Silva  
e Eleonora Campos da Motta Santos (suplente)  
Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
Maria Inez Figueiredo Figas Machado - CRB 10/1612  
Biblioteca Campus Porto - UFPEl

O45 Olhares da favela = Insights on favela [recurso eletrônico] /  
Adriana Portella, Gisele Pereira, organizadoras ; tradução técnica  
Márcia Morales Klee. - Pelotas: Ed. UFPEL, 2017. 342 p.; il.

Livro eletrônico bilíngue - português / inglês.  
Modo de acesso: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/3466>  
ISBN 978-85-517-0015-0

1.Favela. 2.Simbolismo. 3. Gentrificação. 4. Megaevento. I. Portella,  
Adriana, org. II. Pereira, Gisele, org. III. Título: Olhares da favela.

CDD: 711.4  
720



Filiada à A.B.E.U.  
Rua Lobo da Costa, 447 - Térreo  
CEP 96010-150 - Pelotas - RS  
Fone +55 53 32278411 - editora.ufpel@gmail.com

#### **Direção**

João Luis Pereira Ourique  
*Editor-Chefe*

Janaína Buchweitz e Silva  
*Secretária do Núcleo de Editora e Livraria*

João Bordin  
*Chefe Seção Produção*

#### **Seção Produção**

Alexandre Moreira, Gilberto Costa, Nóris Silveira  
*Impressão/montagem/acabamento*

#### **Seção Pós-Produção**

Morgana Riva  
*Chefe do Setor de Livraria*

#### **Seção de Pré-Produção**

Isabel Cochrane, Gustavo Andrade  
*Administrativo*

Rosendo Caetano  
*Criação/Edição*

Anelise Heidrich  
*Revisão*

Leonardo Siqueira (criação/edição)  
*Bolsistas/Estagiários*

*Revisão:* Adriana Portella e Gisele Pereira

*Diagramação:* Outra Comunicação - Jordan Ávila Martins

*Fotografias das Capas:* Adriana Portella

*A Editora da Universidade Federal de Pelotas tem responsabilidade limitada sobre o conteúdo da presente obra. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a)(es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume.*







*In memory of my father Jorge Alberto Luscke Portella, who always had a positive view of everything in life.*

Adriana Portella



**FAPERGS**

*Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul*



**CAPES**



*Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico*



# Acknowledgments

The financial support from FAPERGS (Foundation for Research Support of the State of Rio Grande do Sul) and CAPES<sup>1</sup> (Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel) was essential to the publishing of this book, providing us with the financial resources to prepare and print this work. Additionally, the support of CNPQ (National Council for Scientific and Technological Development), which funded the research on the legacy of the mega-sporting events for the host cities in Brazil<sup>2</sup>, opened our eyes to the importance of the favela as a representative of the most real and Brazilian urban imagery of our country.

Moreover, the contribution of all the authors with their respective point of view and reflections make this book an enriching experience for the reader. Funding would be useless without qualified human resources.

The best we have in Brazil are people, culture and energy. Finally yet importantly, I also would like to thank the participation of the British professors Ryan Woolrych and Judith Sixsmith, who brought an international viewpoint to the analysis of the process of gentrification.

We thank all the people involved in this project very much.

Adriana Portella  
Professor of Federal University of Pelotas  
School of Architecture and Urbanism

November, 2017.

1 Fapergs Call 04/2014 - Editing and Publishing of Scientific Works.

2 Support through the Universal Call of 2014. Process: 444759 / 2014-0.





# CONTENTS

10		<b>Authors</b>
14		<b>Introduction</b>
23	1	<b>The Imagery of Favelas</b> <i>Adriana Portella</i> Federal University of Pelotas, Brazil
45	2	<b>The Favela through Collage: didactic exercises with architecture students</b> <i>Laura Lopes Cezar</i> Federal University of Pelotas, Brazil
85	3	<b>The Favela in the Eyes of the Tourist</b> <i>Gisele Pereira</i> Federal University of Pelotas, Brazil <i>Dalila Müller</i> Federal University of Pelotas, Brazil <i>Samara Camilotto</i> Caxias do Sul University, Brazil
109	4	<b>Mega events and the context of removals in Rio's favelas</b> <i>Gabriela Costa da Silva</i> Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil
139	5	<b>Place, space and displacement - Gentrification, regeneration and the legacy of the 2002 Commonwealth Games</b> <i>Ryan Woolrych</i> Heriot-Watt University, UK <i>Judith Sixsmith</i> University of Dundee, UK
173		<b>Conclusion</b>

# Authors



## Adriana Portella

Adriana Portella holds a bachelor's degree in Architecture and Urbanism from UFPel (Federal University of Pelotas), which she earned in 2001, and a master's degree in Urban and Regional Planning, from UFRGS (Federal University Rio Grande do Sul), in 2003. In 2007, she earned her PhD in Urban Design from Oxford Brookes University, in England, and in 2008 a postdoctoral degree in Planning from the University College London, also in England. She has been an Associate Professor at the School of Architecture and Urbanism at UFPel since 2008. In April 2014, in London, she released the book "Visual Pollution: Advertising, Signage and Environmental Quality", in partnership with Routledge Press. In April 2015, she was among 16 Brazilians selected for a national candidature to participate as a member of a mission organized by the Newton Fund team, in partnership with the Economics and Social Science Research Council (ESRC) in the United Kingdom, to strengthen the relationship between Brazilian and British researchers within the theme of Healthy Cities. She has been a researcher since 1997 and has experience with urban design, urban planning and environmental psychology. Currently, she is the Brazilian P-I of the "Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities", a project funded by ESRC. The three-year project involves four Brazilian and five British universities and was selected for the International Call CONFAP-CNPQ-ESRC-Newton Fund. She is also a Board Member at the International Association People Environment Studies (IAPS).

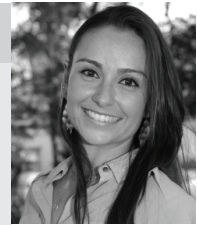
## Dalila Müller

Dalila Müller holds a bachelor's degree in Social Sciences from UFPel (Federal University of Pelotas), which she earned in 2000. In 2004, she received a Master's degree in Tourism from UCS (University of Caxias do Sul), and earned her PhD in History from UNISINOS (University Vale do Rio dos Sinos) in 2010. She is an associate professor at UFPel, where she works in the Undergraduate Program in Tourism and in the Graduate Program in History (PPGH). She researches and writes about Tourism and History, with emphasis on the following themes: leisure and sociability, hotels, tourism and history.



## Gabriela Costa da Silva

Gabriela Costa da Silva holds a bachelor's degree in Architecture and Urbanism from UFPel (Federal University of Pelotas), which she earned in 2014, and a master's degree in Architecture and Urbanism, earned from the same university in 2016. In 2017 she was admitted as a P.h.d. researcher in Urban and Regional Planning at UFRGS (Federal University of Rio Grande do Sul). While in undergraduate school, she worked in architecture offices developing interior, architectural, landscape and complementary projects and also as a assistant in Lighting and Interior Architecture modules. In her master's degree program she carried out research addressing the removal of families in the city of Porto Alegre, RS, due to sporting mega-events like the 2014 World Cup.



## Gisele Pereira

Gisele Pereira received a PhD in 2011 in Hospitality, Leisure and Tourism Management from Oxford Brookes University, England, and a master's degree in Tourism from UCS (University of Caxias do Sul), in 2007. She holds an MBA in Marketing Management from UCPel (Catholic University of Pelotas), which she earned in 2004, and a bachelor's degree in Tourism from UCS, in 2002. She is currently a professor at the Tourism Department of the School of Management and Tourism at UFPel. She is also a researcher in Brazil for the "Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities", a project funded by the UK's Economic and Social Research Council (ESRC). The three-year project involves four Brazilian and five British universities and was selected for the International Call CONFAP-CNPQ-ESRC-Newton Fund. She is also a member of the National Association for Research and Graduate Studies in Tourism (ANPTUR) and of the International Academy for the Development of Tourism Research in Brazil (ABRATUR).

## Judith Sixsmith



Judith Sixsmith is a Professor of School of Nursing and Health Sciences at University of Dundee, UK and a Visiting and Adjunct Professor at Simon Fraser University in Vancouver, Canada. Her research interests lie in the areas of public health and social care where she explores the ways in which people living in disadvantaged communities experience processes of marginalisation within existing power structures and social systems. Often working within collaborative, gendered, participatory and transdisciplinary approaches, Judith has directed several international, national and local research projects on issues of ageing and technology, ageing-in-place, healthy ageing, dementia, and social inclusion. Her aim is to make a positive difference to people's lives through the psychological, social and economic impact of her work. An expert in qualitative methodologies, Judith prioritises the involvement of participants in the design, implementation and interpretation phases of her research. As such, she has effectively involved co-researchers from highly marginalised groups such as asylum seekers, refugees and older frail people within qualitative frameworks. Judith has also conducted survey and questionnaire studies, again reaching seldom heard groups. She has published widely in the fields of ageing, health and community/environmental psychology, alongside publications concerning the use of visual methodologies and participatory processes. Judith also acts as an expert evaluator for the European Commission.

## Ryan Woolrych



Ryan Woolrych is an Associate Professor in Health and Well-being at Heriot-Watt University and Adjunct Professor at Simon Fraser University, Vancouver, Canada. His research addresses aspects of health and well-being, age-friendly cities, sense of place, identity and belonging. His works draws upon participatory methodologies, undertaking community mapping, participatory research, and visual methods to better understand the relationship between person and place. Much of Ryan's research has been transnational in nature, working with academics, practitioners, policy-makers and community groups in the UK, Canada, Brasil and Colombia. Ryan is currently P-I on an ESRC funded grant exploring Age Friendly Cities and Communities, a 3 year research programme undertaking collaborative research in three UK and Brazilian Case Study Cities.



## Laura Lopes Cezar

Laura Lopes Cezar holds a bachelor's degree in Architecture and Urban Planning from UFPel (Federal University of Pelotas), which she earned in 1995, and a master's degree in Architectural and Urban Design from UNC (National University of Córdoba, Argentina), which she earned in 2000. She received her Phd in Visual Communication in Architecture and Design from UPC (University of Catalunya, Barcelona), in 2008. She has been a Professor at UFPel since 2010, where she also teaches in the Master's Degree Program on Architecture and Urbanism (PROGRAU), working with research in Theory, History, Heritage and Criticism. She has experience in the field of Architecture and Urbanism, focusing mainly on contemporary architecture, representation and design, creative processes, design processes, study models, approximations between art and architecture, architecture and collage, urban landscape and collage. She was the editor of the journal "Projectare" on Architecture and Urbanism, published by UFPel. She is also a member of FAPERGS Advisory Committee. She participates on the "Place-Making with Older People Project: Towards Age Friendly Communities", a project funded by the UK's Economic and Social Research Council (ESRC).

## Samara Camilotto

Samara Camilotto holds a bachelor's degree in Tourism from UFPel (Federal University of Pelotas), which she earned in 2015. She is a master's degree student in the Graduate Program in Tourism and Hospitality at UCS (University of Caxias do Sul). She is a member of the research project "The environmental dimension in the planning of sporting mega-events in Brazil: a case study of the Beira-Rio Football Stadium in Porto Alegre/RS" and at the Centre for Research on Human and Social Development, Language and Educational Processes. She carries out research studies in the field of Tourism, Hospitality and Culture.





# Introduction

The idea of this book came from a study funded by CNPQ (The Brazilian National Council for Scientific and Technological Development) in 2014; this study analysed the legacy of the sporting mega-events for the host cities in Brazil<sup>1</sup>. The cities of Porto Alegre (RS) and Rio de Janeiro (RJ) were the main case studies. Several qualitative methods were applied to analyse the perception of the residents in these places regarding the improvements that the 2014 World Cup and the 2016 Olympics brought to their cities and to the quality of life introduced into their neighbourhoods. The study was very exploratory in the sense that it mostly captured the emotions and narratives of the people directly affected by the work carried out to support the mega-events. In Porto Alegre, a study was conducted with residents from *Avenida Tronco* and in Rio de Janeiro with residents and community leaders from the *Morro da Providência*, *Vila Autódromo* and *Morro do Vidigal*. The target audiences of this book are all those interested in urban life, social, poetic and artistic issues.

The experience of the researchers in Rio de Janeiro generated discussions and reflections that resulted in the publication of this book. The group of scholars comprised of two professors and three students from the Federal University of Pelotas, stayed in *Morro do Vidigal* for a week in a hostel owned by a local resident. We had the opportunity to live the everyday life of the place, including the people, colours and the whole natural landscape, one of the most extraordinary witnessed by the group. Life in Vidigal looks like a moving picture of Tarsila do Amaral<sup>2</sup>: the colours of the buildings, along with the natural landscape, the intense brightness of the blue ocean and the diversity of people contribute to depict urban life in its fullness. In it, all the concepts by Jane Jacobs<sup>3</sup> are embraced. Back in 1961, the American-Canadian journalist had already defended that if there is to be life, safety and movement on the street, the main thing to do is to keep the natural vigilance (eyes on the street), performed by the people themselves through the windows of the buildings and by the atmosphere of trust created by the sense of neighbourhood.

1 Universal Call 2014.

2 Tarsila do Amaral, (1886 -1973) is considered one of the leading Latin American modernist artists. She was a member of the "Grupo dos Cinco" (Group of Five), which was a group of five Brazilian artists who are considered the biggest influence in the modern art movement in Brazil.

3 Urbanist and social activist, known for his book "The Death and Life of Great American Cities" (1961), which has definitely changed the way of observing and analysing urban phenomena.

In *Vidigal*, the windows have no bars, many of them do not even have frames (only a span on the wall), and yet the hill becomes the safest place we had ever been to. Even being strangers in the community, the local residents welcomed our group without prejudice or a pre-conceived stereotype.

During the week, the favela becomes the calmest and quietest place to spend the night, and is where one only hears the sound of the sea and the birds living in *Morro Dois Irmãos*. The day begins at 5 o'clock in the morning, when several workers go down the hill to make life happen on the asphalt so that one can have the bus driver, the taxi driver, the nanny who looks after the children and the housekeeper. However, we can also notice a whole new generation coming down the hill to go to college, study and become an active voice in the politics of tomorrow. They are the voices that are now discussing social policies and are quite right to question whether the so-called 'gentrification' will bring them, their parents, uncles and grandparents (people who have always lived in the favela) any benefits. On the way back from work, the landscape acts as a sort of soothing action to all the everyday problems, for the sight of the sea meeting the blue of the sky is the most valuable work of art of humanity, the one that will never be found in a museum and that money cannot buy (Figure A).

**A**

The View of  
*Morro Vidigal*  
Photo: Adriana Portella



The weekend on the hill unfolds cheerful and colourfully, but now the residences emerge in each other, the windows meet, everyone gets together and the party is of the community. From our window, we can see a barbecue taking place among many friends and neighbours, starting at 6pm on Friday and finishing at 6pm on Sunday. It is an open party: everyone is invited because it is a community party. There are no barriers and no tickets are sold. At the same time, gentrification gives its most macabre signals and from the top of the hill, one perceives the sound of a Rave party, where a ticket costs over a thousand *Brazilian reais*. For whom? Definitely not for the locals, but for the sons of the violent and non-merciful urban gentrification. At a more naive look, one might think that the party owners are locals, but they are not: they are outsiders coming from that life in the asphalt. Still during the weekend, an *açaí*<sup>4</sup> would be the ideal nightcap. On our walk to an ice-cream parlor, a drunk person approaches us. Soon after that, someone appears from an unexpected place and asks that person bothering us to leave the hill, for it is no place for this kind of behaviour. At this moment, the hill became our home, the safest place we have ever lived in.

Within all this enriching experience, we had the pleasure of living with Sharlene: a cheerful, entertaining girl, the face of a resilient Brazil. Despite all the social and known problems, she lives life in a positive way, embracing it with a smile on her face and a lot of hope. She would wake up very early every day to go on a sand circuit training on the beach, coming back to the hill at 8am to start her work at the hostel. She was an excellent company and an unforgettable person in our journey.

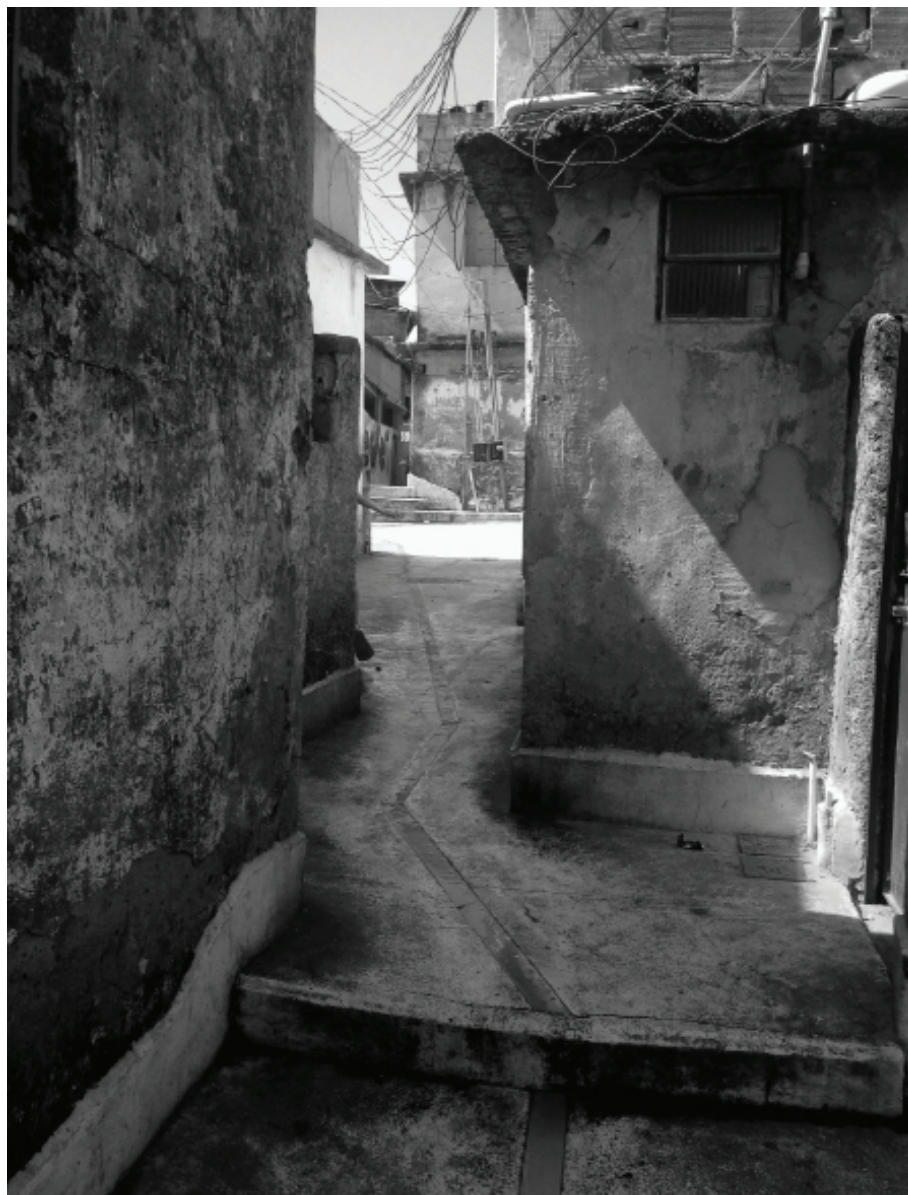
Still in the scope of our study, we asked people if they knew the project of the famous Porto Maravilha (or Wonder Port), a work aimed at preparing the city for the Olympics. The answers we got were: What port? Where is it? Wonder for whom? That is, it was not part of the urban imagery of the residents, nothing to contribute to qualify the life of the community. During a guided walking tour in *Morro da Providência* with one of the community leaders, the invasion of gentrification could be seen marked on the walls that resisted the demolition of several houses. In these ruins, the faces of the residents removed by external will were portrayed. Reports of bloody actions

4 A highly nutritious berry that grows on a tall, thin palm in the Amazon floodplains



**B** Stairs in *Morro da Providência*  
Photo: Adriana Portella





Iron rails marked on the ground in *Morro da Providência* with the purpose of guiding the tourist  
Photo: Adriana Portella

C



on the steps of the hill (Figure B), followed by the iron rail marked on the ground to guide tourists to areas classified as safe (Figure C), show the dichotomy of the yellow-green Brazil, almost a six-time champion, almost in favour of inclusion. At every turn, every corner of our walk, we found a celebration of life: children playing in the street, women hanging clothes out to dry, neighbours talking, the street in its fullest life. During the walk, a boy asked me: Do you speak Portuguese? I answered affirmatively, “I’m like you, and I’m Brazilian.” He laughs and feels part of the group, of our visit.

After the fullest and richest seven days of our experience (Figure D), we returned to the asphalt where everyone lives behind walls and bars, to the place where people will surely think you have psychological problems if you sit alone on a beach chair in front of your building. We went back to the walled, non-neighbourhood city, that of fear and insecurity. The colours are no longer so vivid, the sound of the sea mingles with that of cars, and the birds are not seen anymore because of the deliberate height of the buildings. Beautiful Leblon is now perceived as a nefarious place, segregator, where taking selfies

Team of researchers in one of the lookouts of Morro da Providência  
Researchers: Adriana Portella, Gisele Pereira, Gabriela Costa da Silva,  
Giovana de Matos and Amanda Duquia  
Photo: Cristiano Magalhães

**D**

with an the most modern smartphone seems to be the only joy of the Brazilian upper middle class family. We went back to the life in shades of gray, without colour, without life.

After a number of reflections on such an incredible experience, we decided to publish this book, where each one of us analyses subjects related to the favela from a perceptive, artistic, nefarious (gentrification) and invading (tourists) point of view. The last chapter presents a situation of gentrification experienced by low-income people in another urban and cultural context, meaning to be a counterpoint illustrating that our realities today are globalized and experienced in different places in a similar and aggressive way.

A brief summary of each chapter is presented below so we can feel the taste of this publication, sometimes sweet, but often bitter in the painful aspects reported.

### ■ Chapter 1: **The Imagery of Favelas**

This chapter analyses the way in which we perceive the favelas, touching the concepts of perception, cognition and urban imaginary. It seeks to analyse the importance of favela architecture as a representative of the most original 'collage city' in Brazil.

### ■ Chapter 2: **The Favela through Collage: didactic exercises with architecture students**

The collage presents itself as an expressive technique and poetic narrative, being used in this chapter to treat different problems of the favelas. This study contributes to a playful analysis of themes that today belong to the planning of cities and are often disregarded by the processes of urban gentrification.

### ■ Chapter 3: **The Favela in the Eyes of the Tourist**

Tourism in the favelas of Rio de Janeiro is a practice since the 1990s; it has begun in the Favela da Rocinha, expanding to other favelas in the 2000s. To analyse this theme, this chapter presents a qualitative and exploratory analysis of tourists' comments written on TripAdvisor about Rio's favelas.

#### ■ Chapter 4: **Mega Events and the Context of Removals in Rio's Favelas**

This chapter analyses the process of removal of residents in Rio de Janeiro, as the city was one of the venues for the games of the 2014 World Cup and the 2016 Olympics. The proposal is to reflect on the way in which the removals took place in the city, together with the urban planning strategies used, verifying if such actions benefited the population, regardless of social class.

#### ■ Chapter 5: **Place, Space and Displacement - Gentrification, Regeneration and the Legacy of the 2002 Commonwealth Games**

This chapter presents a critical analysis of the legacy of an urban regeneration program implemented in practice after the 2002 Commonwealth Games<sup>5</sup>, focusing on the place experiences of low-income residents of East Manchester, UK. The article identifies key lessons in gentrification and regeneration, discussing how social justice and rights issues can fit into regenerative policies and practices to ensure psychological and socially sustainable benefits for local residents.

Adriana Portella

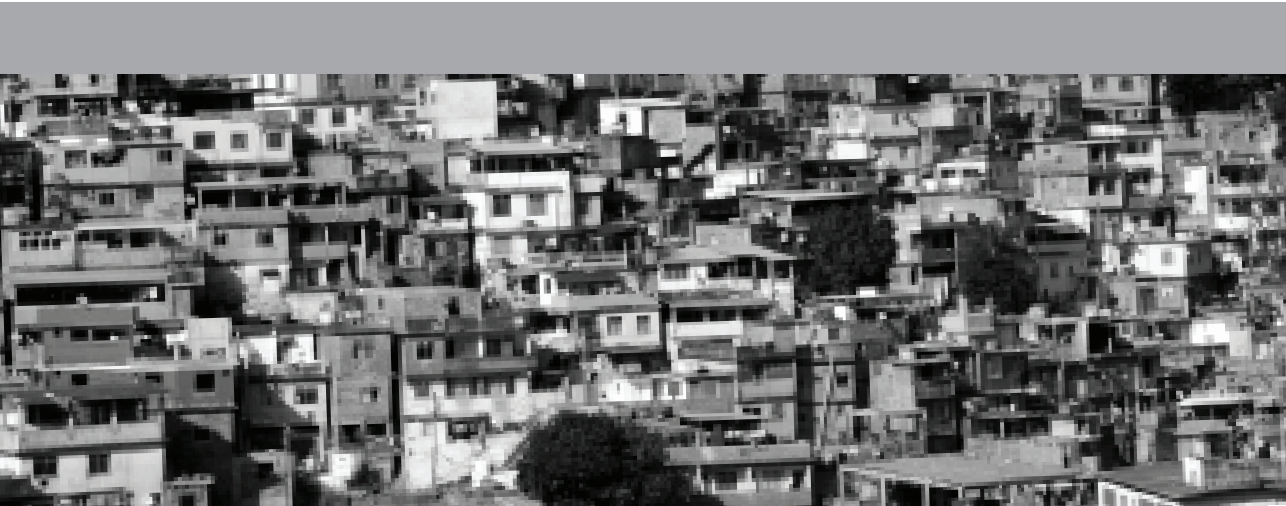
Professor at the Federal University of Pelotas  
School of Architecture and Urbanism

Gisele Pereira

Professor at the Federal University of Pelotas  
School of Management and Tourism

<sup>5</sup> Multi-national and multi-sport competition held every four years, which brings together athletes from the Commonwealth countries. The Commonwealth is a voluntary association of 53 sovereign states. Most are former British colonies, with the exception of Mozambique (former Portuguese colony) and Rwanda, which joined on November 29, 2009.





## CHAPTER 1

# THE IMAGERY OF FAVELAS

***Adriana Portella***

Associate Professor

School of Architecture and Urbanism

Federal University of Pelotas

[adrianaportella@yahoo.com.br](mailto:adrianaportella@yahoo.com.br)





This chapter aims to analyse the importance of the architecture of favelas as representative of the most original *collage* city existing in Brazil. The discussions presented here were based on the photographic analysis of Rio de Janeiro favelas, seeking to capture the significance of the place from graphic representation through the freehand ink technique. The justification lies on the need to explore the importance of the architectural richness and urban atmosphere found in Brazilian favelas in order to demonstrate, through graphical means of expression, the symbolic elements that compose these landscapes that often end up marginalized by public authorities and scholars. Students from the Undergraduate Program in Architecture and Urbanism at the Federal University of Pelotas (UFPel) portrayed different photographs of Rio da Janeiro favelas. The results identify the elements characterizing the imagery of favelas, supporting future work in the field of urban symbolism and environmental cognition.

**Keywords:** favela; symbolism; cognition; drawing; collage

## Perception and cognition - realism versus symbolism

Within the theme of this study it is important to understand how the urban imagination is formed, thus beginning our discussion by the processes of perception and cognition.

As already identified by the Environmental Psychology literature (Fischer, 1997; Golledge & Stimson, 1996; Bartuska & Young, 1994; Passini, 1992; Nasar, 1988; Lang, 1988), the process to comprehend the urban environment involves two phases that are considered complementary in this study: perception and cognition. The difference between perception and cognition is that the former is characterized by being the process through which an individual obtains the information from the environment he belongs to, and is related to an experience that is immediate and dependent on a sensory stimulus. The latter, however, does not necessarily involve an immediate behaviour and does not need to be directly related to what is happening in the environment. In addition, perception addresses the sensory awareness caused in the observer by the morphological attributes of the objects forming the urban landscape, while cognition implies the association of these attributes to meanings generated from the culture, values and prior experience of the individual. The final product of these two processes – perception and cognition – is the mental representation that the individual forms of the real environment, and it is this image that he/she will represent graphically as it is part of the symbolism added to a particular place (Portella, 2014). Still, according to Sigmund Freud's studies (1996), common patterns of symbols can be shared between people of different cultures due to the 'collective unconscious' that consists of memories of experiences and knowledge transmitted from generation to generation in an unconscious area of the brain. According to Freud, every individual is born with this unconscious formed, which, combined with early childhood experiences, have a great influence in shaping our personality and behaviour (Collin et al, 2012; Cordeiro, 2010).

Two artistic and literary movements stand out within the forms of graphic representation that we can use to identify urban imaginary elements: Realism and Symbolism. Both emerged in the nineteenth century in Europe. Our eyes work as cameras that filter the information through perceptual and cognitive processes,

transforming them into an image that can be reproduced through drawing. When this representation accurately portrays reality, it falls within what we classify as Realism, which is characterized by a faithful representation of urban life, with its problems and customs. As an example, there are the famous paintings of Gustave Doré, a French artist, depicting in great detail the English capital living conditions in the industrial period from 1869 to 1871 (Pellegrini, 2007). Another more contemporary example is found at *Morro da Providência*, in Rio de Janeiro, where the Portuguese artist Alexandre Farto (known as Vhils) illustrated at the walls left the faces of residents of the community, representing their expressions (Figures 1.1A and 1.1B). He also realized a workshop with children of the community together with the photographer Mauricio Hora.

*Morro da Providência* in Rio de Janeiro. Image of resident graficated by the Portuguese artist Alexandre Farto (Vhils) in 2012  
Photo: Adriana Portella

1.1A





**1.1B** *Morro da Providência* in Rio de Janeiro. Images of residents graficated by the Portuguese artist Alexandre Farto (Vhils) in 2012  
Photo: Adriana Portella

Symbolism arose both simultaneously and in opposition to Realism, where artists no longer limited themselves to paint reality, but rather represent in their works the feeling of the characters involved in the scene. This type of technique requires details to be reduced to the minimum, yet maintaining the connection of the shapes and lines represented with the desired symbol and information (Jaffé, 1997). A classic example of symbolism in fine arts is the simple representation of the white dove outline with the olive branch in its beak, recognized worldwide as the symbol of peace. Contrary to what many think, the representation of the white dove has no religious origin and is much more recent than we believe. With the birth of his daughter in 1949, the Spanish painter Pablo Picasso draws a dove with an olive branch following simple contours, and this work is called 'The Dove' (originally *La Colombe de la paix*). His daughter received the name Paloma, which means dove in Spanish, and from then on Picasso represented several variations of this drawing that have been used in conference posters about world peace until today. The first of them - the Congress of the International Peace - was held in Paris in 1949 and used the first of Picasso's drawing on the theme, forever linking the symbol of the dove to the meaning of peace. Picasso had already demonstrated fascination with this symbol. At the beginning of his career, when he was only 19, he represented the dove in his famous painting 'Girl with the dove', from 1901 (Pereira, 2013).





**1.2** View of the *Vidigal* Favela in Rio de Janeiro, one of the most urbanized favelas in the city, which is now undergoing a process of gentrification  
Photo: Adriana Portella

Thus, in this chapter we present the graphical representations of the scenes of favelas in order to identify the symbolic and realistic aspects depicted in the drawings. Based on the analysis of freehand drawings, we seek to unravel the collective imagination of urban slums to describe the elements that form these representations (Figure 1.2).

## **Justifying the importance of the subject: architecture of favelas**

To justify the choice of the subject ‘architecture of favelas’, firstly it is interesting to contextualize the word favela and to understand its origin. The word favela became a noun beginning in 1920 onwards. Until then, it was just the name given to a typical plant found in the Bahia back lands, which lead to the name of Morro da Favella, a location that was used as a camp for the Republican soldiers during the Canudos War<sup>1</sup>. After the war, the soldiers returned to the capital, Rio de Janeiro, upon the government’s promise to grant them houses.

<sup>1</sup> The War of Canudos (Guerra dos Canudos) was a conflict between the state of Brazil and a group of some 30,000 settlers who had founded their own community in the Northeastern state of Bahia, named Canudos. After a number of unsuccessful attempts at military suppression, it came to a brutal end in October 1897, when a large Brazilian army force overran the village and killed nearly all the inhabitants. This was the deadliest civil war in Brazilian history.



However, such promise was never kept and the soldiers had to build their own homes in the outlying areas of the city. The site chosen was Morro da Providência (Figures 1.3A, 1.3B), initially called Morro da Favella in remembrance of the camping situation they experienced during the Canudos War. Since then, the term favela has lost an 'l' and become the most common noun to define urban agglomerations in the hills featuring poor infrastructure and houses built with makeshift materials. In fact, the origin of favelas in Rio de Janeiro results from the fact that the Brazilian government did not keep its word with the soldiers of Canudos War, who fought with their lives to defend the Republic of Brazil (Jacques, 2001).

The subject 'architecture of favelas' was chosen for its historical significance in the city landscape and design. Works covering literature, cinema, art, and music underline its relevance. The drawings by Le Corbusier of his comings to Brazil, as well as the painting *Morro da Favela*, by Tarsila do Amaral, stand out in the history of architecture and art as the best-known works in terms of graphic representations. Through drawing, these works registered the Brazilian daily life by focusing on the outlying areas of the city populated by a typical Brazilianness of our country's culture.

**1.3A**

*Morro da Providência*  
Photo: Adriana Portella



QUE PAIS

MAS TODOS AC



**1.3B** *Morro da Providência*  
*Photo: Adriana Portella*

With his sketchbook always close at hand, Le Corbusier passed through Rio de Janeiro between 1929 and 1936 recording, at different times and in graphite technique, the urban landscape that most drew his attention: Morro Santo Antônio (Figure 1.4). One of his drawings is dedicated to Tarsila do Amaral. It portrays, in a single scene, Pão de Açúcar (Sugarloaf Mountain), Morro do Corcovado (Corcovado Hill) and Arcos da Lapa (Lapa Arches). In this foreground drawing, one can identify the representation of a typical inhabitant of the hill at that time. On her head, she balances an object that reminds us of a bowl of clothes. An old house and the Lapa Arches are outlined in simple lines, both representing the city seen from the hill. Finally, the natural landscape is depicted in the background, with emphasis on the Sugarloaf Mountain and Corcovado Hill, both key elements that characterize the urban imagination of Rio's capital to date. Unfortunately, nowadays we would not be able to position ourselves in the same place where Le Corbusier dazzled this landscape as in 1950 Morro Santo Antonio was removed to make way for the famous Aterro do Flamengo (Guerra, 2003).

Tarsila do Amaral also depicts Brazilian everyday life in her works. She stands out for her cubist forms, symbolism, and abstraction allied to colours defined by her as Brazilianness – the pure and countrified colours of a Brazil seeking to beautify its cities. As an artist already established in the Brazilian modernist movement, in 1924 Tarsila presents the painting Morro da Favela (Figure 1.5) at the stage of



#### 1.4

Le Corbusier's sketching of Morro do Santo Antônio, in Rio de Janeiro (1936)  
Source: Queiroz, 2013

her works known as Pau-Brasil (1924-1928). In that work, she portrays the Brazilian reality of the time, characterized by a phase called 'embellishments' due to the restructuring of the historic city centre of Rio de Janeiro. To attract investments, the poorest part of the population, mostly consisting of former slaves and their descendants, had been expelled from the developed city to be sheltered in the hills, forming communities that gave rise to what today we call favelas. The picture eventually became a criticism against the marginalization of the most disadvantaged social classes in the period shortly after the abolition of slavery. Tarsila offered this work to Blaise Cendrars, the French poet who put *Morro da Providência*, formerly known as *Morro da Favella*, on the traveling route of modernist artists and architects (Matos, 2010).

1.5

*Morro da Favella*, oil painting, 64 x 76 cm, collection Sérgio Fadel, Rio de Janeiro. Tarsila do Amaral, 1924 (Source: available at <http://galeriadefotos.universia.com.br/index.php/gallery/view/179/Obras-de-Tarsila-do-Amaral>; accessed on 30.12.2016)





## Drawing the Favela

In their essence, drawings are the recorded perception of the landscape and culture of an era. Therefore, in this study I propose to analyse different representations of a single object by having the architecture of favelas as the main subject. Students from the Undergraduate Program of Architecture and Urbanism at the Federal University of Pelotas (UFPeI) worked on different photographs taken of Rio de Janeiro favelas. They represented the elements that most drew their attention in each picture by using the freehand ink technique. In addition, digital collages were done based on the drawings produced. The discussion on these works becomes important when we notice their different outcomes. While some representations were extremely realistic, highlighting the situation in the most real way possible, others approached Symbolism, where several elements were abstracted from the images, letting the main and characterizing idea of the scene prevail. Such work enabled us to identify the elements most represented by students as part of the collective imagination. When we identify the common and characteristic elements to favelas, as well as those only found in some of the drawings, we open a discussion to something that Environmental Psychology points out: the image we have of the real world varies from person to person, and many of the elements that form this image are linked to the references of each individual, such as their background, life experience, travels taken and other variables already identified by scholars like Kevin Lynch (1960), Gordon Cullen (1991) and Jon Lang (1988).

The study intended to search for the collective imagination of favelas based on eight photographs, which were observed by a group of 20 students and represented freehand through the ink and digital collage techniques. Each student chose the photos with which they would like to work and this was the first methodological phase of the study: let the choice be guided by the draughtsman's individual perception towards the images that most evidenced the life taken in favelas. I selected the photographs used in this study in an exploratory on-line search. The purpose was to identify images with different representative themes of the life on the hill, as described below.



**O Abrigo (The Shelter):** this is the picture that depicts the architecture of bricolage, of the chance and incompleteness, formed by materials left over from the formal city: cans, pieces of wood, bricks found in garbage dumps and among the remains of construction sites.

Photo: available at <https://br.pinterest.com/agnhes/labfavela-and-its-beauty-or-ugliness/>, accessed on 30.12.2016



**A Vista do Casario (The View of the Houses):** it reflects the view that residents have of their neighbourhood, of the place where they live. It is characterized by the architecture of bricolage – the one that never ends and is always in progress.

Photo: available at [http://desciclopedia.org/wiki/Regi%C3%A3o\\_metropolitana](http://desciclopedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_metropolitana), accessed on 30.12.2016



**A Vista do Morro (The View of the Hill):** it shows the residents' view of their surroundings, which is formed by hills covered in houses, ultimately working as a shelter and landscape built under the city natural relief.

Photo: available at [http://favelacores.blogspot.com.br/2010\\_03\\_01\\_archive.html](http://favelacores.blogspot.com.br/2010_03_01_archive.html), accessed on 30.12.2016



**O Arco-iris (The Rainbow):** it reflects the urban revitalization through colours. This theme is represented by the work of 'Favela Painting', where two Dutch artists, along with the local community, proposed the rainbow over the houses as a way to rescue life.

Photo: available at <http://www.favelapainting.com/>, accessed on 30.12.2016



**A Rua (The Street):** it depicts the typical alley found in several favelas. Here, the bricolage is in the walls of the public space, which is taken by children and everyday life with its clothes hanging on the clotheslines of the homes façades.

Photo: available at <http://www.zwartzusters-bethel-brugge.be/brazilie.html>, accessed on 30.12.2016.



**As Crianças (The Children):** it is the picture of the contrast between colours and the lives of children, both emerging from a crack in the architecture of bricolage, which is built on abandoned urban streets.

Photo: available at <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/galeria/2010-06-13/favela-do-mandela>, accessed on 30.12.2016.



**O Policial (The Police):** in the process to pacify many favelas, the police force is often pictured as an agent extern to the community.

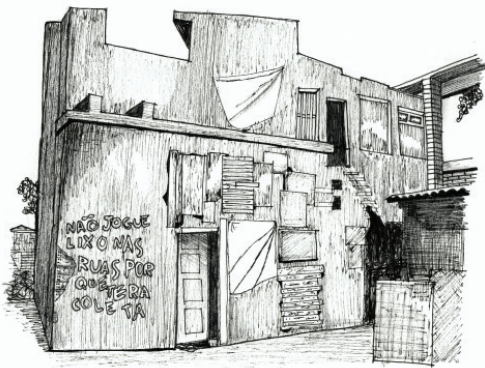
Photo: available at [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Policiais\\_ocupam\\_Complexo\\_do\\_Alemao.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Policiais_ocupam_Complexo_do_Alemao.JPG), accessed on 30.12.2016.



**O Teleférico (The Gondola):** it is a sign of the formal city coming to favelas, the modernization that helps residents to access the city but that also brings the tourists, who often act as invaders to a local society.

Photo: available at <https://snowmaniacs.wordpress.com/tag/medalhas-em-sochi/>, accessed on 30.12.2016.

Eight themes were identified in the photographs. The choice for the pictures was free, thus some themes generated more drawings than others did. 'The Shelter' resulted in 10 drawings; 'The View of the Houses' resulted in eight drawings; 'The View of the Hill' resulted in seven drawings; 'The Rainbow' resulted in six drawings; 'The Street' resulted in five drawings; 'The Children' and 'The Police' resulted in three drawings each; and 'The Gondola' resulted in two drawings. Most of the participants' choices addressed the photographs portraying the urban structure formed by the housings, views of the hill and towards the hill. The photographs depicting children playing in the streets, policemen walking and the gondola in Morro do Alemão were chosen by a smaller number of users, which shows that the group of future architects and city planners tend to drive their views to the shelter: the housing in its most precarious state, unpainted, without renovation. Students from the same program produced digital collages of the drawings, graphically highlighting the elements stressing their image of favelas (Figures 1.6 to 1.25).

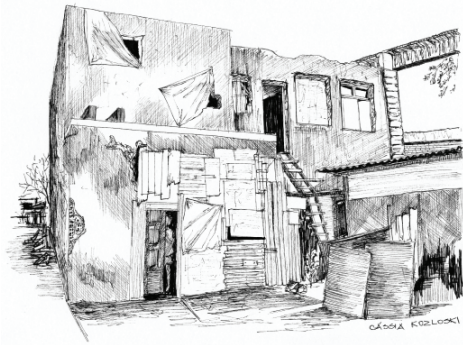


**1.6** Sketches - The Shelter  
Author: Acrícia Coleberg

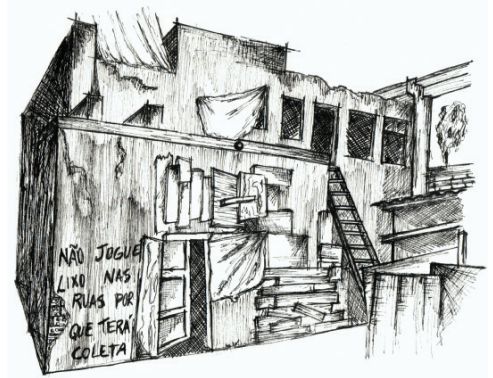


**1.7** Sketches - The Shelter  
Author: Fabio Zucco





**1.8** Sketch - The Shelter  
Author: Cássia Kozloski



**1.9** Sketch - The Shelter  
Author: Julia Robalto



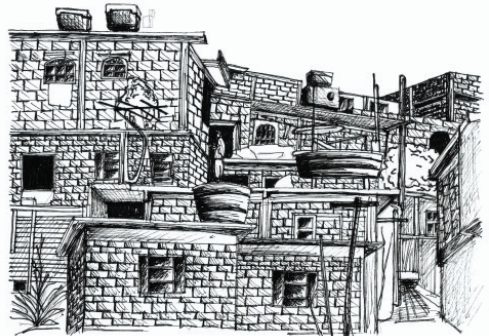
**1.10** Collage about the theme The Shelter  
Authors: Laura Cezar and n.d



**1.11** Sketch - The View of the Houses  
Author: Morgana Magarinos



**1.12** Sketch - The View of the Houses  
Author: Cássia Kozloski

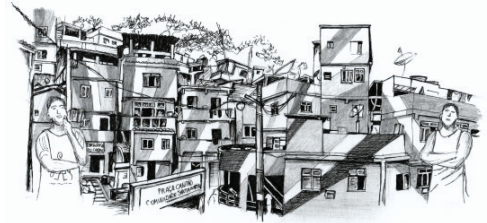


**1.13** Sketch - The View of the Hill  
Author: Michele Guidotti





**1.14** Sketch – The View of the Hill  
Author: Cassia Kozloski



**1.15** Sketch – The Rainbow  
Author: Morgana Magarinos



**1.16** Sketch – The Rainbow  
Author: Julia Robaldo



**1.17** Collage about the theme The Rainbow  
Authors: Morgana Magarinos and  
Laura Cezar



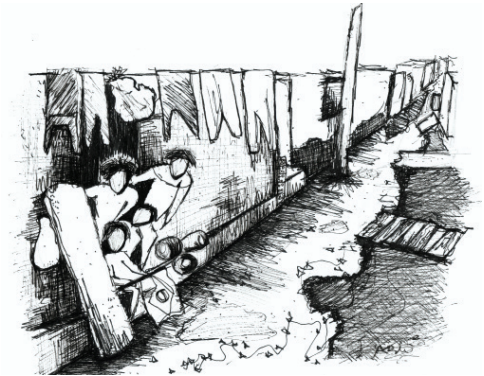
**1.18** Sketch – The Street  
Author: Cássia Kozloski



**1.19** Collage about the theme The Street.  
Authors: Cássia Kozloski and  
Laura Cezar



1.20 Sketch - The Children  
Author: Michele Guidotti



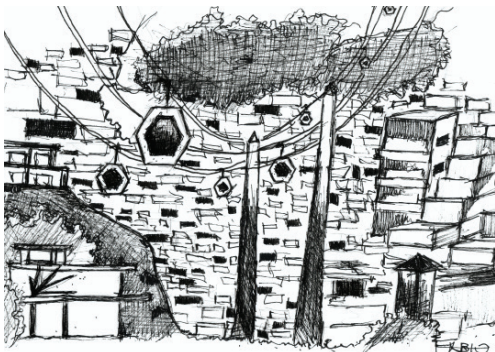
1.21 Sketch - The Children  
Author: Fabio Zucco



1.22 Sketch - The Police  
Author: Michele Guidotti



1.23 Collage about the theme The Police  
Authors: Michele Guidotti and Laura Cezar



1.24 Sketch - The Gondola  
Author: Fabio Zucco



1.25 Sketch - The Gondola  
Author: Morgana Magarinos

## Conclusion

Due to the degree pursued, the results achieved show that architecture and urban planning students tend to relate the environment of favelas with the physical object of dwelling, which is the most detailed element in most of the drawings. The details featured in these representations reach extreme levels of precision and can be classified as Realism. Elements such as people, cars, vegetation, and urban furniture are either completely stylized or eliminated from the drawings.

An interesting factor to highlight is that the work developed with the students took place in the beginning of the process to pacify Rio's favelas, when the UPPs (Pacifying Police Units) were being established and the subject was broadcast by television and printed media every day. However, the picture that portrays the presence of the police in the favela was reproduced only three times from 45 drawings made by students. Thus, at that time this episode was not yet part of their imagination in what concerns Brazilian favelas. Moreover, many students identified the presence of the police officers as intruders in that vernacular urban environment already established.

The relevance of the study on urban imagery is confirmed by the support of FAPERGS-CAPES for this project, demonstrating that favelas are emerging as important places in the study of symbolism and the user's cognition with the city.

Here, we detach the students, who were part of the ink drawing exercise, of the Federal University of Pelotas, in the Faculty of Architecture and Urbanism, in the discipline of Graphic Expression Techniques 2. Without them, this work would be impossible: Acrícia Colemberg, Arthur Albuquerque, Camila Bender da Silva, Cássia Kozloski, Ester Marques, Fábio Zucco, Julia Robaldo, Juliana Höfler, Micheli Guidotti, Morgana Magarinos, Paula Zottis Junges and Vitória Ávila.



***Bibliography***

Bartuska, T. J. & Young, G. L. (1994). *The Built Environment Creative Inquiry Into Design and Planning*. Califórnia: Crisp Publications, 1994.

Collin, C., Grand, V., Benson, N., Lazyan, M., Ginsburg, J. & Weeks, M. (2012). *O livro da Psicologia*. Rio de Janeiro: Editora Globo.

Cordeiro, E. F. (2010). *O inconsciente em Freud*. Web Artigos. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-inconsciente-em-freud/46925/>. Acessado em 13.02.2015.

Cullen, G. (1995). *Concise Townscape*. New York: Routledge.

Fischer, G. N. (1997). *Individuals and environment: a psychosocial approach to workspace*. New York: Gruyter.

Freud, S. (1996). *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Volume XIV. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago.

Golledge, R. G. & Stimson, R. J. (1996). *Spatial Behavior: a geographic perspective*. Nova York: Guilford Press.

Guerra, A. *FavelaConnects* (1). (2003). *Arquitextos Vitruvius*. n.032.03, ano 03, janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.032/714>. Acessado em 04.01.2017.

Jacques, P. B. (2001). *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

Jaffé, A. (1997). *El simbolismo en las artes visuales*. Jung, C (Org.). *El hombre y sus símbolos*. Tradução de Luís Escobar Bareño. Barcelona: Editorial Luis de Caralt.

Lang, J. (1988). *Creating Architectural Theory*. New York: Van Nostrand Reinhold.

Lynch, K. (1960). *The image of the city*. Cambridge: The M.I.T. Press.

Matos, J. S. (2010). As estruturas do cotidiano brasileiro na obra de Tarsila do Amaral. *Historiæ*, Rio Grande, 1 (2): 85-102. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2287>. Acessado em 13.02.2016.

Nasar, J. L. (1988). *Environmental aesthetics: Theory, research and applications*. Cambridge: University Press.

Passini, R. (1992). *Wayfinding in Architecture*. New York: Van Nostrand Reinhold.

Pellegrini, T. (2007). Realismo: postura e método. *Letras de Hoje*. 42 (4). Porto Alegre: PUC. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4119/3120>. Acessado em: 13.02.2015.

Pereira, L. S. A. (2013). *A imagem como linguagem: linguagem visual e seus elementos básicos*. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais). Universidade de Brasília: Brasília.

Portella, A. (2014). *Visual Pollution: Advertising, Signage and Environmental Quality*. London: Ashgate.

Queiroz, R. (2013). *Le Corbusier, Paisagem do Rio de Janeiro, 1936*. Disponível em: <http://www.blogdoims.com.br/ims/le-corbusier-paisagem-do-rio-de-janeiro-1936-por-rodrigo-queiroz>. Acessado em 13.02.2015.







## CHAPTER 2

# THE FAVELA THROUGH COLLAGE

DIDACTIC EXERCISES WITH ARCHITECTURE STUDENTS

*Laura Lopes Cezar*

Adjunct Professor

School of Architecture and Urbanism

Federal University of Pelotas

arqcezar.14@gmail.com



The collage presents itself as an expressive technique and poetic narrative. It has been used, in this chapter, to treat different problems of favelas. The work was developed by students of Architecture and Urbanism of the Federal University of Pelotas. Collage, in the exercises performed, is characterized as a means of expression and approximation, in the field of urban imagery. The collages were analysed in their compositional aspects and symbolic contents. The exercises were carried out in the subjects of Expression and Graphical Representation II and III. The analysis of the works allows identifying the variety of elements that constitute the symbolism and the imaginary of the life of favelas. They contribute to a playful analysis of themes that today belong to city planning and are often disregarded by urban gentrification processes.

**Keywords:** favela; collage; teaching; graphic representation; narrative and compositional analysis.



2.1 Collage 'A favela e o olho' (The favela and the eye)  
Author: Luiz Fernando Colvara Mombelli

## A brief introduction to collage

The word collage comes from the French language and derives from the verb coller, which literally means to glue. However, the collage as a technique goes far beyond the possibility of gluing, juxtaposing or overlapping images; according to Fuão (2011), it is a love encounter between cut out figures, as if they wanted to go together to create new messages. In fact, they are poetic expressions (Figure 2.1).

Doing collages in a classroom helps create a sense of fellowship. While students are looking for images for themselves, they often find images that their classmates also want, which results in an exchange of experience and niceties. Students become interested in the work of their colleagues and in the end one can say that all the collages produced are the result of a collective work, where professors actively

create with their students. It is a surprising process to keep track of because it pulsates between the joy of establishing 'well-resolved' encounters and the disappointment to assemble pictures that do not go well together, which eventually shows that the work is not over.

Students' avid eyes act as the main scissors. They are the tool that actually select and cut before the sharpened blades are used and they keep cutting until it is time to glue. Such phase of the process triggers some insecurity and even anguish in the students. The glue means something definitive for them, so they rehearse infinite matching possibilities of the loose figures on the sheet of paper until achieving their perfect match. The collage is an artistic technique that can use photographic images as well as fragments of texts and paper to make a composite image. These fragments are decontextualized and reorganized in a creative way, seeking to convey and interpret new meanings. The collage can be done either on a blank sheet of paper or directly on an image. Nowadays it can also profit from infographic programs, be done manually with scissors and glue or simply with fragments torn by hand. It can get different names depending on the specificity of the technique, such as *papier-collés*, photomontage or photocollage, collage, among others.

According to Fuão (2011), the origins of collage must be traced back to the emergence of photography in the 9th century, considering that along with the photograph the first photographic manipulations also appear, like the composite photographs. Composite photographs are made up of multiple snaps to create a single environment, and you can use several negatives printed on the same sheet to create the allusion of a single photographic snap. Composite photographs provided the artists in this technique with the same creative freedom of painters, as they could also transform reality.

The *papier-collés*, a French expression meaning glued paper, was the technique used by Picasso, Braque and Gris between 1910 and 1914. In this method, the fragments used were not photographs, but labels and clippings of advertisements and newspapers on the surface of cubist paintings. Even though the papers glued to those works had abstract value, they could also replace an object of reality, substituting an absence. In these works, the representation of three-dimensional space gives rise to two-dimensional representations, featuring lack of depth and the flattening of objects. Nonetheless, often times the materiality of the glued fragments would give the



impression of jumping from the canvas. The figure-ground relations were no longer so evident and there was always a dance between realism and abstraction.

Berliners invented the word 'photomontage' after the First World War to name the technique that included photography in their artistic works, many of them with political content, aiming to amplify symbolic contents. According to Dawn Ades (2002), the Dadaist artistic movement founded in Berlin and contemporary to Picasso's papier-collés used photography as a ready-made image glued together with newspaper and magazines clippings, fonts and drawings to form a chaotic and explosive image, in which the relation between the human and the mechanic was a recurring theme. The purpose was to represent the technological world, the world of mass communication and photography as the result of a process of photomechanical reproduction, besides the iconographic character itself. We can say that in terms of artistic quality, they did not match the papier-collés of Picasso, Braque and Gris, but both techniques found a means of expression between abstract and figurative art. The text included in the photomontages and collages loses its meaning to acquire visual properties, since it is incorporated with rotations, scale overlaps and as a fragment. The photomontages of the Russian and Polish constructivists were based on the principle of non-objective and constructive drawings. By means of photographic procedures, they could create images, shapes and textures independent of the real world, with predominance of dynamic compositions and in which diagonals and circles prevailed.

Max Ernst was considered one of the first artists to work systematically with the creation of images that featured a deep transformation of the essence of things, resulting in amazing figurations of high creative power and violent scale distortions. He used images that could have an expressive texture in his collages. Within the Dadaism movement, the work of Max Ernst was already forecasting the Surrealism movement, with Salvador Dalí's works developing the representation of the dream image. In the 1920s, one of his major untitled works became known as the 'murdering airplane', featuring an airplane with enormous human arms. The collage technique makes it possible to create new characters such as the one formed by a woman's body with a giraffes' head, as conceived in the work by a freshman architecture undergraduate student (Figure 2.2).



2.2 Collage 'A Girafa' (The Giraffe)  
Author: João Vitor Oliveira

In the 1930s, Surrealist collages sought to explore new relationships between the meaning and proportions of the human body, as well as the use of inverted images. Spatial continuity is one of the main characteristics of surrealistic collage, unlike that seen in Dadaism, characterized by fragmentation.

One of the main contemporary artists of photomontage or photo collage is the British David Hockney, who began his work with the use of a Polaroid instant camera. Using varying numbers of Polaroid snaps of the same environment, he went on recording various moments of everyday life scenes as a way to represent the space-time relation started by Cubists. Due to the limitation imposed by the white frame surrounding the image, Hockney would eventually abandon the Polaroid so that its fragments could freely find new positions and angulations, bringing some dynamism to his snaps. David Hockney's photomontage technique is widely used in architecture and urbanism because it allows for a more sensitive register of the landscape. It can enlarge the spectator's field of vision, drive the look and overlap different spaces and temporalities. The technique allows you to emphasize points of interest as well as reinterpret the missing images. The emptiness of the sheet of paper in photomontage is as powerful as the composition of photographs.

The collage technique has also become an established practice of popular character because of the ease to cut and glue images. It stands out in the making of photo albums, postcards of comic content, military souvenirs, posters for concerts and exhibitions, employed to date mainly by graphic designers. One of the many goals of collage is to create new landscapes, decontextualize to contextualize again, create new contexts to meaning and influencing images to deal with relevant topics such as the theme of this book.

### **Exercise: collage, favela and narrative**

The first collage exercise developed for this book about favelas was done on April 2016 in the Graphic Expression and Representation 2 course, offered in the second semester of the Undergraduate Program in Architecture and Urbanism by the School of Architecture

and Urbanism at UFPel. We decided to work with previously selected fragments of texts on various themes involving favelas. Students received a text to develop their collage. The works were done with magazine clippings on a white, black or coloured sheet of paper. The figures could be cut with scissors or simply torn by hand, the usual technique applied in the collage. Students developed the collage seeking to interpret the content of the text received and had to give their work a title at the end. The text fragments were taken from the following books: *Gringo na Laje*, by Bianca Freire-Medeiros; *Estética da Ginga*, by Paola Jacques; and *Planeta Favela*, by Mike Davis. The following text has been written seeking to interpret the content of the collages developed. It provides a compositional analysis of these works based on their formal and expressive aspects and within the Gestalt and Semiotic theories.

■ **Collage ‘Olhai por nós’ (Look out for us) made based on the text extracted from the book:** Freire-Medeiros, B. (2009). *Gringo na laje*. Produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: Editora FGV. p.94.

**Narrative and interpretation of the collage** (Figure 2.3): the text approaches the view of a Californian tourist on the city of Rio de Janeiro. She reports that her experience in the favela goes beyond visual perception, affecting all her senses and feelings, including fear. The tourist considers the favela as ‘the other Rio’ that must be known and experienced by all visitors.

The student uses figures that represent tourists on the beaches of Rio de Janeiro, but with different heads, overlapping other clippings, thus increasing our sensitivity and the view regarding the city. The Christ also receives a female face, with watery eyes and hands that seem to shift position – from praying to expressing indignation, fear and horror. The phrase below Christ the Redeemer, ‘Perdoai-os Senhor, eles não sabem o que fazem’ (Father, forgive them, for they do not know what they are doing) is connected to the word ‘Rio’ and can be interpreted by the reader in several ways. Although the word *eles* (they) may allude to different groups, we are led to think that all of them are related to those who threaten peace and dignity in the favela. The figure of a hovel and a boy represent the other Rio, the one that also must be revealed to tourists. The Christ and the female figures can represent the duality between the sacred and the profane in daily life, of enjoyment of the sea and the sun. The soccer ball, with the flag of several countries, alludes to mega events as a way to attract a



**2.3** Collage 'Olhai por nós' (Look out for us)  
Author: Gabriel Fischer Garcia

large number of tourists to the Wonderful City. The student manages to develop the theme with few clippings and creates a collage of great visual impact.

**Compositional analysis** (Figure 2.3): the work presents great visual balance between the figures. Symmetry is achieved by equivalence, at the same time dynamic by the rotations of the figures. One's gaze passes the Christ and stops on the two female figures in bikinis, the focal point of the composition. The theme is developed around the Christ, the structuring element in this work.

■ **Collage 'Turista na favela' (Tourists in the favela)** made based on the text extracted from the book: Freire-Medeiros, B. (2009). *Gringo na laje*. Produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: Editora FGV. p.94.

**Narrative and interpretation of the collage** (Figure 2.4): the text is about tourists' views of the Rocinha favela in Rio de Janeiro. According to one resident, tourists have the impression that Rocinha is not as poor as other favelas or the poverty found in countries like Africa. Tourists should also walk through the alleys beyond the developed businesses to understand that Rocinha 'has it all.'





2.4 Collage 'Turista na favela' (Tourist in the favela)  
Autor: Pedro Rizzolo

The student develops the collage by placing a bus at the bottom of the page, representing the arrival of tourists. Just above it, he uses the clipping of an extremely busy commercial area representing the business in Rocinha. An air conditioner is meant to show the quality of life of the local people. He recreates the favela with partial and overlapping views, giving rise to the idea of a lane. Some natural landscape emerges at the top of the favela. The Sugarloaf Mountain rises in a frame. After a long time of being inaccessible when Rocinha and Vidigal were dominated by drug trafficking, the most beautiful landscapes in Rio de Janeiro are now available to its residents and tourists again.

**Compositional analysis** (Figure 2.4): the student chooses to fill the entire bottom portion of the sheet. Some of the white from the sheet of paper is only visible at the bottom. The composition divides into three parts according to the narrative: the bus, the favela, and the natural environment. The most prominent figures are the bus and the clipping of the commercial area, partly because the collage was made with small fragments.

■ **Collage ‘*Bricoleur, arquitetura temporal*’ (Bricoleur, temporal architecture) made based on the text extracted from the book:** Jacques, P. B. (2007). *Estética da ginga*. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. 3ª edição. Rio de Janeiro: Casa da Palavra Produção Editorial. pp.23-25.

**Narrative and interpretation of the collage** (Figure 2.5): the text addresses bricolage as a common practice to build shacks in favelas. The constant collection of fragments found at random from other constructions, with another history and use, will give way to a provisional construction without predefined form because bricolage does not follow a project as architecture does: it is always open to receive new fragments; it is an unstable and ever-changing image. As the building of the shack progresses, small fragments are replaced by larger pieces; the more precarious materials give rise to masonry construction, nonetheless the process continues. The student uses the symbolism of recycling to highlight one of the main aspects of bricolage – that of a ‘friendly’ practice to the environment. The figure of a cheerful woman with a paint roller tries to highlight the playful

and creative aspect of the activity, although in most cases these slums are started as an urgent and immediate need to live somewhere. It is interesting to note that the student sought fragments of different types of stone to create a 'façade'. By doing this, he conveys the idea of solidity, going against the idea of fragility of a slum, reinforcing the view of an architecture student despite the fact that fragments of different materials are showing. Three wooden boards symbolize the materials to be replaced. A garbage digger appears at the bottom of the 'façade'; he almost goes unnoticed, with coloured lamps over his head, as if having ideas to show how to use the materials found. However, the figure of the woman with an impeccably white T-shirt represents the student's idealized interpretation regarding the bricolage in the favela.

**Compositional analysis** (Figure 2.5): the student creates a façade with a sloped roof thanks to the addition of different fragments, representing the building materials used and responding to the content. A single centralized opening shows some landscape that has nothing to do with favelas. The message is ambiguous: is it a façade or does it represent the interior of a space? The boards follow the slope of the roof and make the composition dynamic. From the figure of the woman, small fragments depart towards the 'ridge' of the building, forming a triangle with the white paper background. All the figures are overlapped on a white sheet with their edges ripped on craft paper. They emphasize the theme and give movement to the collage, which has a rather simple composition focused on a centralized figure.

**Collage 'A favela como labirinto' (The favela as a labyrinth) made based on the text extracted from the book:** Jacques, P. B. (2007). *Estética da ginga. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Casa da Palavra Produção Editorial. pp. 65-67.

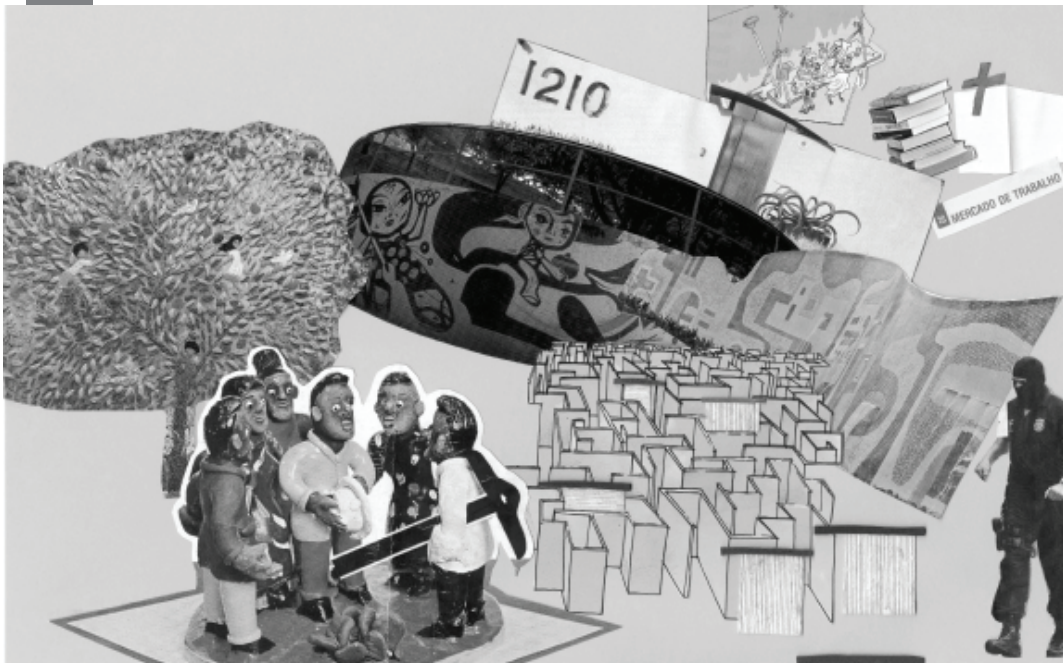
**Narrative and interpretation of the collage** (Figure 2.6): the text refers to the first pages of the chapter entitled Labirinto. Favelas do not have a map like a formal city. They are constantly weaving their labyrinthine yarn formed by alleys, ravines, and narrow lanes that set the rhythm of the favela dwellers' walk, always on the inclined plane. According to the author, favela's dwellers feature a ginged walk





**2.5** Collage - *'Bricoleur, arquitetura temporal'* (Bricoleur, temporal architecture)  
Author: Rafaela Cecconi

**2.6** Collage - *'A favela como labirinto'* (The favela as a labyrinth)  
Author: Denise Hax



that could be the forerunner of samba. Samba represents the spatial experience of the labyrinth. The author draws an analogy with the Greek mythology, in which the minotaurs are the traffickers, always dominating the favela from above. In the favela-hill, it is more difficult to access its pyramidal interior than to descend it, since it is easier to find the exit that leads to the formal city. Just like in the mythology, outsiders to the favela need to be led by a local resident, who plays the leading role because they understand the fluid, ever-moving spatiality of the place. The student, however, places the police and the inhabitants of the favela in the old position of the traffickers. The theme of the Ginga or undulating walk is not part of her work, but the group of people on the left can represent a 'roda de samba' or a group of people playing samba. One of the characters with a 'T' square ruler conveys the idea that the favela architects are all its residents, anonymous in the eternal construction of their labyrinth.

**Compositional analysis** (Figure 2.6): the student works with different scales. Mosaics and mural drawings overlap creating a background to the labyrinth and all figures are placed around it. The yellow background was chosen because of the colour of the labyrinth, causing it to look dematerializing, almost disappearing from the collage. The tree serves as the setting for the live encounter of the characters, who seem to jump off from the sheet of paper, a dichotomy in relation to the representation of the labyrinth. The labyrinth is marked by a few textured backgrounds, which bring some dynamism to the representation and make it closer to the group of people. At the same time, they can symbolize some points of reference for those who circulate in the labyrinthine pattern of the streets and alleys of favelas. A police officer on the lower right of the composition seems to have little importance in the collage, but he keeps the same horizon line of the group of 'people', suggesting that they are looking at the favela from above. Even so, it is impossible to understand or even 'control' the labyrinthine plot, as it is built only in your mind each route you travel past.

■ **Collage 'A desconstrução da vida social' (The deconstruction of social life) made based on the text extracted from the book:** Davis, M. (2006). *Planeta Favela*. Rio de Janeiro: Editora Boitempo. pp. 121-122.

**Narrative and interpretation of the collage** (Figure 2.7): the text





**2.7** Collage - '*A desconstrução da vida social*' (The deconstruction of social life)  
Author: Cibele Peres

addresses the problem of social segregation and the constant search for security – the idea that the destruction of favelas could contribute to the ‘urban order’. The student develops the theme presenting the figure of a soccer player trying to overcome the difficulties imposed by social and urban segregation as the focus of her collage. His chest, a tall building, represents the rigidity of movements in the walled city; he is trapped inside himself, his hair of buildings may perhaps mean that his thoughts are disturbed by the idea of where he can and cannot move freely. Aligned constructions suggest delimitations and the possibility of being inside or outside the ultra-artificial city of the closed condominiums. An armed man represents the search for security. The watchmen guard the entrance and exit of residents and visitors (for authorized people only) from inside their security towers.

**Compositional analysis** (Figure 2.7): the collage features the ‘soccer player’ as the highlight of the composition. Several triangles of approximate geometry appear at the bottom of the paper, balancing the composition by repetition. The buildings grouped diagonally at the back of the character give the illusion of depth and interact with the buildings that form the ‘dense wig’ of the character. There is a formal analogy with the ‘world’ forming the character’s head and the soccer ball. The collage suggests action and movement. Both the ‘soccer player’ and the armed man create some tension in the unfolding of the narrative. The overlapped panties add some strangeness and make the collage fun and subversive.

■ **Collage ‘A morte mora ao lado’ (Death lives next door) made based on the text extracted from the book:** Davis, M. (2006). *Planeta Favela*. Rio de Janeiro: Editora Boitempo. p.43.

**Narrative and interpretation of the collage** (Figure 2.8): the text selected deals with an extremely unusual case of inherited dwellings, since favelas can be started in abandoned places building on former favelas. It is about re-defining, giving new meaning. The example is the city of the Dead in Cairo, a former cemetery where more than 1 million poor people use graves as prefabricated housing modules. Refugees expelled from Sinai and Suez during the 1967 war occupied the cemetery. Creativity is present in the gravestones and cenotaphs as furniture, while externally the clothesline is tied between tombstones. To develop the collage, the student uses overlapping bones and skull clippings to create the ‘soil’ on which the dwellings are based. Two frightened children are behind a coffin that has a figure inside it: it is just a drawing or a latent memory



**2.8** Collage - '*A morte mora ao lado*' (Death lives next door)  
 Author: Gabriela NoreMBERG

of where dead and alive people live together. The collage suggests the interior of a cheerful house, with pictures on the wall, and next to them, there is another drawing of a child sitting with bones on the table. There is a couple upside down, in the same colours as the soil. Are they former residents? The 'ghosts' do not get scared and the student develops the theme in a light and fun way.

**Compositional analysis** (Figure 2.8): the pictures on the 'wall' are misaligned, creating some tension in the collage. The composition revolves around this centre, where most of the vibrant and complementary blue/orange colours concentrate. Our attention is driven to the pixelated skull<sup>1</sup>. The base has more weight despite the inverted figures at the top. A diagonal appears on the axis that symmetrically divides the skull positioned in the upper right corner. The composition suggests the sofa as foreground, the pictures as background and the inverted figures remain open to interpretation.

<sup>1</sup> Since the word pixel has already entered the Portuguese vocabulary through computer science and digitization, it is legitimate to create the word "pixelar" as a verb and to conjugate it. Pixelated = View of squares in a digital image, to create a certain visual effect or because of an excessive increase of the image with respect to its resolution.



**2.9** Collage '*As carnes mais baratas dos mercados*'  
(The cheapest meats of the markets)  
Author: José Luiz Votto

**Collage '*As carnes mais baratas dos mercados*' (The cheapest meats of the markets)** made based on the text extracted from the book: Davis, M. (2006). *Planeta Favela*. Rio de Janeiro: Editora Boitempo. p.189.

**Narrative and interpretation of the collage** (Figure 2.9): the text reads about one of the ugliest faces of the informal economy: the trade of human organs. In India, the shantytown of Bharathi Nagar in Villivakkam became known as Nagar of the Kidneys. Many foreigners went to South India in search of organs. It is estimated that in this community more than five hundred people, mostly women, sold a kidney as a means of earning their living.

The student seeks to portray the theme through tentacles that connect the city and wealth to a body 'cut by scissors' and an organ representing mutilation and suffering. The tentacles suck, catch and do not let the organ go, dollar signs fluctuate, two men appear as intermediaries of the negotiation. Next to the head of the mutilated body, the student places the image of a group of people bathing in a river, representing the supremacy of mind over body and the ability to overcome human exploitation. Rings appear over the group with the phrase '*cada delícia tem um preço*' (every pleasure has a price), causing the observer to question beyond what is seen in the collage.



**Compositional analysis** (Figure 2.9): the work presents overlapping scales and figures. There is balance in the composition because the representation of the city occupies practically the same area of the other figures. The tentacles connect the two sectors of the composition. Diagonal lines contribute to make the composition dynamic, with the body parallel to the street of the city. The ‘mutilated’ body occupies the focal point of the composition. The reading of the collage, from left to right, ends with the phrase strategically placed on the upper right. The gold represents wealth, as an exchange currency, and the red represents the ‘flesh’ that will be sold.



**2.10** Collage '*Terremoto e fogo*' (Earthquake and fire)  
Author: Tauane Uarth



■ **Collage ‘Terremoto e fogo’ (Earthquake and fire) made based on the text extracted from the book:** Davis, M. (2006). *Planeta Favela*. Rio de Janeiro: Editora Boitempo. pp.132-133.

**Narrative and interpretation of the collage** (Figure 2.10): the text addresses two major threats to favelas around the world: earthquakes and fires, the latter being the main cause of destruction. According to Kenneth Hewitt, a geographer specializing in risks, earthquakes have destroyed more than 100 million dwellings during the twentieth century, mostly in areas of great poverty such as those of favelas. Generally, the wealthiest urban areas are based on more stable lands. Consequently, they receive a much smaller impact than the poor areas, often based on slopes and poorly consolidated terrains. Fire is the main threat in the favelas since they have highly flammable constructions, high-density index and are difficult to be accessed by fire trucks in their labyrinthine and narrow network of ebbs and flows. The text points to the fact that many fires are acts of arson and are started by developers and owners. The student develops the content by representing the narrative of both tragedies; the magazine clippings simulate different time-spaces: the event itself and its consequences. The high fragmentation suggests the destructive force of these often-announced tragedies. Two united arms arrive at the fragment of a leg and can represent both anonymous heroes and saved lives.

**Compositional analysis** (Figure 2.10): the collage is structured from a centre upon which the narrative is developed. Fragments of earth and an explosion represent the moment of the earthquake; on the left, one can see the debris after the quake. The theme of the fire occupies a reduced space in the work, but it is related to the earthquake through an image of strong impact. The red of the fire stands out in the composition with neutral tones predominating. The arms and legs overlap in the shape of a ‘v’ on the centre to make the composition dynamic. The juxtaposition of the clippings with the paper background creates tortuous and labyrinthine paths from which it is difficult to escape.

■ **Collage ‘Terra: planeta água’ (Earth: the water planet) made based on the text extracted from the book:** Davis, M. (2006). *Planeta Favela*. Rio de Janeiro: Editora Boitempo. p.141.

**Narrative and interpretation of the collage** (Figure 2.11): the text addresses the ecological problems of favelas, which often end up invading ecological sanctuaries and river basins, contaminating their waters and



**2.11** Collage - '*Terra: planeta água*' (Earth: the water planet)  
Author: Natália Lohmann D'Ávila

endangering public health. In the city of São Paulo, half the favelas are located on the banks of the reservoirs that supply water to the city and where they discharge their waste. Annually, the city is obliged to use 17,000 tons of chemicals to keep the water drinkable. The student develops the collage showing the contamination of the water. She presents the figure of a chemist who represents the search for local solutions to global and environmentally impacting problems. There is also a group of people trying to control a bundle of water representing the enormous difficulty in solving the problem. A blue and crystalline eye is divided and filled by waters unfit for consumption, deepening the complexity of the subject.

**Compositional analysis** (Figure 2.11): the student develops the composition seeking a balance between the figures that represent contamination and the blue representing drinking water. The clippings are all visually connected. A fragment of planet Earth is formally associated with the eye, and the two images associated can convey the following message: 'We are keeping an eye on our planet's water!' The fragment of the Earth receives the water bundle and is connected with the figure of the 'chemist', representing a global problem of all favelas. The structure of the composition is dynamic because it presents two parallel diagonal lines, where the clippings concentrate.

## Didactic exercise: *collage* and favela as seen by architecture students

The second collage exercise was done on May 2016, in the Graphic Expression and Representation 3 course, offered in the third semester of the Undergraduate Program in Architecture and Urbanism by the School of Architecture and Urbanism at UFPel. In this exercise, we counted on the participation of the faculty member Natalia Naoumova. Differently from the previous exercise done in the other course, we decided that students would not receive a text to develop their collage this time. The theme would be free and students were to give their work a title. An expository lecture was presented to the students focusing on the expressive and technical possibilities of collage. We established the same paper format of the previous exercise, but this time students were allowed to use a hybrid technique: they could draw their own pictures to recreate the landscape of favelas. The images used came from architecture, decoration, politics and a variety of other magazines, as well as from printed images of Brazilian favelas. The themes came naturally. Some were chosen based on the images found, others needed to have the images respond to a previously formulated idea. Only one of the students in the group (originally from Rio de Janeiro) had already been to a favela.

Here we present several looks on favelas organized into four recurring themes: *A força negra na favela* (The black strength in favelas), *A favela e suas circunstâncias* (Favelas and their circumstances), *A felicidade mora aqui* (Happiness lives here), and *A paisagem da favela* (The landscape of favelas). The narrative that follows is nothing more than an essay, an attempt to discover what collages can reveal. In the midst of data, there comes a subjective interpretation from the eye on the works of her students, which are open to infinite interpretations by the reader.

### The black strength in favelas

The collage in Figure 2.12 brings to mind the time of the Empire in Brazil, of a Colonial Brazil and the arrival of black slaves from Africa, representing the work force that built the nation together with the immigrants. We are talking about exploited slaves who worked from sunrise to sunset



**2.12** Collage '*Flores na janela, cores da favela: a miséria como espetáculo*' (Flowers in the window, colors of the favela: misery as a spectacle)  
Author: Caio Mendonça Plácido

in coffee farms or in *charqueadas*<sup>2</sup> in the south. The frowning figure of a likely officer from the imperial army is in the centre of the collage, expressing power. Since its inception, favelas have always been a space of resistance for the black and oppressed. The flowers that float in the collage emerge as hope for renewal. At the top of the skull, under the boy's body, a yellow flower bouquet shines and the show of the favela restarts every dawn.

The free hands of the slave hover over the favela and the image of a fragmented Blessed Virgin Mary protects everyone (Figure 2.13). Between his fingers, there are clippings of grass in the form

<sup>2</sup> It is a farm that produces salted meat such as *charque*.



**2.13** Collage - 'A favela' (The favela)  
Author: Caroline Eifler

of a dollar sign, stressing his life story without property rights, the latter always flowing from his hands. After abolition, slaves initially founded quilombos<sup>3</sup> in the hinterlands of the farms from which they were expelled. The primary goal of abolition was not freedom. Under the flag of justice and equality laid the urgency to modernize Brazil in the path of industrialization. With the government having given little thought as to how these newly liberated slaves and other miserable people would make a living, hundreds of thousands came from across Brazil to Rio de Janeiro, forming communities around the outskirts of what was then the capital of the republic. They started the process of irregular urbanization called favela. Therefore, favelas are a territory formed by the black force, which recently began to be proud of living in the 'community'.

According to Meirelles and Athayde (2014), 72% of favela residents declare themselves black and 30% claim they have already suffered racial discrimination also because they live in a favela. Black women from favelas experience a high degree of social vulnerability. They are badly paid and exposed to mistreatment, domestic and sexual violence. They depend on the inefficiency of the urban mobility system to go to work, leading an exhaustive life from home to work

<sup>3</sup> A *quilombo* is a Brazilian hinterland settlement founded by people of African origin including the *Quilombolas*, or *Maroons*.



(and vice versa) while they raise their children. Besides this, they often get underpaid jobs due to low education levels. Research shows that black women suffer institutional racism mainly in health services. There are reports throughout Brazil of situations of humiliation suffered in public hospitals when they are admitted to give birth. In face of such a sad panorama that violates human rights, the collage of Figure 2.14 praises the beauty and grace of the black woman. Several skin complexions are represented in small squares; a calm smile and closed eyes provide some insights to the consciousness and pride of being a black woman, besides envisaging new horizons. The curly hair is represented by strips of the favela night landscape, illuminating the woman's face and restating her sense of identity.



2.14

Collage - '*Mulheres da periferia*'  
(Women from the outskirts)  
Author: Julia Arias



**2.15** Collage - '*Onde está nossa liberdade?*'  
(Where is our freedom?)  
Author: Jan Patric Stufkens

### Favelas and their circumstances

The interrogation of the collage in Figure 2.15 questions where our freedom is. It is a cry of a young face with the national flag painted on the forehead. Freedom threatened, freedom watched – in the favela and anywhere: the feeling of false freedom and security. Most of the favela population consists of working people who lead a decent life: dressmakers, cooks, tradesmen, drivers, construction workers, door attendants, security guards, etc. They are exposed to external events that range from stray bullets to clashes between the police and drug gangs, precisely in their own territory and where they should feel safe because the favela is the place of movement, the place to feel free when walking between alleys, where neighbourhood relations are maximized, where the public and the private overlap.

In the collage of Figure 2.16, we can see a man from which knives and sharp scissors protrude, cutting and transforming the lives of families who lost their most loved ones: their children. At the top of the collage, the three friends huddled together pray from above, while below the body of MC Zé has just been shot. How good it would be if everyone had a closed body and an open mind.

This work presents a dramatic content. In the collage of Figure 2.17, the figure of Christ the Redeemer is back again, now facing a man in black and with a white handkerchief in his hand representing



**2.16** Collage - '*Corpo fechado, mente aberta*'  
(Closed body, open mind)  
Author: Kelly Aires

the constant threat experienced by favela dwellers in regards to drug traffickers and police surveillance. Bodies mutilated and hindered by violence seem to dive into a free fall over the city skyscraper. No welcome and hospitality is offered, but a pot of food and a dose of Prozac by the time favela residents go back home. The author of this collage is the only student who has truly experienced the space of favelas and shows the dichotomy between the formal and informal city.

The collage of Figure 2.18 shows a very common impression about favelas disseminated by the media for many years. However, it seems that such a notion (of favela) has been drastically changed and no longer inhabits the collective imaginary so vividly, as just this one work portrayed the trafficker dominating the hill amid poverty and hopelessness. Although many hills have been controlled by Pacifying Police Units (UPPS) in the city of Rio de Janeiro, the trafficking activity continues in a more silent and contained way, with less weaponry, fewer deaths and clashes. For many decades, criminal organizations controlled territories abandoned by the state. As to Rio de Janeiro, the UPPs are not the solution to the problems of favelas; they are only the beginning of a trend towards transformation that will not follow safe paths until public policies in the field of education, health, security and culture can work for healthy social and economic





2.17

Collage - 'Um pote de ração e uma dose de Prozac'  
(A pot of food and a dose of Prozac)  
Author: Amanda Braga Schwartz



2.18

Collage - 'Realidade da Favela'  
(The real situation of favelas)  
Author: Juliana Conzatti

## Happiness lives here

The collage in Figure 2.19 shows some of the cultural diversity of the life led in the favela: the samba player with a tambourine and a *cavaquinho*<sup>4</sup> in the upper right corner represent the musicality of its residents. Currently, gospel music is as listened to as samba in favelas, and hip-hop music with protesting lyrics gives way to another kind of hip-hop known as 'bling bling'. Samba was born on the hill and is rooted in the outskirts and favelas of Rio de Janeiro, a symbol of Brazilian black culture. The hill samba is known for its creativity and musical quality after the 60's, a period in which Brazil was facing a military dictatorship. The lyrics of 'O morro não tem vez' of 1963 by Antônio Carlos Jobim and Vinicius de Moraes reveal how much the city has to learn from favelas: *'O morro não tem vez/E o que ele fez/Já foi demais/Mas olhem bem vocês/Quando derem vez ao*

4 A small kind of guitar, similar to the Hawaiian ukulele.



*morro/toda a cidade vai cantar/morro pede passagem/Morro quer se mostrar/Abram alas pro morro/Tamborim vai falar/É um, é dois, é três/ É cem, é mil a batucar/O morro não tem vez/Mas se derem vez ao morro/Toda a cidade vai cantar<sup>5</sup>.*

Consumerism, son of capitalism, has arrived in favelas. According to Meirelles and Athayde (2014), the contact with consumer goods and advertising has always been present in the lives of favelas inhabitants.

Every day, the girl from Morro do Alemão who goes to work in one of the Ipanema's chic penthouses and walks past the seductive symbols of capitalist wealth, be they in the 'muscle' car of her mistress or in the designer clothes worn by the young people of the family. Her mother or her grandmother has already experienced it in other times (Meirelles & Athayde, 2014, p. 137).

With a real increase in income, there are now many very well furnished homes, featuring kitchens with several appliances that not even the fancy women from the south zone are familiar with. People have very comfortable houses with air conditioning and flat screen TVs, but unfortunately they cannot afford to pay their bills and the interest rates threaten to compromise their tight budget. The collage in figure 2.20 exhibits several objects and furniture at the centre of the composition, representing the economic rise in favelas and the 'consumer dreams' coming true in the lives of many residents, especially in Rocinha. According to its residents, Rocinha has a great deal of businesses, but most people still buy their goods outside the community.

The collage in Figure 2.21 tries to magnify the joy of children and favela dwellers. One can see the vibrantly coloured clothes contrasting with the exposed brick constructions. The overlapping china helps compose a fun view of the favela. The empty places where some of the characters are convey the idea of places to play ball, run and play catch, talk to friends. The places are rebuilt in their games and help construct their identity in the interaction with the environment. The favela as a space is vital and plastic, where various physical and subjective possibilities are offered to its users. The boundaries be-

<sup>5</sup> The hill has no chance/the hill has got nothing left/ But you should look more closely/The hill, so poor, wants more/And whenever people say 'it's now'/all the city is gonna sing/The hill now says 'give me a go'/The hill now says 'I'm on show'/Make way for the samba drummers - one, two, three/they are a hundred or a thousand/The hill has no chance/be ready for the dance/all the city is gonna sing.



**2.19** Collage - '*A felicidade mora no morro*'  
(Happiness lives in the hillside)  
Author: Nathalie Vilela

Collage '*Consumismo ultrapassando fronteiras*'  
(Consumerism crossing borders)

**2.20** Author: Laura Klajn Baltar









**2.22** Collage - '*A voz da alegria*' (The voice of happiness)  
 Author: Maureen Lautenschäger

The collage in Figure 2.22 highlights the pleasures found in favelas: the good food, the feijoada<sup>6</sup> served with orange and kale, the barefoot peladas<sup>7</sup> in the fields with the favourite team's shirt on, rodas de capoeira<sup>8</sup>, and the desire to be happy. The student in the foreground represents the city, but the composite also shows some distancing from the favela, as if each one had his or her own amusements. Three superheroes fly away from the mouth of a young Nara Leão<sup>9</sup>: they fly freely over the favela, because there are no more rifles. How beautiful life is in the favela!

### The landscape of favelas

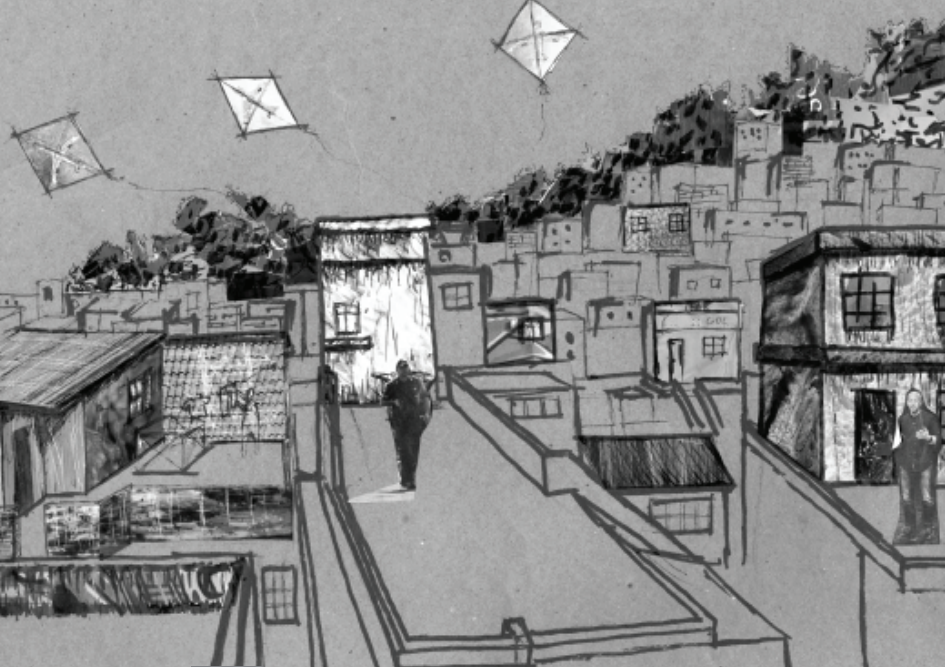
The landscape of favelas is characterized by the overlapping of buildings in horizontal and vertical planes, forming alleys, stairways and squares. It features an irregular morphology of self-replicating and unplanned images that remind us of medieval cities, resulting in a unique spatial wealth. The composition of the set is extremely delicate, formed by different angulations between units that create an image of subtle movement at a distance. The slabs on the constructions are places to walk, meet, fly kites and enjoy the landscape (Figure 2.23).

<sup>6</sup> A stew of beans with beef and pork, a typical Brazilian dish.

<sup>7</sup> The word pelada, which literally means 'naked', is a kind of soccer game stripped down to its core: away from professional stadiums, bright lights, and manicured fields. Tucked away on alleys, side streets, and concrete courts, people play in improvised games.

<sup>8</sup> A Brazilian martial art developed by slaves and former slaves bought from Africa that combines elements of dance, acrobatics and music, usually referred to as a game.

<sup>9</sup> Brazilian bossa nova and MPB (popular Brazilian music) singer and occasional actor, dead in 1989.



**2.23** Collage - '*Soltando pipa*' (Flying kites)  
Author: Lucas Linde de Melo

According to Meirelles and Athayde (2014, p.154):

One residence cannot flood another, let alone cover its little window. The favela, in the common wisdom of the people, builds possible agreements, stands in an architecture of symbioses and cooperation.

The collage in Figure 2.23 was made based on the photograph of a favela whose focus are the slabs. The student told me: 'Teacher, I did not have time to finish it. I wanted to have children playing on the slab'. In a certain way, the children are there, perhaps playing on other slabs, flying a kite. There is a direct relationship between the space of the slab and the landscape of the favela. They are inseparable and the student represents it in his collage, leaving both practically outlined by the lines of the drawing. The slab is the place of landscapes of socialization, where children and adults meet, where people play samba or pagode (typical Brazilian rhythms), make barbecues, sunbathe and cool themselves with a hose on torrid days. The slab represents the space of openness and amplitude in which the eyes can reach the horizon line. It is where contrasting landscapes complement each other: natural and artificial, favela and city. In short, it is a precious space to reflect on our place in the world because it creates the feeling of freedom. Having a slab is a reason to feel proud of belonging to that place called favela.

Almost all of the students' works recreate the landscape of the favela-hill, an interesting fact considering that in our city the referen-



ces for favela or vila, as it is called in southern Brazil, are on flat terrain. The student's eye manages to turn away from our local reality when we can see that many of the landscapes created refer to the city of Rio de Janeiro. Christ the Redeemer, for instance, is present in the imagination of architecture students, be that with tearing eyes, as in the work of the previous group, or, as in this collage (figure 2.24), with a TV set as its head. At the base of the hill there is a place called 'casa vídeo' (or video house), creating almost a direct connection between the dwellers and the Christ. Besides working as a structuring



2.24

Collage - *'Nos caminhos da favela'*  
(In the pathways of the favela)  
Author: Laura Elisa Ohlweiler

element of Rio's landscape, the Christ is also inseparable from the image of favelas. In this collage, the favela is superimposed on the hill, a sign of fusion and synergy between nature and the informal stacked constructions typical of a favela. Stairways are represented and enlarged, expressing the circulatory system of the favela-morro. At the base, a tennis shoe clipping perhaps tries to express the daily physical effort of the inhabitants of the favela-morro.

In the collage of Figure 2.25, the student creates a hybrid landscape in which fragments of contemporary architecture graft in an articulate and specific way between the favela constructions. The collage tries to open new possibilities of interventions in favelas, according to which new urban apparatus can be included in a harmonic way. The work helps us understand that the landscape of the favela may be even more visually organized than certain chaotic urban spaces of our formal cities, where architectures collide and disagree. Thus, in terms of morphological elements, the favela could compare, for example, to Positano, the very beautiful Italian city on the Amalfi coast, with its extremely narrow alleys and stairways winding up the mountain until they meet the sea. We can find several formal analogies between this place and the landscape of favelas – we only need to train our eyes.

Collage - '*Favela: paisagem contemporânea*'  
(Favela: a contemporary landscape)  
Author: Juncris Namaya

2.25





**2.26** Collage - '*Favela: paisagem multicolor*'  
(Favela: a multicolored landscape)  
Author: Gabriel Martins da Silva

The collage in Figure 2.26 captures the recent changes occurring in the landscape of favelas, which are gaining new colours with the help of visual artists - graffiti artists from the community and private sector (paint manufacturers). This project began in Morro Santa Marta, Rio de Janeiro, causing this favela to be recognized as the 'most colourful favela in the city' after its pacification by the police in 2008. The collage expresses creative possibilities through the combination of colours and drawings in both unity and in its relationship to the whole, reinforcing its analogy with the colourful Italian city of Positano or even with other Italian cities like Cinque Terre.

The collage in Figure 2.27 addresses the ever-changing landscape of favelas. The student uses elements from civil engineering, such as details of armour, scaffolding and fragments of concrete structures to represent the theme. Houses are drawn as if continuing the photographic fragments. Three planes of houses are overlapped in a parallel way, and the space between them indicates the possibilities of growth as well as constant construction and reconstruction. The technologies represented just intend to convey the idea of the collage. Constructions are carried out with the intuitive knowledge acquired in trial and error, from which surprising constructive solutions arise taking structures to the limit of the economy. Perhaps many engineers would not risk projecting anything like that. The walkways of Sesc Pompéia, by Lina Bo Bardi, modernist architect, appear in the collage supporting a large cluster of houses. They express the constructive creativity of favelas, born from the need and lack of resources. The landscape is transformed, but the slow and dispersed form of such transformation, difficult to identify in the eyes of the formal city man, causes the landscape to look always the same - a self-organizing structure, a perfect fractal.



**2.27** Collage - '*Constante construção*'  
(An ever-ongoing construction)  
Author: Natália Favero.

## Conclusion

The students' works on the favela are presented as individual and partial perceptions that provide evidence of the collective thinking about contemporary themes. The works done in the Graphic Expression 2 course, with the elaboration of collages based on the interpretation of texts, showed that some themes, such as landscape representation, were repeated spontaneously in the other course where no text was given. More specific themes, such as the relationship between favelas, their ecology and the fragility of their territories were not addressed by the group following a free theme. The students' works from the Expression and Graphic Representation 3 course were analysed from four previously identified themes. Themes such as the one of violence lost their protagonist when it came to construct the image of favelas, allowing grounds to the culture of the communities as well as the relevance of its residents and other emerging issues, like consumerism.

The collage technique was effective in both the expression and interpretation of contents. Additionally, it was sometimes conclusive in the representation of a theme, either expressing the synthesis of an idea or presenting several nuances of one same theme.

***Bibliography***

Coelho, G., Duarte C. & Vasconcellos, V. M. R. (2006). A criança e o espaço vivido na Favela: a complexidade do espaço nas interações da infância. *Oculum Ensaio, Revista de Arquitetura e Urbanismo*, n.6. PUC Campinas. pp.75-87.

Davis, M. (2006). *Planeta Favela*. Rio de Janeiro: Editora Boitempo.

Freire-Medeiros, B. (2009). *Gringo na laje. Produção, circulação e consumo da favela turística*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Fuão, F. F. (2011). *A collage como trajetória amorosa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Jacques, P. B. (2007). *Estética da ginga. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. 3ª edição Rio de Janeiro: Casa da Palavra Produção Editorial.

Meirelles, R. & Athayde, C. (2014). *Um país Chamado Favela*. São Paulo: Editora Gente.







## CHAPTER 3

# THE FAVELA IN THE EYES OF THE TOURIST

***Gisele Pereira***

Adjunct Professor  
School of Management and Tourism  
Federal University of Pelotas  
gisele\_pereira@hotmail.com

***Dalila Müller***

Associate Professor  
School of Management and Tourism  
Federal University of Pelotas  
dalilam2011@gmail.com

***Samara Camilotto***

Master Student at Tourism and Hospitality  
Caxias do Sul University  
camilotto.sa@gmail.com



Tourism in Rio's favelas has been a common practice since the 1990s, initially starting in Rocinha and later expanding to other favelas in the 2000s. Several authors have discussed this practice since it is a very complex process involving various actors, such as travel agencies, public authorities, residents and tourists. In this chapter, we analyse only one aspect of this process, that is, the tourists' perceptions of the tour conducted in the favela of Rocinha or Santa Marta. To this end, we use the reviews posted by the tourists themselves on the TripAdvisor website from 2011 to 2015. Based on their reviews, we find that tourists usually highlight the positive aspects of the visit, considering the tour 'the one that most marked their lives' and 'an opportunity that cannot be missed'.

*Keywords:* tourism; Rio de Janeiro; favela; tourists



**3.1** *Morro do Vidigal*, where 12.797 inhabitants are living in  
Photo: Adriana Portella

## Introduction

Tourism is a complex phenomenon that goes beyond the simple notion of moving people and money across the globe. It accounts for 9% of the world's gross domestic product (GDP) and generates 1 in 11 jobs worldwide, increasing from more than 25 million foreign tourists in 1950 to 1,113 million in 2014, according to data from the World Tourism Organization (2015). However undeniably its economic strength is, we need to go further. The implications of this phenomenon relate not only to the traditional economic sphere, but also to the other spheres with which tourism interacts: social, cultural, historical, political and environmental (Figure 3.1).

Tourism has experienced continued changes along time, coexisting with mass tourist practices like alternative tourism. One such example is the reality tour, which, according to Freire-Medeiros (2007), can be classified in two types: the social tours, destined to places of economic disadvantage, and the dark tours, which appeal to intense and extreme emotions. It is precisely this latter background that brings tourism into the favelas: the one that sells Brazilian favelas as a tourist attraction.

Freire-Medeiros (2007, p.63) considers that tourist activities in favelas synthesize the assumptions of the two types of reality tours cited, since ‘they allow altruistic and politically correct engagement, motivate feelings of adventure and glamor’. The author also argues that it is ‘the experience of the authentic and the exotic, of the risky and the tragic in a single place’.

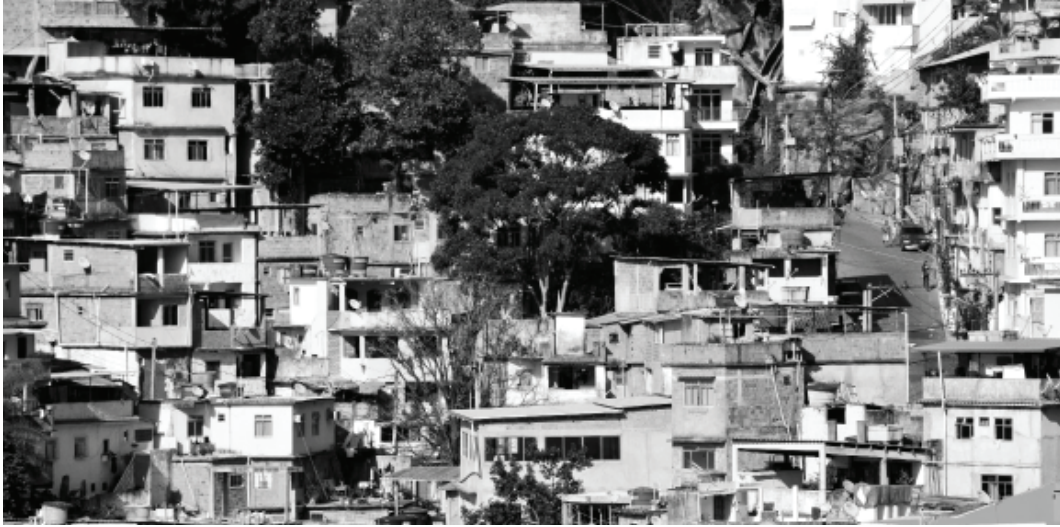
Tourism in favelas, notably in the city of Rio Janeiro, is a recent phenomenon that emerged in the 1990s (Leitão, Araujo & Batista, 2012; Barbosa, 2015; Freire-Medeiros, 2009). The United Nations Conference on Environment and Development, the Eco-92, held in the city of Rio Janeiro in 1992, would have aroused participants’ interest in knowing the living conditions of the inhabitants of the Rocinha favela. Likewise, the repercussion of the video shooting of the song ‘They don’t care about us’, by the American singer Michael Jackson in Santa Marta, would have motivated the interest of fans and other people to know the place. However, Rocinha would only become an official tourist spot in Rio de Janeiro in 2006<sup>1</sup>.

According to census data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) from 2010, 6% of the Brazilian population lives in subnormal clusters (favelas, communities, villages, etc.), which corresponds to 11.4 million people. In the city of Rio de Janeiro alone, the national leader on this issue, 1.4 million people are living in these conditions. This amounts to 22% of the city’s total inhabitants (Figures 3.2A, 3.2B and 3.2C).

Based on this scenario, we observed an increasing tendency on the part of tourism operators, residents of favelas and the government to invest in this kind of tourism. The reasons are very diverse: the boosting of the local economy, social inclusion, urbanization, social learning and development. However, for many this type of tourism only enhances the negative effects of tourism by exploiting the poverty of others and exposing the inhabitants to the situation of a ‘human safari’, demanding a deep ethical reflection on the part of the professionals involved (Figure 3.3).

<sup>1</sup> Law number 4405/2006 written by council member Liliam Sá (Liberal Party), passed on 09/19/2006.







**3.3** In *Morro da Providência* a metal rail was placed on the ground, with the purpose of guiding the tourist in the visit inside the community  
Photo: Adriana Portella

In an attempt to better understand the relationship between tourism and favela, the present study aims to analyse the perceptions of tourists who toured two favelas in Rio de Janeiro that have greatest tourist appeal: Rocinha and Santa Marta.

We point out that the impressions of tourists in this context is only one of the aspects underlying the process of commercialization of favelas as a tourist attraction, since it also involves businessmen, public authorities, NGOs and, above all, residents.

We seek to analyse the reviews posted on the Tripadvisor website ([www.tripadvisor.com.br](http://www.tripadvisor.com.br)) by tourists who toured the favelas either with a travel agency or with local guides, examining their positive and negative impressions. We analysed 351 reviews in Portuguese, English, and Spanish posted between 2011 and 2015 and covering both guided and unguided visits to Rocinha and Santa Marta.

TripAdvisor calls itself the world's largest travel website. It was founded in 2000 to collect reviews about services and tourist attractions from around the world. The site is present in 47 countries and features more than 6.2 million accommodations, restaurants and attractions. On top of that, it has over 320 million reviews and opinions (TripAdvisor, 2016).

People can register on the website and then evaluate the places they travelled to through reviews and grades. It is possible to include information such as the time of the visit, whether friends or family accompanied you or if you are traveling alone, how much you spent, etc.

Aimed at Web 2.0, which is characterized as 'a platform where the production, control and organization of content are available to all its users, who are free to interact with the content' (Moura & Mandaji, 2014, p.05), tourists analyse the destinations and see what the services of an enterprise or the infrastructure of an attraction is like. The advantage of TripAdvisor, as well as Web 2.0 in general, is that the user does not only receive the information: he/she is the one who provides this information. Additionally, this information influences other tourists' choices and prevents them from buying or hiring services with negative ratings.

In the past years, people seeking information for their travels have increasingly accessed the site making it a very popular query



tool among tourists. The posts about the quality of services and equipment, about good or bad experiences in a tourist place serve as a suggestion to other tourists.

### **Rocinha: the largest favela in Brazil (or ‘Latin America’)**

Rocinha is considered one of the largest favelas in Brazil with 69,161 inhabitants, according to IBGE (2010, apud Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2012). Located in the south zone of Rio de Janeiro, it is between the neighbourhoods of Gávea and São Conrado (Figure 3.4).

Until the eighteenth century, the place was home to the sugar mill Quebra Cangalha, after which it began to be used to grow coffee. In 1929, with the coffee crisis, the farm was parcelled out and occupied by small farmers, migrants, industrial workers, and European immigrants. Dedicated to agriculture, these villagers sold their products in the fairs in the south zone of the city, where they explained that their products came from a ‘small farm’ in Alto da Gávea. Because of this, the place became known as Rocinha (Bruno, 2013).

Between 1927 and 1930, the place was parcelled and the lots were put up for sale. Upon the bankruptcy of the company responsible for the implementation of the parcels and improvement of the conditions to access that area, the irregular occupation of Rocinha increased. ‘Starting from the foothills, it would extend, over the years, towards the upstream lands, following non-written regulations that established limits and procedures for those who arrived there’ (Leitão et al., 2012, pp.107-108).

The 1950s and 1960s witnessed a strong population growth pushed by demand pressures for labour in the civil construction caused by the urban growth of the Ipanema, Leblon, Gávea and Jardim Botânico neighbourhoods (Bruno, 2013). Leitão et al. (2012) present data of censuses conducted in the favela: in 1950, there were 4,513 inhabitants, then 3,790 inhabitants in 1974 and in 1980, this number practically tripled, when Rocinha reached the total of 97,945 inhabitants.

In 1980, a report prepared by the State Foundation of Engineering and Environment (FEEMA) highlighted the presence of criminality



### 3.4

#### Rocinha Favela

Photo: Chensiyuan

Source: disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1\\_rocinha\\_favela\\_closeup.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1_rocinha_favela_closeup.JPG), acessado em 30.12.2016

in the community and the existence of areas considered dangerous. In the late 1990s, ‘according to public security officials, Rocinha had become a ‘drug store in Rio’ and a ‘Red Command headquarters’ – one of the criminal factions active in Rio’s favelas’ (Leitão et al., 2012, p.108). The pacification and establishment of a Peacekeeping Police Unit (UPP) took place in 2011.

With regards to tourism, the first tourist excursions to Rocinha took place in 1992 on account of the holding of the international event ECO-92, in the city of Rio de Janeiro, when officials who participated in the event visited the favela seeking to know the living standards of these poor communities (Leitão et al., 2012).

In 2006, Rocinha was declared an official tourist spot in the city of Rio de Janeiro through the project proposed by Lilian Sá, then a council member (Araujo, 2013). That same year, the newspaper O Globo reported that the most visited favela in Rio was Rocinha, with an average of 2,500 visitors a month (Acioli, Silva & Souza, 2014). Before pacification, drug trafficking directly influenced tourism in Rocinha, which was part of the ‘exotic package’ offered by the guides to foreign tourists, even if the contact with traffickers and photos in certain places were prohibited (Leitão et al., 2012).

In 2009, residents and community leaders held a Tourism Forum in Rocinha. Leitão et al. (2012, p.113) present information from the paper *Jornal de Turismo* explaining the purpose of the event: ‘to develop



tourism in a sustainable way, valuing the local culture and qualifying products and services’.

The tours held in the favela usually make three main stops. The first is at Rua 1 (Street 1), where there is a place that sells souvenirs made by local residents. There you can buy pictures, key chains and bags with prints of Corcovado, Christ the Redeemer, among other tourist attractions in Rio de Janeiro (Araujo, 2013). The second stop is on the slab of a resident’s home, where visitors can view the extent of Rocinha and experience the daily life of the population (Leitão et al., 2012). They also observe part of São Conrado neighbourhood, located near the favela, with upper-middle class condominiums that confront visitors with the paradox of ‘those who have and those who don’t’ (Freire-Medeiros, 2006, p.14). The third stop is at Boiadeiro square, where there is a fair selling Northeastern Brazilian products (Araujo, 2013).

### **Santa Marta: the favela visited by Michael Jackson**

The Santa Marta favela is located in Morro Dona Marta, in the neighbourhood of Botafogo. Located on Rio’s beachfront, near the parks and Rodrigo de Freitas Lagoon, the neighbourhood is considered one of the noblest areas of the southern zone of Rio de Janeiro. It has two main streets, one parallel with the other: Voluntários da Pátria and São Clemente, the main access to Santa Marta favela, thereabout Corumbá Square (Barbosa, 2015) (Figure 3.5).

This favela was named after the saint, whose image was taken to the top of the hill by a devotee at the beginning of the 20th and where a chapel to keep it was built in 1930 (Carvalho, 2013). The first houses appeared in the late 1920s in an area of plots belonging to Santo Inácio School. The building of wooden shacks was then allowed and was predominately started by workers from the expansion works of the Santo Inácio School. This gave rise to the current favela.

In 1950, a new census was conducted and it was verified that Santa Marta already had 1,632 inhabitants. Barbosa (2015, p.170) explains that the increase in population followed the demographic boom in favelas in

the south of Rio de Janeiro 'mainly because they offered a cheap labour force for the construction industry, a market that was on the rise'.

Two events made this favela internationally popular. The first was known as the 'Battle of Morro Dona Marta' and dates back to 1987, when the head of the gang that controlled the sale of drugs in the area was killed and the command of this activity was turned over to his son, popularly known as Perereca. The latter was considered unprepared to take office and was assassinated, causing two groups to fight for the command of the drug trade. A violent armed conflict followed in the area for seven days, attracting great media coverage and ultimately contributing to create the 'metaphor of the 'war' linked to drug trafficking in the city of Rio de Janeiro' (Barbosa, 2015, p.171).

The other event was the visit of the American singer Michael Jackson in 1996 for the shooting of his music video 'They don't care about us', directed by the filmmaker Spike Lee (Figure 3.6). There were rumours that the producers of the video clip 'negotiated the details of the shooting directly with the head of the drug traffickers of the favela, Marcinho VP' (Barbosa, 2015, p.172). Another controversy was the

**3.5**

Santa Marta Favela

Photo: available at [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vista\\_Santa\\_Marta..jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vista_Santa_Marta..jpg), accessed on 30.12.2016



accusation by local and regional authorities that the music video would commercially exploit poverty and reinforce the stereotype of the favela as a place of poverty and violence. In response to the charges, Spike Lee said: 'What do they think? That poverty in Brazil is a secret?' (Barbosa, 2015, p.172).

On May 29 2008, Santa Marta's Inclined Plan called bondinho (a cable car) was inaugurated in the favela. This kind of transportation system runs 340 meters along the eastern side of the hill, with five stations and free daily use from 6 am to 11h30 pm. The cable car runs from the region known as Escadaria (Starways) to Pico do Morro (Peak of the Hill), where Campinho (a soccer field) and the headquarters of the UPP (Pacifying Police Unit) are located (Barbosa, 2015).

In 2008, more precisely, on December 19, Santa Marta was the first favela in Rio de Janeiro to be occupied by a UPP (Carvalho, 2013). The

Statue of Michael Jackson in the place that became known as '*Lage of Michael Jackson*' in Morro Santa Marta  
Photo: Guilherme Mendes Cruz

3.6

Available at [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lage\\_do\\_Michael\\_Jackson,\\_Morro\\_Santa\\_Marta\\_\(RJ\).JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lage_do_Michael_Jackson,_Morro_Santa_Marta_(RJ).JPG), accessed on 30.12.2016



UPPs were created by the state government aiming to pacify the favelas that once had a violent environment (Annuniação & Faria, 2011).

The following year, a free wireless internet network was installed on the hill for community use. Carvalho (2013, p.09) points out that 'the electric power company 'Light' was responsible for investing in the renewal of the electric system in the region'. In 2011, Cedae (State Water and Sewage Company of Rio de Janeiro) initiated the renewal of the water supply system (Carvalho, 2013).

In terms of infrastructure, the community is considered small when compared to others in the south zone. Data presented by Carvalho (2013) show that this favela has 54,692 square meters, 4,800 residents and 1,370 households. It also has bus lines that run to the city centre in 20 minutes and is near the Botafogo subway station, which is within a five-minute walk (Barbosa, 2015).

Featuring well-defined boundaries, Santa Marta does not have many possibilities for territorial expansion and its growth occurs vertically, with constructions of up to five floors (Carvalho, 2013).

Currently, the Santa Marta favela is considered a 'model favela'. Barbosa (2015, p.117) points out that 'the prominence reached by Santa Marta in the press contributed to the construction of a status that stands out in relation to other urban settlements'.

All this visibility has been incorporated into the public administration strategy. In August 2010, the State Tourism Office launched the pilot project of the program 'Rio Top Tour', in partnership with the Ministry of Tourism (Carvalho, 2013).

Bodyguards were assigned to protect tourists in risky places, tourist signs were installed and a kiosk that works from 8 am to 5pm with trainees from the Technical Tourism Program of the state educational network was opened to provide tourist information (Barbosa, 2015).

In addition, lines of credit were granted so that local people could develop their businesses. The project mapped 34 points of interest and improvements were made in the main tourist spots in Santa Marta, including the building of the space 'Michael Jackson'. With the training provided by the Technical Tourism Program, some residents started to invest in guiding tourists throughout the favela (Barbosa, 2015).

From this, some local guides mobilized to claim the creation of

some rules for the 'tourist market' in the favela. The Santa Marta Tourism Committee was created to organize the tourist activity supported by local rules and solve problems arising from tourism, such as grooming, disturbance caused to residents, invasion of privacy and alleged lies told by foreign agency guides. Barbosa (2015) explains that tourist guides in Santa Marta try to control the telling of the 'official story'. In addition, they seek

[...] for new ways of telling the story of Santa Marta through representations about this place that are not necessarily related to the violence caused by drug trafficking or meant to reduce the favela to a sense of poverty and exclusion. Tourism is presented as an alternative to encourage the 're-enchantment' of these places (Barbosa, 2015, p.176).

### ***TripAdvisor* traveller's reviews: the favela in the eyes of tourists**

Looking at the reviews, we can see that most of the tourists who left their impressions about their tourism experience in the favelas of Rocinha or Santa Marta are foreign. Freire-Medeiros (2009) had already concluded that 99% of the tourists who visit favelas are foreigners, and Brazilian tourists are rare. Another characteristic of this tourism is that most people took the tour with a company or a local guide, only a small number (15 tourists) using travel agencies.

Based on the analysis of the 351 comments posted on TripAdvisor website between 2011 and 2015, it was possible to identify some common topics underlying them all as they repeat in several of the user's reviews. For most of the tourists who posted comments, one or more of the following elements characterized the visit to Santa Marta or Rocinha:

- (i) Fear, insecurity and danger
- (ii) Scenic beauties
- (iii) Hospitality and cordiality of local tourism guides and residents
- (iv) Different reality

Before starting the tour, the common feelings experienced by tourists were those of fear and insecurity. Reported by most tourists,



this feeling vanished as soon as they entered the favela, demonstrating that the tourism experience has modified the initial perception of favelas. In her research, Freire-Medeiros (2009) found that residents of favelas bet on tourism as a possibility to demystify the violent images reiterated by the elites and conveyed by the media. Tourists's reviews confirm this assumption:

*"I went there with a couple of friends, and despite the initial apprehension, the truth is that we never felt insecure, embarrassed or intimidated; on the contrary, the atmosphere is super relaxed and the people are quite affable [...]" (Portuguese tourist).*

*"Despite what one generally thinks, entering the favela was not at all dangerous; on the contrary, people are friendly and have no problem being photographed" (Tourist, nationality unspecified).*

*"I confess that my biggest fear was insecurity and/or not being welcomed by the community; after all, we were 'invading' their homes. However, throughout the tour I never felt insecure and people welcomed us and greeted us as we drove past them" (Portuguese Tourist).*

*"Everyone was standing there kind-of looking around like 'are we going to be robbed', 'is this safe' but Carlos explained that this is one of the many misconceptions of the Favela" (Bermudian Tourist).*

The location of the favelas allows a privileged view of Rio de Janeiro and other tourist attractions in the city, such as Christ the Redeemer, Pedra da Gávea, Leblon and Ipanema beaches, among others. The beauties of Rio de Janeiro seen from the slabs of the favelas also arouse feelings in tourists, which are highlighted in most of their comments:

*"In our group there were more than a dozen foreigners who also enjoyed the visit, the incredible view of the lookout and the 'caipirinha' on the way there. There are shops to purchase soft drinks along the way. [...]. It's worth it!" (Tourist from São Paulo).*

*"As already mentioned in other reviews, the view is magnificent, so this is undoubtedly a must-see trip in a visit to Rio de Janeiro" (Portuguese tourist).*

*"The best of everything is the view, which is exactly what everyone*

*says: the best view of Rio de Janeiro is that of the favela. Of all the places I've ever been to in the world, this is undoubtedly one of those that has marked my life' (Tourist from Paraná).*

*'After the second stretch, we arrive at the highest part of the favela, where 'YES', there is a beautiful view of the city [...]' (Argentine tourist).*

The reviews underscore the hospitality and friendliness of locals and local tourism guides. Tourists consider that 'the atmosphere is very relaxed and people are quite affable. We had the opportunity to see the inside of one of the houses, where we were served a great caipirinha [...]' (Portuguese tourist). 'The people are friendly and they do not have problem about being photographed' (Tourist, unspecified nationality). The reviews show that the resident of the favela is friendly to the presence of tourists, as also verified by Freire-Medeiros (2009). According to the author, the residents do not reject the tourist, but contest the way many walks are conducted around the favela.

As stressed earlier, most of the tours were conducted with local guides, which, according to tourists, made the tour more enjoyable. The guide Thiago is remembered in a majority of the reviews posted by tourists who toured Santa Marta favela.

*'Thiago Firmino is the ideal guide to show you the favela, a super friendly and willing person, also a resident of Santa Marta and very involved in several projects there. For those who seek the closest contact possible with the favela, he is undoubtedly the right person to be with' (Portuguese tourist).*

*'Thiago Firmino is an incredible tour guide; he knows the community like the back of his hand and answers any questions you may have' (Tourist from Paraná).*

*'The tour guide Thiago Firmino is a person from the community, he even showed us a little of the inside of his house. He is very willing to help and improve the lives of the people in the community. Thank you Thiago :)' (Portuguese tourist).*

*'Thiago is extremely kind and attentive and he makes us go in line like a 'little train' to take us to the top of the hill, explaining the history of the favela, the current problems and achievements of the community as we are coming down.' (Tourist from São Paulo).*

TripAdvisor's users had the most positive impressions of their walks when tourist guides from the very communities they visited accompanied them. In addition, they introduce their opinion by writing enthusiastic titles like *'I loved it!'*, *'Very interesting'*, *'An essential tour'*, *'A must-do program in Rio de Janeiro!'*, highlighting the beneficial nature of the experience.

Side by side with the positive aspects pointed out, tourism in the favela allows both a reflection on the life led in the favela and the life of the tourist himself. The following reviews confirm such point of view:

*'It's a very tough social reality, but everyone is quite happy and very proud of their community'* (Portuguese tourist).

*'It's great to have the opportunity to get to know the other side of Rio that few people know and that often goes unnoticed. Tourism is an activity that serves mainly for social inclusion, and this is what happens in the favelas'* (Tourist from Ceará).

*'It was my fourth time in Rio de Janeiro and I had never felt as complete and pleased as I did in this tour to Santa Marta. It is an opportunity that can't be missed. Rio has much more to offer than the traditional tourist sites, and this tour is an undoubtedly living proof of that. I was very curious to know the inside of a favela, to understand how people live, what the conditions in which they live are, the difficulties they have in their everyday life, and what is being done to improve their living conditions. This tour is perfect for that'* (Portuguese tourist).

*'Knowing the reality of the favela from inside is a super experience that can change your life and your way of seeing the world'* (Tourist from Paraná).

*'I was recommended this tour to Rocinha with doubts about whether spying on misery would be received badly by the occupants and if invading that space would not be a morbid act from my side. However, once finished, when I left the favela I realized how much they have organized themselves to move on and the frantic movement of people doing things to progress. I learned a lesson on how you can always improve with work and decisions instead of grief. These people gave me an example of life and improvement that gave me food for thought'* (Argentine tourist).

*'I can't call this wonderful, exciting or any of these terms that makes you think that this is your average vacation tour. It is not. But it is a view of how over 90% of people in Rio live. It is a chance to see the REAL Rio. If you go to Rio to sit on the beach and sip Caipirinhas all day, you can do that anywhere in the world, and to be fair, the beach is average at best'* (Bermudian tourist).

The reviews restate that tourism in the favela is a 'doubly transforming experience: on the one hand, they [tourists] become more aware of their place in the world; on the other hand, they begin to have a perception consistent with the 'reality' of the place visited' (Freire-Medeiros, 2009, pp. 87-8).

Tourism in the favela has been perceived, mainly by common sense, as indecent, disrespectful, insane, and risky. However, some academic studies (Freire-Medeiros, 2009) have shown that the touristic favela is not to be considered immoral by any of the actors involved – tourists, residents, travel agencies, public authorities. The analysis of tourists' reviews show that visiting a favela is usually an enriching experience:

*'This experience could not have been better. [...] I recommend 100% this visit to all who want to visit a favela'* (Portuguese Tourist).

*'In the end, the feeling of satisfaction was common, with the general opinion that this had been a magnificent tour'* (Portuguese tourist).

*'Touring the Santa Marta favela was, by far, the best activity I did on my trip to Rio. [...] Of all the places I've been to in the world, this is undoubtedly one of those that has marked my life'* (Tourist from Paraná).

*'It is an incredible walk where you see the reality of the favelas'* (Tourist, unspecified nationality)

*'I recommend this walk, just to reflect, and do something about it. Otherwise, it is better to look at the Marvelous City from the Christ and sunbathe in Ipanema'* (Argentine tourist).

*'I have to highly recommend this tour for anybody who wants to look around a real Rio favela and see the everyday people's way of life [...]. As part of a trip to Rio it should be as much an*

*essential thing to do as going to Christ the Redeemer or Sugarloaf Mountain' (English tourist).*

*'This tour was probably the best adventure we had while in Rio and I would recommend it to anyone that is visiting for more than a fictitious fairytale' (Bermudian tourist).*

Despite the positive and enriching character of the tourist experience in the favela highlighted in most reviews, users to TripAdvisor also pointed some problematic aspects of their tour. Such criticism refers to lack of infrastructure, mainly in terms of basic sanitation and restrooms facilities:

*'The number of restrooms leaves a lot to be desired. The favela does not have sufficient infrastructure to meet the demand of tourists' (Tourist from Rio de Janeiro).*

*'However, it is still depressing to see the conditions of (lack of) infrastructure and sanitation in which people live in the favela' (Tourist from São Paulo).*

*'However, the precariousness of sanitation is not different from that seen in the organized city. They do not have sewage treatment and they know it' (Tourist from São Paulo).*

## Conclusion

In this chapter, we analysed 351 comments from the website TripAdvisor posted by tourists who visited Rocinha or Santa Marta from 2011 to 2015 to understand their perceptions regarding their tourism experience in the favela.

Most of the tourists are foreigners from South and North America, Europe and the African continent. Brazilians are a minority and come from several Brazilian states, most of them from Rio de Janeiro. The use of the services of tour guides living in the communities is the most common way of doing the tour, which, according to the reviews, added positive value to the experience.

In their reviews, tourists highlight the positive aspects of their visiting, recommending the tour for other tourists. The main



aspects reported were the feeling of security experienced during the tour, demystifying the idea of the favela as a dangerous place; the importance of the local tour guide, who knows the favela better than anyone else and makes the tour more enjoyable; the hospitality and cordiality of the residents; the privileged view provided by the location of the favelas; and especially the possibility of reflection on the life of the residents and the tourist's. The only negative aspects pointed out by the tourists were the lack of infrastructure (sanitation) and restroom facilities.

The tourist who seeks the tour in the favela wants to see another Rio de Janeiro, the Rio far from the beaches, parties and traditional 'postcards'. This is not to say that they do not go to these places and enjoy all the charms of the city, but they show that they want to be in touch with all of the multicultural faces of the tourist destination and experience.

In general, the comments from the tourists demonstrate the richness of the tourism experience lived in the favela, being considered the tour 'that has most marked my life' and 'an opportunity not to be missed'.

### ***Bibliography***

Acioli, B. P. L., Silva, L. A. D. da, & Souza, J. N. S. de. (2014, outubro). O Consumo no Turismo de Favelas da Cidade do Rio de Janeiro: uma Análise da Percepção e Construção de Valor entre o Observador e o Observado. Anais do 11º Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, Resende, RJ. Disponível em <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/46020598.pdf>. Acessado em 12.03.2015.

Annuniação, A. L. da, & Faria, M. G. de. (2011, junho). Turismo de Experiência nas Favelas Cariocas: Uma análise desta atividade e seu impacto nestas comunidades. Anais do 5º Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, Foz do Iguaçu, PR. Disponível em <http://festivaldeturismodascataratas.com/wp-content/uploads/2014/01/4.-TURISMO-DE-EXPERI%C3%8ANCIA-NAS-FAVELAS-CARIICAS.pdf>. Acessado em 12.03.2015.

Araujo, M. (2013). A Indústria do Turismo e a Apropriação e Exploração de Identidades Locais: O Caso "Favela Tour". (Monografia de Graduação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RS. Disponível em <http://academico.tagcultural.com.br/a-industria-do-turismo-e-a-apropriacao-e-exploracao-de-identidades-locais-o-caso-favela-tour/>. Acessado em 12.03.2015.

Barbosa, G. F. (2015). A Favela Santa Marta e seus guias de turismo: identidade, mobilização e conflito [Número especial]. Revista Iberoamericana de Turismo, 5,

169-179. Disponível em [http://lemetro.ifcs.ufrj.br/gabriel\\_barbosa\\_revista\\_iberamericana.pdf](http://lemetro.ifcs.ufrj.br/gabriel_barbosa_revista_iberamericana.pdf). Acessado em 20.06.2015.

Bruno, V. M. (2013). Turismo em Favelas: reflexões sobre a turistificação de comunidades excluídas na cidade do Rio de Janeiro. (Monografia de Graduação). Universidade de Brasília, Brasília, DF. Disponível em [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7063/1/2013\\_VeronicaMacielBruno.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7063/1/2013_VeronicaMacielBruno.pdf). Acessado em 20.06.2015.

Carvalho, F. C. (2013). O Turismo Comunitário na Favela Santa Marta: Perspectivas sobre o programa Rio Top Tour no contexto eufórico do Rio de Janeiro pacificado. Anais - Encontros Nacionais da Anpur, 15, pp.1-17. Disponível em <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/4379/4248>. Acessado em 20.06.2015.

Freire-Medeiros, B. (2009). Gringo na Laje: produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.

Freire-Medeiros, B. (2007). A Favela que se Vê e que se Vende. Reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 22(65), 61-72. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n65/a06v2265.pdf>. Acessado em 20.06.2015.

Freire-Medeiros, B. (2006, setembro). A construção da favela como atração turística. Anais da Calacs Conference, Calgary, Canadá. Disponível em <http://docplayer.com.br/6447958-A-construcao-da-favela-como-atracao-turistica.html>. Acessado em 20.06.2015.

Leitão, G., Araujo, H., & Batista, A. S. (2012, junho). Novos Roteiros na Cidade Maravilhosa: o Turismo na Favela da Rocinha. Anais do 1º Congresso de Arquitetura, Turismo e Sustentabilidade, Cataguases, MG. Disponível em [http://www.catscataguases.com.br/dvd\\_2012/pdf/eixo2\\_003\\_Novos\\_roteiros\\_na\\_Cidade\\_Maravilhosa.pdf](http://www.catscataguases.com.br/dvd_2012/pdf/eixo2_003_Novos_roteiros_na_Cidade_Maravilhosa.pdf). Acessado em 20.06.2015.

Moura, K. F., & Mandaji, C. F. da S. (2014, maio). A relação das hashtags com as palavras de ordem presentes nas Manifestações Brasileiras de 2013. Anais do 15º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Palhoça, SC. Disponível em <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-1334-1.pdf>. Acessado em 25.08.2015.

Organização Mundial do Turismo. (2015). Tourism Highlights. Disponível em <http://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416899>. Acessado em 20.06.2016.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. (2012). Favelas na cidade do Rio de Janeiro: o quadro populacional com base no Censo 2010. Disponível em [http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download%5C3190\\_FavelasnacidadedoRio-deJaneiro\\_Censo\\_2010.PDF](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download%5C3190_FavelasnacidadedoRio-deJaneiro_Censo_2010.PDF). Acessado em 20.06.2016.

Tripadvisor. (2016). Disponível em <https://www.tripadvisor.com.br/>. Acessado em 10.03.2016.





## CHAPTER 4

# MEGA EVENTS AND THE CONTEXT OF REMOVALS IN RIO'S FAVELAS

*Gabriela Costa da Silva*

PhD. Researcher in Urban and Regional Planning  
School of Architecture  
Federal University of Rio Grande do Sul  
[gs.arq@hotmail.com.br](mailto:gs.arq@hotmail.com.br)



## CHAPTER 4 | : MEGA EVENTS AND THE CONTEXT OF REMOVALS IN RIO'S

This chapter aims to examine the removal processes in Rio de Janeiro as the city was one of the host cities for the 2014 World Cup matches and the 2016 Olympics. Urban infrastructure, sports facilities and mobility works were prepared to meet the needs of the mega events, but many families were removed so that these projects could be completed. Additionally, other removals were justified under the pretence of risky living conditions, environmental preservation and gentrification. Many families have not been relocated yet because many communities are resisting the government's eviction orders, fighting for human and housing rights. In view of this, our goal is to reflect on the way that the removals are happening in the city together with the urban planning strategies, and whether those actions are benefiting the population regardless of their social class.

*Keywords:* mega events; removals; favela; human rights; right to housing

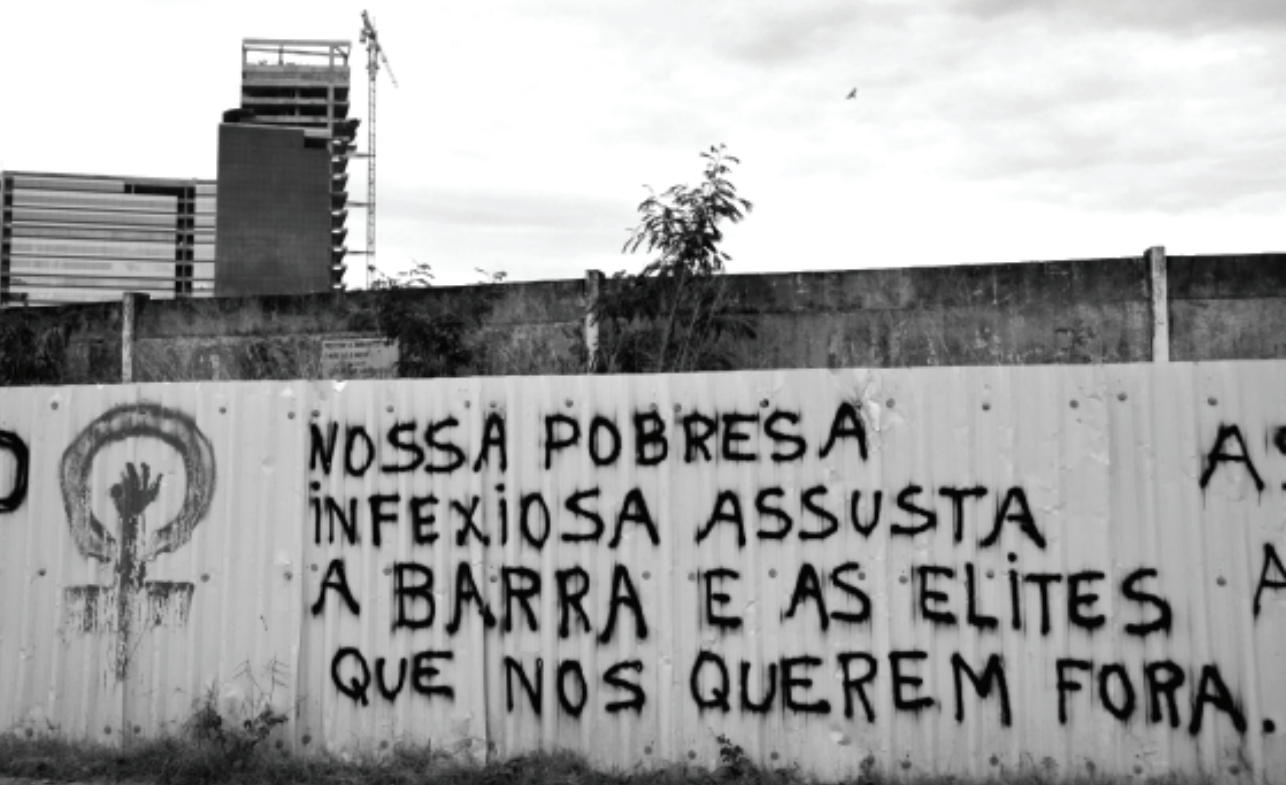




**4.1** Removals at *Vila Autódromo*, located next to the Olympic Park  
Photo: Adriana Portella

## Introduction

Rio de Janeiro was one of the cities chosen to host the 2014 World Cup games and the 2016 Olympics. Considering that a mega event can serve as a great opportunity to grow economically, develop new regions and obtain a sustainable legacy (Rodrigues, 2013), the government's goal in the urban dimension was that the initiatives taken to build a legacy could bring improvements in the fields of mobility, sanitation, housing, in short, in the population's quality of life. Regarding infrastructure, the goal was to qualify facilities (stadiums, urban mobility, airports and ports) as well as services (tourism, security, energy, information technology and environmental sustainability) to meet the needs required to host the event. Consequently, such improvements should benefit the population after the games to reduce inequality, expand citizens' rights, invest in health, education, accessibility and safety, translating into a positive legacy for Brazilian people (Ministério do Esporte, 2011). According to Rio's Application Dossier for the Olympics, hosting the mega event is crucial to "anticipate the accomplishment of Rio de Janeiro's long-term aspirations, improving the social, physical and environmental fabric of the city" (Comitê Olímpico Brasileiro, 2009, p. 18).



4.2 Division wall between *Vila Autódromo* and Olympic Park  
Photo: Adriana Portella

As reported by the Research Institute for Work and Society (IETS, 2006), 63% of Rio's residents believed that the city would be in worse conditions in 2026. In 2008, another survey conducted by the NGO *Rio Como Vamos* (2008) showed that 36% of Rio's people were not proud to live in the city and 61% stated their quality of life had worsened comparing to the previous year. Such facts imposed new challenges to planning managers with the opportunity to reverse this perception by using the investments to hold the mega events.

In view of the government's promises, the image of the 2014 World Cup and the 2016 Olympics was associated with opportunities of economic development that would benefit the population. However, when the building works began and caused people to be removed from their homes, it was evident that the promised legacy would meet new ventures associated with higher economic power (Faulhaber & Azevedo, 2015). This fact was confirmed by Rio's Municipal Housing Office, as published in the newspaper *O Globo*, by Bastos & Schmidt (2010. n.p.):

The Municipal Housing Office has already listed 119 favelas that will be entirely removed by the City Hall until the end of 2012 because they are in areas likely to slide or flood, in areas of environmental protection or in areas intended for public places. With at least 12,196 households, these communities occupy 2.34 million square meters – an area larger than the Leblon neighborhood. Secretary Jorge Bittar informed that the non-building plots of other favelas, which are still under examination, will also be vacated. Among the favelas that will disappear are those of the Horto (Botanical Garden), Indiana (Tijuca), the CCPL (Benfica), the Metrô (Maracana), the Autódromo Vila (Barra) and Vila Taboinhas (Vargem Grande). It is also the case of little Matinha, a stretch of forest behind Ayrton Senna Ciep and in the surroundings of Rocinha.

According to the Dossier of the Popular Committees for the World Cup and Olympics in Rio de Janeiro<sup>1</sup> (2014), 9,429 families are being displaced, which corresponds to approximately 42,430 people (Figures 4.1 e 4.2). Until 2014, 4,772 families (21,474 people) had already been removed either to make way for the building works needed for the events or because they were living in areas considered risky. However, it is important to emphasize that this number may be even higher because many families are in areas of gentrification (Faulhaber & Azevedo, 2015). According to Gaffney (2013) and Raeder (2010), gentrification relates to the transformation of the built environment upon the creation of new services and residential redevelopment, changes in the zoning laws that add value to real estate, increased population density and changes in the socioeconomic profile.

As reported by the paper *Panorama do Mercado Imobiliário do Rio de Janeiro* (Secovi-RJ), the city had a higher property value between 2001 and 2010, when the values of residential and commercial properties rose by 400% and 700%, respectively. Urban restructuring and expectations for the mega events contributed to inflate the real estate market (G1, 2012). This process shows the rise of the poor population to the outskirts of the city and the rebirth of the city for new investments.

<sup>1</sup> The Dossier of the Popular Committee for the World Cup and Olympics aim to warn about violation against housing, lack of participation and information, disrespect for environmental regulation and environmental rights, labor rights and the waste of public money. The intention was to repair all violated rights, guaranteeing the permanence of all communities and popular neighborhoods (Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014).

It is noteworthy that most of the removals occur in more valued areas or with a tendency of valuation (Faulhaber & Azevedo, 2015). Conforming to Marino, Campagnani & Cosentino (2014), the projects of urban revitalization in Rio de Janeiro are being conducted towards the elitism of the city because the grassroots classes are seen as obstacles to the building works (Figure 4.3).

### The city of exceptions: the context of evictions

Mega sporting events are increasingly related to compulsory purchase orders due to the implementation of new infrastructure and urban improvements (Clarke, 2013). To meet the needs of the 2014 World Cup and the 2016 Olympics, the National Articulation of the Popular Committees of the World Cup and Olympics (2014) estimated that approximately 250,000 people were displaced throughout Brazil, with Rio de Janeiro alone accounting for 42,430 of them. The city is second when it comes to the number of evictions. São Paulo ranks first, reaching 89,200 residents. It is noteworthy that these removals are still happening because many projects planned for the World Cup 2014 and the 2016 Olympics in Rio have not been completed yet.

To prepare for the mega events, removals in Rio de Janeiro follow six different motivations: (i) road works associated with the lanes for the BRTs (Bus Rapid Transit); (ii) expansion works at the airport; (iii) works to construct or renovate sports facilities; (iv) works aimed at promoting tourism in port areas; (v) risky areas and areas of environmental interest; (vi) areas interesting for the tourism and real estate market. As to the removals yet to happen owing to works of urban mobility, there are three BRTs projects: (i) *Transcarioca*, (ii) *Transoeste* and (iii) *Transolímpica* (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014).

Concerning the road works, the BRT *Transcarioca* connects Barra da Tijuca and Ilha do Governador, covering 27 neighbourhoods in 39 kilometres (Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2016). This work implies the total and partial removal of 1,315 families in the following favelas: *Arroio Pavuna*, *Comunidade São Francisco de Assis*, *Vila Sapê*, *Chácara do Tanque*, *Chacrinha do Mato Alto*, *Vila Campinho*, *Comendador Lisboa*, *Vila Santo Antônio Uga-Uga*, *Avenida Teixeira de Castro* and *Parque União* (Faulhaber & Azevedo, 2015).



The BRT *Tronsoeste*, completed in 2012, connects Barra da Tijuca to Santa Cruz and Campo Grande, connecting the South Zone with the city's West Zone in 52 kilometres (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2016). For its implementation, 457 families were removed from five favelas: *Comunidade Restinga*, *Comunidade Vila Harmonia*, *Comunidade Vila Recreio II*, *Notredame*, *Vila do Amoedo* and *Vila Taboinha* (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014; Marinho, Campagnan & Cosentino, 2014).

Still regarding urban mobility, the BRT *Transolímpica* connects Recreio dos Bandeirantes with Deodoro (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2016). This work affects *Vila União de Curicica*, *Vila Azaléia*, *Colônia Juliano Moreira* and *Asa Branca* (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014).

To meet the needs for the construction of a third flight runway at Tom Jobim International Airport (Galeão), 5,220 families were under removal process from the communities of *Tubiacaanga*, *Parque Royal*, *Portuguesa* and *Barbante* (Ilha do Governador) (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014).

With regards to sports facilities, the infrastructure improvements surrounding João Havelange Olympic Stadium, known as Engenhão, led

#### 4.3

Resident's Association of *Vila Autódromo*. This association resisted because of the community leader's effort  
Photo: Adriana Portella







**4.4** *Vila Autódromo* on 04/09/2015  
Photo: Adriana Portella

to the clearance of Belém-Belém, a favela that had been housing 300 families since 1972 (Faulhaber & Azevedo, 2015). The Metrô-Mangueira community, consisting of 700 families in the surroundings of the Maracanã stadium, was also affected by evictions. Among these, 108 families were moved to a housing development in the West Zone, about 70 kilometres from the place of origin. Thanks to the mobilizations of the community, 246 families were relocated to Conjunto Mangueira II and 216 families went to Conjunto Mangueira II. Other families were relocated in another housing development located in the neighbourhood of Triagem (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014; Marinho, Campagnan & Cosentino, 2014).

The Maracanã Village, consisting of 20 indigenous people from different ethnic groups, had been occupying the old Indian Museum since 2006 to claim the regularization of the occupation and transform the place into the first Indigenous University (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2011; Borges, 2014). However, because of the works for the World Cup (2014) and the Olympics (2016), the government decided to demolish it, on the grounds of making way for the exit of fans on the days of games held at Maracanã, besides classifying the 1865 building as having no historical value. In 2013, police officers raided the Maracanã Village and removed the indigenous people, who were taken to Jacarepaguá, West Zone of Rio de Janeiro,

where they were housed in containers (Farias, 2014; Castro et al., 2015.).

Backed by the federal housing program *Minha Casa Minha Vida*, the *Sambódromo* favela, consisting of 60 families, was removed to the Condominium *Oiti*, located 60 kilometres from the place of origin. The removal was justified by the fact that the place would host the start and finish of the marathon of the 2016 Olympics, as well as the archery games (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014).

Finally, *Vila Autódromo*, located in *Barra da Tijuca*, raises hotter debates about the removals as it is located where the 2016 Olympic Games took place. The first occupations happened in 1980 and since then the local residents have created an association to fight for infrastructure (Tanaka, 2014) and get land regularization, obtained in 1996 (Freire, 2013; It & Gray, 2013). With the increasing urban sprawl, the region of *Barra da Tijuca* became an area for new real estate investments, causing *Vila Autódromo* to be threatened with evictions (Freire, 2013).

The community's resistance lasted until 2014, when 336 families were removed to the housing development *Parque Carioca* (Tanaka, 2014; Berta, 2015). The arguments given by the government to justify their removal primarily associated it with a "risky area", followed by an "aesthetic and environmental damage", then expansion of the Avenues *Abelardo Bueno* and *Salvador Allende* for the 2016 Olympics, and finally safety margin for the Olympic Park. However, the population of *Vila Autódromo* says that the only interest of the government for the removal was the real estate valuation of *Barra da Tijuca* (Vale & Gray, 2013).

By the year 2015, 590 out of the 760 existing households in *Vila Autódromo* had been vacated (336 families were relocated to housing developments and 254 left after receiving indemnities). Families who resisted longer received high indemnities due to the valuation of the site and the existing documentation of land tenure (up to \$ 1 million). Notwithstanding, 170 families, in 2015, were still resisting (Berta, 2015) (Figures 4.4, 4.5 and 4.6).



**4.5** Vila Autódromo in 04/09/2015  
Photo: Adriana Portella



**4.6** *Vila Autódromo* and its ambiances  
Photo: Adriana Portella

The interventions in Port Maravilha affected 6,837 families. According to the Dossier of the Popular Committee for Rio's World Cup and Olympics (2014), the port area went many years without receiving any investment from the City Hall. Many buildings belonging to the state and the federal government that were not used ended up occupied by people who had nowhere to go. With the intervention on the site, eight communities were removed: *Zumbi dos Palmares*, *Boa Vista*, *Flor do Asfalto*, *Machado de Assis*, *Casarão Azul*, *Guerreiros do 234*, *Guerreiros do 510*, and *Quilombo das Guerreiras* (Faulhaber & Azevedo, 2015).

Moreover, residents from the *Morro da Providência* have been threatened with eviction under the argument of promoting housing improvements in the program *Morar Carioca*. Conforming to *Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro* (2014) and Faulhaber and Azevedo (2015), the evictions in the *Providência* are directly related to tourist demands about the construction of gondolas, lookouts, the inclined plane and the opening of new roads.





In view of the removals to build the gondolas, 291 families had to leave their homes and 481 were threatened with eviction, allegedly for reasons of risky living or urban areas needed for other projects (Figures 4.7A, 4.7B and 4.7C). However, given the insecurity of residents about-facing the removals and lack of access to the technical report of the Municipal Housing Department to identify the specifications of the proposed works, the State Public Defender's Office filed an injunction against the city hall requesting the suspension of any removals before having the matter discussed with the affected community. Upon the little knowledge of the areas to be removed and the reasons supporting such intervention, engineers and architects wrote a geotechnical counter-report identifying which possible new solutions could minimize the number of removals, also stating that many of the houses targeted for demolition were not located in risky areas at all. (Santos & Marcos, 2011).

The removals motivated by arguments such as the ones of risky areas or areas of environmental interest are not directly related to the mega events, but were intensified during the preparation for the games, affecting nine favelas: (i) *Comunidade Estradinha*, (ii) *Virgolândia*, (iii) *Comunidade do Pavão-Pavãozinho*, (iv) *Muzema*, (v) *Manguinhos*, (vi) *Vidigal*, (vii) *Santa Marta*, (viii) *Horto* and (ix) *Indiana* (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014). According to research conducted by Geo-Rio (2013), Rio de Janeiro had 18,000 families residing in locations prone to natural disasters such as landslides. However, it is evident that this explanation is actually motivated by other interests. One such example is happening to the community *Vila Alto Camorin*, located in *Barra da Tijuca*, threatened with displacement allegedly for environmental purposes and to where a new upscale development has been designed (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014).

Something similar happened in the *Vidigal* and *Santa Marta* favelas, where removals are motivated by tourist interest (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014). In *Vidigal*, the pressure for removals has been justified since 1977 by the possibility

**4.7A** Areas of intervention in *Morro da Providência* for tourism  
**4.7B** during the 2014 World Cup and the 2016 Olympics  
**4.7C** Photos: Adriana Portella

of landslides. Curiously, at that time many projects of luxury hotels to service tourists had already been planned (Magalhães, 2010). In 2012, the construction of a tourist road in a set of hotel developments was threatening the eviction of the families living in the site on the account of being located in a risky area (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014).

In *Santa Marta* hillside, 550 homes were removed to make

4.8A 4.8C  
4.8B 4.8D

*Morro da Providência*  
Photos: Adriana Portella



#### 4.9

Vidigal is one of the most urbanized favelas in Rio and desired by foreigners and artists.  
Photo: Adriana Portella



way for the construction of 634 meters of a wall-shaped eco limit in 2009. This action was intended to limit horizontal growth and remove families living at the peak of the hill, which has dwellings that are more precarious and drug dealing businesses (Silva, 2015). In 2012, 150 houses from Pico were targeted for removal on the grounds of being located in a risky area. However, residents question the real reason for the intervention as the site has interested tourist agencies<sup>2</sup>, especially after the establishment of the Pacifying Police Units (UPPs). By cause of this, *Santa Marta's* residents also began to provide tourist visitation services<sup>3</sup>.

In addition to the removals that take place in a direct way, there is also the so-called “white removals” resulting from the gentrification happening in *Morro da Providência* and in favelas like *Santa Marta*, *Vidigal*, and *Cantagalo* (ANCOP, 2014). Real estate valuation is interesting for those families who have title deeds to their homes, but for those who pay rent it becomes impossible to stay in their communities as rents have increased 50% since 2013 (Faulhaber & Azevedo, 2015) (Figures 4.8A, 4.8B, 4.8C, 4.8D and 4.9).

<sup>2</sup> Jeep Tour. Available at <http://jeeptour.com.br/>

<sup>3</sup> Santa Marta tour favela. Available at <http://www.favelasantamartatour.blogspot.com.br/>





**4.10** The life of streets becomes threatened by removals - Providência.  
Photo: Adriana Portella

In general, removals in Rio de Janeiro have the following characteristics: (i) relocations occur to remote areas in comparison to the original residence, usually located in the West Zone, nearly 70 kilometres away from some communities; (ii) the financial compensation offered do not guarantee another property in the same location as the value corresponds only to the residence, not including land ownership; (iii) violent approaches in the moment of removals, with reported case of pepper spray and tear gas; (iv) exclusion from the discussions of projects promoted by the city hall; (v) failure to publicize which families would be affected by removals, when these actions would take place, where these people would be sent to and how such process would be carried out; (vi) negotiations between the family removed and the city hall workers happening individually, with families receiving different offers, let alone the pressure and coercion procedures to force residents to accept offers from the city hall; (vii) the favouring of some community leaders, such as high indemnity payments contributing for these people to encourage others not to resist the removals; (viii) infiltration of people who do not belong to the affected communities in meetings as a way to oppose resistance; (ix) after the demolition of homes, debris are often left unremoved, increasing the spread of diseases and dead animals; and (x) an in-



**4.11** The innocent look - *Morro da Providência*  
Photo: Adriana Portella



crease in violence, as many semi demolished houses became drug dealing places (Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2014; Marinho, Campagnani & Cosentino, 2014). Everyday life on favelas becomes threatened (Figures 4.10, 4.11, 4.12A, 4.12B, 4.12C, 4.12D). Completing the characterization of the removals:

The displacement of families is the cruellest face of the Olympic urbanism when it drastically interrupts social relations, largely established by geographic boundaries of irreplaceable value to the lives of many citizens. The poor are the most affected by these actions, put into practice not only to enable the constructions needed for sporting purposes, but also to outline the ideal urban image that attracts investors and consumers who do not refute the landscape of poverty (Raeder, 2010, p.104).

According to the National Articulation of the Popular Committees for the World Cup (2014), there are cases in which the city hall began the removal process on festive dates. One such example happened to the families living in Largo do Tanque, removed during the 2013 Carnival; another was the Metrô-Mangureira favela, cleared during the period of school holidays; and last was the case of the families from Vila do Recreio II, removed at 2010 Christmas. In the latter, the Mayor had promised residents that he would wait until the end-of-year parties were over, just to demolish the homes on 23 of December 2010.

The eviction of these families was justified by lack of legal registration of the plot as the lands squatted belonged to the government. However, according to article 183 of the Federal Constitution (Brasil, 1988), the law admits the possession of public or private spaces by homeless people:

Those who possess an urban area as big as two hundred and fifty square meters for a period of five years, uninterruptedly and without opposition, using it for their own dwelling or of their family, will be regarded as its owner, as long as they do not own any other urban or rural property (Brasil, 1988).

Even supported by an existing law, the amount of indemnities is stipulated based on Decree 34.522/2011, which does not include the cost of land. The evaluation of the property depends on the improvements made (Marinho, Campagnani & Cosentino, 2014, Rolnik, 2014a), corresponding to an average of 28 thousand Brazilian reals, never reaching the maximum value stipulated by Decree 34.522/2011,



**4.12A 4.12C**  
**4.12B 4.12D**

The life and identity of Morro da Providência are built by people, natural landscape and historic heritage  
Photos: Adriana Portella

which is of 62 thousand Brazilian reals. In other situations, the families removed are paid a social rent between 300 and 500 Brazilian reals, making it impossible for the person to remain in the neighbourhood or even in the same city (Rolnik, 2014a).

The low value of indemnities and the Social Rent Program have been insufficient to guarantee the right to housing of these families in places close to their original residence, resulting in a lack of access to workplaces, means of economic survival and a socioeconomic network (Rolnik, 2014a). In agreement with the Attorney General's Office of Rio de Janeiro, people who have their property determined as being of benefit to the public are obliged to accept compulsory purchase orders. Residents have the right to file a claim against the

proposed value for indemnity, but if they fail to reach an agreement with the city hall, the expropriation will occur anyway (Rio de Janeiro City Hall, 2010).

With reference to the places chosen for relocation, the West Zone features the largest concentration of housing units from the program *Minha Casa Minha Vida*. Here, not only the distance was further than that stated as a right by the human rights treaties (2 km), but also many housing units already presented structural problems, such as cracks both inside and outside the apartments. (Faulhaber & Azevedo, 2015). In addition, this area is ruled by militia groups, who use their power of intimidation to charge fees for basic services (electricity, water, sewage, security, and transportation) (Marinho, Campagnani & Cosentino, 2014). This problem is discussed in the Journal of Estadão, on 4 January 2015, by Rogero (2015. n.p.):

The biggest problem in Rio is the militia. Three accusations point to Condominium Ferrara, in Campo Grande, in the West Zone. In August, the Civil Police arrested 21 alleged members of a gang that made \$ 1 million per month with the charging of fees, real estate sale and rent in six condominiums from the program *Minha Casa Minha Vida*, among them the Ferrara. Those who did not obey the orders were expelled. If they ever came back, they were either beaten or killed. Complaints involving the actions of militias represented 10% of the total. Prostitution within condominiums was an issue in 8% of the reports.

The same events were published in an article in the online newspaper Extra in May 2011 [n.p.], denouncing the threats and murders ordered by militias in condominiums of the program *Minha Casa Minha Vida* in the West Zone:

This very serious problem needs to be faced in order not to jeopardize the continuity of the program. This year we expect to deliver 12,000 housing units, but 80% of them are in neighborhoods of the West Zone, where militias are very active. The traffic is a serious problem, no doubt, but the militiamen rely directly on the participation of police, making this fight very difficult.

In order to reduce this problem, Peacekeeping Police Units (UPPs) were established as a model to promote greater security. Santa Marta was the first community to join the UPPs in 2008. In 2016 there were 38 UPPs established in Rio de Janeiro (Governo do Rio de Janeiro, 2016). However, such security policy is not considered effi-

cient, as it does not reduce the rates of violence in the city. In addition, there are reports of violent acts coming from the police, causing the criminalization and deaths of residents (Marinho, Campagnani & Cosentino, 2014).

In contrast to the way removals are being handled, international covenants, such as the International Covenant on Economic, Social and Cultural Rights (ICESCR, 1992) and the International Covenant on Civil and Political Rights (ICCPR, 1992) state that communities should be entitled to participate and even suggest changes in projects, in addition to having the right to information. Families should be informed in advance about the removals and these should occur peacefully. Moreover, they have the right to rely on an independent body to provide them with technical and legal assistance to monitor the process (Rolnik, 2011).

According to Rolnik (2012) and ANCOP (2014), city hall officials paint numbers on the walls of the houses to show they are to be demolished, but residents ignore when that will happen. There is a lack of dialogue, meetings with the affected communities and respect for the rights of these people.

Due to the non-participatory form implemented for the organization of the 2014 World Cup and the 2016 Olympics, Popular Committees of the Cup, available at *Portal Popular da Copa*<sup>4</sup>, were created as an initiative of social movements. They fight against the violation of their own rights and revolve around themes such as: struggle and resistance, removals and evictions, work and precariousness, exceptions and illegalities, discrimination and segregation, public resources for private entities, criminalization and repression, elitism and commercialization of the city, authoritarianism and decision-making processes, threats to sovereignty, environmental degradation and the benefit to the smallest part of the population, corresponding to those in better economic conditions (Bonalume, 2013; Omena, 2015).

The problems faced by the dislocated communities in reason of the preparation works for the 2014 and 2016 mega events in Rio go far beyond those concerning people's homes. In general, these people lost their social ties when they left their neighbourhood of origin to live in different areas and/or cities. Access to education and health,

<sup>4</sup> Available at <http://www.portalpopulardacopa.org.br/>





**4.13** Vidigal and its fantastic view from a local hostel that shows what the outside entrepreneurs seek to explore.  
Photo: Adriana Portella

which used to be near their residence, is now only possible with public or individual transport (car) in a much more expensive lifestyle. As for employment, many had to look for a new job, which may take a long while, leaving the family with no permanent income. The sense of neighbourhood is lost, as it implies social interaction with the individual within a social group of friends, relatives or neighbours. Besides social interaction, this coexistence brings the feeling of union, beneficial for both the place where people live and employment opportunities. This relationship is lost when people are forced to live in another area as far removed as peripheries or cities around capital cities (Rolnik, 2014a; Castro, Gaffney & Novaes, 2015; Omena, 2015).

Finally, holding the mega events allowed the execution of projects aimed at the regeneration of the city, contributing to economic and urban development. Nonetheless, such improvements could only be considered positive if the government showed some concern with the lower spending power population and if they could benefit from the improvements of the environment where they live. Unfortunately, the examples given show no concern with that segment of the popu-



lation, who lived and are still living under the threat of removals. The moment is marked by the violation of human rights in Rio de Janeiro, caused by lack of transparency, dialogue, fair negotiation and participation of the affected communities in the mega event building works (Rolnik, 2014b) (Figure 4.13).

## Conclusion

In general, it should be noted that urban projects in Rio de Janeiro aim at three main goals: (i) the strengthening of urban areas inhabited by the most affluent population (South Zone); (ii) the revitalization of the port area, lacking investments; and (iii) the creation of a new urban area located in Barra da Tijuca, a place with more investment in sports facilities to serve the mega events. To put such plans into practice, however, the Dossier of the Popular Committee for the World Cup and Olympics in Rio de Janeiro (2014) informs that 42,430 people were affected by removals and many others by gentrification, having to search for lower-cost housing (Castro, Gaffney & 2015).

Unmistakably, the removals affect people of lower spending power who are often unaware of their rights before the government's actions. Most of the families evicted in Rio de Janeiro are being displaced to the West Zone, known for its lack of services and infrastructure. Ruled by a violent militia, this region also endangers the lives of residents. Such background makes one wonder whether the actions taken by the city hall are really benefiting the most vulnerable population, relocated to areas that will never profit from the urban infrastructure upgrades promised.

Thus, as a way to ensure Human Rights and Adequate Housing for the families affected by the evictions, the following aspects should be taken into consideration: (i) consult and involve the population in the decisions involving planning and projects; (ii) inform people in advance, before decisions affecting their lives are made; (iii) the affected people should have the right to seek independent advisory services to discuss and develop alternative projects; (iv) the relocation site must be ready prior to the commencement of removals; (v) relocation sites must meet adequate housing conditions (access to human development opportunities); (vi) relocation sites can never

offer worse living conditions than those people used to have; (vii) relocation sites must guarantee human rights; (viii) there can be no use of violence at the time of removals, with prior scheduling and identification by the officials that will make the moving; (ix) indemnities should be fair enough to allow residents to have basic sanitation as well as employment and education opportunities; (x) removals must not occur in the night shift or on holidays, and (xi) removals cannot result in homeless families without relocation (Silva, 2016).

In sum, to have Rio's people really profit from the legacy left by the mega events, such aspects are key to conduct the removals, with the greatest importance placed on housing policies. It is undeniable that Rio de Janeiro is promoting urban improvements, such as the revitalization of the Port Zone and investments in urban mobility considered positive for the city, which also appeals to tourists. However, the absence of a social legacy compromises the legacy left by the 2014 World Cup and the 2016 Olympics.

### ***Bibliography***

AN COP. (2014). Dossiê Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Brasil. Disponível em: [https://br.boell.org/sites/default/.../ancop\\_dossie2014\\_web\\_bollbrasil.pdf](https://br.boell.org/sites/default/.../ancop_dossie2014_web_bollbrasil.pdf). Acessado em 30.06.2016.

Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa. (2014). Disponível em: <http://www.ebc.com.br/articulacao-nacional-dos-comites-populares-da-copa-ancop>. Acessado em 01.02.2014.

Bastos, I. & Schmidt, S (2010). Prefeitura remove 05.05.rá 119 favelas até o fim de 2012. O Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/prefeitura-removera-119-favelas-ate-fim-de-2012-3072053>. Acessado em 30.06.2016.

Berta, R. (2015). Apesar de indenizações milionárias, prefeitura não consegue acabar com a Vila Autódromo. O Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/apesar-de-indenizacoes-milionarias-prefeitura-nao-consegue-acabar-com-vila-autodromo-16153064>. Acessado em 30.06.2016.

Bonalume, C. R. (2013). Legado para o controle social em políticas públicas de esporte e lazer. In: Marcellino, N. C. (Org.). Legado de megaeventos esportivos. São Paulo: Editora Papirus.

Borges, F. M. (2014). Da Aldeia Maracanã na Copa do Mundo. In: Lima, D., Borges, F. M. & Durante, M. (Org.). Brasil 2014: Copas - 12 cidades em tensão (pp. 82-87). Rio de Janeiro: Invisíveis Produções.

Brasil. (1988). Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil:

Brasília.

Castro, D. G. & Novaes, P. R. (2015). Copa do Mundo 2014 e os Impactos no Direito à Moradia: uma análise das cidades-sede brasileiras. In: Junior, O. A., Gaffney, C. & Ribeiro, L. C. (Org.). Brasil: o impacto da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais.

Castro, D. G., Gaffney, C., Novaes, P. R., Rodrigues, J., Santos, C. P. & Junior, O. A. S. (2015). O Projeto Olímpico da Cidade do Rio de Janeiro: reflexões sobre os impactos dos megaeventos esportivos na perspectiva do direito à cidade. In: JUNIOR, O. A., Gaffney, C. & Ribeiro, L. C. (Org.). Brasil: o impacto da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais.

Clarke, F. (2013). O legado Olímpico no leste de Londres: desapropriação e gentrificação. Rioonwatch: relato das favelas cariocas. Disponível em: <http://rioonwatch.org.br/?p=4927>.

Comitê Olímpico Brasileiro. (2009). Dossiê de Candidatura do Rio de Janeiro à sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. Disponível em: <http://www.rio2016.com/comite-organizador/transparencia/documentos>. Acessado em 05.05.2016.

Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro. (2014). Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro: Megaeventos e violação de direitos humanos no Rio de Janeiro. Disponível em: [https://comitepopulario.files.wordpress.com/2014/06/dossiecomiterio2014\\_web.pdf](https://comitepopulario.files.wordpress.com/2014/06/dossiecomiterio2014_web.pdf). Acessado em 05.05.2016.

\_\_\_\_\_. (2011). Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro: Megaeventos e violação de direitos humanos no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://comitepopulario.wordpress.com/2011/12/>. Acessado em 05.05.2016.

Farias, A. (2014). Uma história das Copas do mundo. Futebol e Sociedade. São Paulo: Editora Armazém da Cultura.

Faulhaber, L. & Azevedo, L. (2015). Remoções no Rio de Janeiro Olímpico. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.

Freire, L. L. (2013). Mobilizações coletivas em contexto de megaeventos esportivos no Rio de Janeiro. Revista O Social em Questão, nº.19, pp. 121-128.

G1. (2012). Preço dos imóveis no Rio entra em fase de estabilização, diz Secovi. Portal G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/03/preco-dos-imoveis-no-rio-entra-em-fase-de-estabilizacao-diz-secovi.html>. Acessado em 05.05.2016.

Governo do Rio de Janeiro. (2016). Unidade de Polícia Pacificadora. Disponível em: <http://www.upprj.com/>. Acessado em 05.05.2016.

Instituto de Estudo do Trabalho e Sociedade. (2006). Pesquisa Qualitativa e de Opinião. Rio de Janeiro: IETS/Macroplan.

Magalhães, A. F. (2013). O direito das favelas. Rio de Janeiro: Letra Capital.

Magalhães, J. C. R. (2010). Histórico das favelas na cidade do Rio de Janeiro. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. Disponível em [http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1111:catid=28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1111:catid=28&Itemid=23). Acessado em 05.05.2016.

Marinho, G., Campagnani, M. & Cosentino, R. (2014). Brasil. In Paula, M. & Bartelt, D. D. (Org.). Copa para quem e para quê? Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll Stiftung.

Ministério do Esporte. (2011). Primeiro balanço para a Copa do Mundo de 2014. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/futebol-e-direitos-do-torcedor/copa-2014/cidades-sede>. Acessado em 05.05.2016.

Omena, E. (2015) Não foi só por 20 centavos: “a Copa das manifestações” e as transformações socioeconômicas recentes nas metrópoles brasileiras. In: Junior, O. A., Gaffney, C. & Ribeiro, L. C. (Org.). Brasil: o impacto da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais.

Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. (2016). Cidade Olímpica. Disponível em: <http://www.cidadeolimpica.com.br/>. Acessado em 05.05.2016.

Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. (2010). Desapropriações: entenda como funciona. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/pgm/duvidas>. Acessado em 05.05.2016.

PIDESC. (1992). Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/d0591.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0591.htm). Acessado em 30.11.2016.

PIDCP (1992). Pacto Internacional de Direitos Cívicos e Políticos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/d0592.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0592.htm). Acessado em 30.11.2016.

Raeder, S. (2010). Ordenamento territorial urbano em grandes eventos esportivos. Brasília: Ministério do Esporte.

Rio Como Vamos. (2008). Pesquisa de percepção 2008: como o carioca vê o Rio de Janeiro. Disponível em: <http://riocomovamos.org.br/indicadores-regionalizados/>. Acessado em 05.05.2016.

Rodrigues, R. P. (2013). Legado para as políticas públicas brasileiras de esporte e lazer: governança interfederativa dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. In: Marcellino, N. C. (Org.). Legado de megaeventos esportivos. São Paulo: Editora Papirus.

Rogero, T. (2015). Minha Casa Minha Vida tem denúncia de tráfico, milícia e invasão. Jornal do Estadão. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,minha-casa-minha-vida-tem-denuncia-de-trafico-milicia-e-invasao,1615122>. Acessado em 05.05.2016.

Rolnik, R. (2014a). Megaeventos: direito à moradia em cidades à venda. In: Rolnik, R. (Org). Brasil em jogo. O que fica da Copa e das Olimpíadas? Boitempo editorial: São Paulo.

\_\_\_\_\_. (2014b) No final das contas, 2014 não teve caos nem legado. Blog da Raquel Rolnik. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2014/12/02/no-final-das-contas-2014-nao-teve-caos-nem-legado/>. Acessado em 10.02.2016.

\_\_\_\_\_. (2011). Copa do Mundo e Jogos Olímpicos: “O espetáculo e o mito”. Blog da Raquel Rolnik. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/tag/copa-do-mundo/>. Acessado em 10.02.2016.

\_\_\_\_\_. (2012). Arquivo da tag: direito a moradia adequada. Blog da Raquel Rolnik. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/tag/direito-a-moradia-adequada/>. Acessado em 10.02.2016.

Santos, M. C. A. & Marcos, F. (2011). Relatório sobre as visitas técnicas realizadas nas comunidades do Morro da Providência e da Pedra Lisa nos dias 23/8 e 7/9/2011 e Parecer Técnico sobre os motivos alegados pela Prefeitura do Rio de Janeiro para a remoção de 832 famílias nessas duas comunidades. Fórum Comunitário do Porto. Disponível em: [https://forumcomunitariodoporto.files.wordpress.com/2011/12/relatc3b3rio-morro-da-providc3aancia\\_final-1.pdf](https://forumcomunitariodoporto.files.wordpress.com/2011/12/relatc3b3rio-morro-da-providc3aancia_final-1.pdf). Acessado em 10.02.2016.

Silva, G. C. (2016). A Copa de 2014 a partir de diferentes olhares: a questão das remoções na cidade de Porto Alegre/RS. (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas).

Silva, L. C. (maio, 2015). Ecolimite e contenção de favela: o caso do muro da favela Santa Marta. XVI ENANPUR - espaço, planejamento e insurgências. Belo Horizonte. Disponível em: [http://xviananpur.com.br/anais/?page\\_id=26](http://xviananpur.com.br/anais/?page_id=26). Acessado em 10.02.2016.

Tanaka, G. (2014). Vila Autódromo: símbolo de resistência na Cidade Olímpica. Heinrich Böll Stiftung. Disponível em: <https://br.boell.org/pt-br/2014/05/15/vila-autodromo-simbolo-de-resistencia-na-cidade-olimpica>. Acessado em 10.02.2016.

Vale, L. & Gray, A. (2013). Desafios Olímpicos para encontrar imóveis a preços acessíveis — de Atlanta ao Rio de Janeiro. Disponível em: <https://placesjournal.org/article/o-decatlo-das-remocoes/>. Acessado em 10.02.2016.







## CHAPTER 5

# **PLACE, SPACE AND DISPLACEMENT**

## **GENTRIFICATION, REGENERATION AND THE LEGACY OF THE 2002 COMMONWEALTH GAMES**

*Ryan Woolrych*

Associate Professor in Health and Well-Being  
Heriot-Watt University, United Kingdom  
School of the Built Environment  
[r.d.woolrych@hw.ac.uk](mailto:r.d.woolrych@hw.ac.uk)

*Judith Sixsmith*

Professor in Public Health Improvement & Implementation  
University of Dundee, United Kingdom  
School of Nursing and Health Sciences  
[j.sixsmith@dundee.ac.uk](mailto:j.sixsmith@dundee.ac.uk)



This chapter presents a critical examination of the legacy of an urban regeneration programme following the Commonwealth Games 2002, focusing on the place experiences of lower-income residents in East Manchester, UK. First, the concept of gentrification and social justice is discussed within the context of state-led urban regeneration in the UK. Second, through the experiences of local residents 'post-games', we explore how rapid physical transformation, including new infrastructure, the control and use of public space and the renewal of housing stock have impacted the local community. Third, drawing upon the perspectives of local people, we examine how processes of gentrification have manifest in the regeneration area. Our findings indicate that state-led gentrification, through processes of urban regeneration and re-branding of inner city areas, impact the sense of place experiences of local residents through processes of displacement. This displacement is characterised not only through the physical re-location of residents but the ways in which the re-appropriation and control of public spaces have displaced symbolic, emotional and psychological attachments to the local community. The paper concludes by identifying salient lessons for gentrification and regeneration, questioning how issues of social justice and 'rights to the city' can be situated in regeneration policy and practice to ensure psychologically and socially sustainable benefits to local residents.

**Keywords:** regeneration; gentrification; sense of place; displacement; social justice.

## Introduction: gentrification, rights and social justice

Gentrification has become a 'dirty' word for the displacement of working class communities from inner city areas by a 'creative' middle class perceived as eager to 're-gentrify' and re-occupy the city (Smith, 1996; Lees et al, 2013). Research has claimed the perceived benefits of gentrification include improved lifestyles ('rub-off' work ethic), positive changes in consumption patterns and new services (brought about or demanded by the 'gentrifier') which are purported to improve the liveability of the area (Caulfield, 1994; Zukin & Costa, 2004; Chaskin & Joseph, 2013). Critics of gentrification point out that evidence of positive change are unfounded, such that any community improvements do not benefit 'existing communities', who are largely lower income and working class and do not share the same lifestyles (Slater, 2009). As a consequence of the gentrification process, it is the lower income groups who are increasingly pushed to the fringes of inner city areas and displaced from home and community (Butler & Hamnett, 2009; Slater, 2009). These discussions have stimulated discussion on social justice and 'rights to the city', which prioritise the rights of certain groups to gentrify the city (even encourage it through financial incentives and rebranding of urban spaces), yet neglect to protect the rights of those who have a desire to remain i.e. lower income groups who are often the most marginalised and excluded members of society (Marcuse, 2009; Watt, 2013; Lees et al, 2016). The notion of social [in]justice is further riven through processes of gentrification; on the one hand, a moral argument has questioned why the poor living in inner city areas should wait for 'gentrification' before they witness positive change [i.e. why has this not happened before?] and on the other hand, assumes that the lifestyles of the incoming residents reconcile or would in some way benefit the existing community [i.e. return to the pathologisation of the poor who are seen as displaying feral and aberrant behaviours that need to be cured] (Slater, 2006).

Others see gentrification as a natural urban process whereby 'gentrifiers' occupy certain parts of the city not to consciously 'displace' but as a 'desire to remain' in the city (Atkinson, 2006); therefore class replacement occurs rather than displacement. Within 'heated' housing markets, for example, in London, Vancouver and Sydney, housing affordability issues have left lower income groups

with little choice in terms of where they live, seeking out previously 'edgy' or 'vibrant' parts of the city, where the 'rent-gap' encourages investment (Smith, 1987; 2002). Others have argued that rather than displacing the urban poor, gentrification "creates tolerance" through encouraging diversity and may therefore be the 'saviour' of inner city neighbourhoods: "gays may be lawyers or paperhangers, professors may live in shabby bungalows or upmarket townhomes, feminists may or may not have children" (Caulfield, 1989, p.618). Here, gentrification assumes an emancipatory discourse i.e. creating the spaces and places for dialogue and exchange between and across different ages, genders and ethnic groups. However, critics such as Valentine (2014) dispute that cultural differences can somehow be dissolved through spatial proximity, suggesting that proximate groups often lead parallel lives (though living in the same community), where there is little evidence of everyday urban encounters or on-the-ground intercultural dialogue. Butler and Robson (2003) describe a form of 'tectonic' social relations where different classes walk past each other with little actual contact. This notion of 'social mixing' has received much research attention, seen by some as a positive characteristic of a vibrant community, where people from all classes, colours and creeds can positively co-exist and live alongside each other (Rose, 2004). Others see social mixing and the demand for it as a tokenistic salve for middle-class guilt, which actually reinforces the social spaces of division within the modern city (Lees, 2008; Bridge et al, 2012). This is evident through the social polarisation that occurs with the erection of gated communities, supporting the suggestion that 'gentrifiers' are actively seeking to remain in the city, but only if this means creating separate and segregated social and institutional spaces behind walls and gates, reinforced by other forms of regulatory surveillance (policing) that exclude less desirable elements of society (Atkinson et al, 2005; MacLeod, 2014).

Sympathisers of the gentrification cause criticise naysayers as antithetical to change and harbingers of regressive inner city policy (Bromley et al, 2005). These arguments are supported by a neo-liberal agenda, where the [re-]imagining or rebranding of inner cities is driven by economic indicators, and where growth is articulated through the flow of money and capital; the objective being that growth will 'trickle down' or 'trickle out' to other geographical areas (Buber & Solt, 2005). Indeed, many inner city areas have witnessed the movement of capital back into the city, with an expanding middle-class expressing a desire



to locate there, within close proximity to work, transport links and entertainment venues (Raco, 2005; Lees, 2014). This has occurred at the same time as the expansion of the knowledge economy and creative industries replacing traditional manufacturing. Some theorists claim that post-industrial gentrification has improved the social and physical make-up of inner city areas, a form of new modernity where urban areas have become more open to freedom of expression and where new forms of creative capital have emerged (Florida, 2002; Laurier et al, 2002; Nava, 2006). Others have argued that the ways in which cities have been marketed has led to the commodification of urban space, where growth is associated with economic productivity alone (Brenner & Theodore, 2002). Within this agenda, 'unproductive' groups [lower income groups, indigenous peoples, the homeless] are seen as 'dangerous others' (through a process of 'othering', (Johnsen et al, 2005)), and via various urban practices [policing and other forms of control] are pushed out of parts of the city they consider home (Graham & Marvin, 2001; Atkinson & Blandy, 2005). For example, Johnsen and Fitzpatrick (2007, 2010) discussed the policing of inner city areas and anti-begging laws as attempts to remove homeless individuals from the 'public gaze', forcing them to seek more marginal, less visible and potentially more dangerous urban spaces. This form of control has raised the issue of social justice within the city, where the rights of the lower classes (right to occupy the city, right to access services and right to move unhindered in and around public spaces) have been compromised (de Souza, 2010; Fainstein, 2010). This is seen as part of broader 'revanchist' urban policy intent on the systematic gentrification of inner city areas.

## **Gentrification is dead: long live gentrification**

Inner city areas in the 1930s in much of the UK and United States were characterised by extreme poverty, inequality and unsanitary living conditions (Jones, 2010). Failed attempts at slum clearance programmes, due to mis-management, unclear objectives and a displacement of the poor, led to the planning community seeking alternative models of urban design or ways of living. This set the preconditions for suburbanisation, as more affluent groups were no longer bound by geographical proximity to work, a trend buoyed

by the rise of the motor car, out of town housing developments and improved transport links (primarily motorways and ring roads that cut a swathe through inner city areas). This exodus from the 'inner city' (or 'white flight' as it was known in the United States, where it assumed a racial dimension less apparent in the UK) essentially left the inner city areas to the working class or the workless poor (Watt, 2008). Further de-industrialisation of metropolitan centres in the 1960s and 70s compounded by further disinvestment in urban areas, created (by accident or design) urban ghettos and 'no go' areas in many cities in the UK, Europe and the US (Wacquant, 1999).

After effectively abandoning the inner city, changes in lifestyles, culture and consumption patterns as well as an urban policy agenda aimed at the inner city, led to the middle class seeking a return to the city. Lees (2014, p.41) summarised this desire to re-populate metropolitan areas as a 'confluence' of (i) an emerging anti-urban sentiment, (ii) the growth of the knowledge, service and financial economies in many inner cities, and (iii) middle-class baby boomers seeking a 'new lifestyle' i.e. return to the adventure, diversity and excitement of the city. These factors have influenced patterns of gentrification across the developed world, from Brick Lane in London to Brooklyn in New York. This, together with the 'strong arming' of private landlords, increase in rental values and the lack of affordable housing has led to large-scale working class displacement (Hackworth & Smith, 2001; Slater, 2009). After a fairly active period in the 1980s, research on gentrification reduced in the 1990s. This led to some speculation that gentrification was 'dead' both as a concept (i.e. dismissed as too simplistic to describe the complexity of class displacement and movement in and out of the city) and as a visible phenomenon influencing the make-up and design of inner city areas (Bourne, 1993; Lees, 2000). More recently, gentrification has undergone a renaissance in both the developing and developed world (e.g. the super-gentrification evidenced in New York (Lees, 2003) leading to an increase in grassroots anti-gentrification groups. For example, in Vancouver, the lobbying of local businesses has taken place amidst an 'anti-hipster' sentiment (hipster as a pejorative 'catch all' term for middle class young bohemians) as indigenous and lower income groups have felt 'under siege' and seen their 'right to the city' threatened (Ley & Dobson, 2008; Georgia Straight, 2014).

Gentrification in inner city areas has gained increased prominence with the emergence of 'global gentrification' (Harris, 2008). Lees (2005,

p.1167) describes this as the diffusion of a “gentrification blueprint” that is “being mass produced, mass-marketed and mass consumed” around the world. This has led to gentrification being increasingly discussed within the Global South as we witness rapid urbanization and city growth that has implications for the world’s poor (He & Liu, 2010). He (2010) describes the gentrification that has occurred in Shanghai, China, as traditional houses, factories and villages have been replaced by modern, high-rise developments, fitting the image of a ‘leading edge’ city. Poorer groups have been displaced, destroying livelihoods and social networks (He & Wu, 2007). Moreover, gentrification has ushered in a period of formality in such cities, in the way spaces are developed, policed and controlled (Cummings, 2015). This has threatened the informal sector, a sector where home, livelihood and public space are entwined and which support (socially, economically and environmentally) the well-being of residents living there (Ro, 2005). A gentrification agenda that does not recognise the rights of residents, especially poorer residents, will further disenfranchise an already marginalised group, and exacerbate conflictual relationships between community and government (Lopez-Morales, 2015).

Comparative analysis of gentrification processes show that its pathways and causes differ across cities (Harris, 2008). What is similar between the developed world and the Global South is that gentrification is being driven largely through a ‘neoliberal’ political agenda and a model of urban development focused on ambitious renewal programmes; as evidenced in Shanghai, Mumbai and Rio de Janeiro (Borsdorf and Hidalgo, 2010). Many developing cities seeking a competitive edge are increasingly equating positive growth with modernity and change, “the result is that the aspirant world city... is undergoing a fundamental class remake in a much more rapid way than its western counterparts” (Lees, 2012). Given the advent of mass regeneration and the application of neo-liberal agendas in developing cities, it is useful to reflect on the relationship between urban regeneration and gentrification, which has a long history through area-based schemes in the UK.

Processes of urban regeneration and renewal in inner city areas have been used to attract residents back into what were previously undesirable urban spaces. Area-based regeneration initiatives, for example, those practiced in the UK in the 1990s and 2000s aimed to alleviate spatial concentration of poverty in areas that had experienced de-industrialisation and multiple forms of physical, social and environmental deprivation (Tallon, 2013). Area-based regeneration was seen as a mechanism to address spatially concentrated inequalities where deprivation was so entrenched that market forces alone were not sufficient to reverse decline. In this sense, area-based regeneration was championed as a form of distributive social justice, on the premise that nobody should be disadvantaged by where they live and where resources and investment should be equally spread to narrow the inequalities gap between deprived and affluent areas (Cornelius & Wallace, 2010). The ethos of urban regeneration (albeit varying in its delivery mechanism) has focused on poverty deconcentration through regeneration programmes using public and private sector investment and partnerships to target key thematic areas, such as health and well-being, education, sports and leisure, housing, and the arts (Crump, 2002).

There has been much discussion on the extent to which urban regeneration, as an urban policy tool, has been used to disguise processes of gentrification in inner city areas. It is important to note here that within the context of urban regeneration we are talking less about the middle- or upper-class as instigators of gentrification and more about the central role of local government (Smith, 2002). Atkinson (2003, p.2346) suggests that market-led regeneration has “helped pioneer gentrification of areas of inner Manchester” whilst a report by Nathan and Unwin (2005, p.47) on three cities of urban regeneration in the UK reported that “gentrification is not a big issue”. Slater (2009, p.294) is more assertive and identifies a ‘gentrification by stealth’ where the narrative of urban regeneration has been used to conceal gentrification:

Gentrification as a concept and a political rallying call has in many ways been swept away by an alliterative garble of revitalisation, renaissance, regeneration... terms that bolster a neoliberal narrative of competitive progress that carves the path for ever more stealth forms of gentrification.

Inner city regeneration companies have adopted aggressive 'place marketing' strategies in a bid to gain a competitive commercial edge, including the renaming of neighbourhoods and districts in a bid to challenge existing area stigma (Hall & Hubbard, 1998). Regarding the stigmatisation of deprived neighbourhood, Kallin and Slater (2014) suggest that: "we can see quite clearly the role of the state in the formation of stigma, thus the widening of the rent gap and subsequent facilitation of gentrification" (p.1363). Here, 'market-led regeneration' is seen as state enforcement of a particular economic-led model, which fails to consider the fate of local residents.

Commensurate with challenging the stigma of an area, regeneration-housing interventions have increasingly sought tenurial diversification, including housing market renewal schemes that pursued widespread demolition and development of new housing stock (Cameron, 2003). The premise is that mixed housing developments can lead to improvement in education and job prospects for the poor ('upward social mobility'), although the evidence of purported benefits to low income groups is thin (Shaw & Hagemans, 2015). Broader investment in services and amenities (community infrastructure, parks and green spaces) have also been undertaken in regeneration areas, which together with mixed tenureship, provides an opportunity to market regeneration areas as vibrant and liveable:

post-industrial cities have a growing interest in marketing themselves as being built on a foundation of 'inclusive' neighbourhoods capable of harmoniously supporting a blend of incomes, cultures, age groups and lifestyles (Rose, 2004, p.281).

The extensive literature on regeneration linked to community displacement indicates direct displacement (resident evictions) and symbolic, psychological and emotional displacement resulting from neighbourhood change (Cameron, 2006; Woolrych and Sixsmith, 2013, a). These processes of regeneration can challenge place identity, inculcating a sense of 'placelessness' through which gentrification happens but 'without displacement' (Shaw & Hagemans, 2014, p.324). These social measures have not been effectively evaluated, providing further evidence of the lower order priority of local residents in the regeneration process (Woolrych & Sixsmith, 2013, b).

Gentrification also has political and institutional implications. Despite the participation and engagement rhetoric that surrounds much urban development and planning today, there is little evidence



to suggest that local residents have played an active, engaged role in urban regeneration (Woolrych & Sixsmith, 2013, a). Representation on resident boards, consultation with tenants groups and broader engagement practices have been undertaken, but have been described as a 'mask' for introducing physical transformation through 'the back door'. Thus, regeneration/gentrification has a political and institutional bent, i.e. where power is used by those with the ability to make change, and where those transformations are driven by an economic growth agenda, resident voices are seldom heard.

## Urban regeneration and east Manchester

The empirical material presented in this chapter derives from qualitative research conducted in an urban regeneration area of the UK, East Manchester, a region subject to area-based regeneration since 1999. The Commonwealth Games of 2002 was designed to act as the catalyst for the regeneration in the area leading to the development of new sports stadia, leisure facilities, infrastructure and investment in parks and green space. The Commonwealth Games was part of a ten year regeneration framework for the city, from 1999-2009, delivered by an Urban Regeneration Company ('New East Manchester'), as a body established by the local authority to disburse public and private sector funding. Additional funding means that a Strategic Regeneration Framework is now in place in East Manchester until 2018.

The research was conducted between 2003 and 2008 and funded by the Higher Education Funding Council for England through the Urban Regeneration: Making A Difference Grant. The aim was to explore the impact of regeneration on the wellbeing and sense of place of local residents. This in-depth qualitative study involved semi-structured interviews with local residents, video and photo diaries with local residents, and observations in the local community. The data was thematically analysed using the six steps outlined by Braun and Clarke (2006).

The aim of this chapter is to explore the place-based impacts of urban regeneration and change, highlighting the processes through which gentrification has or has not taken place. There is a dearth of

literature investigating the impact of gentrification on the attitudes and lives of low-income individuals (Fraser, 2004; Davidson, 2009; Shaw and Hagemans, 2015) and even less within areas of regeneration. The objective is not to analyse statistics of change through common variables such as class displacement, rental prices, number of single occupancy dwellings etc., but to examine the processes through which social and physical transformation have impacted residents at the local level. Findings are presented in three emergent themes: Housing, Home and Social Mix; Community, Space and Place; and the Legacy of the Commonwealth Games.

## Housing, home and social mix

New housing stock in the regeneration area, primarily marketed to single professionals  
Photo: Ryan Woolrych

5.1



Housing market renewal schemes were undertaken across East Manchester to demolish existing housing (deemed unfit for repair) and build new housing stock. Whilst there is evidence of new housing built across the regeneration area (Figures 5.1 and 5.2), this has primarily been single or double occupancy dwellings in high rise apartments, with few attempts to build family housing in what was a family neighbourhood. Residents who were owner-occupiers were informed they had the option to purchase a new property in the 'regenerated' community, provided this was an apartment, and that they met the shortfall in value between the properties. However, residents thought the price of new apartments were inflated above market prices. Existing residents felt that they had little choice but to move out of the area to support their family needs (Figures 5.3 and 5.4):

I asked them for a two bedroom house. All they had was two bedroom apartments. What good is that? I asked them what the options are? They included moving to another community or area of the city.

The Housing Market Renewal team told us that we had the option to stay in the local area if we wanted. Then they started to tell us the details. That we had to meet the cost of the new property. I lived in a two bedroom terraced house and they told me it was worth £23,000 and the new apartments would set me back £62,000. How is that? I asked them how they worked it out but they didn't give me an answer. My house is in the same area, with a garden and twice the size. What can you do? I have a dog and two kids and we need a garden. What choice do I have but to move out?

One could argue it was a conscious attempt on behalf of the regeneration to displace i.e. active attempt at class change; as to offer no clear housing options for rehousing families is to offer no choice at all and to effectively compromise their right to remain in the community (Davidson, 2009). For those residents that refused to move (both owners and renters), a Compulsory Purchase Order was issued, effectively removing the resident from the property. Residents were informed that their properties were 'unfit' for human habitation and 'beyond repair'; an excuse, they felt, for class displacement and gentrification:

There is nothing wrong with this housing, it's perfectly fine. They just condemned it and said it was full of damp and 'beyond repair'. It was just as an excuse to get rid of it and us.

This type of forced displacement characterizes the implementation of a regulatory framework (Compulsory Purchase Orders) that has

sought to push through development initiatives in the ‘public interest’, despite failing to declare exactly how ‘public’ and ‘interest’ had been determined (Campbell & Armstrong, 2002). Subsequently, the threat of Compulsory Purchase Orders was enough to spatially displace many community residents. This not only changed the demographic make-up of the area. It also undermined the social fabric and long established community networks (community displacement):

## 5.2

New housing stock in the regeneration area, primarily marketed to single professionals  
Photo: Ryan Woolrych



## 5.3

Housing market renewal; residents displaced from terraced housing deemed ‘beyond economical repair’  
Photo: Ryan Woolrych





**5.4** Housing market renewal; residents displaced from terraced housing deemed 'beyond economical repair'  
Photo: Ryan Woolrych

They don't want us here anymore. Building those flats across the way. They are trying to get a load of young people into the area. To push us out'.

We are happy in our terraced houses. In our two ups and two downs [referring to the two rooms on the upper floor and two rooms on the lower floor]. I can talk to Sam and his wife over the fence. We make each other a cup of tea. In the summer, we take the panels out of the fences and join the gardens together for a party. How can we do that in a flat?

Everyone on the street moved out apart from me and Joan across the road. I said 'over my dead body'. There was nobody to look out for you, to keep an eye on your house whilst you were away. We lost some good friends.

The aggressive marketing of the housing campaigns were primarily designed to attract young professionals offering 'free deposits' and a 'free car' to attract residents. The renaming of the neighbourhoods of Clayton, Openshaw and Beswick into a newly rebranded 'East Manchester' (now marketed as a 'vibrant and liveable' community with parks, green spaces and community) enforced the redrawing of the symbolic and emotional attachments that local



residents had with their local community. Residents felt this was an attempt to alter the identity of the area, to ‘socially engineer’ it out of existence and to extinguish the positive memories that bound people to the community:

This area. They now call it East Manchester. We never called it that. We know it by its community name. Clayton, Gorton, Beswick. These people come in and they try and rename it. It’s not on. Are they trying to get people to forget? As if those people moving in will not know what the area was. Just a blank slate. These housing developments, they call it something Point or City Central or something else. Trying to kid us on.

As with many modern day housing schemes, there was a desire within the regeneration of East Manchester to create a ‘social mix’ within the local area. This would be achieved by ensuring that housing developments were mixed tenure, comprising private ownership and socially rented housing. Yet much of the new housing developments were ‘privatised’ in terms of place ownership and management. There was little conscious attempt to achieve socio-spatial integration as many of the new housing developments were contained behind electronic gates and other forms of surveillance (Figures 5.5 and 5.6). Thus, incoming communities were seen as engaging in a form of voluntary ghettoization (Blakely & Snyder, 1990), precluding the general public from access, and creating their own-gated ‘privatopia’ (McKenzie, 1994). This division went beyond spatial segregation, as new housing developments created their own forms of micro-

Gated communities as a form  
of voluntary ghettoization  
Photo: Ryan Woolrych

5.5 5.6



urban institutional governance, community maintenance and self-management of public assets:

I'm not sure what that new housing is like. You can't get behind the gate. They have hemmed themselves in. They have their own Ressie associations [resident groups] and their own community gardens that they maintain. These are not open to everyone. You need a key and only the residents who back onto the garden have a key.

In summary, a conscious attempt to gentrify the area through changes in housing composition and class replacement was clear through the imposition of purchase orders, a lack of family housing stock and the absence of alternative housing options for local residents. That the housing programme stopped short of full class displacement reflects the stoicism of the local community (refusal to move) and financial austerity which has prevented the renewal programme from being completed. As a result, a full 15 years after the Housing Market Renewal commenced, residents are unsure what will happen to their community and to this day are living in a state of perpetual limbo.

## Community, space and place

Regeneration brought about significant physical transformation to the local area. New infrastructure in terms of roads and transport networks was created as part of the regeneration, supposedly to improve mobility through the community. However, many residents felt that the changes were a conscious attempt to divide lower and higher income groups. The following resident makes a distinction between 'the streets' of the community and the hermetically sealed enclaves of the new, higher income residents, the latter being protected from contact with lower income groups through the design of streets and networks that prevent direct contact. This reinforces the negative stigma associated with deprived areas, the external perception that they are characterized by high crime and behaviours that the rest of society should be screened from:

You don't really see them [residents in new housing developments] on the streets very often. They will drive out of their gates and up Ashton New Road and then down Alan Turing Way (both new road improvements) and then they are at the new megastore and supermarket. So there is no real need to walk through the

community. It is quicker to walk through the estate but they wouldn't want to do that.

This control of space was extended into forms of policing and surveillance within the local community. The regeneration established a community warden service, comprising a visible form of policing designed to discourage anti-social behaviours and minor crime. Community wardens issued dispersal orders to break up groups of youths thereby 'sifting out' what were perceived as 'anti-social' elements of the neighbourhood. Contrary to improving the safety of public space, this led to the erosion of community and civic life, and a strong sense of injustice from the youth community:

They move us on all the time. We feel safer in groups. We are not doing anything wrong. Just hanging around on the street corner. We do that all the time. We liked doing that. The yellow jackets [community wardens] and dibble [slang for police] come over and say you have been doing this and that and then tell you all to go your separate ways. We used to play football in a disused bit of ground on North Road. They moved us on from there. Where are we expected to go?

For local residents, the impact of regeneration was articulated in terms of community and place where community was constructed around feelings of conviviality, togetherness and shared history. A strong sense of place identity was formulated around specific places within the community, for example, a community centre, a youth club or a local café. Here, intimacy and local ownership helped support the mental well-being of local residents:

The council doesn't really do anything for us. There is no one to turn to. Ted and Lisa's [name of the local café] is where we go. You can have a cup of tea with people you know. You can have a good chit chat and get out of the house for a bit. It makes you feel better. We've been doing it for years.

During the regeneration, a number of community places that were important to local residents were demolished, as they did not present the image of modernity that the regeneration company was keen to portray. This was symbolic of the casual eradication of meaningful places in the local community without any prior assessment of their social value (Figures 5.7 and 5.8), demonstrating insensitivity to place and a conscious form of place dispossession:

They knocked down the precinct and the community centre in

Beswick. That was a place where you would go to meet other people. A chance to get out of the house. It didn't look that great, needed a lick of paint, but we liked it. No need to knock it down. Then they didn't replace it with the things we wanted. One minute we all had a place we could go and the next minute it was knocked down. They never said to us 'by the way, we're knocking this down, what would you like to see in its place?'

As part of the regeneration, local residents felt that the retail mix of their community had changed. Retail outlets symbolising community ownership (local shops, marketplace and allotments) were replaced with symbols of materiality (megastores, modern shopping malls, offices and car showrooms) (Figures 5.9). This led to a 'splintered' or 'fractured' form of urbanism (Graham & Marvin, 2001) creating two parallel cultures; the diminishing spaces of the surviving community and a new set of services based on the needs of the new community:

All the shops up and down Ashton Old Road have gone now. There's a new car showroom, a couple of new kitchen places... for the well-heeled. Nothing like it used to be. I wouldn't really have any cause to go there now. I don't need a new car and I don't need a new kitchen.

There is a new megastore in the area. Some Wall-mart or something... but all the little shops have closed down. I used to remember Denise who owned the corner shop. You'd go in and have a chat. She knew the kids and everything. Now all of those types of shops have closed down and replaced by a big, whacking store. I need a car to get there you see. Never owned a car before, never needed to.

In summary, the regeneration of community places reflects the drive to gentrify the area and market it to a new demographic. The new retail mix fails to account for the needs of existing residents, who increasingly feel excluded from community. This is reinforced by the ways in which space is controlled within a gentrified community, where forms of surveillance create further division and social segregation. This is not a form of segregation that new residents necessarily want but which has been imposed by a regeneration process that perceives it as desirable in order to create a neighbourhood where people wish to live.



**5.7 5.8** Gorton Market and Beswick Precinct  
Photos: Ryan Woolrych





**5.9** ASDA/ Wal Mart  
Megastore  
Photo: Ryan Woolrych

**5.10** Commonwealth Stadium  
Photo: Ryan Woolrych



## The legacy of the Commonwealth Games

The 2002 Commonwealth Games in East Manchester yielded the design and construction of new sports stadia and leisure facilities (Figures 5.10 and 5.11). The Commonwealth Games was staged three years after the regeneration commenced to act as a catalyst for regeneration, through the building of transport and infrastructural supports that would attract further investment whilst providing an opportunity to increase physical activity and build community assets that local residents would benefit from.

Residents discussed the extent to which they felt the Commonwealth Games had been designed to support the needs of the local community, concluding that the sports stadia and leisure facilities failed to incorporate any cultural connection fundamental to their heritage. To local residents, it was further disavowal of the identity of their working class background, and seen as a deliberate institutional attempt to disconnect with the history of the area for fear that it would not be desirable to incoming residents:

The regeneration forgot that we have a rich tradition in this area of textiles, cotton mills and gas cooling towers. That has been quietly wiped out. It's as if it's a source of shame. People coming in from outside for the Commonwealth Games. Maybe they didn't want to celebrate it.

This cultural disconnect was mirrored in the arts statue 'B of the Bang' created in the centre of the Commonwealth Games park (Figures 5.12 and 5.13). The B of the Bang was designed to symbolise the start of something new and a clear attempt to make a break with the past. The lack of involvement of the local community in commissioning or designing the statue was evident, and subsequent failings in its design further evidenced the polarisation between the community and the regeneration company. The B of the Bang sculpture cost a total of £1.42 million (in construction and maintenance costs). The structure was deemed unsafe six days before its launch and was sold as scrap metal four years later for a total of £17,000.

They never asked us what we wanted. We would've liked a sculpture that represented something about the local community. What was it even meant to be? A joke. I can't describe how angry we were. For the regeneration company to design this hideous structure and then for it never to open up. Apparently, it was deemed unsafe. Where is the public accountability?

Residents spoke about the legacy of the Commonwealth Games



## 5.11

National Cycling Centre  
Photo: Ryan Woolrych

for the local community. Many felt that there were few facilities for community use, and no attempts from the regeneration company to connect them with the new facilities. Residents felt a sense of ‘estrangement’ as the new leisure and sports facilities were marketed to more affluent members of society for ‘outsiders’ use. There was no sense of permanence for local residents in the new structures created as part of the Commonwealth Games:

I went to the Tennis Centre to see if I could use the facilities and they said, “it’s 14 quid an hour”. I said “what, you must be joking”. I said is there a discount for local people? He said ‘no’- but if you’re an employee of the regeneration company you get 50% off. Charming.

The stadium has been bringing big crowds and lots of money. But it isn’t a permanent thing for us. We have the big crowds coming in for the football and concerts and then they bugger off after two hours and we have the mess to clear up. If they’re not going to spend any time here, then what’s the point?’

This estrangement was not only borne through resident perceptions, it was embodied in the spatial polarisation evident in the newly regenerated community. Whilst transport had been improved, this had been primarily to improve traffic flow through the community and into the city along the main arterial routes for commuters and therefore the regeneration area became a space for ‘passing through’. This opened up the Commonwealth Games stadia and provided easier access into the venues but yielded little benefit to the local community:

They widened a couple of roads to provide good access as part of the Commonwealth Games. It means that people can pass through easier on the way into work. They might live on the north side and need to pass through us to get the centre. It also meant that people could access to the Commonwealth Games when the competitions were on.

Indeed, in enhancing movement in and around the city, the changes had created divisions in the local community. The expansion of a four-lane dual carriageway between a community of terraced housing and the local marketplace had implications for social relationships, livelihoods and mobility and serve as an example of urban planning decisions that challenge the relationship between person and place:

We used to go to a market across the way. Everybody had a stall on the market. There were stallholders who had been there more than 60 years. It was a generational thing. You passed it onto your grandson or granddaughter. Then they expanded the Alan Turing way. It completely cut us off from the market.

**5.12**

A escultura 'B of the Bang'  
Photo: Ryan Woolrych



**5.13** B of the Bang sculpture  
Photo: Ryan Woolrych

This freeway with trucks going up and down it at 60 miles per hour. We stopped going and meeting there, eventually the stall holders started to close down and then the whole place was taken over by the regeneration and knocked down (Figure 5.14).

In summary, the Commonwealth Games symbolized the type of gentrification that has taken place in the regeneration area. The Commonwealth Games has brought about an acute sense of division, where there is little in the way of legacy for the community, and where 'outsiders' are seen as the occupiers and owners of community space. The lack of involvement of the local community in the regeneration symbolizes the top-down approach to change, which is evident of the political and institutional elements of gentrification that exclude local people.





**5.14** The market (top left) and the community (right) with the white lines representing the road expansion  
Photo: Ryan Woolrych

## Conclusion

The key elements of gentrification are evident in the case study presented, through the displacement of existing residents, the creation of a new housing stock for a young urban elite and the development of infrastructure targeted primarily at an affluent subsection of the 'new' community from which lower income residents felt excluded. The legacy of the Commonwealth Games has created infrastructure and leisure services, which are economically viable (sustained by higher income earners in the community and more affluent outsiders), but which have failed to support the place-based needs of lower income groups. Local residents reported a lack of community ownership, removed from them through the appropriation and management of public space to 're-image' the area. In this sense, 'the commons' i.e. public parks and green spaces, streetscapes, and other community assets have been aesthetically improved, justified in terms of economic growth i.e. to raise property prices and attract businesses and young professionals. Therefore, change has been propagated to achieve economic growth. The consequences of these interventions, in terms of social equity, social justice and spatiality, have been afforded less attention. In creating a more sustainable place that supports liveability and well-being, planning and development needs to be inclusive of the voices of all social groups affected.

It must be noted that gentrification through regeneration in East Manchester was, as a form of state intervention, contextually and procedurally different from gentrification as a by-product of city development over a number of decades. First, urban regeneration by its very nature encourages rapid physical transformation. This differs from the individual stages of slower, insidious gentrification described in classic case studies, emphasizing the attraction of artsy and bohemian types, increase in rents, gradual displacement of working classes, and displacement by an emerging middle class. Second, the gentrification described in this chapter is best described as a form of quasi-gentrification, with working class communities 'hanging on' at the fringes of the community and refusing to move. This prevented full gentrification but created extant communities with an uncertain future. On the other hand, young professionals moving into the area contain themselves in 'gated' communities and travel into the city to experience cultural, lifestyle and other entertainment choices. This has left a social void, leading to a sterile and moribund community, with few observable social spaces or focal points for everyday encounters to take place. This is hardly the type of vibrancy touted for the area when the regeneration commenced, and questions the legitimacy of such area-based approaches for achieving urban change. Moreover, the co-existence often envisaged as a positive element of gentrification was not found in this research. Instead, space has become more defensive and territorial; a negative impact of the new 'walled' communities, reinforcing social polarisation and spatial fragmentation. Thereby, we are seeing a process of incoming middle class residents distancing themselves from lower income groups.

All this leaves us with the investable question of where now. For the regeneration area in question, it will be interesting to observe where the period of austerity will lead us. Now the regeneration company is no longer active, will new forms of 'grassroots' governance and participation emerge to reclaim the community? More broadly, how can the planning and development community open up spaces for dialogue to enable true social mixing to emerge in communities undergoing gentrification? Then there is the question of how we mitigate the ill effects of regeneration/gentrification in our inner cities. Better forms and processes of participation and governance are required to ensure the voices of local residents are included in the visioning of what a 'gentrified' community should look like. We must revisit frameworks of social justice and rights to the city (Fainstein,

2010), where the right of residents to 'stay put' are afforded higher order status (Newman & Wyly, 2006) and enshrined in the transfer of public assets to the community so that cultural identity and heritage is retained. Community empowerment bills stipulate the importance of transferring public assets to the community. Whilst this is useful, there needs to be practical mechanisms for achieving this otherwise policy will remain as rhetoric but lack an implementation framework to make it a reality.

***Bibliography***

Atkinson, R., & Blandy, S. (2005). Introduction: International perspectives on the new enclavism and the rise of gated communities. *Housing Studies*, 20(2), 177-186.

Atkinson, R., Blandy, S., Flint, J., & Lister, D. (2005). Gated cities of today?: Barricaded residential development in England. *Town Planning Review*, 76(4), 401-422.

Atkinson, R. (2006). Padding the bunker: strategies of middle-class disaffiliation and colonisation in the city. *Urban Studies*, 43(4), 819-832.

Borsdorf, A., & Hidalgo, R. (2010). From polarization to fragmentation. Recent changes in Latin American urbanization. In *Decentralized Development in Latin America* (pp. 23-34). Springer Netherlands.

Bridge, G., Butler, T., & Lees, L. (2012). *Mixed communities: Gentrification by stealth?*. Policy Press.

Bourne, L. S. (1993). The demise of gentrification? A commentary and prospective view. *Urban Geography*, 14(1), 95-107.

Brenner, N. & Theodore, N. (2002). Cities and the geographies of 'actually existing neoliberalism'. *Antipode*, 34(3), 349-79.

Bromley, R., A. Tallon & Thomas, C. (2005). City-centre regeneration through residential development: contributing to sustainability. *Urban Studies*, 42(13), 2407-29.

Butler, T., & Robson, G. (2003). *London calling: the middle classes and the re-making of inner London*. Berg, New York, NY.

Butler, T., & Hamnett, C. (2009). "Walking Backwards to the Future—Waking Up to Class and Gentrification in London." *Urban Policy & Research*, 27(3), 217-228.

Cameron, S. (2006). From low demand to rising aspirations: housing market renewal within regional and neighbourhood regeneration policy. *Housing studies*, 21(1), 3-16.

Campbell, H., & Marshall, R. (2002). Utilitarianism's bad breath? A re-evaluation of the public interest justification for planning. *Planning Theory*, 1(2), 163-187.

Caulfield, J. (1989). 'Gentrification' and desire. *Canadian Review of Sociology/Revue canadienne de sociologie*, 26(4), 617-632.

Chaskin, R. J., & Joseph, M. L. (2013). 'Positive' Gentrification, Social Control and the 'Right to the City' in Mixed-Income Communities: Uses and Expectations of Space and Place. *International Journal of Urban and Regional Research*, 37(2), 480-502.

Crump, J. (2002). Deconcentration by demolition: public housing, poverty, and urban policy. *Environment and Planning D*, 20(5), 581-596.

Cummings, J. (2015). Confronting favela chic: the gentrification of informal settlements in Rio de Janeiro, Brazil. *Global Gentrifications: Uneven Development and Displacement*, 81.

Davidson, M. 2009. "Displacement, Space and Dwelling: Placing Gentrification Debate." *Ethics, Place and Environment*, 12 (2): 219-234.

De Souza, M. L. (2010). Which right to which city? In defence of political-strategic clarity. *Interface*, 2(1), 315-333.

Fainstein, S. S. (2010). *The just city*. Cornell University Press.

Florida, R. (2002) *The rise of the creative class*. Basic Books, New York.

Georgia Straight (2014) Housing activists demand end to gentrification in Downtown Eastside. Available at <http://www.straight.com/news/695086/housing-activists-demand-end-gentrification-downtown-eastside>

Graham, S., & Marvin, S. (2001). *Splintering urbanism: networked infrastructures, technological mobilities and the urban condition*. Psychology Press.

Hall, T., & Hubbard, P. (1998). *The entrepreneurial city: geographies of politics, regime, and representation*. John Wiley & Sons.

He, S., & Wu, F. (2007). Socio-spatial impacts of property-led redevelopment on China's urban neighbourhoods. *Cities*, 24(3), 194-208.

He, S. (2010). New build gentrification in Central Shanghai: demographic changes and socioeconomic implications. *Population, Space and Place*, 16(5), 345-361.

He, S. J., & Liu, Y. T. (2010). Mechanism and Consequences of China's Gentrification under Market Transition [J]. *Scientia Geographica Sinica*, 4, 004.



Huber, E., & Solt, F. (2004). Successes and failures of neoliberalism. *Latin American Research Review*, 39(3), 150-164.

Johnsen, S., & Fitzpatrick, S. (2007). *The impact of enforcement on street users in England* (Vol. 10). York: Joseph Rowntree Foundation.

Johnsen, S., Cloke, P., & May, J. (2005). Day centres for homeless people: spaces of care or fear?. *Social & Cultural Geography*, 6(6), 787-811.

Johnsen, S., & Fitzpatrick, S. (2010). Revanchist sanitisation or coercive care? The use of enforcement to combat begging, street drinking and rough sleeping in England. *Urban Studies*, 47(8), 1703-23.

Jones, B. (2010). Slum clearance, privatization and residualization: the practices and politics of council housing in mid-twentieth-century England. *Twentieth Century British History*, 21(4). 510-539.

Laurier, E., Whyte, A., & Buckner, K. (2002). Neighbouring as an Occasioned Activity "Finding a Lost Cat". *Space and Culture*, 5(4), 346-367.

Lees, L. (2008). Gentrification and social mixing: towards an inclusive urban renaissance?. *Urban Studies*, 45(12), 2449-2470.

Lees, L. (2000). A reappraisal of gentrification: towards a 'geography of gentrification'. *Progress in human geography*, 24(3), 389-408.

Lees, L. (2012). The geography of gentrification: Thinking through comparative urbanism. *Progress in Human Geography*, 36(2), 155-171.

Lees, L. (2014). The new middle class, lifestyle and the new gentrified city. In: Paddison, R and McCann, E (eds) *Cities and Social Change: Encounters with Contemporary Urbanism*, pp.35-55. Sage:London.

Lees, L., Slater, T., & Wyly, E. (2013). *Gentrification*. Routledge.

Lees, L., Shin, H. B., & López-Morales, E. (2016). *Planetary gentrification*. Polity Press.

Ley, D., & Dobson, C. (2008). Are there limits to gentrification? The contexts of impeded gentrification in Vancouver. *Urban Studies*, 45(12), 2471-2498.

López-Morales, E. (2015). Gentrification in the global South. *City*, 19(4), 564-573.

MacLeod, G. (2014). Walling the City. In: Paddison, R and McCann, E (eds) *Cities and Social Change: Encounters with Contemporary Urbanism*, pp.35-55. Sage:London pp. 75-91

- Marcuse, P. (2009). Spatial Justice: derivative but causal of social injustice. *Spatial Justice*, 1(4), 1-6.
- Matheson, C. M. (2010). Legacy planning, regeneration and events: the Glasgow 2014 Commonwealth Games. *Local Economy*, 25(1), 10-23.
- McKenzie, E. (1994) *Privatopia: Homeowner Associations and the Rise of Residential Private Government*. New Haven and London: Yale University Press.
- Nava, M. (2006). Domestic cosmopolitanism and structures of feeling: the specificity of London. In N. Yuval-Davis, K. Kannabiran and Vieten, U. (eds.) *The Situated Politics of Belonging*. London: Sage, pp. 42-53.
- Newman, K., & Wyly, E. K. (2006). The right to stay put, revisited: gentrification and resistance to displacement in New York City. *Urban Studies*, 43(1), 23-57.
- Raco, M. (2005). Sustainable development, rolled-out neoliberalism and sustainable communities. *Antipode*, 37(2), 324-347.
- Rose, D. (2004) Discourses and experiences of social mix in gentrifying neighbourhoods: a Montreal case study. *Canadian Journal of Urban Research*, 13(2), 278-316.
- Roy, A. (2005). Urban informality: toward an epistemology of planning. *Journal of the American Planning Association*, 71(2), 147-158.
- Ruting, B. (2008). Economic transformations of gay urban spaces: revisiting Collins' evolutionary gay district model. *Australian Geographer*, 39(3), 259-269.
- Shaw, K. S., & Hagemans, I. W. (2015). 'Gentrification Without Displacement' and the Consequent Loss of Place: The Effects of Class Transition on Low income Residents of Secure Housing in Gentrifying Areas. *International Journal of Urban and Regional Research*, 39(2), 323-41.
- Slater, T. (2006). The eviction of critical perspectives from gentrification research. *International Journal of Urban and Regional Research*, 30(4), 737-757.
- Slater, T. (2009). Missing Marcuse: On gentrification and displacement. *City*, 13(2-3), 292-311.
- Smith, N. (1987). Gentrification and the rent gap. *Annals of the Association of American geographers*, 77(3), 462-465.

Smith, N. (1996) *The new urban frontier: gentrification and the revanchist city*. Routledge, London.

Smith, N. (2002). New globalism, new urbanism: gentrification as global urban strategy. *Antipode*, 34(3), 427-450.

Tallon, A. (2013). *Urban Regeneration in the UK*. Routledge.

Valentine, G. (2014). Living with Difference: Reflections on Geographies of Encounter. In: Paddison, R and McCann, E (eds) *Cities and Social Change: Encounters with Contemporary Urbanism*, pp.35-55. Sage: London pp. 75-91.

Wacquant, L. (1999). Urban marginality in the coming millennium. *Urban studies*, 36(10), 1639-1647.

Watt, P. (2008). The only class in town? Gentrification and the middle class colonization of the city and the urban imagination. *International Journal of Urban and Regional Research*, 32(1), 206-211.

Watt, P. (2013). 'It's not for us' Regeneration, the 2012 Olympics and the gentrification of East London. *City*, 17(1), 99-118.

Woolrych, R., & Sixsmith, J. (2013 a). Mobilising community participation and engagement: The perspective of regeneration professionals. *Journal of Urban Regeneration & Renewal*, 6(3), 309-321.

Woolrych, R., & Sixsmith, J. (2013 b). Placing well-being and participation within processes of urban regeneration. *International Journal of Public Sector Management*, 26(3), 216-231.







# Conclusion

We hope that the theoretical discussions presented here – reflections on the concepts of realism and symbolism, narrative and symbolic analyses of the collage, the role of tourism in the favelas (the tourist as an invader or saviour), ultimately focusing on gentrification in the national and international context – have drawn some attention to the poetic and realistic side of living in the favela. It was our intention that the analyses of the importance of the favela as a portrait of Brazilian urban life, of life in the public space in its fullest form, can contribute to a critical reflection on how urban policies and urban projects see this place. To what extent should we defend a gentrification that does not respect the sense of place of local communities and that does not preserve the quality of life of the population, who always lived in these areas now evaluated as economic valuable?

This work does not address a political discourse, but considering the present situation in which we live, we cannot be superficial to the point of denying the sham way of how urban projects, in their vast majority, are erasing the memory and the true urban culture. This book ends up participating in this current moment and contributes to a critique towards the way in which cities are constructed, often disrespecting the vernacular urbanism born from informal occupations. We conclude that the art, the symbolism, and the poetry of life found in the favelas are key ingredients for the creation of lively, colourful and joyful cities.

Adriana Portella

Professor at the Federal University of Pelotas  
Faculty of Architecture and Urbanism

Gisele Pereira

Professor at the Federal University of Pelotas  
School of Management and Tourism



Foto: Adriana Portella